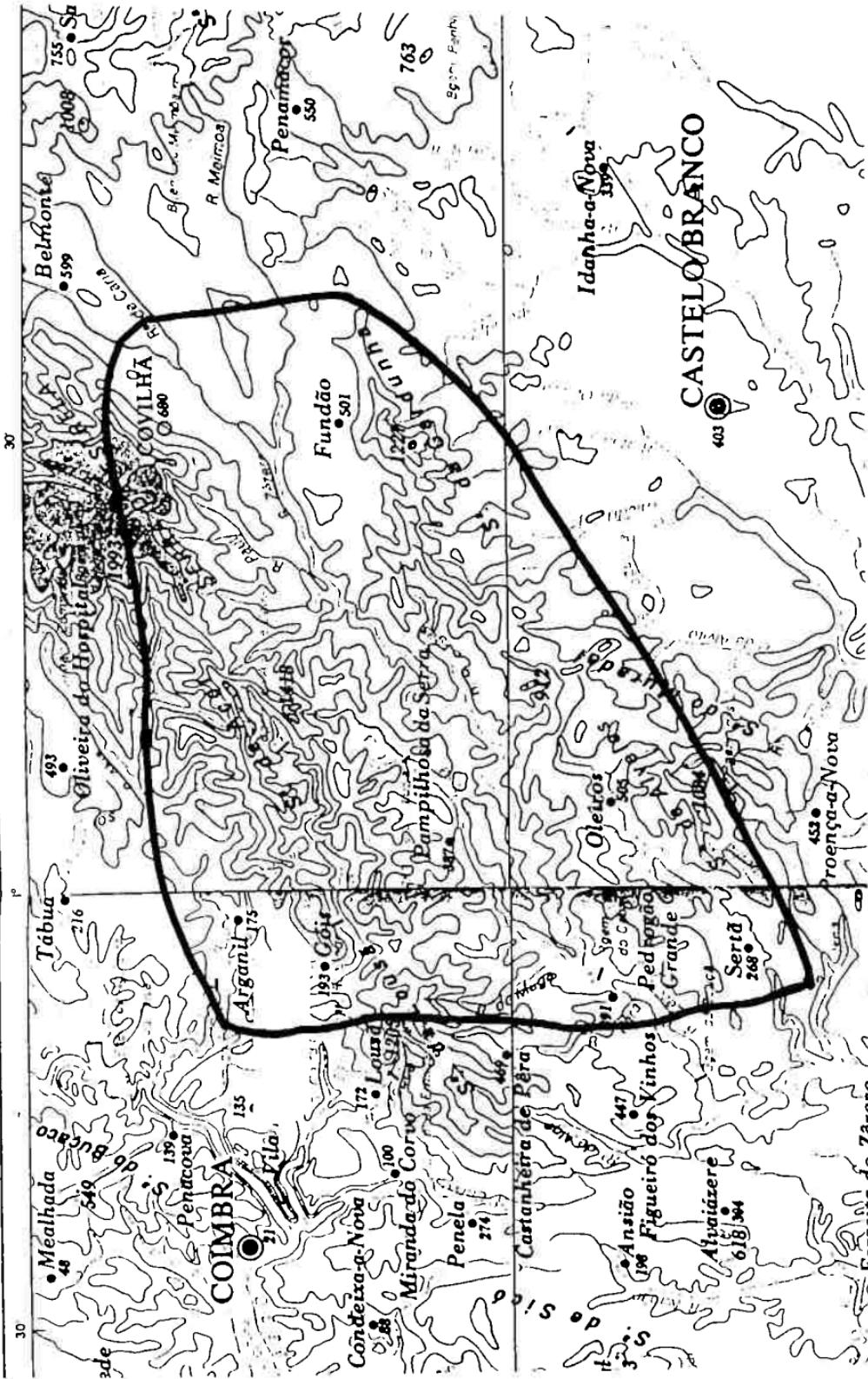


ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE

VIDA E TRADIÇÕES NAS ALDEIAS SERRANAS DA BEIRA



(Pampilhosa da Serra, Góis, Arganil, Covilhã, Fundão,
Oleiros, Sertã e Pedrógão Grande)



ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE

VIDA E TRADIÇÕES NAS ALDEIAS SERRANAS DA BEIRA



(Pampilhosa da Serra, Góis, Arganil, Covilhã,
Fundão, Oleiros, Sertã e Pedrógão Grande)

1995

NOTAS BIOGRÁFICAS

António dos Santos, conhecido na sua aldeia por «Vicente» nasceu em Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra, Centro Litoral.

Ali frequentou a escola primária, quando havia professores, o que nem sempre aconteceu, e devido a este motivo e ao excesso de trabalho nos anos escolares, ainda que tenha chegado à 3.^a classe, ficou apenas a um passo do analfabetismo.

Quando terminou a idade escolar, tal como era uso nas grandes famílias, o Tonito foi promovido a pastor, e o cessante ao posto imediato, que era o serviço do campo. E ali pastoreou os rebanhos à sua guarda, por esses montes e vales, umas vezes ao serviço de outrem, outras o da própria casa, e quantas vezes descalço e sem merenda, como até sem um agasalho adequado para enfrentar os rigores do Inverno, neste lugar que desempenhou, até aos 15 anos de idade, quando deixou a terra onde nasceu.

Este Tonito Vicente, como era um dos mais velhos de uma família de 13 e órfão de pai, tal como outros irmãos, teve de emigrar, sendo o seu destino Lisboa. Na aldeia, não havia pão para todos, como também os mais velhos, tinham que ir em auxílio, dessa escadinha humana que ficava atrás, pedindo pão, que a mãe não tinha para dar.

Lá longe, nessa cidade sempre acolhedora, o Tonito foi o que menos sorte teve entre os irmãos. Quase analfabeto e sem profissão, não conseguiu melhor que o serviço de marçano, o que fez em diversos estabelecimentos, onde alguns patrões, com pouco ou nenhum escrúpulo, de maneira imprópria e desumana como até pouco honesta, iam tirando vantagem desta e de outras indefesas crianças, exigindo delas mais que as próprias forças, e tantas vezes debaixo de pontapés e bofetadas, escassez de comida, como até em alguns casos, fugiam ao cumprimento do salário combinado, e o Tonito Vicente não foi uma exceção no mundo dos oportunistas.

Veio a servir a tropa no Regimento de Cavalaria 8 em Castelo Bran-

co, sendo depois transferido para a Escola do Exército em Lisboa, servindo como chaufer dos cadetes daquela academia.

Como o fim de arranjar um emprego do estado, matriculou-se numa escola nocturna, onde veio a concluir o exame de instrução primária, o então exigido, para se obter um emprego público.

Após o cumprimento militar, concorreu a várias corporações e depois de ter passado por um certo lugar, foi incorporado na Companhia Carris de Lisboa, onde trabalhou por vários anos, até à altura em que o seu bom senso humano foi considerado subversivo, e a sua única saída abandonar a pátria que sempre amou.

Estudou no colégio de S. João de Brito no Lumiar, mas no quarto ano, teve de parar os estudos por problemas cerebrais, devido ao excesso de responsabilidade, e, preocupações e falta de descanso, pois o Santos Poeta, como na Carris era conhecido, além de outras actividades colectivas, era um dos principais responsáveis, em arranjar fundos na classe, para a manutenção das famílias dos seus colegas presos políticos. Pois até à altura em que as mulheres destes passaram a ir aos portões, no dia do pagamento, receber a generosidade dos colegas, «isto só alguns anos depois de terem sido presos» o belo do Poeta, da quinta a domingo, não dormia na sua casa, mas sim pelas estações, para colher dos seus colegas a generosidade de cada um, para este fim de auxílio, tão necessário e humano, mas tão arriscado, por ser considerado subversivo.

Foi o secretário-geral do Grupo dos Motoristas, organismo criado para defender a classe em lugar do Sindicato, visto que este apenas defendia as causas patronais.

Neste lugar deu o melhor de todo o seu ser, em favor da classe que representava, no trabalho, na defesa e na boa orientação, afim de anular certas injustiças, que na maioria das vezes era de origem chefões, porque o mal feito à classe era a tábua de trampolim, para as suas altas ambições na Companhia.

Muitas coisas ilegais que se faziam na Companhia, que estava fora da lei e da aprovação do Instituto Nacional de Trabalho, tiveram o seu fim, graças ao Poeta e a alguns mais, que infelizmente tiveram mais ou menos a mesma sorte.

Em certa altura, os grandes senhores da Companhia, convidaram o Santos Poeta a aceitar um trabalho nos escritórios de menos horas e um

salário muito superior, com o fim de o removerem da classe que representava, porque os seus conhecimentos colectivos de direitos e deveres, iam passando aos seus colegas, o que não era conveniente à Companhia.

Foi a partir desta rejeição, que as coisas se lhe complicaram, era a perseguição constante por parte dos seus superiores, a falta de tolerância dos seus chefes, eram os seus colegas, uns por ignorância outros por malvadez, pediam-lhe conselhos para o acusarem em seguida, era a PIDE interna ao serviço da Companhia, com o laço sempre armado no seu caminho, com espaço livre cada vez menor, isto era o final do seu futuro na Companhia e o fim de um cidadão livre na sua pátria, mas isto não o surpreendeu, pois já por muito tempo se vinha preparando para uma eventual retirada, se acaso lhe dessem tempo de o fazer, e ainda que com algumas dificuldades, mas felizmente conseguiu.

Foi num certo dia de Julho, quando o Sol brilhava sobre o Céu azul, a sua luz e calor não se fazia chegar ao coração triste o gelado do Poeta, que contra a força da sua vontade, deixava a pátria que sempre amou, sem o conhecimento dos seus perseguidores, para não perder a liberdade e quem sabe, se também não a vida... por um crime em praticar a generosidade, a justiça, o humanismo e o amor, para com o seu semelhante.

Nesse grande país Canadá onde veio a radicar-se, os princípios da sua nova vida formam duros e amargos em todos os sectores. Trabalhos difíceis e em excesso como até mal remunerados, porque os oportunistas estão em todos os lugares do Mundo de trabalho, por tal razão, qualquer imigrante sem o conhecimento da língua e sem profissão, tinha que produzir o dobro dos outros, para vencer, debaixo de algumas humilhações, tais como, quando eram chamados de filhos da puta, e estes sem compreenderem essa provocação, ingenuamente ainda diziam obrigado. Os trabalhos eram poucos e por isso muito procurados e o corpo não estava preparado para esta mudança do tudo, por tudo, o único meio para se poder vencer. Desta maneira, o Poeta não cumpría a pena pelo seu crime de humanismo nos cárceres da sua pátria, mas sim em liberdade, nesse país democrático que o acolheu, mas todos estes sacrifícios eram a prova, para uma oportunidade de quem queria vencer.

Em busca dessa oportunidade e para melhor poder conhecer os seus direitos e defender-se dessas humilhações tão usuais, o Poeta tal como fizera em Portugal, começou a estudar de noite, nas escolas que o governo abria

para estes, os chamados novos canadianos. Foi destas escolas que teve acesso à Jorge Brown College, onde tirou contabilidade e à Scholl of Marine, onde tirou a carta para poder capitaneiar, dentro das águas do Ontário, tendo sido este o seu serviço, até ao fim da sua carreira de trabalhador, que terminou em 1989, por invalidez.

Talvez por ser bem conhecedor do que são as necessidades e dificuldades, orientou sempre os que a ele se chegavam, como até ia ao encontro daqueles que tinha conhecimento das suas dificuldades, dom este, que ainda usa nos dias presentes. A sua casa foi albergue para tantas dezenas de necessitados, que daí encontraram toda a assistência gratuita, por todo o tempo, até uma total orientação, e muitos já com os sonhos desfeitos nas suas aventuras, recorreram com êxito, o que seria difícil ou mesmo impossível se não fosse essa desinteressada e constante ajuda.

Se é de louvar a sua acção, por tudo quanto fez de humano na Carris, em favor dos seus colegas e famílias dos presos políticos, que lhe custou a liberdade de viver na sua pátria, não é menos louvável e digno, a causa de ser um defensor dos indefesos, neste país tão acolhedor, cheio de gente oportunista e mal intencionada.

Como bem conhecedor que sou dos seus actos nobres, posso dizer que nunca a ajuda prestada era revestida de interesses lucrativos, pois a única coisa que de todos exigia era a AMIZADE, e mesmo esta, depois de servidos, alguns não mais o conheciam.

A causa de bem servir do ex-Poeta da Carris, ainda continua activa, pois são muitos que continuam a ir junto de si, receber conselhos de carácter laboral na sua marioria, assim como no preenchimento do Income tax return, etc., etc.

Presentemente, é o representante dos portugueses da Wallace and Emerson Social Community Centre, nesta cidade de Toronto.

*Toronto Canada, 15 de Maio de 1994.
José da Silva Rosa.*

INTRODUÇÃO

Neste livro escrito em prosa e poesia, ainda que se encontrem nele algumas histórias lendárias, muito especial acerca dos fidalgos de Fajão, mas que em totalidade, é baseado em factos reais, acontecidos com pessoas que viveram e sofreram nas vilas e aldeias da região centro, e o mesmo terá acontecido, a muita gente, em outras aldeias portuguesas, até aos fins dos anos sessenta, altura em que o professor M. Caetano entrou no poder, que deu a este povo alguns direitos sociais, nunca antes usufruídos, a gente que só conhecia nas suas vidas sacrifícios, pobreza, responsabilidades e deveres.

Recursos: 1.^a

Em todas as freguesias e aldeias do concelho de Pampilhosa da Serra, assim como quase todas as terras dos concelhos vizinhos com quem estremamos, Covilhã, Fundão, Oleiros; Sertã, Pedrógão Grande, Góis e Arganil, ainda que algumas aldeias destes concelhos fossem mais favorecidas e com melhores condições, quer no viver, quer nas facilidades, especialmente as sedes concelhias, ou mesmo as mais próximas destes lugares, mas todas as que eu conheci, que estremam com o concelho de Pampilhosa, viviam dentro das mesmas dificuldades, talvez devido às suas posições geográficas e climatéricas serem mais ou menos iguais. Iguais eram também os hábitos e costumes, a mesma maneira de se divertirem, o mesmo isolamento, tal como as dificuldades e falta de recursos, chorando as mesmas lágrimas e sentindo as mesmas dores. As crianças choravam pelas mesmas necessidades, essa escassez de alimento, para muitas, nem a própria broa, que eram apenas o que pediam, o frio, descalços e sem agasalho, para se defenderem dos rigores do Inverno, que tanto se fazia sentir nos pobres, por estes lugares.

A freguesia de Fajão, que faz parte da Pampilhosa, estrema com mais três concelhos que são: Góis; Arganil e Covilhã, pelo que me vou servir desta terra, por estar mais familiarizado no sofrimento da sua gente, mas

essas histórias reais que aqui se passaram, reflectem-se quase sem diferença, a história das outras aldeias da nossa região, e não só, mesmo muitas outras de Portugal. Falando de Fajão, estou a falar de todas as terras que viveram as mesmas dificuldades, desde as crianças chorando por falta de pão, até as mães, escondendo as suas mágoas junto dos seus filhos, debaixo dos seus humildes xailes de franja.

Mourros: 2.^º

Esta civilização, foi no meu ponto de vista, a melhor de todas quantas passaram por estas terras Lusitanas, deixando grandes recordações e já depois de tantos séculos da sua retirada, o mouro ainda hoje é conhecido como o símbolo do trabalho. «Trabalha como um mouro»...

Ainda existe em muitos lugares a presença viva destes que foram nas nossas terras os melhores agricultores da história humana. Tudo nos deixaram... desde a habitação até à agricultura, sem que nós tenhamos tido por eles o mínimo de agradecimento ou mesmo algo de simpatia.

Por esta razão, escrever um livro sobre as nossas aldeias, onde a sua presença continua bem viva, e passar por despercebido sem falar desta civilização, que tanto deixou, entre outras, as gotas de suor, que tantas vezes regaram o solo, que mais tarde viria a ser aquele, onde colhíamos o pão de cada dia. Seria uma falta de reconhecimento de justiça e humanidade, como até uma ingratidão para com um povo, que continua vivo na nossa memória.

A Habitação: 3.^º

Este problema era um mal que incomodava quase toda a gente, e muito especial no Inverno. Muitas eram as pessoas que não tinham casas em condições, para enfrentar o rigor do frio, que tanto se fazia sentir por estas aldeias, sem conforto, e para mais agravar ainda a situação, é que em maioria das grandes famílias, poucas eram as casas com espaço, para poderem albergar toda a família debaixo do mesmo tecto.

O ensino: 4.^º

Este além de ser um grande problema, era o mal de todos os males, em especial para as camadas jovens.

O ensino que é sempre a esperança e a luz da vida, mas em muitas das nossas aldeias, foi para muitos uma luz sem brilho, morrediça quase sempre apagada.

Muitos jovens deixaram as suas aldeias, com pouca ou quase nenhuma

ma instrução. Quase todas as nossas aldeias viviam estes problemas. Neste livro e no capítulo do ensino, explico o motivo desse mal.

As nossas aldeias passaram a ficar mais degradadas, mais pobres e menos produtivas, assim que a nossa gente começou a emigrar, mas foi a melhor decisão e o melhor passo, que todos esses jovens puderam dar. Muitos progrediram na vida, vindo a serem alguém na sociedade, não só melhorando as suas vidas, como vindo mesmo a ser bastante úteis às suas terras e sua gente. Nada seriam e fariam, se permanecessem nas suas terras, trabalhando como escravos, à mercê da sorte e do tempo, com muitas restrições, desde alimentação até ao vestuário.

Divertimentos: 6.^o

Este povo beirão geralmente foi sempre muito alegre e divertido, mesmo com as quinze horas diárias de trabalho durante o Verão, e sem terem essas comédias teatrais e as matinées dos cinemas das cidades, não lhes faltavam divertimentos nos seus tempos livres, e por sinal, bem mais sádios que os dos tempos em que vivemos, onde uma grande parte da juventude, usam os divertimentos das suas mocidades, de maneira calamitosa, onde muitos acabam com a saúde, tal como as suas carreiras, vindo a ser uns inúteis e perigosos na sociedade.

Muitos destes, se tivessem vivido as dificuldades dos seus pais e avós, talvez nunca tivessem caído no barranco dos viciados. A fartura por vezes é também um grande mal!... E as dificuldades são o grande tirocínio da vida.

Assistência Médica: 7.^o

Esta assistência profissional, foi sempre um grande problema para a gente das nossas aldeias, como também para todos os pequenos meios provincianos, foi problema no passado e é no presente e será sempre!... Visto que nenhum médico quer deixar os melhores anos da sua mocidade, tal como o melhor tempo da sua carreira, para o aperfeiçoamento da sua arte, estes lugares não lhe oferecem condições, que a maioria dos médicos mais jovens aspiram, ainda que seja nas províncias, onde deveriam estar bons profissionais, por ser ali onde se encontram as pessoas da terceira idade, as que mais necessitam de assistência médica.

Mas estes senhores Doutores, pensam mais nas confortáveis cadeiras nos seus consultórios citadinos, onde o dinheiro e conforto são as primeiras prioridades da sua arte profissional.

Comunicação: 8.^o

As aldeias da nossa região, assim como muitas outras que eu descobri o seu passado, em sua maioria estavam isoladas do resto do país. Daí vinha o seu atraso e a ignorância e miséria do seu povo.

Telefones ainda não havia, apenas começaram por aqui a aparecer nos fins da década quarenta. Quanto às rodovias, eram apenas carreiros onde com muitas dificuldades passavam os carros de bois. Muitas das outras vias eram caminhos de cabras e nada mais. Fizeram-se muitas estradas novas por esta região centro até ao 25 de Abril, graças às agremiações regionalistas que se criaram em quase todas as terras desta zona, o chamado «REGIONALISMO». As nossas aldeias, devido ao isolamento em que se encontravam, eram as mais miseráveis de todo o país, nos dias a que este livro se refere; mas penso não exagerar, se disser que hoje é o lugar mais desenvolvido, no que diz respeito às vias de comunicação, graças ao regionalismo e à capacidade administrativa destes presidentes das Câmaras, que têm sabido tirar vantagens dos dinheiros vindos do governo e da comunidade, tendo os mesmos sido usados, naquilo que conheço, de maneira inteligente, honesta. Parabéns a todos vós, presidentes dos Municípios da nossa região.

Velhice e Doença: 9.^o

Eram estes dois problemas que mais afligiam a nossa gente, devido à sua pobreza e aos seus diminuídos recursos, de nulas finanças. Começava esta preocupação mais activa, quase contínua, quando as forças iam perdendo o seu vigor, e diminuindo as suas actividades diárias, o aviso, tal como as folhas no Outono, anunciando a chegada de mais um Inverno.

Não era a morte que esta gente mais temia... Sempre que estivessem em graças para com Deus... mas sim a instabilidade nos finais da vida. Sem saúde, sem pão, sem assistência e nem tranquilidade, por vezes nem mesmo aquela esperança, porque as doenças os deixavam numa situação financeira, altamente crítica e desastrosa, que era impossível uma recuperação financeira.

Autoridades: 10.^o

Ainda que nas nossas aldeias se tratasse de uma gente pacífica, humilde e compreensiva, mas mesmo assim, lá estava o regedor para actuar sempre que preciso, como autoridade policial, com poder de mandar prender até um ministro, no seu território.

As administrativas eram da jurisdição da junta de freguesia, com responsabilidade de mandarem reparar as coisas públicas, quando tinham fundos para o poder fazer, quando não havia, apelavam ao povo para uma ajuda braçal, com um anúncio feito pelo padre, à missa dominical.

Magistrados: 11.^o

Daquilo que este livro fala acerca dos magistrados, pouco vai além das histórias quer reais quer lendárias, do célebre juiz de Fajão, que o seu povo bem conhece por tradição oral, passando de geração em geração. Também havia muitas terras que tinham o seu juiz de paz, cuja missão está explicada neste livro e neste capítulo, assim como a missão do coimeiro.

Invasores: 12.^o

Este capítulo de factos reais, em todas as terras portuguesas há recordações amargas, feitas por esses invasores criminosos, mas que na sua maioria, nada está registado, em especial, o que se passou em muitas terras das beiras, onde o que disso conhecemos, é através da linhagem genética. Estes conhecimentos vão também ter o seu fim, visto nada haver escrito, e já não haver por aqui gente moça, a quem se possam transmitir esses conhecimentos, desde as tropas do Napoleão, pondo os cavalos a comer o milho das arcas, até os grupos de salteadores que invadiram a nossa região, nesses tempos difíceis da guerra civil.

Regionalismo: 13.^o

Não há palavras no nosso vocabulário, que possam exprimir o mérito destes heróis do regionalismo. Fundaram em quase todas as terras desta zona agremiações, a fim de arranjarem fundos, para fazerem melhoramentos e novas estradas, nas aldeias onde nasceram.

Neste capítulo explico mais profundamente a maneira como arranjavam fundos, para fazerem face às necessidades dos seus lugares.

É esta a introdução deste livro, que escrevi, baseado em factos, como foi o viver e sofrer de alguma gente, sem qualquer exagero, ainda que por vezes o possa parecer.

Incêndios: 14.^o

As nossas terras eram um manto de verdura, quando os montes e vales estavam cheios de arvoredo e densa vegetação, que forneciam valiosos recursos, como a resina do pinheiro, o carvão e a lenha para o forno e a lareira, mas com os incêndios que têm deflagrado todos os anos perdeu-se essa riqueza e as nossas aldeias ficaram mais pobres que nunca.

CAPÍTULO I OS RECURSOS

Fajão, sede de freguesia, pertencente ao concelho de Pampilhos-a da Serra e distrito de Coimbra, ainda que seja mais perto de Castelo Branco, fica localizado a norte do concelho, numa cordilheira da serra da Lousã, mas para nós, mais conhecido como serra da Amarela.

Esta localidade é o centro de uma grande área, onde havia muitas outras povoações à sua volta, que viviam as mesmas dificuldades da sua pobreza, chorando as mesmas lágrimas, e o mesmo sentimento nas suas dores. É por essa razão, que tomo Fajão como um alvo, que abrange todas as aldeias portuguesas com os mesmos problemas, e em especial as da nossa região, por me serem mais familiares essas dificuldades do passado.

É nesta localidade onde começa o filão de penedos, os conhecidos Pirinéus, que atavessam a Espanha e a França. Mas em Fajão são conhecidos como os penedos da Mata.

Junto a esta localidade, há altos montes, que além de alguns se avizinharem com a serra da Estrela, nas suas altitudes, também são os primeiros a conhecer a neve na nossa região em dias de Inverno.

Em linha recta, Fajão fica bem perto das Penhas Douradas, pelo que era muito frequente ver-se neve por estes lugares; a neve para o povo desta região é-nos muito familiar, assim como o frio, que também muito se faz sentir, provindo da vizinha serra da Estrela.

Fajão deve ser uma das terras mais antigas do distrito, ainda que nada haja de concreto da data dos seus primeiros moradores. Segundo reza: a sua fundação como terra, foi em Junho de 1233, por foral do prior do Mosteiro de Folques, concedido a dez mora-

dores do Seira. Mas quem foi o seu primeiro morador, por isso o fundador? Segundo a lenda, parece ter sido um fidalgo Cavaleiro de nome «D. Fayão da Sousa Soares».

Este fidalgo que por aqui viveu, não se sabendo quanto tempo foi, deixou aqui ficar o seu primeiro nome «Fayão», consta-se que mais tarde mudou-se para o Norte, e ali fundou uma outra terra.

Mais adiante o Y viria a ser trocado por J e deixaria de ser Fayão, para Fajão, como passou a chamar-se e ainda hoje se chama.

Esta terra devido à sua localização geográfica, nunca passou de uma terra cheia de dificuldades, para quem nela tinha que viver, sendo a sobrevivência da sua gente uma das mais dificeis, de todo o nosso torrão pátrio.

Estas terras, como tantas outras por estas redondezas, apenas tiham como suas riquezas os ares puros e as águas cristalinas das suas fontes, tal como a sinceridade de um povo bondoso e humilde que nunca se revoltava com as suas dificuldades dos seus viveres, apenas lamentava a sua sorte com resignação, aceitando tudo, como sendo um retributo, pelo mal dos seus pecados.

Fajão sede de freguesia
concelho é Pampilhosa da Serra.
Tanta gente por ali vivia
que nunca conheceu outra terra.

Fajão estás situado
no topo de uma cordilheira
eram os caminhos do gado!
As vias de terra inteira.

Por volta dos fins dos anos trinta, Fajão tinha cerca de uns 600 habitantes e talvez umas cem famílias, e em toda a freguesia, cerca de 400 famílias, por 2000 habitantes, que deve ter sido por esses tempos o auge da população.

Os recursos de sobrevivência desta gente aldeã eram poucos e cheios de suor e lágrimas, visto as possibilidades de abundância serem muito reduzidas como dificeis, não só pela pobreza das suas

terras de cultivo, que devido às suas posições geográficas e climatéricas, faziam com que o solo fosse pouco produtivo. Por essa razão se as terras produzissem, comia-se, se não, passava-se fome; porque a assistência social nesses tempos era 100% nula, tanto para velhos como para novos quer para viúvas quer para órfãos. Era um povo sem os mínimos direitos, que só conhecia na sua vida responsabilidades e deveres.

Cem famílias e pouco mais!...
Era o número que alia morava
mas quase todos os casais
tinham muita filharada

Para todos era igual...
a probreza dos seus viveres
sem assistência social
sem direitos, só com deveres!...

Muitas famílias nas nossas aldeias era com muito trabalho e com enormes sacrifícios e dificuldades, para que os filhos pudessem ter, o bocado da broa, cozida a cada duas semanas, quando havia a felicidade de ter farinha. Pois em muitas das nossas aldeias, só cerca de metade, tinham milho para o ano inteiro, para esse primeiro alimento chamado «broa».

Estes 50% que tinham milho para todo o ano, eram chamados os remediados da aldeia, ainda que de outros géneros alimentares lhes fossem também bastante escassos, em especial no que dizia respeito a mercearias.

A maioria da gente pelas nossas aldeias, viviam no mais alto índice de probreza, não tendo a possibilidade de dar o necessário alimento ao corpo, que ele pedia a cada instante. Uma parte das famílias tinham como sua alimentação o caldo das couves e a fatia de broa, e com muita sorte quando às vezes havia uma sardinha, mesmo que tivesse de ser partida por dois, mas o mais importante era a fatia da broa, que nem sempre havia com abundância.

Os filhos eram as principais vítimas dessa miséria, as crianças nos primeiros anos de vida criavam enormes abdómens, como

acontece sempre quando não existe uma nutrição abundante e adequada de acordo com as suas idades.

Muitas destas crianças nas suas idades infantis, como eram mal alimentadas, morriam antes de atingirem os 5 anos de vida, as que sobreviviam, começavam a trabalhar antes do tempo e por vezes fora do normal, mais que as suas próprias forças, o que fazia com que ficassem atrofiadas fisicamente, não crescendo de maneira normal na idade do desenvolvimento físico, outras ainda devido ao excesso de peso que carregavam, arranjavam deficiências físicas para toda a vida, isto por culpa da rudeza dos pais, em que alguns faziam dos filhos verdadeiros burros de carga, sem o mínimo senso humano, abusando destes indefesos jovens, como se eles fossem os culpados da suas dificuldades.

Uma criação desconforme!!!
Assim os inocentes cresciam...
grandes barrigas, e com fome
era a miséria em que viviam

Na idade da adolescência,
trabalhavam como escravos,
pouca alimentação na crescença
eram fisicamente atrofiados

A crianças nesses tempos eram demasiadamente castigadas, quer na disciplina, em que muitos pais, por tudo e por nada espancavam os filhos na maioria das vezes sem uma razão justa para tal, faltando-lhes paciência para suportar ou até perdoar os filhos, dessas inocentes diabruras que eram óbvias e naturais da própria idade, como o trabalho excessivo, na maioria dos casos, mais por ignorância e egoísmo, que por uma necessidade.

A disciplina era demais,
Por vezes tanta pancada,
pois havia muitos pais,
Batiam por tudo... e por nada.

Com fome!... E ignorância...
e analfabetos criados
com a miséria na infância
ao mundo eram lançados.

Nas grandes famílias, devido á falta de pão para todos, muitas vezes os filhos mais velhos tinham que ir servir como pastores, para casa desses que tinham rebanhos de gado, pela côdea e algum milho para os irmãos mais novos poderem ter mais um pouco de pão à sua mesa, estas crianças por vezes serviam em terras que não eram as suas, e fora da presença dos pais, nem sempre eram tratados com amor e carinho, por parte desses patrões para quem serviam.

Por estas terras da nossa região, a grande força da agricultura para o alimento anual era o milho. 65% dos terrenos eram semeados com este cereal e os outros 35% eram destinados para sementeira de batata, que ocupava o segundo lugar, seguido das hortas de couves que estavam em terceiro lugar, depois vinha o feijão, ainda que parte deste fosse semeado junto com o milho. Tomates, cebolas e muitas outras qualidades de vegetais, também por aqui se cultivavam. O centeio era um cereal muito cultivado por estas aldeias, mas nunca semeado em terras de cultivo. Segundo diziam os entendidos nesta matéria, o centeio era um cereal que queimava as terras, deixando-as improdutivas por vários anos. Por esse motivo, ainda que anualmente se cultivasse muito deste cereal, pois era bastante usado na mistura com a farinha de milho, mas era sempre semeado em terrenos incultos no arredores da povoação, que antes eram devidamente preparados para esse género de sementeira.

Para se semear o centeio, faziam-se as chamadas cavadas nos terrenos baldios, que era cortar o mato, e mexer toda a terra, para

em seguida, já quando o mato seco, era queimado, e nas cinzas era semeado o respectivo grão, sendo o próximo trabalho a ceifa, se o tempo ajudasse a produção.

O milho era a lei do calha!...
Se o tempo não fosse sequeiro
Enchia-se as lojas de palha
e de grão o nosso celeiro.

O milho era o grande forte
Da gente que aqui vivia
às vezes lamentava-se a sorte...
quando pouco produzia.

Até aos finais dos anos quarenta, era muito usual ver-se por estas aldeias, famílias bastante numerosas, e quanto mais numerosas fossem, maiores eram as suas necessidades como também as suas pobrezas. Em Fajão e nesses tempos, a mais numerosa das famílias local eram os «Vicentes» e por isso os mais pobres e mais necessitados. Os episódios desta família, ainda que umas três ou quatro estivessem quase em idênticas situações, mas esta como na ocasião era a mais numerosa e quase todos de tenra idade, mereceu a solidariedade de todos quantos conheceram a sua miséria. Estes não tiveram mesmo essa abundância desse primeiro alimento chamado broa, para alguns pelo menos?!

Nessa idade da crescença
Tudo era pouco para mastigar...
ainda que dura a sentença
p'ra comer, tinha de se roubar.

Mas toda a vida ouvi dizer
No presente e no passado
quem rouba para comer
está isento de pecado.

Os chefes dessa grande família, como não tinham terras suas que chegassem para garantir uma abundância de milho e outros cereais, para as necessidades do lar, arrendavam terrenos quando estavam livres para esse fim, sendo as condições desse arrendamento 50% para cada um, para o cultivador e para o dono do terreno. Em alguns casos chegou mesmo a ser, um para o arrendatário, e dois para o dono da terra, nos tempos em que as terras eram bem aproveitadas, pois mesmo assim não havia muitas à renda. E daqui partiam as grandes dificuldades em ter abundância desse primeiro alimento, bem conhecido por todos nós. E como o milho era o primeiro alimento destes pobres, quando faltava o milho faltava tudo.

A sorte nem sempre estava ao lado desta gente. Havia anos que trabalhavam um ano inteiro, e viam o seu sacrifício perder-se pelas secas, outras vezes pelas enxurradas, que só não levavam os milhos, como também as terras, e por vezes colheitas desse ano, deixando apenas um imenso trabalho aos seus proprietários, para voltar a pôr tudo no lugar para a nova sementeira. Outras vezes eram os animais, especialmente os javalis, que não só comiam como destruíam tudo por onde passavam. Era assim muitos anos, depois de um intenso trabalho, viam tudo perdido até as forças para mais uma recuperação.

Não havia um palmo de terra
que não fosse cultivado
por este lugar da serra
tudo era aproveiado

Se os nossos antepassados
À terra pudesse voltar,
Ao verem os terrenos abandoandos
o que iriam eles pensar?

Certamente iriam pensar... o que é que se passa com esta gente, para terem as terras neste estado? Chocados iam chorar, ao verem as terras produtivas que outrora deram o pão que serviu para ali-

mentar gente, e agora entregues às giestas, silvados e tantas outras ervas daninhas, iriam recordar as grandes dificuldades e as gotas de suor, com que tantas vezes regaram a dureza dessa terra e agora postas ao abandono. Esses que morreram depois de 1942, que viveram essa grande trovoada que ali teve lugar, que muitas famílias perderam quase todos os seus haveres, como até as casas de alguns bastante danificadas, que tanto tiveram de trabalhar par voltar a pôr tudo como estava, afim de poderem semear as terras de novo para terem o pão de cada dia, e arranjar as casas para alojarem os familiares, como aconteceu a essa família Vicente e outros mais.

Mas para esta família Vicente, isto foi um desastre, mas um outro maior estava para vir mais adiante.

Como pela nossas aldeias mais ou menos todos tinham as suas terras de cultivo, a maioria desta gente optavam em comprar no princípio da Primavera, um ou dois leitões, consoante as posses de cada qual, quer no dinheiro para a compra dos bichos, como no alimento que tinham para a sua engorda.

Pelos fins de Novembro em diante até Janeiro era a altura em que já não havia comida para lhes dar a estes sempre famintos animais, que só sabiam comer quer de dia que de noite, e nesta altura, era o próprio tempo de matança, por ser o tempo do frio o mais apropriado para o tratamento das carnes, sem o perigo da sua deterioração, como também o tempo apropriado para secar o enchido, pois como ia frio neste tempo, todos os dias se acendia a fogueira, sendo o ideal para o tratamento destas carnes curadas, destes animais que não tinham outra utilidade se não a sua carne para a alimentação dos humanos, que sempre tinham os seus finaldos o mais tardar até aos fins de Janeiro.

Uma família que não matasse um suíno, faltava-lhe o principal para o governo da sua casa, pois a carne e o enchido, era a mola real para uma dona de casa orientar a sua cozinha diária, de quem tinha a responsabilidade de pôr na mesa, três refeições por dia, durante os 365 dias. Costumava-se dizer: «é como quem não matou porco». Esta era a frase usada pelo povo, quando qualquer coisa não tinha o real sentido...

Para os criar durante o Verão,
comprava-se os leitõezinhos
pois havia muita vegetação
para engordar os bichinhos

Havia quem não comprasse
por tal coisa não poder
mas quem porco não matasse
era mais difícil viver.

A matança do porco era feita num dia frio como já atrás disse, para poderem tratar das carnes sem o perigo da mosca, esta sempre temida nestas ocasiões, pois a sua aproximação podia fazer com que toda essa carne tivesse de ser enterrada, devido à bicharada que a mosca punha na carne, em menos de 24 horas nada se aproveitava, e por isso quanto mais frio melhor, para assim poderem ter mais tempo na separação a que as carnes eram destinadas. Até mesmo o sangue era aproveitado e geralmente usado no enchido das morcelas, tal como as gorduras do animal, também eram aproveitadas para fazerem as saborosas farinheiras. Uma grande parte da carne era usada para fazer o bem conhecido e apreciado chouriço das Beiras. Este enchido depois de devidamente curado com o calor da fogueira, era conservado em azeite dentro de grandes potes preparados para este fim, e aqui se conservava e iam gastando conforme as necessidades no governo da casa, que em algumas famílias chegava de um ano ou outro e até mesmo mais.

Era um hábito na Primavera
Na feira se comprar um marrano
e neste estavam à espera
da carne p'ra todo o ano

Eram mortos no tempo do frio,
O mais tardar pelas Janeiras,
assim faziam o bom enchido
o belo chouriço das Beiras.

Tudo vai desaparecendo das nossas aldeias, até este chouriço tão apreciado também já extinto, como tantas outras coisas mais, que só nos vai restando a saudade de todas estas coisas que nos vão deixando.

A carnes que não eram usadas no enchido eram seleccionadas e separadas cada qual para o seu fim. Umas partes do animal, tais como os lombos, costeletas e outras partes mais apropriadas, eram devidamente tratadas e depois também conservadas em azeite. Os presuntos e pás, depois de preparados e salgados, eram também conservados no sal, em lugar fresco, por alguns meses, para depois serem pendurados a secar, só podendo ser usados para consumo depois de curado, e quanto mais velho, mais saboroso se tornava, tal como o vinho do Porto. As outras partes eram também salgadas e conservadas no sal na salgadeira, e só dali saíam conforme iam necessitando para o consumo alimentar.

Este era o processo de conservação das carnes como até outros produtos usados com o sal, pois não havia frigoríficos ou arcas congeladoras como nos dias actuais, nem os mercados diários, com o dinheiro fresco a cada mês.

O sal e azeite eram duas coisas que o povo das nossas aldeias usavam em muitos dos produtos para conservação, a serem consumidos pelo ano adiante.

Sem congeladoras, sem energia,
Como nos tempos actuais
o povo assim se defendia
com os recursos naturais

Tal maneira de viver!...
Mas hoje no mesmo lugar
Já há mercados para vender
e dinheiro p'ra comprar.

Nesses tempos os dinheiros eram poucos, e dificilmente se podiam juntar alguns tostões. Poucas eram as pessoas por estas aldeias com facilidades de poder adquirir esse tão procurado metal.

Apenas um pequeno número de pessoas tinham acesso a ganhar uns magros tostões, que eram os artifícies da aldeia. O alfaiate, o ferreiro, o sapateiro, o carpinteiro, o pedreiro, o tamanqueiro, a tecedeira e pouco mais. Para este pequeno número de privilegiados ainda não era mau de todo, visto terem a possibilidade de poder arranjar os tais mil-reis, para a ajuda de comprarem as coisas necessárias do dia-a-dia, o que não era coisa fácil para a maioria das pessoas da aldeia.

Para os que tinham os rebanhos de gado, esta ainda que fraca, mas era a sua tábuia da salvação, não só tiravam das cabras e ovelhas o leite do qual faziam o queijo, como no fim do Verão vendiam as suas crias, e era com este dinheiro que estas famílias administravam as finanças das suas casas. Era com este dinheiro, esperado durante um ano, que pagavam algumas despesas feitas na loja da localidade, como também destinado a fazer algumas compras no mercado concelhio, que tinha lugar na primeira e terceira quinta-feira de cada mês, mas nem sempre a maioria das pessoas ali se deslocavam, por lhes faltar o tal metal tão procurado, que nos nossos dias, quase que mudou na sua totalidade em papel, que nunca antes da história do Mundo foi tão procurado, e criou tantos problemas e crimes à humanidade.

A roupa e o calçado assim como outras coisas de necessidade ao lar, era uso ir a Arganill, pela ocasião da feira do Monte-Alto em Agosto, era a melhor altura e o melhor lugar, para se fazer uma certa qualidade de compras, não só pela abundância de poder escolher, como também a facilidade de poder comprar mais barato.

Também havia que se contar com alguns tostões para os imprevistos, que quando menos se esperava, tinha que se recorrer à botica concelhia, quando o «Barbeiro» tinha que passar uma receita para algum familiar que ficava doente, este era o dinheiro mais chorado em todas as ocasiões.

Para os que não tinham estes recursos vindos dos gados, a coisa tornava-se ainda muito mais difícil, por não terem donde lhes viesse um miserável chavo, para a compra das coisas necessárias, e se eram tantas infelizmente!

Os que tinham esses gados
Faziam com o leite requeijão,
e sempre vinham os trocados
quando vendiam a criação.

Quem não tinha esse vintém
A coisa era fusca e feia,
era uma gente de bem
a sofrer na sua aldeia.

Havia os tais pobres nas aldeias que ninguém conhecia as suas necessidades, porque nunca manifestavam os seus sofrimentos nem as suas dificuldades, apenas as viviam entre si, sem nada sair fora da sua boca, nem fora das suas portas, estes eram sempre os maiores sofredores, os mais dignos da solidariedade de todos os humanos, pela maneira como viviam a sua pobreza.

A esperança do futuro de muita gente das nossas aldeias, eram os filhos... eram estes que os pais iam criando, e neles depositavam a confiança de um refúgio, para os dias sempre cheios de incertezas na fase final da vida. Esta criação dos filhos, era como que um dinheiro que estavam a depositar, para depois tirar quando já não pudessem trabalhar, e nesses tempos, muito raro se perdia esse investimento, porque quase todos os filhos quando chegavam a adultos, chamavam a si as responsabilidades em olhar pelos seus pais, garantindo-lhes uma velhice estável, na maioria dos casos davam-lhes sempre o melhor que possuíam, este era o primeiro dever de qualquer filho, pagar essa dívida hereditária, pois negar tal pagamento, corria o risco da tal condenação: «filho és... pai serás!...» Tal lei, era muito temida e respeitada por todos em geral. Havia muitos exemplos por falta do cumprimento destas dívidas hereditárias.

Aquelas famílias que já tinham filhos crescidos, e como havia naquela ou noutra terra às vezes uma estrada em construção, ali se dirigiam afim de pedir trabalho, conseguindo-o por vezes, mas sempre pelo salário de garoto ainda que trabalhavam tanto ou mais que muitos adultos. Esse trabalho que vendiam em troco da

algumas moedas e que no fim de cada quinzena, vinham a casa entregá-las aos pais, sem tirarem para si um simples centavo que fosse, ainda que pequena mas quando assim já era uma ajuda.

Com dificuldades e privação
Os pais, os filhos criavam!
Neles a esperança depositavam
como fundos sociais
o único amparo dos pais
era ter dos filhos a protecção

No tempo da minha mocidade,
Quando um filho trabalhava
em casa tudo entregava
para criar os mais novos
era a lei que havia nos povos
que se chamava humanidade.

Era assim como a maioria destas famílias viviam e preparavam os filhos, para começarem a ter as suas responsabilidades e serem sabedores, de que tinham que olhar por alguém mais, além de si. Essa linha imaginativa, era sempre seguida pela vida fora, tornando-se responsáveis e fazendo-se cumpridores dessas dívidas hereditárias, a única esperança de um povo desprotegido, quando já velho, cansado, sem força, vencido pela idade e os sacrifícios da vida, era nos filhos que criaram, que agora viam como anjos protectores nos seus dias finais. Estes eram os que tinham filhos! E aqueles que os não tinham?... Veremos isso mais tarde.

Aqueles que já tinham filhos a tabalhar em meios grandes, como por exemplo em Lisboa, e tinham vencido as suas barreiras triunfando na vida, a coisa era logo diferente para os pais. De vez em quando lá vinham as tais encomendas de mercearias sempre tão bem apreciadas, sempre acompanhadas de algumas notas, pondo nos rostos dos pais uma diferente configuração de alegria e felicidade, como até orgulho pelo filho que criou. Pois o dinheiro, além da saúde, é o maior humorístico de toda a humanidade, pelo que

muitas destas aldeias, esses filhos venceram em maioria, graças ao ensinamento e preparação dada pelos pais, e a força e sacrifício, desse chamado querer triunfar na vida.

Para aqueles que não quizeram ou não puderam ter esse investimento os «filhos» enquanto jovens a vida não teve para eles tantas dificuldades e preocupações, mas nem por isso eram mais felizes, porque não tinham uma segurança nas suas velhices, pois era algo preocupante, pela incerteza dos dias finais, em que só restava a esperança na generosidade local, ou na caridade das pessoas das terras onde tivessem de pedir uma esmola.

Como a assistência era nula, quem tinha vivia, quem não tinha e nem possibilidades de subsistência familiar, ou pedia se tivesse um pouco de saúde e pernas para o poder fazer, ou então esperava na maior das necessidades no canto da sua casa, na cama quase sempre tipo tarimba que suportava a velha enxerga, por algum vizinho que dele se lembrava, até chegar o padre com a santa extrema unção, para o perdão dos seus pecados, pelos crime da sua pobreza e das suas necessidades e se alguma vez falhou, por falta de paciência, não sofrendo com resignação as leis da Santa Madre Igreja.

Quando se venciam as crises
e se triunfava na vida
p'ros pais não havia lida
tinham o auxílio material
junto do apoio moral
os pais eram mais felizes.

Já no final da sua jornada,
sem assistência familiar
quando não não podiam andar,
Ficavam nesse enxergão
esperando a extremunção
e a morte já tão desejada!

Muitos destes infelizes a todo o momento pediam a Deus para que lhes mandasse a morte, apenas para terminar o seu sofrimento, pois a vida já há muito que para eles terminara, a vida não se perde quando se morre... mas sempre quando se perde a alegria de viver!... E esse, já por muito não existia nos seus corações.

Como já se disse, a maioria das terras de cultivo eram ocupadas nas semeaduras do milho, sendo este cereal o mais trabalhoso de todos. E para dar uma ideia de quanto era o trabalho deste produto, vejamos só:

Diariamente as pessoas tinham que ir ao mato, carregando em maioria à cabeça e às costas, para fazer a cama para os animais, para que estes pudessesem fazer o estrume, para o adubo natural das terras. Depois do mato ser transformado em estrume, era levado para as terras pelo mesmo processo, ou às costas ou à cabeça, voltando o suor ao rosto dos humanos uma vez mais. Depois voltava o suor de novo, não uma vez mais apenas, mas todos os dias, até que as terras fossem cavadas, ou levava cerca de um mês, sendo este o trabalho mais árduo de toda esta semementeira, porque para alguns era em maioria e para outros era em totalidade, as terras voltadas a ancinho, onde tantas vezes as costas apanhavam o jeito acrobático, sendo mesmo impossível endireitá-las à sua posição normal, sem que para isso pudesse evitar pesadas dores. Nas terras já cavadas, era espalhado o estrume fazendo em seguida os regos com um ancinho mais pequeno, onde era lançado o milho da semente.

A partir daqui, até à sua crescência com altura de vinte centímetros, ficava entregue à mercê de Deus, podendo agora aliviar as costas por algumas semanas, para depois começar a fazer-se o chamado «sacho», e quando a sua altura atingisse cerca de um metro, era feito o empalho para começar os regadios, que tinham lugar todos os dias, ainda que em lugares diferentes, até à altura em que começava a aloirar, e em seguida era a altura de lhe tirar a folha para melhor poder secar. Mas antes de tirar a folha, teria que cortar a bandeira. Tanto as folhas do milho como as bandeiras, eram postas a secar, para depois de secas serem guardadas nos palheiros para o alimento dos animais durante o período do Inverno.

Quando à espiga já seca, esta era cortada do canoco e de novo

as costas voltavam ao uso das cargas, para transportar estas espigas para casa, para nos serões depois da ceia, se fazerem as célebres desfolhadas , uma das coisas mais alegres das nossas aldeias, sempre com o olho vivo na espiga dos abraços ou dos compadres...

Logo a seguir às desfolhadas, vinham as debulhas, outro trabalho dos mais divertidos dos lugares. Aqui se contavam histórias, se falava das produções agrícolas, dos problemas e sacrifícios, de alegrias e tristezas, enquanto os jovens enamorados, ignoravam todas as estranhas conversas, estando interessados apenas nos seus planos futuros, que ambos faziam muito baixinho, para que ninguém ouvisse os seus segredos com promessas que nem sempre eram cumpridas.

Depois deste trabalho feito, o milho era estendido nos tendais por mais 3 ou 4 dias para ficar bem seco, dando depois entrada nas arcas, donde saía para o moinho para ser transformado em farinha, e aqui uma vez mais eram utilizadas as costas para carregar com o milho e depois com a farinha.

Até chegar ao ponto de ter a farinha para fazer a broa, quantos não foram os sacrifícios e as gotas de suor que caíram sobre o solo! Isto sem falar dos carregos de lenha que sempre eram necessários, para o aquecimento do forno, no fabrico desse tão precioso pão, chamado «broa».

Recordo o momento melhor!
Como os sacrifícios de então
do mais pequeno ao maior
sem haver discriminação
todos regavam com o suor
as terras que davam o pão

Havia lágrimas de luto...
quando a colheita falhava
tentavam outro produto
nessa área que não deu nada
porque a terra só dá fruto
se nela for semeada.

Aqui deixo uma explicação para tantos jovens descendentes destas aldeias, que talvez nunca tenham imaginado o quão pesado foi a vida dos seus pais e avós, nessas terras onde outros nasceram, cresceram e morreram, tantos sem nunca conhecerem outros lugares.

À juventude deste tempo
tudo lhe é facilitado
não lhes passa p'lo pensamento
as dificuldades do passado.

Os jovens dão as suas risadas
do que se passou nesse lugar
julgando um conto de fadas
as coisas que ouvem contar.

A juventude dos nossos dias, penso não exagerar se disser que em maioria, é a que menos sacrifícios tem feito, e Deus queira que estas facilidades continuem...

Um dos grandes problemas desta gente, era a ignorância e as suas fraquezas mentais. Famílias sem as mínimas possibilidades de recursos, com 6, 7, 8 e mais filhos! Aqui começava o sacrifício dos pais e a miséria dos filhos, sem controlo na natalidade, em algumas famílias os filhos vinham quase todos os anos, não havia a mínima cautela, talvez mais por medo, que pela ignorância, porque segundo as palestras do padre, evitar os filhos era um crime e um pecado.

O padre dizia ao pregar
E com temor era escutado...
Quem os filhos evitar
No Inferno será queimado...

Sempre com medo do Inferno!
Vinha mais uma criancinha
acabado o leite materno...
ficavam as papas de farinha.

Estas pobres mães, ainda na fraqueza da maternidade, tinham que voltar aos trabalhos do campo, mesmo sem poderem, ficando recém-nascido ao cuidado de um outro irmão, às vezes com 5, 6 anos o máximo, mas a mãe era chamada a estes trabalhos pela voz da necessidade, tal como uma ordem que tinha de ser cumprida. A criança que ficava a guardar o bebé, ela mesma carecida ainda de alguém que a guardasse, sem a mínima noção e responsabilidade desse encargo, e como quase sempre andavam cheios de fome, comiam aquilo que a mãe deixava destinado para ser dado ao bebezito.

Por este e outros problemas, tais como a falta de vacinas, contra esta ou aquela doença, faziam com que muitas crianças morressem no primeiro ou segundo ano de vida.

Ainda fracas da maternidade
voltavam à luta, à mesma vida,
outros filhos de tenra idade
olhavam pela criança nascida.

Como não eram vacinadas
As doenças lhes atraíam
sem as nutrições adequadas
muitas crianças morriam.

As crianças que resistiam a esta fase inicial e conseguiam vingar, encontravam muitas barreiras na sua criação. A escassez de alimento, o excesso de trabalho na tenra idade, a barreira quando na idade escolar, vedando-lhe os estudos, perdendo-se assim muitas inteligências por não terem uma oportunidade, estes moços esquecidos nestas aldeias abandonadas, a única oportunidade que ainda ia havendo, era o seminário e estudar para padre, mas mesmo esta carreira ainda era só para os que podiam melhor, pois não estava ao alcance de qualquer um.

Tantas inteligências perdidas!...
Por não terem oportunidades
poucas foram escolhidas...
Só os que estudaram p'ra padres.

InSTRUÇÃO... a luz da vida!
Deixou tanto a desejar...
escolas, até havia,
Mas não mestres para ensinar.

Nessas aldeias e nesses tempos, as únicas pessoas que podiam fazer alguma coisa em favor da terra e da sua gente, era o padre e a professora, por serem as únicas pessoas com instrução e influência, especialmente o padre, mas não sei porquê?! Poucos foram os que fizeram alguma coisa pelas suas terras, pela nossa redondeza apenas conheci dois que na realidade fizeram algo de importante.

O padre nos ensinou os preceitos
a professora os seus saberes
nunca conhecemos direitos
porque só tínhamos deveres

Sem médicos e sem parteiras
a fé em Deus... era a cura,
assim se vivia nas aldeias
no tempo da ditadura.

Sem letras sem profissão,
sem amparo e sem suporte
da sua terra saía o beirão
a procura de melhor sorte.

Os que mal ganhavam p'ra comer
Nessa aventura lançada,
pobres, gastos pelo sofrer,
vinham morrer à terra amada.

Esta poesia é baseada na realidade dos factos, assim como toda em geral, era o que acontecia a muita gente, os que viviam nas aldeias sofriam todos esses problemas já mencionados, alguns dos que viviam fora, e cujas vidas pouco ou nada deu para pôr de

parte, quando já não podiam trabalhar, voltavam de novo à terra que os viu partir, no auge das suas vidas, cheios de força e saúde, agora regressavam mais pobres que nunca, velhos e cansados, escolhendo este lugar para viver os últimos dias e morrer em paz, na terra que um dia lhes serviu de berço.

Coisas várias e reais
que o povo bem conhecia
desde a própria geografia
até à mãe natureza
por instinto ou esperteza
todos aprendiam a lição!...
E para nossa orientação,
relógios, quem os tinha?!...
As horas, era uma adivinha!
Nem o da torre trabalhava.
A nossa gente se orientava
por aquilo que conhecia
o Sol, nos orientava de dia
e de noite, eram as estrelas...
mas tinham que conhecê-las...
como as suas posições
estas eram as orientações
das humilde gente aldeã
pois a estrela da manhã
era a nossa alvorada
se a noite estava enevoada
as estrelas não se podiam ver...
não podendo assim saber
quando era a madrugada
e a noite era bem respeitada
toda a gente fazia temer.

Dizia o provérbio do povo
Algo que a gente aprendeu
que a noite, Deus a fez e temeu!
Um dito bem conhecido

por vezes se ficava tolhido
bastante atraído de medo
quando nos levantávamos cedo
ou ver que fomos enganados
quando se ouvia os badalados
no sino da igreja distante
uma segunda mais adiante
era o sinal das meias horas!!!
A noite tinha melodias sonoras
ouviam-se dos montes e hortas
era a música das horas mortas
e o perigo de ser vitimado
às vezes se ouvia um uivado
do outro lado da ribeira
era um hábito velho da aldeia!
Madrugar de manhã cedo
para ir buscar o carrego
nesses montes e ladeiras
por vezes havia brincadeiras
da nossa mocidade local
era um trabalho matinal
eram costumes das aldeias.

Montes altos grandes penedos,
Parecendo chegar aos céus!
Aqui começavam os perinéus
atravessavam a Espanha p'ra França
óh velhos tempos de criança!!!
subia-se a esse penedos
diziam haver neles segredos!
Eram histórias que contavam
de fadas que ali moravam
com bruxas e coisas mais
pelos atalhos e portais
subimos aos altos montes
beber das águas das fontes

tão fresca, tão cristalina...
a serra mais alta vizinha
era a Estrela, que fica em frente!
A neve é quase permanente
junto das Penhas Douradas
É a rainha das nevadas
e dos rios da região
como fica em frente de Fajão
é grande aquela frieza
mas de uma certa beleza
onde há neve sempre à farta
e o alto cabeço da Mata
é uma pirâmide portuguesa.

Oh ponte de Cartemil!
És dos tempos dos Romanos
já com mais de dois mil anos
que ligam os dois concelhos
eram já costumes velhos
a luta p'los mesmos ideais
quando o rio enchia os caudais
as margens eram destruídas
as pessoas trabalhavam unidas
para esses danos reparar
as águas corriam p'ro Mar
levando o que encontrava
no monte um rebanho pastava
guardado por um velho pastor
a quem chamavam de professor
porque ele tudo conhecia...
na mais perfeita poesia
tinha o hábito de responder
mas até nem sabia ler!
Mas de raros conhecimentos!...
Tudo conhecia dos tempos
e muito mais da atmosfera

no mais alto cume da serra
era o mais belo dos montes!!
Ao longe se viam os horizontes
desta maravilha da serra.

CAPÍTULO II

MOUROS NA REGIÃO

Este povo do Norte de África, que emigrou para a Península Ibérica, não se sabendo exactamente da data do início dessa emigração, mas pensa-se que seria por volta dos primeiros anos 700 D.C. Consta-se que a sua imigração se deve devido a este povo ser muito dedicado à agricultura e a Península ser um solo ideal para os seus intentos.

Entre muitos povos que passaram e viveram na Península, foram estes que mais se evidenciaram pelo seu trabalho árduo e constante sacrifício, para conseguirem transformar tantos terrenos incultos, nas mais produtivas e férteis propriedades por todo este território, muitas ainda existentes por toda a parte.

Mas não era só a agricultura que este povo sabia fazer... eles eram também uns peritos em construção, quer habitacionais como em outros ramos, tais como exploração de minas em busca de metais, como nas de exploração de águas. Alguns também se dedicavam ao ramo da indústria, a todos os níveis que era usada na época, assim como a qualquer trabalho não importava qual, nunca diziam que não...

Esta gente mourisca, tinham a força do ser e a vontade do querer e a ambição de vencer, e como o trabalho sempre foi e será, a riqueza de um povo, como eram trabalhadores, por isso era um povo rico, rico era também a glória do seu nome, porque mouro era o símbolo trabalho. Ainda hoje e quando se fala em mouro, logo nos salta à mente essa força, esse querer que quer dizer trabalho. E talvez por isso, oitocentos e tantos anos depois de nos terem deixado, ou melhor dizer, de os termos escorraçado, o mouro ain-

da continua a ser conhecido, como o símbolo máximo dado a qualquer pessoa de grande capacidade de trabalhador.

O mouro para aqui imigrou
fazendo do trabalho uma guerra
feliz, aqui se radicou
desbravando e cultivando a terra.

Quase que é impossível crer!
Coisas que este povo fazia,
trabalhava com tanto poder
que quase parecia magia.

Em todas as partes da Península Ibérica, desde os grandes centros urbanos, aos mais humildes lugares, em toda a parte se encontram ainda grandes memórias e sempre vivas, que os tempos ainda não conseguiram gastar, nem o seu nome deixou de existir na mente das gerações humanas, porque o nome de «mouro» assim como as suas obras e a sua fama de trabalhador são coisas imortais.

Esta civilização mourisca que esteve espalhada por todo o território da Península, deixou marcas talentosas de quanto a força do homem é capaz!... Até mesmo nas pequenas aldeias escondidas nestes vales e montes, foram eles os fundadores de muitas delas, como foram eles também os desbravadores dessas terras incultas, transformando-as em abundantes jardins produtivos, que gerações após gerações, já por mais de oito séculos as têm usado no cultivo e cada ano, para delas poderem ter o pão para si e os seus, e certamente sem a mínima simpatia ou mesmo o mais simples reconhecimento, por esse povo que na minha maneira de ver, muito lhe devemos, por tudo quanto fizeram e tudo tiveram de deixar atrás, sem a mínima compensação por tudo o que construiram, para o bem estar dum povo e a riqueza duma nação que não puderam chamar sua.

Pobres emigrantes!... Por tantos séculos de trabalho, juntando as suas forças as suas fortes vontades, por gerações e gerações em prol do progresso, da riqueza, da abundância, do prazer e da felici-

dade dum povo, que tudo isto possuiam e eram bem merecedores, porque era o produto do seu trabalho. Ainda que não nos fique bem dizer: mas nós lusitanos, acho que não usámos de compaixão nem humanismo para com este povo, sem razão, assim foram expulsos sem qualquer recompensa pelos seus bens ou haveres, como que de um bando de exploradores criminais se tratasse.

Só quem é emigrante pode reconhecer o que seriam as suas dores e a injustiça feita a este povo trabalhador e pacífico, que não pensava em armas para a guerra, porque as suas lutas eram apenas o trabalho, pelo menos os que por aqui viveram.

Ainda há muitas memórias!
Vivas, não gasta p'los tempos
não são meras histórias,
Mas sim méritos e talentos.

Por séculos, em cada geração!...
Seu ritmo nunca abrandou
Mouros... a tal civilização...
que muito fez, e mais deixou.

Quando olhamos atrás, os tempos Egíptos passados pelos grandes filósofos Gregos, que tanto trabalharam para tornar um Mundo mais democrático mais humano e mais livre, pela arte Romana, com a glória da sua arquitectura, que ainda hoje marcam a sua presença pelas obras primas que construiram por onde passavam; o potencial talento trabalhador, daqueles que durante séculos viveram na Península, tornando os campos áridos, abundantes e produtivos, essa civilização chamada de Mouros; esses grandes invencionistas através dos tempos, mais propriamente nos finais do século dezanove e vinte!... o homem tem evoluído de maneira veloz, quer no aperfeiçoamento das suas invenções, fazendo com que tudo seja mais fácil e mais abundante, tanto no campo do trabalho como na sua produção, tornando a vida do homem mais fácil e mais próspera, como até mais longa, graças a todos esses inventores, pelas suas insistências vencendo tantas desilusões e até

vexames, chamados de malucos e coisas mais, até chegarem á realidade das suas ideias.

Graças a todas essas invenções que o homem criou para bem da humanidade em geral, mas só é pena que toda essa ciência do homem, não tenha sido aproveitada somente para o bem estar dos humanos.

E se é certo que toda essa ciência nos tem dado mais conforto e abundância, como até mais alegria e prazer nas nossas vidas, por outro lado, não é menos verdade, que muita desta ciência tem levado milhões a morrerem à fome, devido a injustiça e a ciência sem humanidade; muitos outros milhões vão morrendo a cada dia, baleadas por essas invenções mortíferas no poder dos criminosos.

A terra nunca antes na sua história produziu tanto alimento, devido a essas invenções do homem, mas também nunca antes morreu tanta gente à fome, com tanta comida a ser destruída em muitas partes do Mundo. Falta à gente dos nossos dias, um treinamento para se viver com uma consciência pura de compaixão e humana e a falta desse treinamento, deixou muitos humanos doentes das suas consciências, começando por muitos pais que não sabem ou não querem disciplinar os seus filhos; os mestres do ensino nas escolas, e terminando nos políticos sem princípios nos parlamentos, e por tudo isto, o desenvolvimento humano no que respeita a sua consciência, não tem acompanhado a velocidade das suas próprias invenções, é devido a essa ciência sem humanidade, que o homem cada vez mais se afasta de si próprio.

Foram essas invenções...
Fizeram o Mundo mais aberto
com telefones e aviões
tudo de nós ficou mais perto.

Há muita invenção criada
mudando-lhe o seu sentido
e sempre que mal usada
muito humano é destruído.

Se houvesse boa intenção!!!
Era um paraíso nos humanos
com tanta dessa invenção
no planeta que habitamos.

Pelo processo da invenção
produz-se mais do que se consome
nunca a terra deu tanto pão
nem tanta gente morreu à fome.

Vivemos na era das velocidades em que tudo se move de maneira veloz, desde os aviões nos astros, aos automóveis nas auto-estradas, passando pelas linhas de montagem nas fábricas em que os operários não têm tempo livre, quase para espantar uma mosca que seja.

Sim... são todos esses engenhos, que fazem com que a vida possa ser mais veloz, mas fácil e mais fértil. Mas o que dizer do aperfeiçoamento humano?... Sim... este é tão insignificante ou até mesmo mais selvático que nos tempos primitivos, e talvez por essa ciência sem humanidade, o homem se tornou mais egoísta e perigoso, como até selvagem, como nunca antes na sua história.

Segundo reza a história, há dois mil anos quando a grande potência Mundial eram os Romanos, ainda que com muitas selvas jarias, mas parece que tiveram mais compaixão e humanidade nos países que ocuparam, que teve D. Afonso Henriques cerca de mil e cem anos mais tarde para com os Mouros!... Mas mesmo este, não foi tão selvagem e tão desumano, como foram os Senhores da Segunda Guerra Mundial!... isto cerca de 8 séculos depois dos Mouros terem sido expulsos de Portugal. Isto mostra-nos que o homem de hoje, no que respeita a civismo e sensibilidade humana, está muito pior que os dos tempos primitivos.

O mundo vive à beira do colapso devido a essas invenções atómicas que o homem criou, para a sua própria destruição.

Nesses tempos do passado em que o cavalo era a coisa mais veloz que o homem conhecia, e no Mar o barco-à-vela, contudo, as pessoas ainda que andassem devagar tinham tempo para tudo e

chegavam a todo o lado, o mesmo não acontece nos nossos dias em que tudo é veloz, e as pessoas andam numa correria constante, sem terem tempo livre para nada!... É caso para perguntar: o que é que se está a passar com a humanidade?!...

Desde os tempos dos Egiptos
Passando p'los Gregos e Romanos
nunca se viu tantos conflitos...
nem tantos selvagens humanos.

A ciéncia em mãos maldosas!!!
Ou cair em pessoa errada
pode criar coisas perigosas
e fazer o Mundo em nada!!!

O Mundo, anda todo a correr
Pois vivemos na era veloz...
mesmo sem alguém se aperceber!
Até somos escravos de nós

Já é muito difícil viver
Sem esses inventos actuais
e são eles que nos fazem correr
E trabalhar-se mais e mais!...

No tempo do rei conquistador, pela força pujaram os Mouros das terras que ocupavam e cultivavam, forçados a sair sem qualquer condição ou negociações, despojados de tudo o que possuíam, fugindo apenas para salvar a vida, sem que nada pudessem levar consigo, deixando tudo atrás, os séculos de trabalho, de sacrifício, de luta e de um solo humedecido pelo suor dos seus rostos, e pelas lágrimas de um povo em momentos de aflição e desespero.

É tudo isto que o homem tem feito através dos tempos até aos nossos dias, sem respeito pelo trabalhador, e este por sua vez, perdendo o gosto por tudo o que sabe e pode fazer. A falta de caridez pelos necessitados, a falta de amor ao próximo, sem o míni-

mo reconhecimento por aqueles que dão o melhor das suas capacidades, tornando os seus patrões mais ricos e às vezes ainda mais exploradores, fugindo às suas responsabilidades e deveres patronais, fazendo com que estes dois pólos se afastem mais um do outro, sem que se possa acender a luz do bom senso, da justiça e dignidade de quem trabalha. O homem perdeu a confiança na sua capacidade humana, pelo que deixou de ter amor entre si!...

Assim aconteceu aos Mouros que imigraram para a Península Ibérica e ali se radicaram, tal como nós portugueses em muitas partes do Mundo, não com o fim de explorar ninguém, mas em busca de uma vida melhor através de muito esforço e trabalho, tantas vezes mais que o normal, para conseguir vencer. E em tais circunstâncias, ninguém tem o direito de despojar outros dos seus pertences. Os Mouros não deixaram o seu país, para vir explorar ou roubar, como tantos antes e depois o fizeram, mas sim para trabalhar arduamente, fazendo das terras incultas, nas mais abundantes, férteis e produtivas.

Criar raízes numa terra que não é a nossa, é sempre um jogo arriscado, com uma aventura em que se pode deixar tudo, até a própria vida. E nós portugueses, já alguns conhecemos o sabor amargo dessa amargura, junto às lágrimas do desespero.

Tanta coisa se consome!...
Por essas nações e lugares
e sem pão, outros morrem de fome
todos os dias aos milhares

Por refúgio ou necessidade?
Imigrar é coisa arriscada
em qualquer altura ou idade
está sujeito a ficar sem nada!

Ainda que isto não aconteça na maioria dos lugares, e mal de nós... mas às vezes acontece infelizmente, pois já aconteceu a muitos portugueses que se radicaram por décadas e séculos nessas ex-colónias portuguesas, em que muitos ali nasceram, e ali tinham

tudo o que possuíam, os muitos anos de sacrifício, trabalho e luta, e quando chegou a hora da aflição, tudo deixaram atrás, tentando apenas pela sua vida e dos seus, ainda que muitos foi a retribuição dos seus pecados, e como sempre paga o justo pelo pecador!... Isto foi mais ou menos o que aconteceu aos Mouros.

Quando louco pelo poder
O homem não quer ser vencido
não se preocupa em saber...
quem morreu ou ficou vivo.

Quando este momento vem
E vê a luta perdida
logo se esquece do que tem
só tenta em salvar a vida.

No nosso país Portugal, esta civilização mourisca esteve em todas as partes, tanto nas cidades como nos meio rurais, e nas Beiras não foi nenhuma excepção, pensa-se que em todo o Ceira, por ser o lugar ideal para a agricultura, que eles mais se radicaram e evidenciaram a sua presença, pois tudo quanto por aqui há de antiguidade aos Mouros pertence, tanto na habitação como na agricultura, ou mesmo até na exploração das águas, tanto para consumo como para regadios. Pois há em muitos lados compridos canais, para fazer chegar as águas a longínquas propriedades, afim de terem o seu regadio.

Há muitas outras coisas de arte e beleza, em diversos lugares da nossa região, que eles ergueram e que ainda se podem ver e até utilizar nos tempos actuais.

Segundo a lenda, parece que Fajão era o grande centro deste povo, que vivia nesta região. Aqui se reuniam para os seus convívios e intercâmbios comerciais.

Minas, e compridos canais
por quilómetros de distância
regavam-se quintas e quintais
no tempo da minha infância

Por estes montes perdidos
Com penedos e pinhais
aqui os mouros tinham convívios
e os intercâmbios comerciais.

Por todos estes lugares onde os mouros viveram, as suas histórias e lendas são muito vulgares, quer das suas riquezas à beira do rio e nos penedos, ou das proezas de perfeição e rapidez como faziam os seus trabalhos.

Uma das mais vivas lendas do povo de Fajão, era que dentro dos penedos da Penalva, era um lugar de divertimento, de devoção religiosa, assim como o esconderijo dos seus tesouros e o refúgio quando estavam a ser perseguidos pelos seus inimigos nos anos da sua expulsão.

Diz-se existir dentro desses enormes penedos, a igreja e o forno dos mouros e muitas riquezas. Em dias ou noites de trovoadas, as faíscas descarregam com frequência sobre estes penedos, pelo que o povo costumava dizer, a razão das faíscas ali descarregadas era devido ao ouro dos mouros que lá estava dentro.

Dizem as lendas que este lugar dos penedos da Penalva, era o cofre geral de todos os mouros da região, que ali guardavam os seus dinheiros, seus ouros e ali continuam depositadas essas riquezas que os mouros não puderam levar. Mas o povo de Fajão, ainda que bastante pobre e necessitado, e que bom jeito lhe faria esse ouro e riquezas, mas como se trata de um povo honesto, nunca perderam tempo na busca da fortuna que os mouros ali deixaram, que as lendas garantiam como uma certeza. Gente pobre mas pouco ambiciosa... nunca se interessaram nas riquezas lendárias escondidas, de que tanto se falava por estes lugares!... As lendas destas fortunas escondidas nestes penedos, não existem apenas em Fajão, mas em muitos outros lugares...

Fajão terra de mouros!!!
Com suas artes e belezas
estás rodeada de tesouros
e de escondidas riquezas.

Fazia parte desse tesouro!
Lendas que não são segredos...
haver cabras e cabritos de ouro
dentro desses grandes penedos.

Nos anos quarenta, por vezes viam-se por ali pessoas estranhas junto dos penedos, fazendo-nos perguntas a nós pastores, que sem nos dizerem o que queriam ou ao que vinham, mas nós bem sabíamos e que eles procuravam... parece que havia uns tais livros relacionados com estes segredos... que lhes davam o nome de roteiros!... Durante o meu tempo de pastor, em duas diferentes ocasiões, fui abordado por esses indivíduos desconhecidos, fazendo-me perguntas acerca destes penedos, e depois de receberem as informações desejadas, para lá se dirigiram e por ali andaram, acabando por não saber dos seus resultados, que penso nada terem de positivos.

Que dentro desses existem grandes aberturas como algumas canadas, não restam dúvidas!... Ainda que a nossa entrada ali fosse limitada, pelo medo das tareias se chegassem ao conhecimento dos pais, mas mesmo assim quando havia uma oportunidade, logo nos metíamos por esses buracos, não à procura de ouro, mas pelo prazer de descobrir coisas novas, que nos podia custar a vida.

Um dia quando era pastor
Andava junto dos penedos
chegou junto de mim um senhor
fazendo-me perguntas de enredos.

Sim!... Este é o penedo dos mouros
Foi o que ao senhor respondi!
Dizem que há lá grandes tesouros...
mas eu por mim, nunca os vi...

Consta-se também que existiam canais interiores por baixo dos penedos, atravessando o rio Ceira, saindo na Serra da Castanheira, do outro lado de lá, junto à povoação das Gralhas, onde também havia uns desconhecidos túneis. Segundo as lendas, esta passagem

subterrânea era para os mouros não serem vistos, quando traziam o ouro, para o esconderijo dentro dos tais penedos.

Outra lenda que o povo de Fajão tinha bem viva na sua memória, foi o processo como os conseguiram enganar, para os tirarem dali, de dentro dos penedos onde se refugiaram. Isto como que os mouros de coelhos bravos se tratasse ou que... ou que todos tenham sido corridos sem ficar nenhum atrás, pois a lenda diz assim:

Já por vários dias que os expulsores tentavam mas sem êxito, tirá-los de dentro dos penedos onde se encontravam refugiados, e como os segredos dos penedos só eles os conhecem... não era fácil tirá-los dali, até porque os vigias estavam armados não deixando chegar ninguém junto dos penedos, pelo que então fizeram o seguinte: numa noite escura e do lado de lá do rio, junto à povoação das Gralhas, na Serra da Castanheira, largaram uns milhares de cabras pela encosta, com uma vela acesa em cada chifre, afim de chamar a atenção aos mouros vigias deste lado de cá, para saírem dos seus esconderijos e verem este cenário nocturno, ou melhor, uma traição!... E segundo a lenda, tal invento deu resultado... os vigias ao verem tal coisa nunca antes vista, foram comunicar aos seus chefes que de imediato saíram fora dos seus alojamentos, para ver essa coisa inédita!

Foi então, quando os mouros estavam da parte de fora dos seus covis, apreciando esse cenário de luzes, os seus perseguidores já ali escondidos esperando por esta oportunidade, caíram sobre os indefesos mouros distraídos em admiração dos luzeiros misteriosos, não podendo entrar mais nos seus esconderijos, porque os seus inimigos correram sobre eles com paus e pedras, sem qualquer compaixão ou piedade, por essa encosta íngreme de vinhas, que eles tinham conquistado aos baldios, e só tiveram algum alívio, depois de passarem para o outro lado do rio.

Em noite escura e sem estrelas
por estas encostas de morros
nos cornos as cabras com velas
para enganar os pobres mouros

Deste modo foram traídos
Por essa grande falsidade
assim foram dali corridos
Sem a mínima piedade.

Nesses penedos da Penalva, existe uma portela com cerca de 50 m em que não há penedos. Era neste lugar onde ousavam passar os pastores com os seus rebanhos, de um lado para o outro, ou seja do lado dos Cavaleiros para o lado da Ponte. Esta portela é conhecida por toda a gente destes lugares por «Porta da Falsidade». Diz a lenda que foi por aqui que os mouros passaram, sob a forte pressão dos perseguidores quando foram falseados, pelo que tal nome ficou desde então até aos nossos dias.

Diz a lenda que dias depois dos mouros terem sido mandados embora, apareceram dois poemas escritos num penedo nesta portela, que eram bem conhecidos na nossa comunidade, e muito cantados pela nossa gente, tanto no cultivo das terras, como nas serenatas da rapaziada aos sábados á noite, que eram os seguintes:

Ó porta da falsidade
Que tanto nos falseaste
sem compaixão nem humanidade
por essas vinhas nos cansaste.

Com as gotas de suor
à terra arrancavamos o pão
agora com as lagrimas de dor
fugindo regávamos o chão.

Há tantas histórias e lendas acerca dos mouros por estas aldeias, que não seria fácil escrevê-las todas, mas nem tudo são histórias lendárias, e ainda que os mouros não deixassem esses tesouros escondidos nos penedos, mas deixaram muita coisa à vista, que nós aldeões poderemos ver e até usar, como no caso das minas e nos canais de regadios, não pondo de parte a hipótese, de por ali terem deixado algo de valor, que nós desconhecemos. Pois se era

neste lugar, que faziam os intercâmbios comerciais, e a sua maioria fugiram deixando tudo atrás, por nada poderem levar... tudo é possível! Pensa-se também que era aqui que viviam os mouros ricos da região, por aqui se sentirem mais seguros e confortáveis, pela sua altitude, e sempre que se fala em tesouros escondidos, logo nos lembram os penedos da Penalva.

Penso que se os arqueólogistas fizessem um estudo a estes penedos e as suas actividades, assim como a muitos lugares por estas terras escondidas nestes altos montes beirões, estou crente que não perderiam o tempo por certo, pois há muita coisa que não passa de lendas, mas também há muita coisa que não são lendas, porque existem na realidade, mas que o povo destas aldeias, nunca se quis dar ao trabalho de pelo menos acompanhar o som da lenda!...

Agricultura não os esquece
Nem a força e o som do malho
ainda hoje o mouro se conhece
como um símbolo do trabalho.

Foi esse povo que uma vez
Nas nossas aldeias viveu
com tanta perfeição e rapidez
ainda nenhum mais apareceu!

Ninguém enriquece a trabalhar
Mas quando se trabalha num todo
o mouro nunca nos devia deixar
Para ensinar o nosso povo...

Expulsaram este povo esperto
Portugal, tu muito perdeste
hoje, nem a Mouritania de certo
já não tem mouros destes.

Os penedos de Penalva!
É a flor dos nossos rochedos
neles há muitos segredos
e lendas que o povo conhece
duma civilização que não esquece
que foram os mouros no passado
lá dentro está tudo furado...
dizem as lendas de Fajão
lá dentro era a habitação
dessa civilização destinta
ainda que muito se minta
Há muita coisa verdade!...
Desde as portas da felicidade
até ao monte da raseira
mesmo que acreditar não queira
estes lugares eram dos mouros
Dizem haver por ali tesouros...
Nestes lugares escondidos
quando daqui foram corridos
nada puderam levar!...
Mas não podemos ignorar
O valor da sua cultura...
esse trabalho da agricultura
e as suas obras imortais
por todo o lado há sinais
da sua grande bravura.

Até parecia magia
seu trabalho, sua arte.
Pois vê-se em toda a parte
do Carvalhinho à Sueira
era nesta encosta inteira
o forte da agricultura
desbravavam a terra dura
tornando-as cultivadas
fizeram pequenas assentadas

desde o rio aos altos montes
com paredes minas e fontes
fizeram da encosta um jardim
para um dia ter um fim.

Nessa íngreme encosta
ainda há muito para amostra
mas já em incultas courelas.
Trabalhei tanto, tanto nelas!...
Das vinhas aos Carvalhinhos
para uvas e grandes vinhos
esta encosta era ideal...
uma das boas em Portugal
não inferior às do Douro...
mas este jardim era mouro!...
De bons olivais e boa vinha
dava desde manhã à noitinha
o Sol, esse grande tesouro.

Vinhas, um verdadeiro presépio!
com erguidas paredinhas
por isso se chamavam vinhas
com uma assentada na cova
foi sem dúvida uma obra
que o povo mouro ergueu
e Fajão já mais esqueceu
as terras que eles deixaram
quantas lágrimas choraram
pelo que deixaram atrás
o homem de tudo é capaz
Desde o passado ao presente
aconteceu a muita gente
mesmo nos tempos em que estamos
actos cruéis e desumanos
contra aquele que trabalhou
nesse país que imigrou

por política ou necessidade
é digno de solidariedade
ou mesmo por aventura
deve-se respeitar quem procura
por uma melhor situação
para ter mais liberdade e pão
também o mouro imigrou
e tudo por aqui deixou
nesta que é nossa nação.

CAPÍTULO III A HABITAÇÃO

As habitações por estas terras serranas, eram pouco confortáveis, e até de muito pouca beleza. As casas eram feitas de pedra e barro, e tal arquitectura, era mais ou menos igual, em todas as terras desta vasta região. As paredes naquele tempo, por falta de posses, não eram revestidas na sua maioria, com o tal reboco de areia e cal, que lhes dava mais beleza e graça, como também mais limpas e confortáveis e mais resguardadas do frio, este, o principal problema desta gente, nas longas noites de inverno, em que se fazia passar, pelos buracos das paredes, quase que gelando as pessoas, nos seus próprios leitos.

As pedras eram arrancadas das pedreiras, por homens especializados nestes trabalhos, e com o barro tirado do solo, onde houvesse este mineral, que quase sempre se encontram grandes filões, depois de desfeito e amassado, o que era sempre bastante difícil a sua dissolução, era a base principal, ou mesmo a única, para a construção das casas desses tempos. Nenhuma construção se podia chamar sólida e segura, sem este tão útil material, que depois de seco, era um verdadeiro cimento. Assim os pedreiros iam acammando as pedras umas sobre as outras, e assim se erguiam altas paredes, dessas casas de habitação, como, até grandes prédios, que ainda hoje existem, e em bom estado de segurança, por muitos lugares, não só nas beiras, como em muitas partes de Portugal, e não só.

Este processo de construção, não é coisa dos nossos dias, vem mesmo do tempo dos egípcios, passando por todas as civilizações, até à descoberta do cimento nos nossos dias.

Como não havia ferro e cimento, para fazer as infra-estruturas

para apoiar os andares, as paredes dessas casas, começavam com uma fundação, cuja largura tinha de ser de acordo com a sua altura. Raramente se faziam casas, além de terceiro andar.

A largura das paredes das casas, na sua fundação, tal como já se disse, eram consoante as suas alturas. Se as casas eram de dois andares e sotão, geralmente começavam a sua base, com uma largura de cerca de 90 centímetros, que se seguia até ao primeiro andar, aqui era a primeira redução da parede, em cerca de 20 cm para o suporte da trave e caibramento, para o assento do primeiro sobrado. Daqui a parede, deixava para trás os 20 cm., seguindo até ao segundo, com cerca de 70 cm, aqui de novo, era feito outro assoalhamento, e a parede uma vez mais reduzida, com os mesmos 20 cm, tal como no primeiro andar, a base necessária para o novo piso. A parede seguia agora com cerca de 50 cm, até ou próximo andar, que seria o sotão, onde voltava a ter igual redução, seguindo-se até ao seu final, com os restantes 30 cm, onde finalmente era feito o último caibramento, para o suporte do pesado telhado, quase sempre coberto com pesadas lajes. Depois das paredes completas, o trabalho era entregue aos carpinteiros de novo, e só voltava por último aos pedreiros, para fazerem o assento das lajes, o seu último trabalho nesta obra.

As casas onde se vivia
deixavam muito a desejar
pelos buracos se ouvia
o vento a assobiar !...

Com as lajes no telhado,
e de madeira as janelas
como eram de pedra e barro
não havia conforto nelas.

Estes pedreiros, eram na realidade bons profissionais, na arte de pedra e barro. Quando a obra chegava ao cimo, era entregue aos carpinteiros, que começavam os seus trabalhos pelo telhado, afim de o pedreiro poder dar o seu ponto final na obra, no que a si dizia

respeito, e aqui terminava o trabalho, deste verdadeiro homem de arte, que quase sempre sabiam mais, que assentar pedras, com perfeição e segurança, como também eram eles que as arrancavam das pedreiras, que com elas, levantavam desde as mais humildes casas habitacionais, até aos mais famosos monumentos e castelos, orgulho da nossa arte.

Carpinteiros, outros grandes profissionais do passado, tudo sabiam fazer, no que dizia respeito a madeira, desde o corte das árvores, até às mais finas artes manuais. Como não havia máquinas como hoje, em que tudo é mais fácil, mais rápido, mas nem por isso mais perfeito, esse profissional do passado tudo fazia, com as ferramentas da sua arte e movidas pela força do seu braço.

Se as casas nessas aldeias não tinham grande beleza, nem o verdadeiro conforto, para os seus habitantes, não era porque não houvesse bons profissionais, de grande capacidade e valor artífice, sim, o problema não estava na arte, mas sim nas possibilidades precárias da maioria em geral.

As condições pobres desta gente, não lhes permitiu pagar a estes artífices, aquilo que era necessário, para um mais adequado conforto nas suas casas, como também não havia dinheiro, para os materiais necessários. Era devido a estas dificuldades, o motivo porque as grandes necessidades existam, e ainda continuam a existir, em muitos lugares, mesmo nos dias actuais, nas pessoas de menos recursos financeiros.

As casas nas aldeias, especialmente as mais antigas, em muitas delas, já havia muitos buracos nas suas paredes, devido ao tempo que foi comendo o barro, e algumas pedras ficavam soltas, vindo a cair dos seus lugares, e raramente voltavam aos seus lugares primitivos, umas vezes por descuido, outras porque a sua colocação, exigia mão de artista, por vezes em lugares que não era possível a um qualquer, e para pagar, nem sempre estava ao alcance de o poder fazer, despendeu aquilo que não se possuia, era sempre algo, contra os princípios desta gente, que só gastavam quando tinham.

Para evitar as clareiras, por vezes tapavam-se os buracos, com farrapos pela parte interior, onde se não podia fazer pelo exterior, e desta maneira, serviam de ventiladores, nos dias quentes de Verão.

Os telhados, que geralmente eram cobertos com lajes, no topo destas, eram colocados pesados penedos, afim de evitar que os ventos as removessem dos seus lugares. Este sistema de telhados, não era o mais apropriado, nem o mais seguro, ou confortável, visto deixar entrar muito frio e até chuva, mais quando o vento assopava em direcção oposta, mas era o que estava ao alcance dos locais.

Em dias de grandes chuvadas e fortes ventos, tal como em tempos de neve, esses ventos puxavam-na para o interior do sotão, e muitas vezes éramos surpreendidos, com uma visita, dessa tão apreciada neve, mas sempre para os mais novos do lugar, não somente para o prazer das atractivas brincadeiras, mas também por não se trabalhar, durante esses dias nevosos.

Pelos anos da década quarenta, poucas casas havia em Fajão, como até nas circunvizinhas, cobertas com telha. Apenas me lembro de umas seis, cobertas com telha antiga, a conhecida caleta, e umas outras seis, com telha marselha, sendo esta já considerada um luxo. Casas caiadas, eram também umas seis; a igreja matriz; as capelas; as escolas; a casa do antigo professor; a dos Campos; a do S. J., ourives, do S. Martins e dois indíviduos de Lisboa. Havia também umas cinco, com reboco nas janelas, sendo o símbolo, dos chamados remediadados da aldeia.

As janelas à volta caiadas
um hábito que havia então
eram as pessoas remediadadas
que viviam na região

Casa branca lá na aldeia!...
E com telhas no telhado
dava-nos logo a ideia
de ser um rico privilegiado.

Casas com instalações sanitárias, para as necessidades fisiológicas e higiénicas, apenas conheci duas, e com as mínimas condições, ou seja, somente a sanitas e nada mais. Todas as outras, era algo que

não constava nem na mente dos seus ocupantes, nem mesmo nas casas feitas de raiz. Este era para alguns o primeiro problema, e para os mais pobres, era o terceiro, além da escassez de alimento e agasalho, era este que se seguia; por vezes tinham de fazer as necessidades, em lugares pouco próprios, mostrando muitas vezes sem querer, aquilo que sempre mais pertendiam esconder, quando estas necessidades eram feitas ao ar livre, que eram quase na sua maioria. Quando feitas em casa, geralmente era na loja onde guardavam os suínos, e depois, estes animais se encarregavam do resto.

No trabalho, era combinado!...

No campo! Quando garoto
os rapazes faziam num lado
e as raparigas era outro.

O pior era p'ras visitas!
Quando vinham das cidades,
como não havia sanitas
estes tinham dificuldades.

A higiene por estas aldeias, também era coisa difícil para se poder familiarizar com a maioria da gente destas povoações; não porque não fossem até bastante limpos e asseados, mas pelas condições precárias, das miseráveis habitações em que a maioria viviam. Devido ao excesso de trabalho e a sua própria natureza; a falta de condições para se poder alojar toda a família debaixo do mesmo tecto, e muitas outras coisas mais, que a higiene exige, mas que não existiam nessas casas, cheias de escassez e limitações, sem falar do tempo, que para a higiene é necessário.

Geralmente quase todas as casas tinham um lavatório junto da cosinha, com uma bacia, e na sua base, havia um balde, para aparar a água, que vinha da bacia superior, sempre que esta era usada; junto estava sempre um jarro com água, para o uso da lavagem. Havia também ao lado da bacia, em lugar apropriado do lavatório o suporte para o sabão e toalha, que quase estava sempre no seu posto. Aqui era o sítio, onde pela manhã, as mães exigiam que os

seus filhos lavassem a cara, o que muitas vezes, só se fazia, quando o rabo era aquecido, com a colher de pau, que as mães tinham sempre à mão, não só para o uso da comida, mas também para a disciplina, quando da desobediência às ordens maternas.

Quanto aos pés, a rapaziada raramente os lavava, a não ser que fosse obrigado a fazê-lo, geralmente os pés só eram lavados quando chovia, mas como também não era hábito usar lençóis, quando as mães se apercebiam dessa sujidade, era logo ordenada a sua lavagem, que quase sempre tinha lugar na pia do adro.

Quase todas as famílias da terra tinham uma enorme bacia, tipo banheira, para um banho geral, às vezes semanal, os que não possuíam esta bacia para os seus banhos, lá teriam outros processos, para combater a sujidade.

A água mãe da limpeza!...
Que lava para ti, e para mim...
higiene!... Em lares de pobreza,
não é tão fácil assim...

Quando era grande a filharada...
e que não havia dinheiros,
nunca uma higiene adequada
A dormir-se em palheiros...

A rapaziada raramente usava estes métodos de limpeza, a não ser que os pais, ou outros responsáveis pela criação, os obrigassem a tal, de contrário nunca... De Verão, iam ao rio, como também tomavam os seus banhos em poços, escolhidos para este fim. De Inverno, ainda que não pudesse ir ao rio, como aos poços habituais, não havia problemas para estes, pois ainda que algumas semanas se passassem sem banho, havia outras alturas, em que tomavam muitos duches, e quase todos, contra a própria vontade, desta maneira, mais que verdadeiramente necessitavam. Os tais duches, que a chuva a todos impunha, e fazia com que a limpeza estivesse em dia. Estes duches como eram gerais, também as raparigas tinham a oportunidade, de usufruirem estás dádivas gratuitas, du-

rante o Inverno, não tendo assim que se preocuparem. Para estas, no Verão era sempre mais difícil os seus banhos, não tendo as mesmas facilidades dos rapazes, contudo, lá tinham também as suas maneiras próprias de se defenderem em favor da higiene, ainda que sempre muito cautelosas, para não serem apanhadas pelos rapazes, que andavam sempre a espreitar, e como não havia fatos de banho, como nos dias de hoje, e como também, a vergonha de mostrar o corpo ou parte dele, era mais que nos dias em que vivemos, as coisas para elas, não eram tão fáceis assim.

No tempo em que era moço
Fatos de banho não havia
Nu, me banhava num poço,
e no Inverno, quando chovia.

Quando as moças iam nadar
Usavam uns largos vestidos,
para se poderem resguardar,
dos rapazes, sempre atrevidos.

Como os tempos mudam de maneira tão drástico! Nesses tempos, as moças guardavam os seus corpos, como uma coisa preciosa, e que na realidade o é; hoje, a juventude e não só, não o escondem, mas antes o mostram, e o fazem de tal maneira, que é mesmo, uma publicidade sexual! Estas leviandades, vão, e até já estão a custar muito caro!...

As casas não estavam, tal como muitas ainda hoje não estão, preparadas, para as condições climáticas que se fazem sentir, naquela região, devido à altitude dos seus montes.

O termómetro ali desce muitas vezes, aos cinco e dez graus, quando não mais, na escala negativa, e o aquecimento das casas em sua maioria, é apenas o calor da cozinha, o qual pouco ou nada se faz passar para o interior da casa, onde estão os quartos de dormir, assim como outras salas que têm de ser usadas durante o dia.

As camas e a roupa por vezes eram como o gelo, assim como todas as casas em geral.

O que valia a esta gente em noites de temperaturas negativas, era uma forte fogueira, e ali se punha a roupa a aquecer, para em seguida se vestir. Usava-se também, pôr um penedo na brazeira e uma vez quente, era embrulhado num trapo ou qualquer outra coisa, e em seguida se punha na cama, debaixo das mantas, estas sempre frias, dando mesmo a impressão de humidade.

Nas grandes famílias, como geralmente os quartos de dormir eram poucos e pequenos para poder acomodar o maior número possível junto dos pais, dormia-se aos 3 e 4 em cada cama, num espaço que mal dava para dois!... Dois dormiam para os pés, outros para a cabeceira. Isto ajudava muito a combater o frio que ali se fazia sentir. O pior, era para aqueles que tinham de dormir pelos palheiros descampados, sem qualquer conforto ou abrigo, no caso de grandes famílias, como foi o caso da família Vicente, da qual faço parte, em que muitos de nós, dormiamos por mais tempo nos palheiros, que debaixo do telhado habitacional, pelo motivo de apenas haver um pequeno quarto de cama, para poder albergar esta, a maior família, não somente a da terra mas mesmo a do concelho desse tempo.

Esta era uma das grandes razões porque ninguém gostava do Inverno, e o mês de Abril era sempre mais desejado e esperado de todos; era como quem esperava por uma alma salvadora, quando a vida está em perigo e precisa de salvação.

A cozinha era o lugar onde se passava uma grande parte do tempo, em especial nos dias de Inverno. Mas nem sempre era o lugar de mais conforto, porque muitas das cozinhas não tinham chaminés para escoar o fumo da fogueira, que por vezes, pairava por toda a casa, tornando-se a cozinha um lugar impróprio e inconfortável para ali permanecer mas como não havia melhor lugar, com ou sem fumo era aqui, que tinha de se passar a maior parte do tempo, nesta estação do ano.

O Inverno muito frio trazia
Aos mal vestidos e calçados!
Não sei como se resistia
E não morriam gelados!...

Quando, muitos filhos nos casais...
Quartos p'ra todos não dava!
As filhas ficavam perto dos pais.
Os rapazes, por onde calhava...

Para cozinhar, como não havia fogões, costumava-se fazer no centro da cozinha sobre uma grande e espalmada pedra, chamada lareira, e aqui se fazia o lume para se fazer o alimento diário.

À volta da fogueira, geralmente havia três panelas de diferentes tamanhos. A maior tinha como função de ali se cozinhar a comida para os suinos, como também para o aquecimento das águas, para a lavagem da louça, ou outras necessidades da casa; a segunda, para fazer o caldo da família, para o almoço e ceia, que quase sempre era feito pela manhã; a última e a mais pequena, para a cozinhar o segundo prato, para quem tinha esse privilégio, pois era coisa que não estava ao alcance diário, de todas as famílias de Fajão, como tantas outras por todo o país.

Essa pedra chamada lareira,
Sempre no centro da cozinha!
O caldo se fazia à fogueira
e o segundo p'ra quem o tinha!

A cozinha, o único conforto
Que nestas casas havia...!
A fogueira, era o do corpo
e do estômago, o que se comia

A cozinha nas casas das nossas aldeias, nesse tempo do passado, era o lugar do convívio familiar, onde mais tempo se passava, nessas noites longas do Inverno. Era também o lugar mais concorrido da miudagem faminta, sempre em busca de algo que se pudesse mastigar, mas quase sempre cheia de limitações.

Geralmente todas as cozinhas tinham o chamado caldeirão, que era uma longa e forte corrente de elos em ferro, estando uma das suas extremidades presa e de maneira bem segura, no caniço.

Este era o nome que se dava ao forro da cozinha, onde eram secas as castanhas que nessa altura era coisa abundante, e se curava o enchido. A corrente ficava em prumo com a lareira, e na extremidade inferior tinha uma espécie de gancho, para regular a subida e descida dos elos da corrente, quando em uso das panelas ou caçarolas, para os cozinhados habituais.

Havia também uma mesa móvel onde eram servidas as refeições, que descia e subia, sempre que era necessária, a razão de ser móvel, é que desta maneira não ocupava qualquer espaço na cozinha, sendo segura por um cravelho no topo do frontal da cozinha. Também se usava chamar mesa de tripeça, por uma parte sólida estar pregada no frontal da cozinha, e de toda a mesa se mover dessa parte, e como tinha duas pernas também móveis, por isso se lhes chamava tripeça.

Quase sempre quando as famílias eram grandes, as casas eram pequenas, uma vez assim, as dificuldades aumentavam, como o conforto era também mais difícil, como até quase impossível uma acomodação adequada, para toda a família se poder albergar debaixo do mesmo tecto.

Por esta razão, não havia quartos em número para todos os agregados da família. Os poucos quartos que existiam na casa, não tinham as mínimas condições, para se poderem chamar quartos, mas antes cubículos de dormir. Eram tão grandes, quanto o tamanho da enherga, que não ia além de 120 cm por dois metros, assente sobre quatro tábuas, estas suportadas por dois cavaletes. O lugar livre que havia, era apenas o espaço para uma cadeira onde se usava deixar pela noite, os fósforos e a candeia, isto sem qualquer claridade, visto não haver janelas. Estou-me a referir à casa onde vivi, em que só tinha uma janela para toda a casa, mas esta não era uma excepção, pois em outras iguais se criaram grandes famílias também.

O enchido e as castanhas
Eram secas no caniço!
Com fome, aprendiam-se manhas
E se roubava tudo isso!

Na cozinha se usava
Essa mesa de alçapão,
Que logo se levantava,
Quando terminava a refeição.

Caldeirão, essa forte corrente!
No topo tinha uma argola
Em baixo um gancho p'ra trempe
Onde se punha a caçarola.

Castanhas, era a alegria
Dos que não conheciam farturas!
Era um fruto que se comia,
Cozidas, assadas ou cruas.

Estas dificuldades de alojamento, nas famílias grandes e pobres, tal como já atrás se disse, trazia grandes problemas para os chefes familiares, como para até os filhos em geral. Uma vez que os filhos mais velhos não dormiam debaixo do mesmo tecto, onde ficavam os pais, logo ficavam fora do seu controlo, e por vezes quando os pais julgavam estar os seus filhos deitados, estes andavam na boa vai-ela, até às tantas, especialmente não tinha que se ir ao mato pela manhã, e mais por necessidade que por maldade, nunca se fazia obra boa.

Geralmente estes lugares secundários, onde dormiam os mais velhos, eram os chamados palheiros onde se guardava o pasto para os animais, e ali num canto, se arrumava uma cama, cabendo a responsabilidade de a fazer, a quem nela dormia, e desta maneira estava sempre por fazer.

Além de não haver conforto nem agasalho, para enfrentar as noites de temperaturas negativas, também a higiene era muita pouca, devido às circunstâncias do lugar. Ainda que a maioria da gente da aldeia, não vivesse estas dificuldades, mas alguns as viveram infelizmente, como coisas até mais chocantes e penosas, que só as não escrevo, por vergonha.

A mãe ameaçava a gritar
aos filhos pela noitinha:
Hai de vós, se não se forem deitar
e me andarem na giraldinha...

Geraldinha, uma expressão!
Como coio, e saquita,
no pêlo te correrá a mão,
P'la tua chia, e guita!

Eram estas algumas expressões que as mães usam, antes de chegar a roupa ao pêlo dos filhos, pelas punições das suas faltas.

Mobiliário, quer de quarto, jantar ou de estar, ou quaisquer outras mobílias, penso poucos tinham o trabalho de as limpar, por muito, uma meia dúzia em Fajão, os restantes, não possuíam tão grande privilégio. Apenas o padre e mais uns tantos os chamados grandes da terra, que tinham qualquer coisa, mais ou menos a poder-se chamar mobília. Quanto aos restantes fajaenses, assim como muitas outras famílias em diferentes aldeias desta região, penso não haver grandes diferenças, das existentes em Fajão.

No quarto, eram os dois cavaletes como já atrás se falou, com as tábuas para suporte da exerga e respectiva cadeira; nas casas chamadas arremediadas, geralmente já havia as camas de ferro, o que já era um pequeno luxo.

Quanto à mobília se sala, isto em casa de pobres, geralmente era uma mesa grande, sempre encostada a uma parede da sala, e ali eram servidas as refeições de gala, que eram quando se trazia gente de fora a trabalhar, e ali almoçavam ou jantavam, ou em dias festivos, como pela Páscoa para pôr o folar do padre, quando trazia o menino Jesus a beijar. Esta mesa tinha três gavetões, uma com o propósito de guardar algumas ferramentas de pequeno tamanho, na segunda, as toalhas e guardanapos e algumas colheres mais limpas, apenas para o uso dessas especiais refeições, na terceira, para guardar a correspondência, como papéis de importância, tais como documentos, papel de escrever, etc., como até o saco das economias da casa, que geralmente se usava para guardar no fim da gaveta.

Só havia lugar p'ra cadeira,
no quarto onde se deitava
onde se guardava a candeia
se alguma criança chorava

Havia um mesa na sala
com algumas cadeiras à roda,
para servir as refeições de gala
quando vinha gente de fora.

Na mesa se escreviam letras,
Cartas para os familiares!
E nesta mesa de três gavetas
na Páscoa se punha o folar...

Havia algumas fotografias
Junto da mesa penduradas!
nela se guardavam as economias
sempre poucas e bem contadas!...

Além desta mesa, que quase todas as casas pobres tinham, e o mesmo estilo, e que era a principal peça de mobília da casa, havia também um banco comprido, que quase sempre estava encostado junto de uma das paredes da sala, que também fazia parte da mobília da casa de jantar, sendo apenas daqui removido, quando era usada a mesa nesses dias festivos, para servir de assento, visto as cadeiras serem sempre poucas, mas não iam além de duas ou três. Este banco também tinha uma outra utilidade muito importante, e esta era uma das razões que quase toda a gente da terra tinha estes assentos, porque serviam também para deitar os porcos, na altura da matança.

Esta sala, que na linguagem da gente se chamava de sobrado, como geralmente em quase todas, ou pelo menos na maioria delas, eram caiadas, e nessas paredes já muito antigas, havia sempre muitos buracos, que davam um aspecto de penúria, pelo que as pessoas usavam, em especial nas quadras festivas, forrar as paredes com

papel dos jornais, que se iam pedir a uns senhores que eram assinantes da Comarca de Arganil, que sempre os guardavam para este fim. Assim as paredes eram revestidas com esses jornais, tornando-as mais limpas e airochas, mas não sendo por muito tempo, um vez que os jornais eram colados com farinha amassada, que também servia de alimento para os ratos, que logo se encarregavam de destruir toda esta decoração.

Havia também um cabide de madeira, quase sempre pregado num dos frontais do chamado sobrado, onde se usava pendurar os casacos domingueiros, ou qualquer outro vestuário de mais estimação, por ser este o melhor lugar, visto não haver guarda-fatos, como nem todos tinham malas próprias para a roupa, o que também pouco era necessário.

Havia um banco comprido
na sala sempre encostado
nesse sobrado já tão antigo
Com buracos por todo o lado.

Já com buracos a mais
As paredes não eram caiadas...
forravam-as com jornais
P'ra ficarem mais engraçadas.

Como a vida era difícil!
Nas terras pobres da Beira
a miséria a companheira
para o povo em maioria!
Do romper, ao escurecer do dia
era trabalhar como escravos!
E por mal dos nossos pecados
a pobreza, o grande tormento!...
A terra não dava o sustento
Para quem a cultivava.
Era um problema, que começava
a partir desta certeza
os recursos da mãe Natureza.
Tão poucos! É bem de ver
o povo tinha de sofrer!
Agruras da própria vida
na casa onde vivia!...
Deixou tanto a desejar!
O vento passava a soprar
pelos buracos das paredes
até na cama muitas vezes
nas casas em que habitavam
os ventos ali chegavam
com a marca chamada neve!
À pobreza tudo se deve
Nas casas onde moravam!

Mal vestidos e descalços!
O frio se fazia sentir,
e quando a neve estava p'ra vir
O vento se fazia girar,
sem pedir licença p'ra entrar
ou mesmo mandar-nos recado
Vinha mesmo pelo telhado,
porque telhas não havia!
Eram as lajes que cobria!

As casas de pedras rebolos,
mais antigas que os mouros
feitas de pedra e barro
pelo servente amassado
às vezes com o próprio suor!
Este trabalho, foi o pior!
De quantos já conheci
Nessa casa onde vivi,
numa parte renovada
ainda mal podia com enxada!
Mas era a lei de ganhar o pão
Não havia, como hoje televisão!
Fazendo peditórios permanentes,
nunca esqueci os inocentes!...
Mas nunca dei, e nunca pude
Aos que dizem que o trabalho é saúde...
que trabalhem os doentes!...

Com as pedras e o barro
que o servente lhes trazia
mas só o pedreiro sabia
como colocar as pedrinhas
assim seguiam em linhas
mesmo se pedras sem face!
Tentavam sempre um disfarce
com as pedras miudinhas
tanto erguiam casinhas
como castelos e monumentos!
Onde através de muitos tempos
se guardaram tesouros reais!
E até relíquias nacionais
que existiam nessa era!
Ao assentar a última pedra
a obra mudava de mão!...
Era uma outra profissão
Não inferior à primeira

era o trabalho de madeira
que começava no pinhal
tudo se fazia manual!
Desde o pinhal ao montar.
Até o arado para lavrar!
Voltar à terra, o torrão
e para se poder ter o pão
O homem tem que trabalhar!...

Desde o barco p'ra navegação
A cama para dormir
o carpinteiro tudo fazia!
P'ro mais exigente dos nobres
e para o prazer dos pobres
nessas cozinhas rasteiras
assentavam as lareiras
porque não haviam fogões
junto das panelas, os tições
p'ra fazer o alimento
ainda lá não vai muito tempo!
Era assim que se cozinhava
a caçarola pendurada
numa longa forte corrente
chamada por aquela gente
 pelo nome de caldeirão
tinha um gancho de regulação
para o uso, do sobe e desce
e é ali, que ainda se aquece
O povo daquele agregado
quando o frio é marcado
e nos dá o tal desconforto!!
Quando jovem! O nosso corpo...
não sabe a palavra não!...
Agora!... A toda a ocasião...
se queixa desses tempos de garoto.

Viver sem o mínimo conforto
Foi coisa que bem conheci
na casa onde eu vivi!
E nasceram treze irmãos
para lavar a cara e as mãos!...
O que só forçado fazia
nós tínhamos uma bacia
Que num lavatório encaixava
onde às vezes me lavava...
mas sempre um grande castigo!
Não tinha chegado brilho
coisa que vem com a idade!
Quando chega a maturidade
a inocência desaparece!...
Então de maldade se veste
O nosso olhar e pensamento.
E a partir deste momento
o que a inocência escondia
quando se não distinguia
e aqui tudo mudou
Porque essa fase terminou!
Que só nos resta a lembrança
dos tempos, que a nossa esperança
de mais conforto e alimento
são cicatrizes no pensamento
desses tempos de criança.

Costumava-se ouvir dizer
À gente daquela altura
que a gordura era formosura!
Mas tudo mudou depois.
Porque se ouve dizer hoje,
toda a gente quer magreza
se é que isso era beleza!?
Naquela casa era um instituto!
No Inverno, era tempo de luto!

P'ra barriga, destes, e mais...
sem fruta pelos quintais!
Da árvore sempre gentil
o mês chamado de Abril
Com tanta ânsia se espera...
o príncipe da Primavera,
e o Maio rei das flores!...
Voltam aos campos, os lavradores
p'ras suas terras lavrarem
e os jovens a começarem
a dar os primeiros olhares
para escolherem os pares
porque é esta a lei dos mortais
e para se agradar aos pais!?
Mostram o melhor, entre os dois
o ruim... fica para depois!
Foi sempre assim nos casais!...

Esses namoros da aldeia!...
Como até os das cidades
não havia as liberdades
que hoje têm eles e elas.
Namorava-se às janelas,
mas eles, sempre de fora!...
E enquanto se não fosse embora...
as irmãs eram companheiras...
porque nas janelas rasteiras
havia sempre a tentação!
O tal nervoso, que tem a mão...
como também os tais pecados
dos chamados beijos roubados!
Que na cidade era usual,
na aldeia nem pensar em tal!
Havia a vigilância serrada
E enquanto não estivesse casada
Por causa das línguas do povo

e não é coisa nenhuma de novo
Quando surge a oportunidade...
dar um beijo!... Não é leviandade!
Mas visto por uma linguareira!...
Ainda que fosse por brincadeira...
porque, rapariga beijada
Já muito difícil arranjava
Outro rapaz na mesma aldeia...

A Primavera nos Montes e campos!
Com lenteiros em muitos lados,
p'ra li se levavam os gados
A guarda dos seus pastores
e em toda a parte as flores
cheias de aroma e beleza
a prova que a mãe Natureza
É a mais real e perfeita!
No campo, p'ra haver colheita
Começavam as sementeiras
terrás, divididas em leiras
para o cultivo dos milhos
e para fazerem regadios
o povo tinha uma escala
que tinham que respeitá-la
dia e noite, por toda a gente
água que corria em corrente
regando à luz do luar!...
Ouviu-se a Coruja a cantar,
no pinhal da velha estrada
acompanhando a bicharada
nessa sonora melodia
Na noite que muito se temia
Por feras e superstições!...
Para terem o pão, os Beirões!...
Era assim que se vivia...

CAPÍTULO IV

O ENSINO

O ensino em Fajão, e terras aqui agregadas, era uma das coisas boas que ali existia, vindo já por muitos anos, talvez de 1875, do século passado. Por volta dos primeiros anos da primeira República, passou a actuar com duas escolas, uma para cada sexo.

O ensino era muito bom para aquela época, atendendo também ao lugar, não porque as crianças não merecessem e necessitassem uma boa instrução, mas porque naquele tempo, o mínimo de instrução exigido no país, era apenas de saber ler, escrever e contar. Lei que se estendeu, até aos fins dos anos quarenta, embora que em Fajão, nas décadas de vinte e trinta e até mesmo antes, a maioria dos jovens desse tempo, tiveram a oportunidade de tirar o exame da quarta classe, e foram muitos que o fizeram.

A razão porque muitas destas crianças tiraram tão boa instrução, num tempo em que sabiam ler, é porque anos antes, ainda que houvesse professores em muitos lugares, mas as crianças não eram obrigadas a ir à escola, e muitos dos pais, julgavam esse tempo da escola, como um tempo desperdiçado, sendo mais útil o seu serviço no carrego, no campo, ou guardar o rebanho do gado, que perder oito preciosas horas, só para brincar, e depois escrever às raparigas. E logo vinha a tal frase muito usada pelos pais atrasados que só viam o trabalho: eu nunca andei na escola e também ganhei a minha vida! É que o ensino passou a ser obrigatório dos sete aos doze anos, ou então até fazer a terceira classe, e foi assim, porque estes jovens fajaenses tiveram os melhores anos de instrução, de toda a história da nossa terra.

Mais de 80% dos jovens de então tiraram o exame da quarta

classe, vindo a terminar este «Bem» nos fins da década de trinta, passando desde então a ser um desastre, o ensino nesta terra Fajão.

Se a escola não fosse obrigada!!
E a multa fosse pesada,
Ai Jesus!... O que serial?...
Pois no ver de muitos pais.
Só contavam os seus reais
e a escola nada valia...

Havia pais na verdade!
Por egoísmo ou necessidade...
se a escola não fosse um dever!
Nos pais, a ignorância!
E a pouca vontade da criança
Muitos não aprendiam a ler!...

Ainda que por ali passassem algumas professoras de boa capacidade e até vontade, mas o certo é, por isto ou por aquilo, vinham e iam, sem por ali permanecerem por muito tempo, e já bem basta-va, os jovens ali não terem uma oportunidade de passar da quarta classe para um ensino secundário, como ainda perderem esta básica instrução.

Este problema de ensino, que começou por volta de 1938 com a saída dos professores Lamas, ainda que com algumas résteas de Sol de pouca dura, só melhorou com a nova reforma de ensino, do Primeiro-Ministro Marcelo Caetano, que muito beneficiou os jovens aldeões com a sua reforma nova de ensino.

Esta mudança de ensino abriu um novo horizonte aos jovens serranos, privados de uma instrução mais justa e digna, mas que agora com estas reformas, estava aberta também a eles de poderem ir mais além, com possibilidades de um estudo secundário, como um quinto ou sétimo ano, ou até um caminho aberto... quem sabe!... Mesmo mais além! Não tendo que ficar com mínimo, ou até sem este, visto que já por muitos anos, isto vinha a tornar-se cada vez pior.

Ainda por ali passaram
professores que bem ensinaram
por estas terras longe do mar!
Lugares de poucas condições
P'ras professoras com ambições
não servia este lugar...

Esta reforma de ensino
Abriu um novo caminho
p'ros jovens ficarem mais cultos
p'ra quando emprego procurar
não ter que à escola voltar
Como tantos o fizeram em adultos!...

Felizmente, chegou a altura, em que estes jovens foram agregados aos direitos sociais e intelectuais, usufruindo aquilo que faltou aos seus antecedentes, em que o primeiro contacto, que havia, entre os jovens e o governo, era quando este deles precisava, para o servir, quando já criados, na idade de vinte anos.

Porque foi que o ensino falhou em Fajão e muitas terras das Beiras? A razão é muito simples e até tem uma certa lógica, ainda que tivesse de custar aos jovens das nossas aldeias alguns dos seus melhores anos escolares. Mas o que é certo é que os professores que aqui eram colocados, quase sempre eram os recém-formados, vindo de cidades onde tinham todas as facilidades, quer da vida diária como nos prazeres, ao chegarem aqui, tudo isso lhes faltava. Esta era a principal das razões, que nem os professores nem os doutores ou qualquer funcionário público não gostavam de estar por estes sítios, e só por aqui permaneciam enquanto não tivessem outro lugar.

Este foi o problema de ontem, de hoje e será sempre, ainda que já muita coisa tenha mudado nestes últimos tempos, mas os meios grandes são sempre os lugares preferidos, até porque em maioria dos casos, querem ir mais além nas suas carreiras, e por estes lugares é quase impossível. E ainda hoje, estes postos e maioria, são preenchidos pelos recém-formados, quer no ensino, quer na saúde,

e se estes novos formandos são filhos das beiras a coisa aceita-se vá que não vá! Mas de resto, é muito difícil estes lugares para muitos desses jovens professores ou doutores, era como um centro de reabilitação penal, pelo que os seus principais objectivos não era ensinar as crianças que necessitavam dos seus ensinos, mas antes passar o tempo da melhor maneira possível, como até o mais rápido também. Umas vezes com baixa sem estar doente, outras até talvez, sim e assim as crianças iam perdendo o seu melhor.

Outros concorriam para escolas do seu agrado ou com melhores condições, sem deixarem estas abertas para concurso, afim de não serem preenchidas por outros professores concorrentes, para no caso de não obterem a positividade do seu pedido, ficavam por aqui mais um ano, o que não só, não ficavam sem trabalho, como era um ano mais para a sua antiguidade profissional. Em caso de obter o lugar desejado, esta escola uma vez que não tinha sido posta a concurso ficava sem professor! E era assim o mesm que dizer, mais um ano perdido para estes pobres jovens que para eles naquela idade, não só não se ralavam com isso, como até ficavam muito contentes, enquanto jovens é mesmo assim.

Estes problemas que aqui são relatados reflectem como um todo em muitas das outras aldeias desta região, e não só, pois ainda que os problemas não fossem exactamente iguais, mas de qualquer maneira foram problemas que afectaram os jovens aldeões.

Fajão só começou a ter problemas de ensino a partir de 1938, quando o casal de professores, os Lamas, deixaram esta terra e que deles se irá falar mais adiante, pois até esta data como já se disse, o ensino foi a coisa melhor que esta terra teve por cerca de seis décadas, que começou por volta de 1880 com o sempre saudoso professor Cardoso dali natural. Ainda que já não tenha sido do meu conhecimento, mas recordo-me de se falar muito dele, pois morreu quando eu tinha três anos de idade. Era conhecido por «O Professor/Velho» mas penso que o seu nome era: António Maria Cardoso.

Este senhor como daqui era natural, aqui deu escola e educou os filhos e aqui morreu, como deixou as maiores saudades de mestre, de ensino, como também homem digno, honesto e humano;

como digna foi toda a sua família com duas notas especiais, uma do seu filho, o ilustre Dr. José Cardoso, político honesto e deputado da primeira República, antigo Governador de Distrito e Presidente da Câmara da Lousã, a quem a nossa terra muito deve. Segunda, à sua neta Dona Isaura, uma das mais ilustres professoras que a escola de Fajão já conheceu. Só foi pena, que por ali não pudesse ter ficado como o seu avô.

Estes jovens recém-formados.
Vinham para aqui desterrados
sem a mínima condição normal!
E se acostumados às cidades
par eles sem facilidades
Era uma reabilitação penal...

Tanto ao velho professor
como ao seu filho doutor
que a terra lhes seja leve!...
A professora sua neta,
Senhora bondosa e correcta
a nossa terra muito lhes deve.

Esta família Cardoso, começando pelo professor velho como era conhecido na camada mais jovem, era uma família digna, o professor pela vida que sempre dedicou em favor da instrução e da bondade, o seu filho Dr. José Cardoso pelo que fez em favor da terra e da sua gente, e a sua neta, pela boa instrução que deu a esta juventude, durante os anos que nesta terra viveu.

Sucederam a este professor, os Neves da vizinha terra dos Cepos, uma família bastante ilustre, irmão do bispo de Lamego até há bem pouco tempo, D. João da Silva Campos Neves.

Estes professores parece que também vieram bastante jovens para esta terra, onde estiveram por muitos anos onde nasceram, penso todos os seus filhos, uma das filhas veio a ser esposa do Dr. Veiga de Macedo, Ministro de várias pastas no tempo do ditador Salazar.

No tempo dos primeiros anos em que a instrução começou a decair em crise, em Fajão, já este senhor era genro do tal professor Neves e acusavam-no com ou sem verdade, de ter sido ele, nesse tempo já graúdo no ministério da educação, que influenciado pelo sogro para uma vingança contra a povoação, a razão porque não tínhamos professores como nas outras terras, sendo a tal interferência do ex-professor de Fajão. Estes eram os rumores que pairavam nos ares daquela terra! Se é verdade ou mentira, se vingança ou não vingança, da realidade nada se soube!...

De concreto nada conheço acerca deste casal de professores, visto ainda não ter nascido quando eles dali saíram, mas a história que eu vou contar relaciona-se com a sua expulsão desta terra, é verídica, como o são quase todas as histórias quando engloba a gente total de um povo, só que cada geração que passa, as pessoas têm sempre a tendência de aumentar um ponto, tornando a história por vezes mais comprida e enfeitada, mas não neste caso visto ter sido contada pela geração que os expulsou, e para uma maior verdade, a minha mãe contava muitas vezes esta história, por também ter sido envolvida nessa contenda. Isto por volta dos primeiros anos da década vinte. Após casada, minha mãe veio para aqui viver, por esta ser a terra do seu marido, ainda que sabedora que a terra andava em guerra com os professores, mas como nada a ela dizia respeito, ou pelo menos assim o pensava, e como precisava de ganhar dinheiro, e eles precisavam dos seus serviços, continuava a trabalhar para os professores, até que um dia o povo juntou-se e foram ter com a minha mãe, ordenando-a de parar imediatamente de trabalhar para tal gente, sob pena de ser expulsa da terra, e quando é a razão de um povo que fala, não há nada de melhor que obedecer, e foi o que minha mãe fez, a partir daqui.

Segundo o que diziam e era realidade, este casal de professores como profissionais, eram do melhor que havia, bons métodos de ensinar, zelo pelo ensino, dedicados, etc., etc., e segundo dizia minha mãe, até nem eram más pessoas, mas a maneira de actuar e proceder não era do agrado do povo, que já vinham a sofrer por muito tempo. Costuma-se dizer: «na terra de cegos, quem tem um olho é rei»... mas naquele caso, era quem tinha dinheiro!... Mas nem sem-

pre o dinheiro é o mais forte, e foi o que aconteceu nesta terra, mostraram que a força do dinheiro, não é mais forte que a força da razão.

Este casal descendia de uma família de reputação e respeito, como também abastada para quem não tinha problemas financeiros, e junto a este ser, estava a ganância do mais e mais, que em terras de miséria faz um povo mais pobre ainda, foi o que aconteceu em Fajão.

Por estas terras de miséria o dinheiro para eles não tinha fim, na sua bolsa segundo diziam, havia sempre dinheiro para comprar tudo o que na terra se vendia como nas terras vizinhas, cobrindo sempre o lance de um segundo interessado não dando uma oportunidade a ninguém; a outros emprestava dinheiro, se é que tinham propriedades, e se depois, não tinham para pagar o juro ou o principal nos tempos combinados, isto no após guerra em que as pessoas viviam pior que nunca, e como isto não chegasse ainda, veio a epidemia pulmónica, que matou mais que a própria guerra, e os que ficaram foi no maior das misérias, devido a estes dois desastres seguidos, qual deles o maior! Muitas das pessoas perderam os seus bens com o fim de salvarem os seus, em favor dos que tinham dinheiro para emprestar.

Ouvia quando menino,
que este problema de ensino
não foi uma coisa de herança
Mas desse, que ali ensinou...
e como o povo o expulsou
Ele fez a sua vingança!...

Logo o após da grande guerra
E por esses lugares da terra,
onde passou a gripe Espanhola,
houve casas que todos morreram
E alguns que sobreviveram
ficaram a pedir esmola!...

O povo reconhecia que nada estava errado dos professores comprarem ou emprestarem dinheiro, e não foi por isto que o povo se pôs em pé de guerra com os professores, os grandes do dinheiro, mas sim por tudo o que compravam, impunham umas fortes restrições, criando uma maior dificuldade e mais miséria a esta gente, pelas novas terras que adquiriam.

Agora as terras em maioria estavam em seu poder, a gente necessitava das suas terras para sobreviver, sendo sempre arrendadas em condições miseráveis! Em maioria dos casos os três por um: uma parte para quem as cultivava, e três para o dono da propriedade, quando o normal era 50% para cada. A quedavam as testadas além dos limites, nunca antes acontecido, como também ninguém mais fazia, tornando-se quase impossível em muitos lugares a passagem com os gados.

Este povo que sempre foi pacífico e humilde e até hospitaleiro, estava a ficar revoltado, mas sempre com medo de reagir, para evitar um mal pior, pois além de uma vida cheia de dificuldades, estavam-se a sentir prisioneiros dentro da própria terra, mas as pessoas sofriam caladas ou pouco diziam, pois viam nesta família de dinheiro uma força que eles não podiam vencer e mais que precisavam das suas terras, essas que ontem tinham sido suas, mas agora em poder do professor, para delas tirarem o pão, mas pensavam ser melhor sofrer a miséria em paz, que uma maior miséria em guerra, e foi assim que foram vivendo e andando até que um dia, se uniram e como em pé de guerra, perdendo o medo como o respeito pelas suas terras como pelo seu dinheiro, e num unido eco da justiça e da razão!... Disseram chega, não mais! A guerra começou desta maneira:

O professor comprou um casal chamado Velecouve, no fundo de duas serras que desde a ribeira até aos visos será cerca de mil metros aproximadamente, por dois mil pelos visos, ainda que estes limites já não pertencessem a Fajão, mas sim à vizinha freguesia do Cabril, mas como ficava bastante longe de Cabril, e muito perto de Fajão, era este povo que explorava estas terras, quer no mato para o gado, na lenha para o uso da casa, na vegetação dos rebanhos, etc., etc., apenas não se podia fazer carvão, privilégio este

apenas para as pessoas da freguesia a que estes limites pertencem, e era aqui, que as pessoas vinham buscar mais de 50% do mato para fazerem o estrume para as suas terras, e os pastores passavam a maioria do tempo com os seus rebanhos na parte do Inverno, mas sempre respeitando a privacidade do casal do Valecouve, que penso serem uns 300 metros a partir da casa.

Uma vez esta propriedade passou para a posse do professor, ignorou os tais 300 metros, e pôs como privado ambas as encostas até aos seus visos, proibindo de se roçar os matos ou cárregos de lenha como até a entrada de gados, a que o povo desta vez não lhe obedeceu e já mais olharam para ele com respeito, como já não mais se intimidaram da sua força ou do seu dinheiro. Como foram ameaçados pelas suas desobediências, este povo ficou ainda mais revoltado e decretaram não lhes prestar o mínimo trabalho ou auxílio. Cultivavam as terras, que já antes faziam, dando-lhe apenas os 50% sem quaisquer contratos, e não permitiram que alguém de fora da terra ali viesse ajudá-los, nem mesmo no forno para cozer a broa, tendo de a ir cozer a Relvas, na vizinha freguesia da Teixeira, e se alguém o quisesse ajudar a levar a farinha ou a trazer a broa, teria que o fazer de noite, para o povo não ver. Foi por isso que essa jovem recém casada que para ali veio, essa que viria a ser minha mãe, teve de parar de lhes fazer serviço.

Em tais condições, era impossível poder-se viver tanto ali, como em qualquer parte, pelo que esta família não teve outro remédio que foi abandonar este lugar, deixando tudo atrás para ser resolvido.

Milho, o desejado cereal!
Alguns com pouco por sinal
E outros até sem nenhum!...
Essas terras tão procuradas...
às vezes até arrendadas
No miserável, três por um!

Quando se luta num todo
Não se pode vencer um povo!
Foi o que aconteceu em Fajão!
Nem o dinheiro, nem o poder
Se pode um povo vencer
quando unido e com razão!...

Durante o período da revolta do povo até à saída desta família dos professores, já não me recorda de quanto tempo a minha mãe me disse que foi, mas penso ter sido ainda perto de um ano, ou mesmo mais, qualquer tempo que tenha sido, o boicote nunca foi levantado a esta família, pelo que tiveram de deixar a terra para não mais aqui voltarem, nem mesmo para venderem os seus pertences, deixando esta tarefa ao cuidado de um intermediário, isto segundo a versão do povo.

A este povo que sempre foi pacífico, ordeiro e humano, voltou de novo a paz e a ordem de sempre, tal como aos montes voltaram a liberdade dos gados e dos seus pastores, e as terras em maioria aos seus antigos donos.

Foi a primeira vez que tal coisa aconteceu na história de Fajão, ou mesmo por toda esta redondeza, como nunca mais se repetiu até aos dias actuais.

Este incidente teve lugar penso, nos anos vinte e um, se fosse quinze anos mais tarde, certamente esta gente ou parte dela, teriam sido acusados de agitadores, subversivos e até traição á nobreza e sabe-se lá o que mais aconteceria. Tarrafal?!... Não digo mais!... Mesmo um povo pacífico e humilde às vezes faz cada coisa!... Que até Deus duvida!

Estes indesejados abalaram
e todas as terras deixaram
acabando assim os monos!
Voltou tudo à normalidade
até os montes à liberdade
E muitas terras aos seus donos.

Povo humilde e generoso!...
Revoltou-se contra o poderoso,
Não em busca de uma glória.
Estavam a ficar cativeiros
E p'ra não serem prisioneiros
tiveram de lutar p'la vitória.

Sucedeu aos Neves, o casal Lamas, um jovem casal e ao que parece foi esta a segunda escola da sua carreira de professor, chegando aqui com dois filhos de tenra idade, os restantes penso, serem mais oito, todos aqui nasceram. Aqui viveram toda a família, ficando apenas o professor Inácio por mais dois anos, até à altura da sua tão desejada transferência, desejada, não porque não gostasse de Fajão, terra dos seus oito filhos, mas por se juntar à família.

O casal Lamas ministrou o ensino nesta localidade por cerca de 18 anos, um para cada sexo. Ainda que felizes em estarem nesta terra, tal como esta gente também se sentia feliz por os ter como professores, mas por motivo da educação dos seus filhos, tiveram de pedir as transferências para lugares adequados a este fim, o que já tinham feito anos atrás, mas sem êxito.

Esta transferência deixou muitas lágrimas nos olhos dos que partiram e dos que ficaram, pois faziam parte da família desta terra, e por isso deixaram a saudade no coração de todos, dos mais pequenos aos maiores, não somente em Fajão como em toda a freguesia e não só.

Uma das grandes razões para que o povo ficasse com saudades e coberto de lágrimas em os perder, é porque eles não eram somente uns bons mestres de ensino, mas eram também uns bons discípulos da paz, da justiça e da moral, como pessoas humanas de respeito e dignidade.

Quando os exames chegavam
os alunos se juntavam
p'ra mais umas explicações
só pelo amor de ensinar!
Porque nem os pais podiam dar
Nem era professor de ambições!...

Nunca esperavam por dávidas!
Mas ainda davam com lágrimas
aos infelizes na amargura!
Foi uma amizade que se criou
que muitas lágrimas deitou
Por ser tão honesta e pura!

Este casal de professores, tanto o Inácio como a Dona Maria tinha uma maneira de ensinar muito especial, e não houve nenhum dos seus alunos que não tivesse esta ou aquela história para contar acerca deste professor do tempo de escola, pois alguns alunos tinham-lhe mais respeito que aos próprios pais. Ambos os professores eram duros, mas em especial o Inácio, havia poucas ou nenhuma tolerâncias pelas faltas praticadas dentro ou mesmo fora da escola, até mesmo os alunos quando vítimas dos mais fortes, logo ouviam o nome da justiça: hei-de dizer ao professor! E ainda que fora da escola se tratasse, raramente eram os pais que agiam mas sim o professor, este sempre em favor dos indefesos e da razão.

Quando se fala acerca do ensino nas aldeias provincianas do passado, quase todos são unânimes em dizerem que os seus professores os puxavam de maneira árdua, sempre com poucas tolerâncias nos seus erros como nas suas faltas, pelo que todos tinham de ser estudiosos e disciplinados. Será que eram todos os professores bons nesse tempo, ou os alunos que não eram maus?... Era uma coisa e outra!... O sistema de educação era diferente, os professores não sómente ensinavam como disciplinavam, e os próprios pais não iam contra essas punições dos educadores, até antes diziam aos filhos se estes se queixassem: ainda te devia dar mais! Pelo que nunca havia queixas nem resmungos.

Uma das grandes razões de os professores do passado se dedicarem de alma e coração ao ensino dos seus alunos era porque ao mesmo tempo que os disciplinavam tinham-lhes amor. Recordo os meus dois anos de escola que tive com esse imortal professor, que tinha sempre, ou quase sempre um saco com rebuçados para dar aos alunos que não dessem erros nos ditados, ou para os que fizessem os melhores trabalhos, foi esta maneira cativante e atraente, pois ganhar um rebuçado era como ganhar uma medalha e por isso uma glória, que levou muitos estudantes vencidos pelas suas inferioridades, a virem ser os melhores alunos da escola e até grandes capacidades nas suas vidas profissionais. Esta era uma das razões que com Inácio Lamas, mesmo os burros tinham que aprender, como os refilões tinham de ser humildes e os ruins serem humanos, além disso, eram pessoas com dignidade profissional, tanto disciplinavam e ensinavam os filhos dos ricos como os dos pobres.

Tinha um saco com rebuçados
para dar aos dos ditados
sem erros e boa escrita!...
Assim tentavam estudar
Para o rebuçado ganhar
e não apanhar com a maldita!

Sem resmungos nem acenos
Os maus tinham de ser humanos
E humildes... os refilões!...
Quando elas nos caiam
Até os burros aprendiam
As mais difíceis lições.

Como já se disse, o casal Lamas já por alguns anos vinha fazendo apelos de transferência, à direcção escolar de Coimbra, como até ao ministério da educação, e como sempre, o motivo dos seus pedidos era pela educação dos seus filhos, mas acontece que, em 1936, foi construída uma escola no lugar do Ceiroquinho, po-

voação anexa de Fajão e que passou a servir também as Boiças e alguns casais anexos, tudo isto pertencente a Fajão, ainda rondava os setenta de ambos os sexos, um número mais que suficiente para continuar com as duas escolas uma para cada sexo, como antes.

Baseados neste facto os Lamas voltaram à carga com os seus apelos, alegando que com abertura da nova escola, já não havia alunos em número suficiente para continuar com duas escolas em actividade, podendo ficar tudo reduzido a uma escola mista. Como era ainda uma criança pequena não tenho conhecimento pessoal, mas segundo as vozes do povo, parece que as autoridades escolares não acreditaram totalmente neste argumento, e exigiram do professor uma prova assinada por cada pai de crianças na idade escolar, ou qualquer coisa assim.

Como a maioria das pessoas não sabiam ler e confiavam em tudo o que o professor dizia, e como os líderes da terra, tais como o padre, a junta e o regedor ou desconheciam o fim a que as assinaturas se destinavam, ou mesmo não quiseram saber, não explicando aos pais, pois eles mesmos assinaram também desconhecendo provavelmente as inconveniências e dissabores que tudo isto viria a causar, ao assinarem, sem saber, o fim duma boa educação para os seus filhos e netos.

Há coisas que têm que ser,
Ainda que não gostasmos de fazer
e até não nos ficam bem!
Mas era o futuro dos filhos
aqui na serra escondidos
não podiam ser ninguém.

Há faltas que são por maldade
Mas outras é por necessidade
que têm direito a perdão!
E se algo eles fizeram de errado
tudo lhes foi perdoado
por este povo de Fajão!

Assim os Lamas puderam obter o desejado, sendo transferidos para o lugar que tinham pedido, podendo dar aos filhos aquilo que em Fajão seria impossível.

Assim em 1937 Fajão passou a actuar apenas com uma escola para os dois sexos, sendo fechada a escola das raparigas, na Moita, ficando apenas a do cimo da Vila, por ser a maior de ambas, mas mesmo assim era muito pequena para alojar todas as crianças das duas escolas.

Por falta de espaço, as condições não eram adequadas como não confortáveis, para acomodar todas as crianças, pois não havia lugar para arrumar mais carteiras, tendo que algumas crianças se sentarem em cadeiras, como até outras no chão. A qualidade do ensino também baixou muito e ficou mais pobre, por algumas justificadas razões; primeira, porque agora eram mais alunos e as acomodações não apropriadas tornavam o ensino mais difícil, e ainda um maior número à responsabilidade de um só professor, este o Inácio Lamas, pois à esposa Dona Maria já tinha partido com toda a família. Outra razão: o professor, desde que a família saiu e aqui ficou só, tornou-se mais agressivo, mostrando ter perdido a faculdade da sua paciência, o que é absolutamente normal quando se vive separado, e com responsabilidades familiares, pensando na família ausente e na escola ou mesmo tempo, uma atenção dividida.

O povo agora estava ciente do erro das suas assinaturas, mas era tarde de mais para recuperar o erro, que os seus filhos iriam pagar bem caro nos dias que estavam para vir, mas mesmo assim nunca diminuiu amizade pelo professor, sentindo se até aliviados na suas consciências, como que os problemas dos professores fossem faltas suas, e agora havemos de pedir a Deus que nos traga uma boa professora para ensinar os nossos filhos.

Juntos, os rapazes e raparigas
umas vezes com grandes brigas
outras com boa união!
Como não chegavam as carteiras
alguns se sentavam em cadeiras
outros até mesmo no chão!

Uma vez a família ausente
Era um professor impaciente
e baixinho p'ra si falava!
Era uma atenção dividida
uma personagem agressiva
que já nada tolerava! .

Dois anos depois o Lamas foi para junto da família, que nunca chegou a saber onde, não foi porque as pessoas desconhecessem o nome do lugar, mas antes não serem assuntos de interesses à minha idade. O Lamas ainda ali veio, penso, por duas vezes, mas a família... mas a família nem mesmo a esposa nunca mais.

A partir daqui e por muitos anos, deixou de se fazer exame de instrução primária, ficando reduzida a uma terceira classe, mas isto ainda não foi tudo nem o pior!... Agora que o professor Lamas já tinha saído para outra localidade, por vários anos eram regentes, e sem se saber porquê quase nunca completavam o ano escolar. Tantas vezes vinham no primeiro semestre e já não vinham no segundo, as crianças andavam sempre a conhecer novas caras e diferentes métodos de ensino, como também iam passando os anos escolares sem terem aulas, ficando cada vez mais afastadas da instrução e por isso mais pobres, ou perderem a luz do melhor dos caminhos da vida, a única oportunidade para concretizar a esperança que sempre alimenta, de uma vida melhor.

Uns com pouca instrução, outros semi-analfabetos sem arte profissional, o que mais se podia esperar desta juventude fajense?!... Sei o quanto foi difícil, pois infelizmente também fui vítima desse ensino moribundo, nesses tempos difíceis, que ainda estão na memória de muitos.

Ainda por ali passaram alguns bons mestres de ensino até por excelência, como foi a Dona Isaura Cardoso Cortês, que sem os seus ensinamentos teria ficado analfabeto e muitos mais como eu... mas esta e outras de capacidade, vontade e talento, foi Sol de pouca dura.

Aqui fica parte do que foi o ensino em Fajão do bom e do mau e é também um espelho que se reflecte com pequenas diferenças nas outras terras das Beiras.

Foram estes perdidos anos
nessa idade escolar
a esperança destes humanos
nunca passou de planos
por não conseguir alcançar.

Assim aconteceu em Fajão!
Nesses tempos de criança
talvez a única ocasião
E perder a luz da instrução
Era perder a maior herança!

Pelos altos dessas serras
Longe das idades e do Mar!
Terras que me fazem lembrar
Esses tempos de menino
quando comecei o ensino!
Nessa idade da escola
comecei a vergar a mola
ainda de tenra idade!
Nem sempre era a necessidade
E até nem sei explicar
Comecei aos seis a trabalhar!
Indo com os irmãos e a mãe
trazendo um carrego também
era uma sina marcada!
antes de na escola dar entrada
ter que ir buscar o carrego
E não havia nisto segredo
que íamos sem comer nada
E quando a casa chegava
Punha os livros debaixo do braço
a correr com desembaraço
mas já tinham feito a chamada
A falta estava marcada
ao professor tentava explicar

que andei a trabalhar
mas nem assim era tolerada!...

Não havia uma tolerância
Ou o direito de uma explicação!
Eram as três em cada mão
eram as seis reguadas
com tanta força puxadas!
A mão ficava dormente!
E como não era inteligente
E sem tempo para estudar
era sempre, sempre apanhar
porque os erros eram demais!
Talvez por culpa dos pais?
Dos filhos, tudo queriam tirar
não lhe dando tempo p'ra estudar
esses trabalhos esse dever!
Pois não se pode aprender
Sem força de vontade e tempo
E neste dever de cumprimento
muitos pais aqui falhavam
Nunca os filhos incitavam
quando de manhã ao levantar
obrigar os filhos a estudar
Em vez de os levar consigo.
Seria porque era preciso?...
Como a escola era obrigada,
a lei tinha de ser respeitada
tínhamos que levar o castigo.

Nos velhos tempos dos Lamas
A minha primeira instrução
Essas crianças de então
também faziam travessuras!...
Só que se pagavam bem duras
todas essas leviandades!

Quanto maior eram as idades
maior eram as punições!
Sem direiro a reclamações
porque ainda mais nos caiam
até os burros aprendiam!
A coisa rezava bem fino
Nesses tempos de ensino,
oh escolas... desses tempos!
Ninguém fazia argumentos
nem mesmo queixinhas aos pais!
Fazê-lo era comer mais.
O melhor era comer e calar!...
A régua se ouvia estalar
mesmo de fora, na rua
e com disciplina tão dura
nunca pude concordar!
Porque para se ensinar
não é preciso tal punição!
É o que falta a esta geração
aos que só o tempo querem passar.

Quando se chegava adultos,
a nossa maior idade
em busca de uma oportunidade
tínhamos de fazer decisões
era nestas ocasiões
Voltar à escola, era o caminho,
P'ra na vida mudarmos o destino
e assegurar o futuro
tinha que se dar tudo por tudo
P'ra achar o que perdeu, de novo!
Não seguir a cegueira do povo
E ir p'ra escola estudar
À noite, depois do jantar,
outros do trabalho directos
sempre com novos projectos

em busca de uma oportunidade
que aparece nesta idade
mas não mais é repetida!
Por incapaz ou por fadiga,
ou por não serem persistentes
não tentando ir mais à frente
P'ra ficar mais instruído
como recuperando o perdido
para poder ir mais além
e de certo, que será alguém
Se nuna se der por vencido...

Nos altos dessas serras
havia ali muitas terras
que às vezes caíam nevadas
era a nossa grande alegria
trabalhar não se podia
e as escolas eram fechadas

Enquanto a neve durava
como não se trabalhava
isto era uma alegria
o bom tempo sem trabalhar
tinha que se recuperar
quando a neve já derretia.
E a sina estava marcada
antes de na escola dar entrada
quando na idade escolar
ainda de tenra idade
não havia humanidade
tinham que ir trabalhar

Nevoeiro!... Tempo de medo
Lá íamos nós ao carrego
às vezes sem se ver nada!

Como estavam quase a entrar
não havia tempo ao chegar
nem mesmo de lavar a cara!

Oh! O que nos ia acontecer!
Se não estivesse p'ra responder,
Na hora da escola abrir,
eram as seis reguadas
sempre com força puxadas
que as mãos ficavam a zunir!...

Quem desse erros no ditado
levava sempre um tratado!
Até a mão ficava dormente
como por vezes até preta
sem poder segurar a caneta
quando se não era inteligente.

Se tinha má caligrafia
nem Santo António lhes valia!
Se desse dois erros no ditado
mas se a letra fosse bonita
mesmo com os dois erros na escrita
ainda lhe era perdoado.

A vara estava tão prática
P'ra corrigir a matemática
esta que era comprida.
Com ela o professor apontava
e se a conta estava errada
P'la cabeça era estendida.

Não tinha o direito de ser!
Mas como não sabiam ler
os pais não davam desconto

todo o tempo exigiam
e muitos não podiam
entrar às nove em ponto.

Antes de ir para a escola
com roçadoura ou de sachola
e pelo frio da magrudada
ou à lenha ou ao mato
e à tarde o mesmo trato
quando a aula terminava.

P'ro campo eram empurrados
e à noite já vinham cansados
como até sem disposição!
Sem outra alternativa
como não pôde estudar de dia
tinha que o fazer p'lo serão.

Quando terminada a ceia
à luz fusca da candeia
ali estudava um bocado,
mas logo a mãe avisava
que queria a candeia apagada
porque o petróleo era caro!

Se a escola não fosse obrigada
e a multa fosse pesada!
Ai Jesus... o que seria!?
Porque no ver de alguns pais
primeiro estavam os bens reais
e a escola em segunda via.

Muito poucos aprenderiam!
As crianças antes preferiam
ser livres das suas vontades
e poucas ali davam entrada
se não fosse coisa obrigada
é o pensar das próprias idades.

Tenta recuperar o perdido
E nunca te dês por vencido
se no Mundo quiseres vencer!...
Olha! Não fica mal a ninguém
e para poderes ir mais além
tens que voltar á escola aprender.

Enriquece os teus conhecimentos
Põe em prática os teus talentos
e eles te darão dignidade!
O teu saber te dará valor
mas usa-o sempre em favor
para bem da humanidade.

Vivemos no mundo da droga!
Olha a vida... a grande prova!
E se quizeres ser aprovado
Foge dessa juventude drogada
A portagem dessa estrada
fica sempre muito cara.

Se já andas com esses tais
nunca é tarde demais
p'ra voltar aos bons caminhos
Livra-te das garras dos tigres
no Mundo deveis ser livres
como no ar os passarinhos.

Esses humanos tubarões
Que têem destruido milhões
com a droga!... O grande perigo.
Não te deixes enlaçar?
E se algum te quiser levar
de certo não é teu amigo!

Lembra-te, o futuro é teu!
E se alguém se convenceu
que a droga trás solução
a vida perdeu o sentido
está no mais alto perigo
p'la política e tubarões

Diz não... e não... de firmeza!
Não esperimentes essa fraqueza!
Foge dessas tentações...
destroem tanta juventude
com a liberdade e saúde
para outros ganharem milhões.

O Mundo precisa de ti
Como hoje precisa de mim
e ontem dos teus avós!
Nos tempos que vão passando
o Mundo vem melhorando
com a ajuda de todos nós.

A escravidão acabou
Mas quanto sangue custou
Aos nossos antepassados?
Foram esses de boa vontade
forçados p'ra eternidade
até à morte espancados!

Esta vida é um caminho
de companhia ou sozinho
só passas nele uma vez.
E paga-se bem duro mais tarde
as fraquezas da mocidade
pelos erros que se fez!...

Não te esqueças que o Mundo
E a humanidade em conjunto
que todos temos que construir
se não és cego nem aleijado
E não fazes o teu bocado
não tens o direito de existir.

O intelecto, trabalhador, ou arte,
todo este conjunto faz parte
da máquina da humanidade.
Deves dar o teu suporte
para poder ser mais forte
o amor, o óleo da felicidade!

Põe isto na tua memória:
Dos factos não reza a história
e muito pouco dos vencidos!
Usa o teu saber com prudência
quer fisico como inteligência
e não queiras ser dos perdidos!

Para que não corras o risco
É por isso que eu insisto
p'ra te não deixares enganar
pensa!... pratica todo o bem
e faz tudo por seres alguém
não desistas de estudar.

A fome e o suor que derramaram!
Não estragues o que nos deixaram
Esse bem que o homem fez!...
Sem o peso da chibata
Mas por maneira diplomata
estamos na escravidão outra vez!...

P'ros escravos não há mais chibata!?
Mas antes as armas que mata
Há que ter os olhos abertos
O dinheiro é coisa feroz!!
Já matou os nossos avós
E está pronto para matar os netos.

Este capítulo do ensino que termina com estes poemas, quero dedicá-lo à juventude presente e do futuro, para que se não deixem influenciar pelas drogas nem outros vícios que lhes possam roubar a liberdade de uma vida sadia e pura, e poderem dar ao Mundo o seu contributo, para que todos possamos dar o melhor das nossas qualidades, se estas forem revestidas do bom senso humano, para o bem de toda a humanidade em geral.

CAPÍTULO V EMIGRAÇÃO

A gente da nossa região era um povo ainda que pobre pouco ambicioso e até talvez tímido, de pouco rasgo em aventuras de emigração, em especial para o estrangeiro, de vez em quando lá ia um ou outro para o Brasil ou para a América, mas poucos anos depois voltavam de novo à terra mãe.

Apenas me lembro de dois fajaenses emigrarem para o Brasil, por volta dos anos trinta, e para a América nos anos vinte, os restantes fajaenses já por muitos anos vinham emigrando, mas para Lisboa em totalidade. Sim era para Lisboa o destino migratório desta gente, que em sua maioria só o faziam depois da vida de militar, a não ser que ali tivesse família para supervisar e orientar esses moços, nos princípios das suas idades adolescentes, após a saída da escola, estas idades perigosas que requerem a maior atenção, protecção como até por vezes mãos de ferro, afim de evitar problemas quer de saúde quer mesmo mentais, e era por esta razão que os pais raramente deixavam ir os filhos para esses grandes meios, sem que fossem entregues à orientação de alguém de família ou pessoa de confiança. E mesmo com todos estes cuidados, conselhos e atenções, ainda tantos se perdiam nas encruzilhadas difíceis da mocidade.

Estes jovens migrantes, quase sempre tinham como primeira ocupação, de empregados de comércio, que usavam manter até a ida para a vida militar, e como nem todos os que estavam neste ramo dele gostavam, mas tinham que ali permanecer por não encontrarem melhor, e só depois de estarem livres da vida militar tentavam outros meios, enquanto outros ficavam neste ramo e vinham quase sempre a ser futuros patrões.

Só se começou a emigrar para o estrangeiro mais propriamente para a Europa e América do Norte, por volta dos princípios dos anos sessenta, ainda que alguns tenham emigrado para as então chamadas colónias portuguesas.

Vem de longe a emigração!
Esta, que muita gente procura
Uns em busca de mais pão!
Outros sonhando uma aventura.

Tantos emigram à deriva
P'ra conhecer o Mundo melhor
e se muitos venceram na vida
Outros ficaram bem pior!

Ainda que alguém diga
Que há quem emigre por ambição
foi só para melhorar a vida.
os que emigraram de Fajão.

São sempre os que precisam
que deixam lágrimas e suor
pois até as aves emigram
Em busca de vida melhor.

Para aqueles que ali permaneciam até às suas obrigações militares, depois deste cumprimento, raramente voltaram para ficar e viver na terra onde cresceram, e fazerem dela o seu futuro. A vida militar não era uma barreira como se usava chamar, mas era antes um caminho, mostrando-lhes novos horizontes e que o Mundo não era apenas aquela pequena aldeia cercada de pinheiros e outros arvoredos, e que era apenas ali o seu lugar, sem que tivesse direito também, a esse Mundo desconhecido, que pertence a todos e também a si pertencia, nascendo assim uma esperança nunca antes vivida, quebrando-lhes as amarras do acanhamento e fragilidade, e entrando no caminho de uma certeza, que os seus olhos

não eram mais vendados, mostrando-lhe ter mais abundância e com menos sacrifício, apenas uma questão de aventura, e que não há homens superiores, mas sim com mais ou menos força do querer, que lhe dá sempre o poder de vencer na vida, no Mundo que a todos pertence.

Pelas Beiras nas altas serras
Em muitos lugares isolados
o Mundo, eram as suas terras
E os seus campos semeados!

Estrangeiro, muito distante?
Viajavam semanas no Mar
o sempre medo do emigrante
era de ir, e não mais voltar!

Quem nesta terra vivia
Era pouco de emigrar!
aqui nasciam e morriam
sem conhecer outro lugar!

'Pro Brasil emigraram dois
Pois só emigra quem o tenta...
emigraram muitos depois
Por volta dos anos sessenta.

Para os que ficavam livres da vida militar, quase sempre era uma deceção, pois raro era aquele que gostava de ficar livre, talvez por verem neste cumprimento a única oportunidade de saírem da aldeia, e conhecerem novos Mundos, como arriscar essa aventura em busca de uma vida melhor, sem terem de ali ficar toda a sua vida, pois para estes que não iam à tropa, as suas dificuldades de emigrar eram sempre maiores a não ser este ou aquele que tinham irmãos, pais ou outros familiares também emigrados, e que a estes dessem uma oportunidade. De contrário, por ali ficavam e casavam com raparigas que quase sempre eram aquelas que os rapazes de Lisboa não escolhiam para suas esposas.

Estes rapazes uma vez casados, ali faziam suas vidas de pobres sem a luz dessa esperança aventureira de conseguir uma vida mais risonha para si e os seus, pois muito poucos, depois de casarem, deixavam as suas aldeias, a fim de encontrar outros lugares mais férteis e de uma vida menos trabalhosa e mais prometedora.

As raparigas eram as que menos oportunidades tinham de sair dali, a não ser as que iam casando com esses jovens lisboetas que as escolhiam para esposas e dali as levavam, pois não havia uma única rapariga da aldeia que a sua maior aspiração não fosse sair da terra para se ver livre dos carregos do mato e da lenha, assim como todo o serviço do campo, e para mais as fazer desanimar, era quando essas suas colegas que casavam e iam para Lisboa, e quando voltavam, vinham umas verdadeiras senhoras da cidade, tanto em fisionomia como na maneira de vestir, como algumas fazendo-se até importantes e com uma sombra de orgulho, humilhando mesmo essas que não tiveram a mesma sorte.

Por tal razão, as raparigas da aldeia muitas vezes já prestes a casar com os rapazes locais, mas se ali chegasse um rapaz de Lisboa e as procurasse para esposas e as levasse consigo, largavam imediatamente esse compromisso que já tinham em casar, e seguiam com o menino da cidade, a não ser que já houvesse contactos sexuais, o que era por estes sítios muito raro antes do casamento, ou em casos de grande amor, e que este fosse mais forte que a sua vontade de querer ser senhora.

Estes casos de as raparigas deixarem tudo e fugirem com os namorados de Lisboa, era muito comum por estas aldeias serranas, que já vinha por muitas gerações antecedentes.

As raparigas começaram também a emigrar para Lisboa com frequência a partir dos anos cinquenta, umas empregando-se nos restaurantes e até outros estabelecimentos dos senhores das suas terras, outras ocupavam-se como domésticas nas casas dos Senhores privilegiados da cidade, a que se usava chamar ou ainda hoje se chama criadas de servir ou serviçais.

Estas humanas por aqui iam lutando por uma vida melhor, aquela a que vinham habituadas nas suas terras, mas para muitas destas serviçais a vida não era tão fácil assim. Para estas jovens

moças que a Lisboa vinham chegando não somente das Beiras mas de todas as partes do país, a cidade era mais uma selva do que um lugar civilizado. Para além dos serviços difíceis e mal remunerados e sem horário de trabalho, como até por vezes escassez de comida, tinham como principal problema as feras humanas da cidade, feras estas, que muitas vezes viviam nas casas onde serviam, começando nos patrões e acabando nos próprios colegas de trabalho.

Para estas jovens das Beiras que aqui vinham chegando a cada dia, inexperientes, simples e sem o espírito de maldade, este ambiente era uma verdadeira rede onde tantas caiam, pelas suas fragilidades enfraquecidas pelas promessas de casamento, que nunca chegava à igreja, mas que só terminava quando esmordaçada pela fera humana ao concretizar mais um prazer sem consciência.

Ainda que pareça impossível, mas havia patroas sem qualquer escrúpulo e para não pagar as soldadas que iam amontoando por meses, as serviçais, elas próprias faziam com que os filhos ou mesmo os maridos tivessem contacto sexual com elas, afim de terem pé de as poderem pôr na rua, sem lhes pagar o que deviam.

Até as raparigas emigravam
e muitas eram serviçais
mesmo o pouco que ganhavam
ainda o mandavam aos pais.

Por vezes desprotegidas
sem família e sem sorte
caiam, às vezes iludidas
Vindo a terminar no mau porte!

Se estas jovens serviçais por aqui tinham família em especial irmãos e se estes eram duros e decidados a proteger as suas irmãs, a coisa para elas mudava totalmente em favor da sua protecção, pois todos tinham medo de uma vingança e pensavam duas ou três vezes pelo que lhes podia acontecer, visto por vezes esses lobos pagarem bem caro as suas audácia, e assim, estas eram sempre mais respeitadas, e disto tenho a experiência como irmão protec-

tor, de irmãs mais novas que infelizmente conheceram esses trabalhos, quase sempre mal remunerados humilhantes para quem não havia horários, sendo as últimas a ir para a cama depois de servir o chá e tudo mais estar em ordem, como as primeiras a levantarem-se, para servir os pequenos-almoços dos seus senhores pela manhã, e tantas destas moças servindo em casas de pessoas pouco honestas, lhes negavam muitas vezes as soldadas do seu trabalho.

Nesse tempo em que a virgindade das moças era o seu maior tesouro, muitas destas raparigas ao verem-se desfloradas e abandonadas, umas tentavam a sua justa vingança por esta ou aquela maneira, outras acabavam em cair na prostituição, ainda outras de mentalidade mais fraca vencidas e desiludidas, viam como a última saída o suicídio, e infelizmente em tais situações muitas o fizeram. Ainda outras, mais astuciosas e já experientes por aquilo que a vida lhes ensinou, usavam artes e manhas enganando assim os seus novos namorados, estes, muitas vezes os tais lobos que morderam outras ovelhinhas, e agora iam casar com aquelas que também já tinham sido mordidas por outros. Raramente estes tipos que andavam neste género de prazeres, que viessem a casar com uma moça de primeira mão.

Destas jovens que vinham servir para Lisboa, muito poucas vinham a casar com rapazes das suas terras, e ainda que por vezes ali fossem ver os seus familiares, mas quase sempre se radicavam nas terras dos seus maridos. As que nunca casavam, por ali andavam sempre a tentar amealhar alguns tostões para o sustento das suas velhices, e quando os anos já começavam a ficar pesados, quase sempre voltavam às terras donde vieram.

Lisboa das sete colinas
E dos seus bairros afamados
Onde meninas tantas meninas
Confianto nos namorados!...

Estas esfomeadas feras
Mordiam a jovem vencida
Mas às vezes haviam esperas
que custou a alguns a vida!

Inexperientes, de tenra idade
Vinhama p'ra cidade servir!
Acreditavam na falsidade
e logo vinham a cair.

Aquela que era mais forte
Não se dava por vencida!
Mas outras caíam no mau porte
e as mais fracas, o termo à vida!.

As raparigas que não tinham mesmo nenhuma oportunidade de sair da aldeia, por ali andavam no dia-a-dia do campo, pedindo sempre ao santo da sua devoção, que algum rapaz de Lisboa de si se lembrasse, talvez por isto, o carteiro da terra era sempre a pessoa mais desejada destas moças casadeiras. Só diziam sim aos rapazes locais, quando por estes procuradas, quando já tinham sepultado as esperanças de um desejado lisboeta.

Muitas destas serviçais
em patroas mal formadas
sem o mínimo dos sensos morais
não lhes pagavam as soldadas.

Madames habituadas a isto
Às vezes fugiam de pagar
E como nada havia escrito
nem mesmo se podiam queixar!

As que na aldeia ficavam
Iam pedindo ao Senhor
E todos os dias esperavam
uma cartinha de amor!

Carteiro o desejado
E quem espera, sempre alcança!
Só havia sim, p'rós do povoado
quando sepultada a esperança.

Tudo isto e muito mais foi o que essas jovens de então viveram e sofreram nessa grande Lisboa, começando nas casas em que trabalhavam perseguidas e abusadas pelos próprios patrões, até aos mercados da cidade, onde os seus perseguidores as esperavam às portas do mercado, como que uma alcateia de lobos famintos, esperando pela presa na encruzilhada do caminho.

Para esses que tinham servido a vida militar, agora com outras visões e até ambições, especialmente para aqueles cujas condições físicas, estavam de acordo com os requisitos exigidos pelas corporações do nosso interesse, e que sabiam ler, estavam agora mais perto de uma esperança que podia ser concretizada, e obter um emprego do estado, a grande ambição de toda a rapaziada desse tempo, para assim terem uma garantia social de ambição. o grande alvo destes moços era a carris e a polícia, ou qualquer outro serviço quer no estado, quer em qualquer companhia que lhes garantisse um bocado de pão na terceira idade.

Se é certo que muitos jovens fajaenses deixaram as suas terras, uns com pouca e outros até com nenhuma instrução, não é menos verdade que muitos voltaram à escola de novo, trabalhando e estudando e ainda que não tenham chegado a estudos superiores da parte que eu saiba, isto em Fajão, porque sem ir mesmo fora do concelho temos vários que chegaram mesmo a formatura como foi o caso do Dr. M. Batista de Carvalho, uns três dos Pescansecos, e o Dr. A. Lourenço, das Meãs e muitos outros mais que estão fora do seu conhecimento, contudo esses fajaenses adquiriram instrução suficiente para alguns se destacarem nas corporações onde serviram, como foi o caso do saudoso M. Santos, «chefe Santos», que saiu de Fajão sem o mínimo de instrução e veio a ser chefe de grande capacidade da PSP que serviu essa corporação de maneira inteligente digna e até humana. Guilherme Filipe tornou-se um insigne pintor, a quem se devem os lindos painéis da Capela da Senhora da Guia.

Mais recente o A. R. ainda que não tenha saído da terra analfabeto, mas se não se tivesse cultivado, certamente não teria chegado também a subchefe ajudante da PSP e tantos outros mais, que por aqui e ali se distinguiram nas colectividades que serviram, quer

pelo zelo como pelas suas capacidades, talento e inteligência, o que não conseguiram se não se cultivassem depois que deixaram as suas terras, pois foi com essa força de vontade que puderam ir mais além e melhorar as suas vidas. Quero salientar Arlindo Almeida Esteves, pelos seus quarenta e tantos anos ao serviço do seu semelhante.

Há outros que não se distinguiram com posições de destaque nas colectividades que serviram, não foi por falta de talento ou capacidade, mas talvez por se dedicarem em prol de causas menos lucrativas e até bem mais arriscadas, mas quando se luta por ideais, tanto a posição como a liberdade e até por vezes a vida corre risco. Mas ai da humanidade... quando não houver mais homens com ideais, esses que são em favor do bem comum, e que esses idealistas sempre se preocuparam mais com o bem-estar geral que o seu próprio.

Muitos deixaram as aldeias
Quase que analfabetos
mas vingaram nas suas carreiras
por serem inteligentes e espertos.

Alguns com cursos secundários
Que já são dignos de louvores.
Outros foram universitários
Formando-se até em Doutores!

Se repararmos na história da humanidade, quase todos os que dedicaram as suas vidas para o bem do seu semelhante, foram sempre vítimas quer pelos patrões para quem serviam, como pelos governantes onde viviam, sendo de tudo o mais lamentável e doloroso, quando se era vítima dos próprios colegas, traído por estes quando tentava fazer algo para bem da colectividade.

Foi isto mais ou menos que aconteceu ao António dos Santos, mais conhecido pelo povo da sua terra como Vicente, e na carris onde era funcionário como motorista, era o «Santos Poeta».

Quando em 1958 das eleições do General Delgado para a

presidência da República, a então polícia PIDE meteu na prisão, de uma só vez, 12 funcionários da Companhia Carris, as famílias destes, uma vez que os chefes de família se encontravam presos, os seus dependentes sem qualquer rendimento ou fundos sociais começaram a viver as dificuldades e a prever dias angustiosos do futuro, pois estas, não só não tinham quaisquer ajudas sociais, como ainda eram considerados subversivos todos aqueles que de duma meneira ou de outra prestassem qualquer assistência, em tal circunstância tinham que ser socorridas na clandestinidade.

Há pessoas com bons ideais
Eu mesmo alguns conheci
primeiro eram os mais
e só agora era para si.

Havia quem se dedicasse
Com alma e todo o seu ser
Dando o melhor à classe,
para um mais próspero viver.

Duas semanas depois de os doze colegas serem presos, foram mais seis, oito dias passaram, foram mais dez, mais cinco, e assim por diante até o número quarenta e oito, dentro do prazo de seis meses. Daqui para a frente, saíam uns e entravam outros mas durante cinco anos estiveram encarcerados cerca de quarenta, com penas entre três e doze anos de Caxias, Peniche, e cujos crimes, eram, uns por exigirem da companhia melhores condições de trabalho outros por não concordarem com certas injustiças feitas pelos chefes das estações, que não estavam de acordo nem com os regulamentos da companhia nem com o Instituto Nacional de Trabalho, etc., etc., e só por isso eram considerados agitadores.

Perante tal situação, a classe começou entre si a pedir, a fim de arranjar fundos para o suporte das famílias dos presidiários. E assim meia dúzia de colegas organizaram um peditório semanal, um pedia em cada turno, entregando depois o dinheiro a estes seis, e entre esse seis estava o Santos Poeta, desses seis dois foram também presos, aumentando mais as dificuldades para os restantes, que durante cinco anos passaram muitas noites nas estações espe-

rando os colegas que largavam ou pegavam ao serviço, afim de colherem deles as suas coletas para levar a estas infelizes famílias, que esperavam ansiosas por este dinheiro para o sustento de si e dos seus.

Cinco anos depois quando eram apenas três a fazer este serviço, o Poeta e mais dois, ainda que o Poeta já tivesse outras responsabilidades na classe, pois esta tinha-o escolhido para seu secretário, lugar que ocupou até á altura em que teve de deixar o país, mas mesmo com este cargo nunca abandonou essa responsabilidade do dinheiro para as famílias dos presos. E numa noite que ficou na estação do Cabo Ruivo como de costume, para ajuntar os fundos, pois era uma responsabilidade e um dever, como um risco para a liberdade de quem tinha que fazer este trabalho, foi surpreendido ao ter conhecimento da prisão desses dois, os seus mais directos colaboradores. E se tinham sido presos, porque não o tinham prendido também? Cerca das seis da manhã, quando o Poeta se preparava para sair com o autocarro, foi interrompido pelo expedidor da estação, a fim de entregar o autocarro a outro motorista e ele ficar na estação, por ordem do Senhor A. N. A., um dos mais altos chefes dessa polícia estadual, e que também tinha um tacho na Carris. Este Senhor que o Poeta bem conhecia, mas que nunca se quis dar ao conhecimento por não poder com o que ele mandava fazer, era natural das nossas aldeias e ainda da família da esposa. Acontece que quando o Senhor chegou, chamou o Poeta para o seu escritório e lhe contou o que acontecera: mostrou um pequeno papel onde tinha três nomes começando por um Santos e mais dois nomes se seguiam, perguntou ao Poeta se conhecia aqueles dois e se sabia o que lhes tinha acontecido, a que o Poeta ainda que já sabedor, respondeu não saber de nada.

O Senhor A. N. A., disse então ao Poeta: estes homens foram presos esta noite e a razão porque só foram eles presos e não foi você, é que eu nunca mando prender ninguém sem primeiro os identificar, e fiquei para morrer quando vi que era da minha terra e que a sua esposa está na minha família, é essa a razão porque ainda aqui está e venho avisá-lo para parar imediatamente com

todos esses peditórios, e depois não diga que o A. N. A., é mau, porque se continuar, está na prisão não tarda.

Foi então que o Poeta olhou de frente e sem qualquer sombra de acanhamento ou mesmo aquele medo de ser preso por dizer a razão disse ao Senhor:

Estou grato do Senhor A. por me ter poupado, mas muito mais grato ficaria se não tivessem levado os meus colegas e em especial estes dois! Sim!... Sou obrigado a parar ainda que não me ordenasse a fazê-lo, porque se com três a nossa tarefa era muito difícil, e se agora o número de presos aumentou é mesmo impossível, visto que ninguém mais quer arriscar as suas liberdades. Esse preso é acusado de angariar fundos e actividades subversivas, mas se isto, de arranjar algo para dar às famílias cheias de necessidades quer físicas como psicológicas é crime, o que se há-de chamar aos que mandaram prender estes indivíduos, que em maioria nem sequer sabem distinguir as diferenças que existem entre a ditadura e democracia? Sim Senhor A., a razão porque por aqui fico muitas noites em busca desses escudos para levar a essas famílias sem recursos, que estão a passar fome e necessidades, é apenas por um acto humano e conhecer bem o que é a fome e necessidades, não é por prazer que fico noites fora da minha família, arriscando a minha liberdade e perdendo esse tempo em prejuízo dos meus estudos...

O Senhor A., que nunca ouvia ninguém mas desta vez escutou o seu conterrâneo e ao vê-lo derramar algumas grossas lágrimas disse-lhe: é assim a vida e nada mais posso fazer, e se continuas vais fazer companhia aos teus colegas. Então o Poeta disse: o que vou fazer a este dinheiro que temos desta semana? Faz o que quiseres, respondeu o Senhor... então vou distribuí-lo como de costume e aviso-as que terão de arranjar outro meio de sobrevivência, que apenas vejo duas, como o número subiu para trinta e três, é reunirem-se todas, levarem consigo todos os filhos e irem-se entregar ao Parlamento e pedirem que também querem ser presas. Se isto não for aceite, quando vierem no caminho e que passem junto de uma embaixada de um país civilizado, que peçam ajuda e não

saiam dali enquanto a polícia não vier e as levar presas, pois a prisão é o único refúgio destas vítimas do sistema.

O Senhor A., olhou para o seu relógio, como que a dar o assunto por encerrado, e nesse preciso momento o Poeta teve uma ideia que imediatamente apresentou ao seu conterrâneo: então uma vez que se não podem fazer peditórios, será que as mulheres podem vir aos portões da Companhia no dia do pagamento sem que a polícia ou a Companhia as incomode?! O Senhor A. disse: podem!... E ninguém as vai incomodar, eu mesmo vou providenciar isso. O Poeta tirou o lenço do bolso e limpou uma lágrima que lhe corria sobre a face, agradeceu e despediu-se.

Não são saudades do passado
Mas cicatrizes nas mentes...
dessas eleições do Delgado
que prenderam tantos inocentes!

Em qualquer corporação
quem exigisse regalias
em qualquer ocasião
ir parar a Caxias!

Muito se ouve e se diz
Acerca dessa pide extinta
a mais vítima foi a Carris
por ser uma classe distinta.

Foram presos torturados
Por esses pides Carrascos
mas nunca foram desprezados
p'los seus colegas dedicados.

O Poeta que largou de serviço às três e meia da tarde e já por três noites que não dormia em casa por causa destes peditórios, foi ter com outro companheiro, um dos cérebros deste trabalho, e que já tinha sido preso antes por reclamar o que julgava ser justo. Fi-

zeram uma escala rotativa, e como eram trinta e três e apenas eram necessárias dez, divididas em quatro estações com duas em cada portão, como Santo Amaro, Arco Cego, Cabo Ruivo e quatro nas Amoreiras, por esta estação ter dois portões.

O Poeta que estudava num Colégio, em S. João de Brito, faltou à escola por três dias e pediu os mesmos de licença, afim de preparar as mulheres para este seu novo trabalho, que na realidade foi além daquilo que se esperava, tal como a promessa do Senhor A. N. A., foi cumprida, pois tal como prometeu nunca foram incomodadas nem dentro nem fora dos portões, até à altura em que o Poeta saiu de Portugal.

Ainda há alguns, mas já poucos
Que se encontram aqui, e além
em que os problemas dos outros
são sempre os seus também!

Os da Carris deram lições
Desse amor dessa verdade,
amor que os levou às prisões,
Perdendo a sua liberdade.

Alguns ficaram p'las estações
Porque algo tinha que se fazer
Para arranjar uns tostões...
P'ra quem não tinha p'ra comer.

Não perdeu mais noites o Poeta
Mas sua luta continuou
P'ras mulheres a coisa deu certa
Mas p'ro Poeta falhou!

Como os sindicatos eram patronais e não protegiam os seus membros mas sim os patrões, a Carris não era uma exceção. Muitas vezes tinham acidentes e quando eram pessoais ficavam presos por dia até que a judiciária decidisse a sua libertação, sem ganhos, sem

qualquer assistência. Nos tribunais era a mesma coisa se fossem condenados, tinham que pagar do seu bolso, ou quando ficavam sem a carta, baixavam de classe, etc., etc., pelo que a classe criou um organismo o chamado «GRUPO EXCURSIONISTA O MOTORISTA» para assim poder ser legal, mas de excursões era só no nome. Pagava-se uma quota de 5\$00 por mês, e a classe estava protegida de todos os imprevistos profissionais. Como todo o trabalho era feito voluntário, mesmo com uma pequena quota, o dinheiro crescia no Banco de maneira animadora, havendo dinheiro sempre de sobra.

Em princípio, a Carris era a seguradora do seu material mas sempre que havia acidentes de trânsito com os seus carros, os operários eram suspensos por alguns dias, e semanas depois recebiam uma informação por escrito com a quantia a pagar, e a importância por cada semana que variava entre dez a vinte escudos, isto no tempo em que a férias semanal rondava os 250\$00 e os 300\$00 o que era muito dinheiro para a época, sendo isto contra a lei do trabalhador, ou pelo menos escrito no regulamento.

Numa certa ocasião o «Poeta» trabalhava na carreira da Encarnação-Alto de Santo Amaro, e junto deste local havia uma árvore cujo vento tinha esgalhado um ramo momentos antes, e ao passar com o autocarro fez neste algum estrago no segundo piso. Do resultado deste acidente como era uso por escrito, foi de pagar 500\$00 com 15\$00 de desconto por semana, a que o «Poeta» imediatamente reagiu perante a Companhia, e à base dos regulamentos do trabalhador aprovados pelo Instituto Nacional de Trabalho isto era uma ilegalidade. Foi uma gargalhada dos Senhores para quem estava a ser feita a reclamação, e sem mais uma palavra o «Poeta» voltou as costas e foi à sua vida...

No dia do pagamento quando se dirigiu ao pagador afim de receber a sua férias, perguntou a este, se estava completa ou havia algum desconto? A que foi afirmado haver 15\$00 reduzidos, pelo que o Poeta recusou-se a receber o seu salário, pedindo ao pagador para escrever a razão, como acrescentando também de que se no próximo pagamento não viesse tudo em ordem, que faria uma

exposição com factos reais de tudo o que se estava passando acerca destes casos de acidentes. Não foi preciso porque na semana seguinte lá estavam as duas férias completas.

Três semanas depois foi chamado à administração da Companhia oferecendo-lhe um lugar nos escritórios com quase o dobro do ordenado. O «Poeta» não disse sim, nem não... apenas que ia pensar, mas nas mentes dos ofertores compreenderam que a resposta foi não.

Muitas reclamações começaram a partir daqui, e finalmente a queixa teve de ser feita ao Instituto Nacional de Trabalho, e a partir desta altura a Carris teve de arranjar uma seguradora e o «Poeta» de preparar os patins, estes, que já por alguns tempos estavam preparados para qualquer eventualidade se houvesse tempo para escorregar sem perigo. Mas como havia PIDE e contra PIDE, o Santos Poeta foi avisado que a Companhia estava a fazer um processo contra si, acoimado como um agitador e a preparar uma greve na classe. Ao que chega a cobardia!... Afim de evitar qualquer desconfiança por parte da Companhia, pediu licença, e quando procuraram o Santos Poeta, este já estava a muitas milhas de distância.

Ser-se ignorante ou instruído
Não se sabe qual é melhor!
Quando se conhece o sentido...
a dor é sempre pior!

Pelo que pude conhecer
Nesses tempos do passado
a lei, foi sempre do poder
E quem falasse estava lixado.

Nunca o vandalismo tolerei
E fui sempre p'los cumpridores
aqueles que não os venciam p'a lei
eram vencidos por agitadores.

Assim terminou o Poeta
Na Carris, sua carreira...
não o venceram com a oferta
Usaram uma cobarde maneira.

Houve muitos Poetas na Carris e foi essa a razão de tantos serem presos, como também ser uma classe distinta, todos eram estimados pela classe, e toda classe ganhou com os seus males! Este Tonito Vicente, que tantas vezes pastoreou o seu rebanho sem merenda e descalço pelos montes da rocha, fez mudar muita coisa nessa gigante companhia em favor da classe que representou com dignidade, ainda que lhe custasse o prazer de viver na Pátria que sempre amou.

Todos os presos foram poetas
Mesmo sem fazer canções!
Deixaram obras completas
p'ras futuras gerações

Uns perderam a liberdade
nas mais severas prisões
outros fugiam, mas a saudade
não deixou seus corações.

A grande razão porque todos tentavam um emprego do governo ou em boa Companhia, não era por ali se ganhar melhor, mas antes por se lembrarem das dificuldades de sobrevivência das pessoas da terceira idade, quando já não podiam trabalhar e no percurso das suas vidas, sem ganhos para poder pôr alguma coisa de parte, dando apenas para viver uma vida de miséria e cheia de dificuldades, pelo que o futuro estava sempre comprometido, pois não havia reformas e o único reduto desse povo quando as forças já não davam para mais, era tomar o bordão e o saco que já estava guardado para esse fim, e ir pedir uma esmola, mas para terras distantes da sua, onde não fosse conhecido, para não humilharem o seu orgulho, ou antes, vergonha da sua miséria e pobreza. Era

uma crueldade para quem trabalhava uma vida inteira e terminar os seus últimos dias de existência, agarrado a um bordão pedindo esmola.

Deve ser muito triste para quem trabalha uma vida inteira e acaba a pedir esmola, mas para muitos infelizmente foi uma realidade!... Esse era o medo que aterroziava toda a gente em geral, e levava a gente nova a pensar duas ou três e mais, de que o melhor caminho, era fazer mais sacrifícios agora quando novo, para depois terem o pão, o descanso e a paz na recta final da vida.

Com isto em mente, todo aquele que tinha essas possibilidades, tentava por uma carreira com acesso a essa assistência na terceira idade, foi isso que levou alguns desses com pouca ou mesmo nenhuma instrução ao iniciarem essa carreira, no tempo da primeira guerra, alguns filhos da nossa terra seguiram essa carreira e tiveram grande sucesso como foi o caso do capitão Martins e capitão Eduardo começando de praça rasa. Nos dias recentes ainda que mais difícil devido ao grau de instrução ser muito mais elevado, mas mesmo assim, dois filhos da nossa aldeia que seguiram essa carreira, eles: o saudoso Alfredo da Cruz de Almeida, falecido recentemente, filho do também saudoso Aníbal Barbeiro, que começou como soldado e chegou a sargento ajudante enfermeiro; o outro, António de A. Tomé, que começou na marinha como grumete no mesmo ano do Alfredo e ainda em serviço, mas já com a patente de oficial, graças ao sacrifício e a força de querer vencer, pois esta família Tomé é muito similar à dos Vicentes, bastante numerosa e pobre, mas todos saíram espertos e inteligentes.

Dois filhos se distinguiram
com medalhas e parabéns
na primeira guerra subiram
chegando ambos a capitães!

As lutas tiveram seus fins
Todo o herói foi condecorado!
Foi o caso do capitão Martins
e do capitão Eduardo.

Quarenta anos desde então
Dois rapazes do mesmo lugar
Mesmo com pouca instrução...
seguiram a carreira militar

O Tomé e o Alberto de Almeida
Eram inteligentes e de linha
com sucesso na sua carreira
no Exército e na Marinha.

Outros optaram por uma carreira profissional diferente... «O Comércio» e felizmente quase todos foram bem sucedidos nas suas aventuras de novos comerciantes, com mérito pelo seu trabalho, espírito de luta e a garra de querer vencer, e venceram mesmo!... E não só venceram como deram a mão a outros, mais adiante também, novos aventureiros, que também foram bem sucedidos.

É de louvar todos quantos deram a mão a outros, fazendo-os novos comerciantes, mas não é menos louvável aqueles que ensinavam esses caloiros vindos da terra, sem qualquer experiência, fazendo do seu estabelecimento uma escola, para lançar estes rapazes na vida, como foi o caso do saudoso César Vicente da Silva, que foi um professor dessa rapaziada Fajense. E foi assim que se fizeram os grandes comerciantes da cidade, e hoje Janeiro de 1994 mais de 70% dos Fajaenses em Lisboa são comerciantes, e mais de 60% de todo o comércio está nas mãos dos Beirões, por essa razão de se ajudarem mutuamente.

Foram esses que triunfaram,
Começando por principiantes
Foram os que mais ajudaram
a fazer novos comerciantes

Outros sem menos valor,
Dedicando todo o seu tempo,
não só era o professor,
Dando dinheiro e alimento.

Mas se é certo que no exército nem todos chegam a generais, também não é menos verdade, que na carreira profissional nem todos são bem sucedidos, uns por falta de sorte, outros às vezes por sorte a mais e com culpas próprias dos seus fracassos; falta de orientação e por vezes fáceis de mais, e quando assim nem sempre se é bem sucedido, porque só o sacrifício e o trabalho nos podem dar o sabor da vitória.

Foi assim porque muitos não vingaram, por adquirirem coisas com muita facilidade que quase sempre trazem o sabor da derrota. Tudo isto aconteceu nessa terra cheia de oportunidades, mas que nem todos são capazes de as transformarem em sucesso. Pois houve muitos e continua a haver aqueles, cujas essas facilidades não conseguem segurar, para em seguida virem os espinhos, dificuldades e desânimos, estes, às vezes levando esses vencidos ao suicídio.

O mesmo aconteceu a tantos jovens que para ali foram de tenra idade, longe da supervisão dos seus pais, dedicando-se aos prazeres juvenis e atracções mundanas de uma cidadade cheia de magias, onde muita mocidade se deixou prender pela estroinice e guiados pelas más companhias, ouvindo continuamente o som dessas noites perdidas, o suicídio de uma condenada pelos impulsos dos seus prazeres, onde se desmoronaram os castelos erguidos pelas suas leviandades e ilusões da própria juventude. Alguns perderam a saúde sem mais a encontrarem, outros perderam a vida, mas só depois de tanto sofrimento, em que já não pediam a Deus o remédio para a vida, mas antes o prazer da morte. Conheci alguns infelizmente em tais situações.

A mocidade sempre pagou bem caro as suas leviandades, tanto no passado como no presente, e irá pagar bem caro no futuro, os prazeres dos dias que vão passando. A juventude sempre foi juventude e nunca deixará de o ser, e é por isso que as liberdades dos nossos dias estão a destruir totalmente a nossa juventude, e será um desastre para a humanidade se não puserem um travão nestas liberdades excessivas.

Na vida dos imigrantes, não importa onde seja, os princípios são sempre difíceis, com dificuldades e problemas em especial onde a língua é diferente, mas a juventude é sempre a maior vítima, por

acreditarem naqueles que querem o seu mal, e quando estes não ouvem e não aceitam o benefício da experiência dos pais.

Lisboa cidade amiga
a todos davas a mão,
uns triunfavam na vida,
Outros era a perdição.

Quando tudo nos favorece
Nem sempre traz benefício,
É mau quando se não conhece,
O amargo do sacrifício.

Os jovens são sempre iguais
Nessas perigosas idades...
e por vezes pagam de mais
pelas suas leviandades.

Desde esses jovens de então,
E ainda hoje, nos nossos dias,
à noite, uns vão p'ra instrução
e outros seguiam outras vias.

Havia uma profissão em Lisboa muito conhecida e quase todo os que exerciam essa profissão eram indivíduos das Beiras, «os chamados moços de esquina». Como esta ocupação não tinha responsabilidades patronais, eram trabalhadores livres e por isso pegavam e largavam quando queriam, pelo que em maioria iam pela Primavera fazer as sementeiras e por ali ficavam até ao Outono, voltando de novo para angariar alguns tostões nesse período de tempo.

Como os ganhos nunca eram muitos e para mais economizar, estes homens quase sempre viviam em casas de malta, que usualmente era um sótão em águas furtadas, sendo a sua mobília apenas um divã para dormir, com um espaço apenas do tamanho do seu divã, onde pernoitavam aos quinze a vinte sem a mínima higiene,

e sempre que desejassem tomar o seu banho, teriam de ir aos lavabos públicos espalhados pela cidade, onde se podia tomar banho, mediante uma senha de 2\$50. Era esta a vida dos emigrantes pobres, como pobres eram também as suas maneiras de viver, para poderem arranjar alguma coisa para a sua sobrevivência e dos seus.

Os moços que na terra viviam
A tropa era a mudança,
e para aqueles que a serviam
era a luz de uma esperança!

Mesmo em tempo de guerra
Para aqueles que não morriam
poucos regressavam à terra,
outros caminhos seguiam.

Na Primeira Guerra Mundial
Milhões ficaram caídos...
as Beiras choraram esse mal
pelo sangue dos seus filhos.

Rapazes que daqui emigraram
Analfabetos e pobres,
Mais tarde muitos chegaram
a serem dignos e nobres.

Para muitos os vinte anos
Era o começo das suas vidas,
para uns eram planos,
Para outros ilusões perdidas!

Aqueles que ficavam livres
Da vida de militar,
continuavam nas suas lides
sem oportunidade de emigrar.

A tropa que tantos temiam,
Mas era afinal um caminho
Onde tantos aprendiam
a não ser mais pequenino.

Eram filhos de muitos pais
Cumprindo o mesmo dever,
tantas ideias até iguais,
Com diferentes maneiras de ser.

Quem luta, sempre alcança
Mas por vezes pouco seguro,
nunca perdendo a esperança
de ser alguém no futuro.

Futuro que não era riqueza
Nesse tempo do passado,
e era o medo da incerteza
de um futuro ameaçado.

Reforma era a ambição
Que tudo desejava arranjar,
para não ter de pedir pão
Quando não pudessem trabalhar!

Esses empregos preferidos
Para uma velhice feliz,
A de todos os mais escolhidos
Era a polícia e a Carris.

Para os empregados do estado
a coisa já era diferente,
tinham algo privilegiado
que não chegava a esta gente.

Ainda que não analfabetos
Foram p'ra escola em adultos,
ficaram mais instruídos e espertos
até mais dignos e cultos.

Lisboa cidade amiga
Terra de letras e artes!...
És a cidade mais escolhida
Vindo de todas as partes.

Lisboa cidade nobre
A tantos deseja mão!
Recebes o rico e o pobre
sem qualquer discriminação.

Lisba nobre cidade
com barcos a navegar,
e vigaristas de qualquer idade
tudo lhes serve para roubar.

Das aldeias vinham fugidos
p'ra começar as suas bases
se era difícil p'ras raparigas,
Não era melhor p'ros rapazes.

Estes pobres sem recursos
a maioria eram Beirões,
eram vítimas dos abusos
dos inconscientes patrões.

Quase sempre em mercearias
Estes rapazes eram marçanos,
poucos rapazes nesses dias
eram honestos e humanos.

Tinham a côdea e pouco mais,
Estes jovens trabalhadores,
longe do carinho dos pais
explorados p'los tais senhores.

Por vezes comiam os restos
Que deixavam os patrões,
com fama de serem honestos,
Eram verdadeiros ladrões!...

Alguns até a comida
Era por conta e ração,
e o dinheiro que vencia
ficava no bolso do patrão.

O ajusto era sempre mensal
No fim do mês não pagava...
para ter dinheiro, era um vale,
Esta era a lei da bicharada.

E quando as contas fazia,
Nada havia para provar,
o patrão dava o que queria
sem direito a reclamar.

Patrões de consciência impura,
P'ra quem só o dinheiro contava,
roubavam com menos ternura
que muitos ladrões da estrada!

Aqueles que daqui saíam
P'ra Lisboa era o destino,
melhor lugar não conheciam
quer com família, ou sozinho.

Casas!... Eram caras e não dava,
Para todos podermos morar!
Assim só o homem ficava
p'ra mais dinheiro arranjar.

Havia as casas da malta
P'ra estes homens separados,
na terra a mulher exausta
tudo estava aos seus cuidados.

Casa de malta o quer era?
Era um triste viver
Desses que vinham da terra
e mal ganhavam para comer.

Quase sempre águas furtadas,
Um divã estreito e nada mais,
Com muitas telhas quebradas,
Bicharada e coisas mais.

Nessa ampla camarata
Cozinhar não se podia...
e a renda nem era barata,
Olhando como se vivia.

Todos os anos na Primavera
o homem voltava à aldeia,
Para cultivar a sua terra
ver os filhos e a companheira.

Depois de novo partia
deixando a família e o povo
numa carta a mulher dizia,
Já estou grávida de novo!

Fazia-se tanta economia
Para os tostões amealhar,
P'ra não pedir no fim da vida,
quando não pudessem trabalhar.

Muitos foram p'ro estrangeiro
no melhor da sua idade!
Se muitos foram pelo dinheiro,
Tantos mais p'la liberdade!...

Com miséria sempre alerta,
O Vicente guardou o gado,
na Carris, foi o Poeta
E um guia respeitado!

Foram muitos os Beirões
Que as suas terras deixaram,
alguns deram grandes lições
Nas terras onde imigraram.

CAPÍTULO VI

OS DIVERTIMENTOS DO POVO

A razão porque a Primavera era a mais linda de todas as estações, é que é neste tempo que as árvores e plantas florescem as suas folhas e flores, tornando os campos um manto de verdura, um cenário cheio de beleza e cor.

Também o chilrear dos passarinhos, anunciando a sua nova presença, para mais uma época de trabalho a começar na construção dos seus ninhos, para albergar mais uma família, que a lei da natureza lhe impunha.

Para muitos outros animais era também o tempo de terem as suas crias, talvez por esta ser a mais fértil de todas as estações. Esta abundância de vida quer no reino vegetal como no animal, é isso que faz com que esta estação seja a mais bela, a mais alegre, mais fértil e por isso a mais desejada de todos os humanos, e como também o melhor tempo para os animais.

No Mundo da Humanidade, a Primavera em flor são os vinte anos, o auge da mocidade. Esta é sem dúvida a vida da própria vida, porque essa mocidade é a alegria e a actividade e a energia do próprio ser, e onde estiver a juventude está a força e a vida.

Onde se fazia sentir essa mocidade Primaveril era nas aldeias, no tempo em que ali havia juventude em todas as famílias, e em diferentes idades. E era devido a essa juventude que a alegria e os divertimentos começavam logo pela manhã, quando as crianças da idade escolar, brincavam, corriam, saltavam em volta da escola nesse conjunto de sons infantis, que davam o primeiro sinal, de um novo dia que estava a começar, mas de repente todas as crianças caiam num silêncio total, era o respeito pela mestra do ensino que deles se aproximava.

As camadas antecedentes já saídos da escola e com algumas responsabilidades laborais, quase sempre pastores e que iam, por um, dois, três e mais anos, que geralmente era até o próximo irmão sair da escola que logo tomava o seu lugar, passando este a um posto imediato, que era trabalhar efectivo no campo e era já considerado adulto.

Todos os trabalhos eram divertidos sempre que deles a mocidade fizesse parte, até mesmo a vida de pastor, sempre que houvesse tamancos nos pés e merenda no taleigo, pois o problema do estômago sempre a pedir alimento e o de andar descalço pelos matos com tojeiros à mistura, ainda que os pés andassem calejados, mas era pouco agradável como até perigoso, pois os que ousavam andar descalços quase sempre traziam farrapos enrolados à volta das feridas para uma primeira protecção.

Eras linda hó Primavera!
Davas vida até à gente,
Para removerem a terra
e nella lançar a semente.

És a estação das flores,
Não havendo outra igual,
arranjavam-se muitos amores
nesse trabalho campal.

São tão lindos os vinte anos
A Primavera dos mortais!...
só que a de nós humanos
Vem uma vez. E não vem mais!...

Crianças da idade escolar
Brincavam, saltavam tudo,
Era uma juventude a começar,
eram os Homens do futuro.

A vida de pastor só por si era divertida e alegre ao conviver com os animais, que tanto tinham para nos ensinar, e que muito deles se aprendeu. A amizade que estes tinham pelo seu pastor, e a compreensão e obediência quando deles se falava ou assobiava, tal respeito que é difícil encontrar nos humanos e em especial nos dias atuais.

Eram alegres os montes quando centenas de pastores pastoreavam os seus rebanhos, habitando por completo as serras da nossa região, e esse telintar dos chocalhos e campainhas, davam uma verdadeira imagem de que estes animais eram os legítimos donos desses montes e vales, onde eles próprios nas suas andanças diárias faziam carreiros que serviam sempre aos humanos, os tais chamados caminhos de cabras, que tão bom jeito faziam ao serviço do mato e lenha.

Dá vontade de chorar, aqueles que conheceram todas estas serras e montes cheios de arvoredo e verdura, de vida, de toda a espécie de aves e animais, do cheiro agradável das suas flores e a sempre sombra das suas florestas, e agora tudo reduzido a nada!...

Estas serras despidas dos seus mantos de verdura, destruídos por incêndios de mãos criminosas, ao olharmos os danos, a ideia de que as suas clareiras produzidas pelo afastamento da terra, devido às grandes chuvas sem os matos, para as proteger, passando a ser as cicatrizes dos montes, que parecem lágrimas de dor, pelo mal que lhes fizeram, tal como os esqueletos dessas árvores, os sítios adequados para enforcar, esses criminosos das suas desgraças.

Pelas serras verdadeiras
Merendava-se junto das fontes,
os gados eram os habitantes
os pastores, donos do montes.

Hoje são serras desnudadas
O fogo o seu manto queimou,
com essas grandes trovoadas
até nem a cinza ficou!

Estes criminosos malvados
Deviam ser entregues ao povo
E por estes serem julgados
e queimados vivos no fogo.

O homem deixou de o ser
É apenas a sua imagem...
pelos crimes que se vê fazer
É um feroz, um selvagem!.

utras diversões eram muito usadas pela nossa gente em especial nos dias de Verão. Era costumeiro todas as manhãs e ainda pelo escuro, a mocidade usava juntar-se para depois seguirem como que em cortejo, para esse primeiro trabalho matinal, o chamado carregó!

Por esses ruins caminhos, das íngremes encostas desses montes vizinhos lá iam alegremente para o primeiro trabalho do dia, este sempre revestido de boa disposição matinal, no meio do convívio dessa mocidade de ambos os sexos, com saliência por aqueles que já gostavam de ser apreciados pelo sexo oposto.

As mesmas reuniões se faziam depois do almoço, as chamadas sestas, sempre feitas durante a força do calor, só se retornava à actividade quando a força solar já era menos intensa.

Quando chegava o S. Miguel, quando se faziam as colheitas que só terminavam quando da apanha da azeitona já junto do Natal, era o tempo mais divertido de todo o ano pelas desfolhadas e serões.

Todas as reuniões de trabalho eram sempre muito divertidas, especialmente nas debulhas e desfolhadas, onde atraía sempre a maioria da aldeia, e essa tão conhecida espiga do abraço ou dos compadres como também se chamava, pois era assim conhecida em muitos lugares. Esta espiga era um alvo em que a rapaziada tinha os olhos sempre postos, para não deixarem fugir uma oportunidade de paródia. Faziam-se muitos compadres, que eram caminhos abertos para um namorico mais na aldeia, e até muitos casamentos se fizeram através desta espiga dos compadres. Mas também

era um embaraço sempre que esta espiga calhava numa dessas moças cheias de vergonha e pouco comunicativas, em que os olhares mais atentos do grupo não lhe davam oportunidade de a poder esconder, e mesmo de faces a mudar de cor de romã, tinha que cumprir a lei da tradição, essa que a mocidade não queria ver quebrada.

Estas tradições e tantas outras mais que as gentes das aldeias mantinham por séculos, era a lei de um passatempo para a alegria e boa disposição das pessoas de todas as idades, como também um lubrificante para um melhor trabalhar nas coragens daquele povo, para enfrentar as agruras e dificuldades diárias.

Mocidade está sempre em festa
Porque vive em reuniões,
Pelas manhãs e pela sesta,
como no Inverno p'los serões.

Nas debulhas e desfolhadas
Alguns ficavam-se a dormir...
outros com histórias inventadas
a malta mijava-se a rir!...

A conhecida espiga encarnada
Fazia ali muitos compadres,
havia abraços na rapaziada...
mas nisso não havia maldades.

Para as mais envergonhadas
Isso lhes custava um bocado,
ficavam de faces encarnadas
como se tratasse de um pecado!

Todos nós que vivemos nessas aldeias serranas nos tempos em que as terras eram todas cultivadas, os montes habitados pelos pastores com seus rebanhos, a vida nas ribeiras e riachos, com a presença dos rouxinóis, pintassilgos, melros e tanta outra passarada que enchiam de alegria esses campos, com as suas melodias sono-

ras, e a presença sempre amiga, daqueles que por ali andavam na sua vida campestre.

As aldeias eram cheias de vida quer nas localidades, quer nos campos, começando pelas escolas repletas de crianças, à saída e entrada das pessoas que vinham dos campos, como aquelas que a eles se dirigiam, nas hortas e nos campos, os milhos aqui e ali se viam mover com a presença humana, ouvindo-se uma canção de quando em vez, aqui e além, das pessoas que cantavam e trabalhavam, por vezes até nem por alegria, mas para esquecer as dificuldades e problemas da própria vida.

Nas aldeias cada casa fumegava pelas chaminés e pelos telhados, dando o sinal de mais um almoço sempre desejado, por parte daqueles que dele esperavam.

Tudo isto despareceu lentamente, como lentamente vai desaparecendo a vida destas aldeias, ficando apenas as casas desabitadas que vão caindo em ruínas, marcando a presença de uma aldeia que o foi, ma que já o não é....

Desde que começava o dia,
Estes iam e aquele vinha,
aldeias que tinham vida
desde manhã á noitinha.

Quando as casas fumegavam
Com o lume das fogueiras,
era o almoço que cozinhavam
nas bem conhecidas lareiras.

Pelo Natal a rapaziada usava juntar-se em grande número para cumprir a velha tradição da fogueira do Natal. Para que essa fogueira pudesse ter vida por quase duas semanas de festa, tinha que haver muita lenha, pelo que era uso ir em busca de grandes cepas, quase sempre de castanheiros, mas sempre em difíceis locais que era quase impossível o seu transporte, mas como para a rapaziada quase não havia impossíveis, eles conseguiam rolar esses monstros por difíceis caminhos até chegar ao adro da igreja onde era feita fogueira,

e isto sempre feito de noite para que o dono da cepa não desse por isso, e tivesse de haver problemas antes de estar em serviço, porque depois, já era tarde para uma reclamação, porque já estava a aquecer o menino Jesus, e dali a cepa não saía. Quando havia um ou outro reclamando que a cepa lhes pertencia, isso só servia para animar a festa porque geralmente estas cepas, devido ao seu tamanho e também pelo seu difícil local e acabava por aprodrecer ali, mas mesmo assim ainda havia quem protestasse.

Nessas noites longas e frias, a rapaziada não arredava pé do adro junto da fogueira, ainda que a geada lhes caísse em cima das orelhas porque estava ali o seu sacrifício e as suas energias.

Roubar cepas não tinha mal
Pois que mal podia ter?
Era p'ra fogueira do Natal
p'ro menino Jesus se aquecer.

Faziam-se grandes patuscadas,
Enquanto outros se aqueciam,
mas sempre com coisas roubadas
mas só aos que mais podiam.

Ali se combinavam as patuscadas nocturnas que quase sempre terminavam numa tibornia à lagareiro, com o fiel amigo que consumavam roubá-lo com antecedência e em mais que um lugar para não castigar tanto as vítimas.

As couves assim como as batatas e o azeite eram roubados na própria ocasião. Estas tibornas eram sempre feitas na maior das abundâncias, para que a comida chegasse para todos, e para alguns mais que vinham sem serem esperados, que por vezes lhes dava o cheiro.

Este evento era repetido a cada ano e quase sempre havia caras novas dos mais novos que iam ocupando o lugar dos mais velhos, que deixavam a terra ou para a tropa ou para outros lugares em busca de melhor vida.

O Carnaval era outra época bastante divertida e os mascarados

era uma das grandes atracções não só das camadas mais novas como também de todas as outras idades em geral, era um verdadeiro espírito de reinação. Em muitas destas brincadeiras todo o povo fazia parte, quanto mais não fosse, para a risada.

Mas o Carnaval nas aldeias não era apenas isto! Havia muitas outras reinações em que para uns era alegria para outros mau humor. Todos os anos as coisas que aconteciam de anormalidade de um Carnaval ao outro, pelas pessoas da terra, a rapaziada guardavam estes acontecimentos nas suas mentes e quando chegava o Carvanal os autores destas anomalias ou proezas, tinham que ajustar contas com a malta e ficavam surpreendidos e como alguns até furiosos, quando depois da ceia já no escuro da noite, ouviam a voz rouca do funil, do outro lado de lá, contando a história acontecida, aos habitantes da terra e em acto de gozo, que nem sempre era bem aceite pelos falantes.

Estes eventos usavam chamar-se surras ou corridelas e ainda que houvesse muitos acontecimentos, apenas era feita uma por dia. Muitos dos autores destas falhas de nada se incomodavam com isso, como até ajudavam à festa, mas quando assim, a festa não tinha grande sabor, pois era sempre mais reinadio e com mais vida quando as pessoas afinavam e queriam bater na rapaziada, havendo em alguns casos certos indivíduos chegando mesmo a dar tiros pelas janelas com as suas caçadeiras, porque as portas destes que afinavam eram sempre fechadas pelo lado de fora antes de começar o trabalho, mas estes quase sempre pagavam bem caro as suas agressões. O mal era quando se ia correr estas surras a algumas terras da freguesia, e não se conhecia a témpera da pessoa em festa, como foi numa ocasião que foram à localidade da Ponte em que o Senhor, C.^º os filhos, quando passavam perto da sua casa lançaram algumas garrafas para os atingir, o que felizmente não aconteceu, mas não satisfeitos ainda, os Senhores C.^º foram-se esconder em lugar por onde tinham de passar esta rapaziada da qual eu também fazia parte, quando na nossa passagem lançaram uma pedra seixo sobre a multidão, batendo num tambor de ferro que era do petróleo e agora nestas farras, mas ainda que bastante forte, foi furado com

o penedo. Se caísse na cabeça de alguém, nem tinha tempo de dizer ai! Foi este o único incidente que conheço e que podia ter tido consequências graves.

Palhaços ou mascarados
Assim se usavam chamar,
eram bocados bem passados,
onde todos podiam reinar.

Foi para mim as chocalhadas
Que mais gostava de ver!
Quando nos queriam dar pancadas
e tudo fugia a correr!

Sabia-se quem afinava,
E se a sua têmpera era torta
tudo antes se preparava,
Trancando-lhe mesmo a porta.

Foram esses C.º da Ponte
Que ficaram furiosos de morte,
As garrafas e o seixo da fonte
Só não mataram por sorte.

Acontece que estas corridelas de entrudo como se lhes chamava eram feitas da seguinte maneira:

O rapaz do funil, este, só usado para este fim, ia para a Moita ou para a Eira, isto em frente da povoação, enquanto o grupo com instrumentos de toda a espécie, desde os chocalhos até as portas dos fornos, estavam junto da porta do Senhor sempre de máxima atenção porque às vezes havia surpresas. Começava por contar a história que geralmente era enfeitada, através do seu funil que entoava toda a terra, enquanto o outro homem do funil que estava junto do grupo para fazerem a algazarra, perguntava ao seu companheiro: mas isso que me dizes seria mesmo verdade? A que o outro de lá lhe dizia: é verdade e mais que verdade!... E então o

chefe do grupo dava ordem para começar a respectiva algazarra e então todos ao mesmo tempo faziam o máximo de barulho, cada um com o instrumento que tinha. Estas brincadeiras, as chamadas surras ou corridelas de entrudo, também já é coisa do passado, acabou a mocidade, acabaram estas tradições!...

O Carnaval era muito rico em tradições e divertimento... ainda que algumas brincadeiras fossem até de mau gosto, como era o caso das cacadas... esta era uma das mais estúpidas e de mau gosto brincadeiras canavalscas, que era ir junto de uma porta vizinha, e abrir a porta sem que dessem por isso, e despejar sobre o sobrado panelas velhas de barro, quase sempre cheias de terra ou coisa parecida, fugindo em seguida pelo escuro da noite, sem serem vistos. Mas também havia quem deitasse cacadas com coisas boas e depois fugiam também, para não serem vistos, uma maneira de dar dávidas anónimas, estas sempre benvindas.

Carnaval!... Atrai multidões
E no Mundo é bem conhecido!
Até mesmo p'ros Beirões
era bastante divertido.

Carnaval dos mascarados
Nos grandes centros se dança!
Com crimes premeditados
p'ra pagar uma vingança.

Nossas máscaras não escondiam
As facas no coração!...
Com elas se divertiam
na mais pacífica união.

Chamavam-lhe corridela de entrudo,
Outros chamam-lhe chocalhadas,
aqueles que afinavam por tudo
davam ênfase às gargalhadas!

Durante os seis dias da semana 90% do tempo com luz solar era aplicado nos afazeres da vida diária, sendo a maior parte deste

tempo destinado ao trabalho agrícola. Descanso apenas aos domingos, mas infelizmente não era para todos, pois os que tinham hortas para tratar e gados a guardar, pouca diferença tinha dos outros dias úteis. Para os restantes que eram a minoria, esses sim... tinham mais tempo para se divertirem nesses prazeres dominicais, que tinham como principal atracção, o fito a que no uso da terra era chamado de pimpurro, com sede na taberna do Ti-César, mais tarde do António Ramos.

Este jogo muito popular em Fajão e freguesia, como até em muitas terras das Beiras, era o grande passatempo desta gente. O fito era um pequeno taco de madeira com cerca de 8 cm de altura, por 3 cm de diâmetro na base, vindo adelgaçando até à sua extremitade, onde findava com cerca de 2 cm.

Este fito que se punha em pé, em lugar marcado e numa distância usualmente entre oito e dez metros. Os jogadores com moedas antigas chamadas de «vinténs», estes vinténs eram propriedade da taberna, que só tinham esta utilidade, uma vez o pimpurro de pé, um por um, iam fazendo a sua pontaria para o derrubar, o que lhes dava quatro pontos e se a moeda ficasse mais perto do fito mais dois, um total de seis, e assim iam somanto até aos vinte e quatro pontos, o total de um jogo, e o primeiro que lá chegasse era o campeão. Neste jogo, tanto se podia jogar de dois contra dois, ou mesmo três contra três.

A tasca era um centro
e junto à luz das janelas
Uns jogavam no passatempo
e outros apanhavam pielas!

Às vezes jogavam duro
Durante um dia inteiro,
o fito, chamado pimpurro,
mas nunca era a dinheiro!

P'ra dar ganho aos taberneiros
Também tinham que viver...
quem ganhasse os dois primeiros
Tinha o direito de beber.

Se havia pontaria,
E deitava o fito abixo,
Beber tudo não se podia,
Para não ficar borracho.

Cartas era outro passatempo, mas muito mais usado pelas pessoas da terceira idade, que já não tinham pernas para andar para trás e para a frente ou mesmo de pé, como era no pimpurro, pois no fim de muitas horas, para a frente e para trás, eram quilómetros que andavam sem dar por isso. Como não havia cinemas nem teatros por estas aldeias, as cartas era um dos passatempos de velhos e novos, ainda que só jogassem para entreter, e até havia quem fosse bastante viciado neste jogo, sendo o mais jogado a sueca seguido da bisca, como também o liques.

Para os rapazes mais moços os ainda não entrados nas sortes optavam pelo jogo da bola, ainda que esta fosse de trapo, mas raramente se jogava calçado, por dois motivos: o primeiro, porque uma grande parte não tinha calçado e seriam aleijados pelos outros calçados. Segundo, jogar-se a bola era contra a lei paterna, que quase sempre tinha penalidades pesadas, por isso tudo se descalçava e às escondidas do senhor padre, faziam-se grandes desafios por detrás da igreja e com o risco de mais um vidro das janelas partido, neste lugar sagrado, pois sempre que tal coisa acontecia, não só o jogo era dado por terminado sem ninguém mais se preocupar com o resultado, como também não se jogava ali por muito tempo, e como sempre, nas investigações: eu não fui!... E nem sei quem foi!

As cartas, um bom passatempo
P'ra jogar e até para ver.
Por vezes levantava-se o vento
por quem não sabia perder.

Uns jogavam por passatempo
outros pelo tinto, uma taça!
Às vezes lá vinha o momento,
de ficar com o grão na asa...

O copo, taça ou caneca
Tudo era para encharcar!
Tanto a bisca como a sueca
eram muito popular...
Mulheres não alinhavam
Neste género de diversões.
Só muito raro jogavam
em casa, quando em serões.

Uma das grandes se não a maior atracção da rapaizada e até do povo em geral, eram os fados e guitarradas que se usavam fazer aos sábados, já pela noite alta às vezes quando já no silêncio da noite, o cantar dessas serenatas pelo escuro da noite, quando não havia luar, toda a gente gostava de ouvir ainda que por elas tenham sido acordadas. Percorriam as ruas da localidade tocando, cantando e andando com algumas paragens aqui e além.

Fajão teve sempre grandes gargantas para cantar e só foi pena muitas não terem sido aproveitadas, pois se tal tivesse acontecido estou certo de que teriam feito sucesso nessa carreira de cantores. Foram vozes cristalinas que muitos de nós fajaenses já mais ouviremos melhor em toda a nossa vida.

Estas serenatas tinham sempre o seu começo na cruz da rua e terminavam na taberna do Ti Carlo da Moita, seguia-se até ao cimo da Vila, pelos becos da Espanha « nome que se dava àquele lugar da povoação » vinham até aquela e voltavam de novo pela povoação até à loja do Ti Carlos da Moita. Se o taberneiro estivesse a dormir tinha de ser acordado do seu primeiro sono e que nunca era fácil, mas tinha que ser, esta coisa de regar a garganta depois de cantar já vinha de longe e água àquela hora da noite fazia mal, por isso pediam a sua comparência junto dos cascós para servir uns copos como era da praxe sempre que se dava por terminada esta serenata da semana. Então um dos cantores mais sequiosos, começava com a seguinte cantiga:

Venha essa pinga afamada!
E não queremos nada fiado
Toda a conta será paga
pois temos dinheiro trocado.

Saia lá desse cantinho
E venha servir esta gente!
há uns que bebem vinho,
mas outros é aguardente.

Pois se o homem estava em primeiro sono e não ouvia a primeira nem a segunda, a outra começava assim:

Acorde lá hó taberneiro
Venha-nos aviar por favor...
Olhe que o nosso dinheiro
é igual ao do senhor prior!

Está mau para quem canta
Não há vinho para regar,
as cordas da minha garganta
estão secas, podem quebrar.

Como não havia luz eléctrica o grupo esperava nas trevas da noite, por uma luz que a qualquer momento, se acendesse no interior da casa do taberneiro, que era sempre a resposta afirmativa ao referido pedido. Mas enquanto a luz não mostrasse vida no quarto do homem, as cantigas continuavam:

Quartilho Almude e pipa
Medidas que o povo conhece!
Não precisa de livro p'ra escrita
porque o dinheiro aparece.

Nesta noite sem ter luar
E o frio se faz sentir
se não nos vem aviar
Temos mesmo que desistir!...

Finalmente a luz aparecia no quarto do homem e logo começava

por se ouvir barulho na andar superior da casa, que logo se ouvia as duas últimas cantigas da noite e também as daquela semana.

A luz já se acendeu
Para o vinho ser servido
e tudo o que se prometeu
garantimos ser cumprido.

Estamos gratos ao taberneiro
Por ter saído da cama,
E também ao povo inteiro
Adeus!... Até p'ra semana.

O taberneiro chegava finalmente e como era usual todos bebiam, mais por tradição e paródia que por sede, claro... os que tinham dinheiro. E aqui terminava a serenata da semana, esperando por mais um sábado que seria o próximo a não ser que morresse alguém da terra ou da freguesia, sendo da terra, teria uma paragem de oito semanas.

Um dos passatempos durante o Inverno, eram os serões da aldeia!... Geralmente nesta ocasião do ano, como não havia terras para tratar e as noites eram grandes assim as pessoas costumavam reunir na cozinha junto da fogueira e quase sempre contando histórias, lendas de fadas, coisas da vida e outras mais, do passado e do presente, e por vezes de tudo e de todos, enquanto não chegava a hora da deita, por volta da meia noite.

No Verão pela noite dentro e aos domingos durante quase todo o dia, muitas pessoas usavam juntar-se no lugar da Cruz da Rua, local que vinha já por muitos séculos sendo o lugar de convívio da terra, o Rossio da localidade. Era aqui que se juntava a rapaziada para os intercâmbios das suas ideias, planos do futuro, quer no campo laboral como até nos romances de amor, e ainda planos para as malandrices sempre em mente da rapaziada juvenil.

As moças raramente permaneciam ali a não ser em casos muito especiais, apenas de passagem com destino à fonte ou a outros lugares. As fontes sim!... Era o lugar das raparigas e os recantos das esquinas desse caminho, eram os sítios preferidos e até paragens

obrigatórias, para os dez reis de conversa que às vezes eram por tempos infinitos, e ainda que com o cántaro cheio de água à cabeça, nada lhes pesava atraentes a promessas dos seus namorados, estas que nem sempre eram cumpridas. Estes eram como a história da namoradeira quando também com um cántaro cheio de água à cabeça, falando com o namorado dizia:

Dias de Maio
Dias de amargura,
Mal amanhece
já é noite escura...

Para trabalhar
Tão grandes são,
Para falar,
tão depressa vão!

Estas moças ainda que cansadas no fim de um dia de trabalho árduo, mas havia sempre uma força extra para que este serviço do escurecer do dia, especialmente para aquelas que estavam enamoradas e sabiam que os seus rapazes as esperavam nesses lugares, sempre com atenção na sua chegada, como uma sentinela em tempo de guerra no acampamento.

Recordo na minha primeira década de existência usar-se fazer um baile semanal aos domingos, e era a grande atracção da mocidade desses tempos, pois foi, e ainda hoje são, os bailes, os divertimentos mais atraentes para uma iniciação de novos namoros e futuros casamentos.

Mas infelizmente em Fajão os bailes foram extintos por muito tempo, por a forte pressão da igreja, dizendo que estes divertimentos eram invenções do Diabo e que este estava sempre no meio do baile, que isto era um grande pecado, e não sei que mais!... E a partir daqui, somente se dançava em Fajão pela festa da S.da Guia, uma vez por ano, e mesmo assim contra a vontade do padre ou das autoridades da igreja, e como dançar era pecado, para não se fazer

pecados, acabou-se com a festa por ordem das autoridades eclesiás-ticas.

Esta festa não se realizou por cerca de quinze anos, o que foi uma desgraça para a mocidade desse tempo em especial para o sexo feminino, visto os rapazes deixarem de vir à terra onde anualmente se arranjavam alguns namoricos, assim como alguns forasteiros que vinham à festa e por ali arranjavam os seus pares. Além disso foi a terra que também perdeu com a divisão da mocidade e o povo em geral, os emigrantes que levavam o ano inteiro a pensar nesta festa e na rapariga que melhor lhes servia para o seu noivado, esqueceram por completo tudo isso, e arranjando as suas noivas para outros lados, em prejuízo das da sua aldeia; as raparigas viram assim fugir as oportunidades em arranjar um namorado, que era óbvio nesses períodos festivos em que atraía muita juventude e tantos com tantas e boas intenções!... Outras perderam mesmo os seus noivados, por discordarem de opiniões entre si, etc., como mesmo famílias se dividiram pelo muro do fanatismo. Tudo isto aconteceu e só voltou á normalidade, quando um outro padre mais jovem e com outras ideias sem fanatismo e de maneira inteligente, juntou de novo toda a família fajaense sem mais problemas, passando-se a fazer a festa e a dançar como de antes, fora do círculo sagrado, lei que já antes o povo respeitava, mas para muitas destas, agora já com trinta e tais... já era muito tarde, porque a beleza da sua juventude já mais atraía os olhares cobiçados do sexo oposto.

Ainda que os bailes fossem considerados de coisa desonesta e um insulto à castidade, teoria que levou mesmo a chamar de levianas a essas moças que eram mais afectas a este passatempo, do tão apreciado baile da aldeia, nunca cheguei a saber ou mesmo compreender o tão iminente perigo do baile da aldeia, nunca daquele povo que em maioria, só acreditavam no padre e nas suas palavras, e até estou crente que elas fossem bem intencionadas, só que não deram resultados, pois muitos rapazes podiam ter casado na terra, e só que isso não aconteceu.

Se compararmos os bailes de então aos dos nossos dias, teremos a prova real de que nada havia de maldade nesses dos tempos

passados, e todo o mal que havia era o atraso e fanatismo de muita gente dessa época, apoiando a retirada deste divertimento, que custou o celibato a algumas jovens contra as suas vontades.

Mas o mal nunca vem só... os rapazes na idade de arranjar os seus pares, passaram a frequentar outros lugares onde havia bailes arranjando por ali os seus amores, onde mais tarde acabaram por casar, aumentando as dificuldades para as moças da terra com estes que iam indo, que podiam ser seus pretendentes, e assim algumas ficaram para tias, e outras entregaram-se a qualquer um que lhes aparecia, sem que lhe pudesse dar o mínimo de felicidade, aumentando o seu sacrifício e seu sofrimento e a sua miséria.

Junto das fontes nas aldeias
Com cíntaros cheios, pesados
muitas moças casadeiras,
falavam aos seus namorados!

Bailes!... A juventude gostava
E era costume no povoado...
mas o padre contestava
Que era invenção do pecado.

Então o padre determinou
Que era pecado dançar!...
Muita mocidade se afastou
por não poder concordar.

Dançar era uma brincadeira
Que muitos casamentos fazia,
assim casaram na terra alheia
ficando as da sua p'ra tia.

A gente das nossas aldeias Beirãs eram pobres mas alegres... qualquer coisa servia para se sentirem felizes, sempre que tivessem saúde e pão e uma das suas felicidades era ouvirem histórias humoristas, lendas e anedotas, quando contadas por indivíduos com

esse jeito especial, para este género de passatempo, os tais cómicos que sempre existiram em todos os lugares do Mundo, até mesmo nas aldeias. Pois havia por estas aldeias fulanos com tanta classe para contar estas histórias humorísticas, que se ainda estivessem por uma noite inteira ninguém se fartava de os ouvir nas suas graças nunca esgotáveis.

No lugar da Cruz das Ruas
Era o convívio de Verão,
Com anedotas nuas e cruas
Era rir até mais não!...

Havia o tal humorístico...
que bem sabiam clamar!
Com tantas no imprevisto
Era rir a escangalhar...

As gentes das nossas aldeias
Começou o seu difícil viver!
Saúde e barriguinhas cheias
era o seu maior prazer.

Recordo-me do Ti José Simão!
Nesse meu tempo de garoto
fazia-nos rir até mais não,
às vezes nos dava no goto.

Fajão nos fins de trinta e princípios de quarenta era uma terra bastante populosa, de acordo com o número de famílias, sendo a sua maioria juventude. Em todos os lugares onde houvesse terras de cultivo e em qualquer hora do dia, havia sempre ali a presença humana na ocupação do tratamento das suas terras, assim como nos montes os pastores eram os vigias dos rebanhos que habitavam esses lugares, onde os sons dos chocalhos e campainhas se ouviam ao longe, marcando assim uma presença viva de um folclore puro, natural e real, que infelizmente teve o seu fim já por muito tempo.

No meio dos verdes milheirais
Nos vales junto das ribeiras,
as águas corriam em canais
p'ra regar as suas leiras.

As moças que ali regavam
De chapéu a tapar o Sol,
Com tanta vida cantavam,
Fazendo inveja ao rouxinol.

Esse chapéu cobria por vezes uma cabeça tão pensativa da sua vida confusa que cantava sem dar conta da sua própria voz, quando o pensamento não podia acompanhar a cantiga.

Toda a nossa Região era gente de carácter trabalhadora, pacífica, alegre e humana, escondendo muitas das suas necessidades com esse ar alegre que nem sempre estava de acordo com o que ia no coração. Sempre conformados com o que tinham, se a coisa corria bem davam graças a Deus por tudo o que lhes tinha dado, se corria mal conformavam-se de igual modo, dizendo que era a sorte que Deus lhes dera, e como não conheciam outros meios viviam com resignação, uma vida de sofrimento e até de miséria, na maioria das vezes encoberta, e quando disso lhes falavam costumavam dizer: ainda há quem viva pior... pois nada mais conheciam além do Mundo em que viviam sem passarem mesmo as fronteiras da suas terras.

Não tinham notícias do Mundo exterior além de uma carta que trazia o Ti Afonso, carteiro pela noite, essa sempre esperada desses familiares que andavam por Lisboa ou em qualquer outra parte onde residiam mais familiares. As notícias que aqui vinham chegando, eram apenas aquelas que o amigo do povo lhes trazia, esse jornaleco quinzenal feito no seminário de Coimbra.

Os grandes conhecimentos raramente nos davam tranquilidade, sossego ou mesmo paz e felicidade, tanto nos podia ajudar como nos podia torturar, e muitas vezes o conhecimento das coisas porque se sofria, é que não tinha o direito de ser, a dor era sempre mais forte, nisto a maioria das pessoas aldeãs não tinham esse proble-

ma, talvez por isso que ainda por vezes com o estômago sabe Deus!...Mas levavam a vida a cantar sem viverem os problemas a sério, porque tudo isto era normal e ninguém tinha culpa das suas misérias. E esta era uma das razões porque por essas encostas e vales, desde o nascer do Sol até á hora do seu poente, por aqui e além se ouviam as vozes cristalinas quase sempre da gente moça, cantando como num desafio ao sexo oposto que trabalhava do outro lado da Ribeira no amanho das suas terras, a moça mais atrevida começava assim:

Passo a minha vida a sachar
O milho que há-de dar pão.
Procuro, mas sem encontrar
O amor do meu coração.

O sexo oposto começava no ponto da sua cantiga do outro lado da Ribeira um pouco tímido, pensando não arranjar rima para dar resposta, e começa assim:

O teu coração é esquecido
E tu sabe-lo muito bem.
Tantas vezes te tenho dito
Quero ser genro da tua mãe.

A moça sem papas na língua pois geralmente estavam habituadas a estes duelos e sem parar por um instante continuou:

Isso que agora cantaste
São palavras que vão para o ar,
Olha que ainda não entraste
na vida de militar!....

O rapaz que também tinha veia poética e não queria perder o duelo, pois estava em frente de uma linda e encantadora moça de uma perfeita poetisa e tenta uma vez mais pegar no ponto da sua oponente:

Ser militar e ser patriota
Lutando contra o inimigo,
mas logo que saia da tropa
Eu queria fugir contigo!...

A moça com os seus dezoito anos mas já farta dos trabalhos do campo tal como dantes... o seu anseio era ir para Lisboa, como o manifestou nos seus cantares:

Fugir não é coisa boa,
Já minha avó o dizia,
Mas quando estiveres em Lisboa
Podes contar com a Maria.

Nesta ribeira nesse dia matinal estava um verdadeiro cenário de amor, não apenas estes humanos mas também o cantar constante do pintassilgo, rouxinol, e muitas outras aves para atraírem a si as fêmeas indecisas, indeciso não estava o cuco, acucando no pinhal do cimo da estrada mas sempre com os olhos postos no ninho do pequeno chelho «nome que se dava a esta pequena ave» para ali deixar o seu único ovo aos cuidados desta, e ao mesmo tempo destruindo-lhe os dela, é a única ave que faz tal chulice, empurrando as suas responsabilidades sobre os outros e ainda destruindo-lhe a família.

A água da ribeira caía nas quedas de pequenos açudes onde as rãs nos seus riás... riás... pareciam imitar os jovens apaixonados, que já iam bastante longe nas suas públicas declarações, em que o jovem moço fez a sua jura de fidelidade:

Maria!... Eu vou-te jurar,
Serei teu p'ra toda a vida,
Quando alguém te procurar,
És mulher comprometida.

Era muito costumeiro estas cantigas de amor em género de desafio entre dois jovens de sexo oposto, quando no cultivo das

suas terras no tempo em que havia muita mocidade nas aldeias da nossa região. Esta era a maneira mais fácil para uma declaração ou o seu princípio, pois muitos rapazes tinham o complexo, talvez por falta de palavras adequadas como até receio de se dirigirem às raparigas e desta maneira depois das cantorias, tinham na mão a chave das suas confidências para levarem à frente aquilo que ambos desejavam.

Pelos milhos e pelos montes
Faziam-se declarações no cantar,
À noite, eram esperadas nas fontes
para tudo se confirmar.

Estava escrito no chafariz
Um lindo poema que dizia
Era a declaração mais feliz
E feita por poesia.

Lá de longe a longe, também se costumava fazer uma comédia teatral, a que se dava o nome de récita, organizada quase sempre pelo padre e a professora, quer até pelos estudantes seminaristas, este teatro amador, tinha até uma certa graça pela naturalidade e simplicidade dos seus actores, que eram sempre os jovens locais.

Era todo este conjunto de coisas e tantas mais que não podem ser escritas, porque fazê-lo seria preciso um livro do tamanho de um missal, pelas quais a maioria dos povos destas aldeias beirãs, viviam alguns momentos de alegria e de felicidade, nos tempos livres da vida aldeã.

Gostava de ser um poeta
Para cantar ao desafio,
deixa-me janela aberta,
Quero ir dormir contigo.

Janela aberta não me digas!
Disso nem é bom pensar,
eramos duas almas destruídas
Meu pai nos ia matar!...

Esta quadra de querer a janela aberta, custou ao seu autor quando jovem em Fajão, um valente par de chapadas, dadas pelo pai dessa jovem moça para quem a cantiga era dirigida. Os jovens desconheciam que estavam a ser vigiadas as suas diversões, que a censura paterna não pode aprovar. Nem mesmo nas aldeias a censura era livre!... E assim este jovem teve de pagar pelo abuso da sua cantiga.

A jovem foi isenta de qualquer penalidade por parte do pai, por este considerar que a filha tinha dado a resposta adequada à disciplina sempre imposta nas falhas, das leviandades juvenis.

Terras de vielas e quelhos
Casas de buracos no soalho,
dos mais jovens aos mais velhos
não tinham horário de trabalho.

Domingo era o descanso,
Mas nem todos tinham tempo
para muitos o serviço do campo
Era o seu divertimento.

Deus faz tudo bem feito
Mas não nos fez iguais,
E assim se vivia ao jeito
do que tínhamos e nada mais.

O povo brincava e ria
Fazendo os seus divertimentos,
era uma brincadeira sadia
que já não há nos nossos tempos.

Sem teatros nem cinemas
Nem mesmo rádios havia,
Mas havia muitos poemas
que a nossa gente fazia.

Às vezes havia brincadeiras
Pelo que se pagava bem caro,
custáva-nos enormes tareias
por cima do nosso costado.

Oh moças da minha aldeia
Juntas aos seus namorados,
nos serões junto à lareira
iam fazendo os rendados.

Outra doutrina ensinava
Aos miudos no serão,
P'ra festa que se avizinhava
da primeira comunhão.

Com vestidos domingueiros
E sem lenço na cabeça,
muitos jovens já cavalheiros
apreciavam a sua beleza.

Pelos verdes milheirais
Nos vales junto às ribeiras,
as águas corriam em canais
p'ra regarem suas leiras.

No pinhal mesmo de frente
O cuco começava a cucar,
às vezes a nossa gente
começava-lhe a perguntar:

Cuco!... És ave de planos?
Não fazes ninho nem criação,
diz-me lá por quantos anos
Ainda vou ficar em Fajão?

Cu-cu... cu-cu.. cu-cu..
Oh cuco tu estás a mentir,
És um intrujoão atrevido
O meu amor está p'ra vir
E vai-me levar consigo.

O cuco por fim terminava
Não abrindo mais o bico,
E ninguém já mais cantava
até domingo no bailarico.

Que lindos eram os serões!
No Inverno ao quentinho,
cruzavam-se olhares de paixões
com a filha do seu vizinho.

De cabeça baixa rendando
P'ro seu enxoal fazer,
os olhos deles iam falando,
sem ninguém os perceber.

Na altura das desfolhadas
Era o tempo do amor.
A lei das espigas encarnadas
levada sempre a rigor.

Essa espiga do abraço
Quando nessas desfolhadas,
era sempre um embaraço...
p'ras moças envergonhadas.

Os rapazes com paus malhavam
no centro onde estavam as espigas,
À volta os namorados falavam
baixinho com as raparigas.

Baixinho havia conversas
com moças comprometidas,
faziam-se muitas promessas
que nunca foram cumpridas.

As festas do Carnaval
Mais conhecias por Entrudo,
E aqueles que levavam a mal
eram os que pagavam por tudo.

Em visita os mascarados,
iam às terras da freguesia,
sempre tão disfarçados
que ninguém os conhecia.

Chocalhadas e outros inventos
se faziam coisas, não normais
Usavam-se os instrumentos
eram barulhos infernais.

A festa da Senhora da Guia
era a principal em Fajão,
muitas outras festas havia
p'las terras da região.

P'ra estas gentes das Beiras
Lisboa um Mundo diferente!
As pessoas traziam outras ideias
vinham mais assentes da mente.

Pobres... mas conformados
Com muito pouca instrução,
Como desconheciam outros lados
não tinham qualquer ilusão.

Aqui fica quase tudo
Do que havia p'ra gozar
Dum povo humilde e puro
que só pensava em trabalhar.

CAPÍTULO VII ASSISTÊNCIA MÉDICA

Em muitas parte do país, especialmente em alguns lugares do distrito de Coimbra e Castelo Branco, havia terras em que a assistência médica profissional era totalmente nula.

O Concelho de Pampilhosa da Serra por exemplo, que é o mais extensivo como também era o mais pobre do distrito, e penso não mentir se disser o mais miserável e desprezado e de menos recursos de todo o país, apenas vindo a melhorar quando da entrada do Primeiro-Ministro Marcelo Caetano.

Neste concelho havia apenas um médico para cobrir esta enorme extensão de cerca de dez freguesias e suas terras, em certos lugares o tempo do seu percurso para um só lado, como seja o caso da Pampilhosa a Camba ou Ceiroco da freguesia de Fajão, eram precisos o mínimo cinco horas a cavalo por caminhos de cabras quase em todo o seu percurso, isto para cada lado.

Esta era uma das razões porque muitos nasciam e morriam sem nunca verem um médico!...

As vias de comunicação para se poder chegar à sede do concelho, eram da classe zero. Carros não havia mas não havendo estradas também não eram precisos, telefones era coisa que também ainda não tinha chegado a estes lugares, a única via de comunicação era o cavalo, que só o padre e os barbeiros os possuíam, e mesmo estes não eram em todo o tempo, pois havia alturas que também tinham de andar a pé, não sendo nada agradável para quem tinha que se deslocar como eles, e algumas vezes de noite.

O que valia a esta gente eram os médicos sem diploma, estes que nunca deram entrada numa escola secundária, ou mesmo primária... mas contudo, foram mais que médicos salvando muitas

vidas. Esta profissão que pais ensinavam a filhos nas suas terras, sem terem de ir para as universidades aprender medicina, mas o que é certo é que todas as freguesias tinham pelo menos um desses médicos para cobrir este território.

Estes homens que cortavam a barba e o cabelo aos seus clientes e era praticamente disso que viviam, pois a medicina praticavam-na por amor e dedicação, e por impossível que pareça!... Em medicina faziam coisas que muitos médicos nos dias actuais se recusam a fazer. Estes médicos terminaram as suas actividades por volta dos primeiros anos da década de setenta, sentindo-se daí em diante a sua falta.

Em Fajão havia dois que foram verdadeiros médicos. Em medicina tudo sabiam fazer, desde as unhas encravadas até à extração de pequenas partículas dos olhos.

Em terras de vales e outeiros,
com escolas e sem professores,
havia os chamados Barbeiros,
eles não eram enfermeiros
mas uns verdadeiros Doutores!

Sem segurança nem futuro
Ao chegar á terceira idade,
em medicina faziam tudo,
só lhes faltava o canudo
que se tira na universidade

Estes homens não curavam por meio de chás ou benzélices, não senhor!... Eles tratavam os seus doentes mais ou menos como faziam e ainda fazem os médicos: passavam receitas dos remédios que eles entendiam serem os indicados para combater o mal dos seus doentes, consoante as suas doenças, que as farmácia concelhias aviavam sem qualquer objecção; eram eles que davam as injecções; que determinavam a quantidade a tomar assim como a hora; eram eles que também vacinavam quando estas eram necessárias, etc.

Eram chamados por vezes a qualquer hora, de dia ou de noite para assistir aos seus doentes e até às vezes mesmo a partos, quando este não vinha normal, sempre que prestavam a sua assistência faziam-no como se um sagrado dever profissional se tratasse. E sempre que alguém morria a confirmação final para o óbito era feita por eles, que depois passava ao padre e junta para a realização do funeral onde por fim era dada baixa ou registo de óbitos.

Desde as pulmónicas às maleitas
todas as doenças tratavam
sem remuneração nem colheitas
lá iam passando receitas
que as farmácias aviavam.

Nas veias davam injecções
E até extraíam tumores,
salvaram tantos beirões
estes Barbeiros cirurgiões
que foram verdadeiros Doutores.

Estes Barbeiros que eram os médicos que este povo conhecia, tinham tanta confiança nos seus saberes, que por vezes rejeitavam opiniões do médico e seguiam as do Barbeiro.

Estes Barbeiros médicos em quem o povo das serras punham as vidas nas suas mãos, em maioria, estavam muito bem equipados em instrumentos de medicina, e não exagero se disser, que alguns não menos que qualquer médico profissional da época, pelo menos os que conheci em Fajão. Eles não faziam apenas o que faz um médico de clínica geral, mas antes faziam muitos trabalhos que fazem parte da cirurgia médica. Extraíam dentes, tratavam de fraturas de todas as espécies e de tal maneira, que nunca nenhum por estes tratado ficou com problemas dessa fractura; nos grandes cortes em que tinha que levar pontos, coziam o local afectado com uma perfeição e cuidado que ainda hoje fazia inveja a muitos médicos se vissem estes trabalhos feitos por mãos de amadores. Sangravam os doentes quando em quedas o sangue ficava junto e pisado, ou

em outras doenças ou males que era bom fazer este tipo de tratamento, muito usado nesse tempo até mesmo nos hospitais, vindo a ser proibido mais tarde pela lei da medicina.

Estes homens faziam qualquer tipo de operação exterior, desde arrancar unhas encravadas até à ligação de dedos amputados, como extraír tumores, etc., etc.

Para provar a verdade destes factos, não é preciso sair fora da casa onde nasci, nem fora da minha família, pois só sou testemunha por aquilo que vi, como também por aquilo que sofri.

Em 1943 quando um irmão de três anos de idade começou por se queixar de uma dor na perna, ao que a mãe não fez grande caso, visto as crianças hoje estão a morrer, amanhã saltam e pulam, mas não aconteceu assim com esta criança, que começou por chorar mais e mais e a perder de andar, o que levou à total atenção da mãe que acabou por descobrir no filho um tumor no grosso da perna junto da barriga. Imediatamente mandou chamar o Barbeiro, este depois de analisar e medir o alto, deu ordens para pôr pachos quentes de água de malvas, três vezes ao dia, durante três dias e depois ia voltar, para ver se o caroço estava na mesma ou tinha aumentado de volume. Como se mantivesse inalterável, resolveu operar a criança ali mesmo, deitou-a sobre a mesa exisente na sala, puxando a mesa para junto da janela a única que existia na casa, e depois de prender as mãos e pés do pequeno paciente deu início à operação e extraiu o tumor da perna do rapaz, o que fez com êxito.

Cerca de dois meses desta operação, quando nos meus doze anos de idade fui vítima de uma queda, fracturando o crâneo, levando vinte e dois pontos. Duas décadas depois, num acidente de trabalho na fábrica de automóveis Chrysler na cidade de Toronto, Canadá, por um corte do mesmo sítio mas de uma menor dimensão, o médico da companhia depois de prestar os primeiros socorros, ordenou que fosse de emergência para o hospital, onde um cirurgião me coseu a testa que levou dez pontos menos de metade, do que o Barbeiro tinha feito anos antes. Foi nesta ocasião que me veio à memória o Barbeiro da minha terra, que vinte anos antes fez o que o médico da Companhia não quis, ou não tinha capacidade de fazer. Como o Barbeiro tinha morrido há cerca de

seis meses, tirei da cabeça o meu boné e rezei-lhe um pai nosso por sua alma.

Em 1951 o rapaz que o Barbeiro operara agora com onze anos de idade, quando junto de outro irmão mais novo, cortava o mato sobre um tropeço, accidentalmente amputou dois dedos ao seu irmão com a roçadura, ficando os dedos presos apenas por uma pequena parte da pele. Correram de imediato ao Barbeiro que por sorte estava em casa, sem perder tempo começou por fazer a operação, pondo os dedos nos seus lugares e depois de cozidos encanou-os e todos os dias vigiava esta operação que foi mais um grande sucesso da sua vida de medicina, pois os dedos colaram e nada se nota além da cicatriz da cozedura. Para alguns médicos que têm visto este trabalho ficam duvidando se na realidade os dedos teriam sido mesmo cortados! Estas coisas aconteceram numa só família, mas eles tinham centenas ou talvez milhares delas, em que todos os dias aconteciam coisas idênticas.

Muitos foram beneficiados
Até a família Vicente,
Foram três operações delicadas
e nem mesmo foram pagas,
Assim fazia a toda agente.

Os três foram operados
À cabeça, outro a um tumor
outro, foram os dados cortados,
não ficaram aleijados
porque tiveram um bom Doutor.

Estes médicos sem diploma estavam em quase todas as aldeias do nosso país, e todos os que tiveram estes por seus médicos, têm muito de bom a contar de tudo o que deles receberam, como também o que deles conheceram da grande capacidade no campo da medicina, e em memória de todos esses, o governo deveria fazer algo assim como a todas essas mulheres que também dedicaram as suas vidas como parteiras amadoras, para que as novas gerações

não esquecessem, esta gente que foi quem valeu aos seus antepassados.

O mesmo aconteceu com muitas mulheres serranas e até em quase todas as aldeias do país, onde não havia maternidades nem parteiras e sem possibilidades ou facilidades de poderem ir as crianças a esses lugares, por tal razão, em qualquer aldeia longe das cidades, havia sempre uma mulher qualificada ou mesmo mais, para assistir neste género de doenças.

Em Fajão por exemplo havia duas bem qualificadas, mas uma delas de nome Ti Maria dos Anjos, também conhecida por a Mãe dos pobres, ou por Ti Conserta. «Mãe dos pobres»... pela hospitalidade que sempre tinha para com os pobres, quer viajantes, como locais!... O alcunha de «Ti Conserta», era porque esta apóstola da paz, quando tinha conhecimento de que alguém na localidade estava, com problemas de desentendimento ou discórdias nas suas diferenças, logo lá estava ela para tentar a paz entre ambos, afim de evitar um maior azedume como até por vezes nos mais teimosos, fazer com que as coisas fossem resolvidas sem a intervenção da justiça, e com a sua atitude de medianeira, resolveu muitas contendas em favor da paz e da boa harmonia entre as pessoas da terra.

Esta mulher que também foi mãe de uns dez filhos, era pobre como qualquer pessoa da aldeia, mas só que na altura em que a conheci já todos os seus filhos estavam criados e espalhados por toda a parte e alguns até no estrangeiro, como todos estavam bem e eram amigos dos pais, era esta a razão porque ia fazendo caridade com as dávidas dos seus filhos. Esta senhora era a mãe desse Samaritano a que me refiro no capítulo anterior, de nome César Vicente da Silva, que fazia do seu restaurante uma escola, para lançar os caloiros na vida». Tal mãe, tal filho!... Tudo o que esta mulher tinha, desde o seu coração de anjo até às suas mãos milagrosas, era tudo do mais perfeito e bom...

No tempo em que me comecei a conhecer, em Fajão nasciam muitas crianças anualmente, talvez cerca de umas vinte aproximadamente, sendo esta Senhora a parteira se não de todas, pouco menos, os partos vinham normais, mas com a sua experiência, conhecimento, astúcia, conseguia coisas que quase parecia milagre

e faria inveja a muitas parteiras diplomadas se vissem a sua capacidade neste tão delicado serviço, quando por vezes estava em risco a vida da mãe e do filho, que algumas salvou em tais situações.

Segundo diziam certas mães em que os seus partos não vinham normais, de que esta Senhora tinha métodos muito dela, para resolver estes delicados problemas, sem nunca entrar em pânico, pois nunca se perdeu uma vida em partos debaixo da sua orientação. As mães e filhos fajaenses muito lhe ficaram devendo, por tão valioso contributo que esta bondosa mulher deu, na causa do bem servir e amar em favor do seu semelhante, este sempre na prioridade da sua vida.

Sem assistência de Doutores
No leito de tábuas pregadas
à luz davam com dores
Assistidas por mulheres de valores
melhor que as diplomadas.

Neste Mundo da humanidade
Há gente boa também
Esta mulher de bondade
se alguma vez fez maldade
Fazia-o, julgando ser bem.

Esta Senhora, que penso nunca ter saído da sua terra natal, pelo que nunca teve a oportunidade de ver os pobres em linha, recebendo a sopa do Sidónio, mas era precisamente o que ela fazia na sua casa da aldeia. Quase diariamente usava fazer uma panela de sopa logo pela manhã, para os pobres que iam passando e para os mais famintos da terra, dos quais infelizmente eu também fazia parte. Morreu na Primavera de 1943, três meses depois de ter perdido o meu pai, pelo que fiquei mais pobre, como tantos outros mais, que a tínhamos como um refúgio, nesse tempo difícil de menino e moço.

Apenas me recordo de ver o Médico uma única vez na minha aldeia nos fins de trinta, quando ainda era bastante criança. Foi

chamado para assistir a um parto de uma Senhora que acabara de regressar de Lisboa e cujo marido rejeitou os serviços daquela Senhora por julgar que o parto não vinha normal, como na realidade não vinha, e optou pela assistência profissional.

Esta experiente mulher que tinha assistido á sua mãe nos seus irmãos mais novos, foi rejeitada e não tomando em conta os conselhos da experiente e bondosa Senhora, não que fosse por mal, mas como a sua vida por muitos anos tinha sido em Lisboa, não tinha conhecimento daquilo que a Senhora era capaz.

Esta família viviam em Lisboa e parece que tinham regressado à terra definitivamente, pois o marido era polícia da segurança pública naquela cidade e como apanhou a reforma antecipada, este casal já com uma filha, estava agora esperando por um segundo, e parece que tudo estava correndo normal, até á altura do parto, em que as dores pareciam não corresponder á normalidade.

Nessa triste manhã, a infeliz Senhora apercebeu-se dos sinais de parto e mandou chamar a entendida mulher da aldeia, e esta experiente parteira do povo verificou de que a criança não vinha normal. Chamou o marido pondo-o ao corrente dos factos e do perigo que corria, tanto para a mãe como para o filho, ao mesmo tempo disse-lhe que se tinha de prestar uma assistência rápida com os recursos locais, mas aqui o bom do marido pensou duas vezes, e disse à Senhora que mandava chamar o Médico. A Senhora disse:

Chamar o médico é um jogo quase perdido. Primeiro, porque eram muitas horas de espera numa ocasião em que não se podiam perder minutos, segundo, o médico podia também não estar no consultório e como não havia telefone para se poder contactar, encontrá-lo seria também uma sorte. Terceiro, este médico ainda que não fosse mau profissionalmente, mas era muito pouco feliz neste género de problemas, segundo a lenda do povo, é melhor tentarmos o nosso melhor — disse a mulher, se não se poder salvar a criança, vamos ou menos tentar salvar a mãe. Sem qualquer responsabilidade ofereço a minha boa vontade e todo o meu saber e experiência —, disse a Senhora, mas o marido rejeitou a oferta e decidiu por chamar o médico.

O marido ainda que excelente pessoa mas como estava acostu-

mado às teimosias e desconfiança da origem do seu próprio trabalho, ignorou as instruções da Senhora, não por maldade mas por falta de confiança e recorreu ao serviço clínico profissional, mas tal como a mulher previra, esta decisão ainda que bem intencionada mas não foi a mais própria nem a mais feliz!... Foi uma desgraça... nem filho nem mãe se salvaram! Tal como foi previsto pela experiente mãe dos pobres.

Como não havia vias de comunicação quer rodoviárias quer telefónicas, foi mandado um estafeta à sede do concelho, cujo percurso era cerca de três e meia, quatro horas para cada lado, isto na iminência de não encontrar o Médico na localidade, mas por sinal estava.

As mulheres pobres das Beias
Apenas lhes valia Jesus!...
Trabalhando nas suas leiras,
sem maternidade nem parteiras,
os filhos davam à luz...

Eram as mulheres dedicadas
Que nos partos assistiam...
não eram essas diplomadas,
Nem tão pouco remuneradas,
mas sempre prontas serviam.

Como sempre, o Médico mandava aparelhar o cavalo pela manhã que mantinha aparelhado durante o dia, para em caso de uma chamada de emergência não perder tempo. Uma vez a mensagem dada ao Doutor este sem mais demora, foi a casa buscar mais alguns instrumentos do seu ofício, montou no cavalo e sem mais querer saber do estafeta, seguiu a toda a pressa. E ainda que o estafeta tenha deixado a sede do concelho ao mesmo tempo do Doutor, só chegou a Fajão hora e meia depois. Desde que o estafeta saiu de Fajão até à chegada do Médico foi o tempo de seis horas e meia, sendo a sua chegada tarde demais, tanto para a mãe como para o filho.

Serviu o Médico apenas para passar a certidão de óbito, coisa

que nunca se usava fazer por estes lados, por ser fino demais e também muito dispendioso para quem não tinha na maioria das vezes, dinheiro para comprar o simples pão.

Por estas aldeias das Beiras as pessoas viviam na sua maioria tão pobres que quando alguém adoecia, não havia uma alimentação de acordo com a sua debilidade, o doente tinha de continuar a comer o caldo das couves e as batatas com o bocadito de carne de porco se havia. Gealmente quase todas as pessoas tinham uma ou duas galinhas, as chamadas «poeiras» que punham ovos mas não era para os donos comerem, mas sim para dar ao padre, pelo menos uma vez pela Páscoa e a outras pessoas para pagar esta ou aquela obrigação, e sempre que uma destas galinhas morria, pois não eram eternas, chorava-se quase tanto como se de um humano se trattasse.

Por esta razão quando se matava uma destas aves para fazer os tais caldos de galinha para o doente, era quando este já nem isso podia comer, e quando se ouvia dizer que o Ti Fulano estava a caldos de galinha, começava-se logo a rezar-lhe por sua alma, pois não há memória desses tempos, que se matasse uma galinha a um doente e que este a terminasse ou que voltasse a recuperar o seu estado de saúde normal, ou mesmo a vida raramente ia além de três dias mais.

Por isso chamar-se o Doutor e ficar-se empenhado sem haver dinheiro para comprar o alqueire de milho e se os Barbeiros ainda sabem mais que eles!... Não... os Barbeiros e os padres também sabiam passar a certidão de óbito!... E na realidade estes que falavam assim não deixavam de ter razão... pois era mais barato de que ter de pagar 80\$00, como aconteceu ao polícia, só para assinar um papel, e parece que nem rezou ao menos um Pai Nossa por alma!

Este Doutor Barateiro ainda que tenha levado os 80\$00 que era o equivalente a dezasseis dias de salário camponês, 5\$00 x 16=80\$00, pois cinco escudos era o que ganhava por dia nesse tempo, quando havia alguém que desse algo a fazer, mas de qualquer maneira, olhando as horas perdidas à deslocação e tomando em consideração de que se tratava de uma chamada Médica, não se pode dizer que era caro!... Simplesmente as pessoas é que não tinham dinheiro

ro para pagar, até porque este Doutor não tinha o espírito de exploração, e se levava dinheiro a muitos o que é normal, pois também tinha que viver, também havia outros a quem nada levava e consultava-os como qualquer outro que pagasse.

Na aldeia os sinos tocavam
A finados por quem morria,
À terra todos regressavam
e por sua alma rezavam
Pai Nosso e Ave Maria.

De Lisboa um casal voltava,
Trazendo uma criança no ventre,
esse parto mal calhara!...
O homem, o Médico chamara
pois o perigo era iminente.

Nas encostas o gado pastava...
Num sonoro... tlim... tlão!...
E um cavalo galopava
no alto da velha estrada,
a caminho de Fajão.

Era o médico, coisa esquisita
Por estas aldeias e lugares,
alguém que o Doutor visita
P'ra uma desgraça que já não evita,
Começaram os ais... e chorares.

A falta de recursos de manutenção, afectava todos em geral, sendo sempre os mais atingidos as crianças e as pessoas no estado de enfermo, pois não havendo uma alimentação de acordo com a doença, os doentes caiam num estado de debilidade de tal ordem, que só por milagre podiam recuperar.

Geralmente estas pessoas que viviam do campo, a natureza do próprio trabalho, obrigava-as a lutar até ao ponto em que as suas

forças não podiam acompanhar o ritmo da sua vontade, e quando caiam na cama, quase sempre era tarde demais para uma recuperação, e não havendo recursos financeiros para atacar o mal pela raiz, nem os Barbeiros nem mesmo os Médicos, muito pouco ou mesmo quase nada podiam fazer, por estas terras muito longe das cidades, onde havia esses estabelecimentos hospitalares, em que além de uma emergência, o internamento só era feito por intermédio dos especialistas das cidades, o que para esta gente tal como Fajão a oitenta quilómetros aproximadamente de Coimbra, sem meios de transportes e de bolsa vazia, não era somente difícil mas antes inteiramente impossível.

Oitenta quilómetros de distância
Em Coimbra era o lugar...
sem carro e sem ambulância
era de perder a esperança
de alguém se poder salvar.

Trabalhavam o quanto podiam,
Era a lei de sobreviver,
muito raro se satisfaziam,
Porque em maioria não tinham
o suficiente p'ra comer!...

Quando nos tempos de criança, nos meus nove anos de idade, num certo dia ao regressar a casa pela noite com o rebanho, uma vizinha que tinha o marido já por algumas semanas na cama doente, esperando o visto para a eternidade, pediu a minha mãe para que o filho que já vinha sendo costume neste serviço de intérprete, lhe lesse uma carta do seu filho que vivia em Lisboa, a que a mãe lhe disse de que teria de esperar até dois dias depois, que era quando o seu Zé chegava, vindo de Pescanseco, para onde tinha ido naquela manhã, ou então teria de procurar alguém que lhe fizesse esse favor, tenho o meu Tonito que já anda há dois anos na escola e já tinha por obrigação de saber ler uma carta, mas é um burro que eu aqui tenho, disse a mãe, não me aprende nada!... Se eu

pudesse até o tirava da escola pois só me anda lá a perder tempo... olhe! Eu também tenho uma carta da minha filha que o Ti Afonso Carteiro me entregou, mas também tenho que esperar p'lo meu Zé, este filho já tinha onze anos e já tinha saído da escola por ter feito o exame da terceira.

Todas estas coisas tinham sido ditas à minha frente, o que me deixou mais pensativo de que a minha rudez, não era um complexo mas infelizmente uma realidade, à qual tinha que me habituar.

No fim de comer a ceia, a malga de caldo e a fatia de broa aquecida sobre as brasas e untada com um pouco de azeite, pedi à minha mãe se podia ir até à Cruz da Rua, o local de convívio da terra, a que a mãe prontamente disse não... temos que rezar o terço, pois já ontem se não rezou, isto é uma casa de hereges? E sem mais demora iniciara-se a oração do rosário, esta que geralmente era feita pelos dedos, porque tinha o mesmo valor e o rosário de contas custava entre três e cinco escudos, e a nossa Senhora como sabia da nossa vida, aceitava por igual a reza pelos dedos... o que era preciso era fél...

As doze e treze horas de trabalho árduo e difícil do campo, não dava àquela chefe de família, a oportunidade de rezar além das três dezenas do rosário, tal como já vinha acontecendo por dias, que logo se ficava a dormir. E a partir daqui toda a filharada era livre.

«O meu Tonito não aprende nada, é um burro, se pudesse tirava-o da escola, etc., etc.,» isto martelava-me constantemente no cérebro, e com isto em mente disse adeus aos irmãos que ali dormiam, peguei na chave do palheiro e deixei a cozinha, onde a mãe dormia no meio daquelas inocentes vidas, e de quando em vez a sua boca se abria, para e numa voz sonorenta começar: Santa Maria mãe de Deus... e logo se ficava a dormir de novo sendo um fartote de rir para a miudagem.

Dirigi-me a casa da Senhora passando pelo local da Cruz da Rua sem dar pela presença dos meus amigos que ali esperavam por mim, bati à porta da Senhora que logo me mandou entrar, a quem perguntei se já tinha mandado ler a carta, sendo a resposta não... não gosto de dar a minha vida a saber ao povo inteiro pelo que

vou esperar pelo teu irmão. Então eu disse: sabe eu ainda só ando na escola há dois anos, e no ano passado só tivemos três meses de escola, porque a Senhora professora quando chegou o Natal já não voltou, e mesmo quando em tempo de aulas é só o que estudo na escola, porque tanto de manhã antes de entrar como depois de sair da escola tenho que ir ao carrego, mas a minha mãe diz sempre que sou um burro... e eu sei que sou, porque todos dizem isso na escola, mas eu não tenho culpa!... Mas eu até já leio um bocadito... se quiser que eu experimente! A mulher disse: não meu filhol!... Quando o teu irmão vier.

A carta estava encostada junto a um jarro de flores sobre a mesa e vi que a carta estava aberta e era registada, tentei pegar-lhe mas faltaram-me as forças e a coragem, mas nesta ocasião o marido chamou-a, ficando só, pelo que peguei na carta já aberta e vi que se tratava de um letra linda e de leitura fácil, pelo que não vi qualquer dificuldade em fazer a interpretação da referida carta, meti-a outra vez dentro do envelope sem que a Senhora desse por isso, e quando voltou, já com a certeza de que não ia ficar mal, disse à Senhora com aquele à-vontade: deixe-me ver a carta para eu ler! Tirei a carta uma vez mais de dentro do envelope mas agora à vista da mulher, li todo o seu conteúdo em voz baixa e ao terminar passei a ler em voz alta de maneira clara e sem perder uma vírgula, em que a mulher disse: mas será possível o que estou a ouvir? Tu lês melhor que o teu irmão? A tua mãe não sabe disso?

O conteúdo da carta do filho era apenas relacionado com a doença do pai, dando alguns pareceres, ideias e até conselhos do que seria melhor para ele. Dizia o filho: aqui lhe mando 200\$00 que é tudo quanto posso dispor de momento, e com este dinheiro mande vir o médico de Góis que em caso de ter de ir a um especialista já está mais perto de Coimbra ou mesmo da Lousã onde já há médicos mais qualificados ou até no caso de ter de ser internado.

Quanto à vinda para Lisboa, a ideia não era má e era até isso que eu gostava, mas para evitar aquilo que os pais sabem... é preferível ajudá-los de outra maneira, de que... olhe! Quando escrever não mencione na carta os 200\$00 que lhe mandei, mas para ter a certeza de que recebeu, diga só, que o milho que lhe foi entregue

foram 200 litros. Assim que puder eu mandarei mais alguma coisa, e escreva-me assim que puder, estimo as melhorias do pai e beijinhos para ambos, este seu filho: J. A. Adeus.

Apenas uma coisa na carta que a Senhora entendeu muito bem, mas que eu não consegui compreender: «é preferível ajudá-los de outra maneira do que... nisto bateram à porta, e ao perguntar quem era, a pessoa de fora disse: é o Barbeiro!

O homem entrou, depois de dar as boas noites perguntou como estava o doente e de imediato se dirigiu ao cubículo do doente. Depois de o Barbeiro ter analisado que o seu estado tinha piorado, perguntou á esposa qual tinha sido a comida que o marido tinha comido, e logo esta disse: um caldo de castanhas!... Caldo de castanhas?... Isso é um veneno — disse o Barbeiro... nem todas as pessoas com saúde podem comer esse alimento, por ser muito forte e pesado, e você vai dar castanhas a um doente neste estado? O Barbeiro furioso com a senhora e só acalmou quando a mulher lhe disse: Senhor António, eu não tinha mais nada que lhe dar! Amanhã é que eu já vou comprar alguma mercearia e ver se alguém me vende uma galinha para lhe fazer uns caldos, porque o meu filho mandou-me uns dinheiros e é até por isso que aqui está o pequeno da Ti Bárbara para me ler a carta, a que o Barbeiro perguntou de imediato: e ele já sabe ler uma carta? E muito bem... disse a mulher, o que foi uma surpresa!...

A esposa do doente explicou ao Barbeiro o que o filho lhe dissera na carta, acerca de chamar o Médico de Góis e não chamar o da Pampilhosa, não era porque o Dr. Barateiro não fosse um belíssimo Médico, mas era só por causa dos transportes em caso de ter de ir a um especialista ou mesmo ser internado!... O Barbeiro opôs-se a isso, dizendo que essa ideia não era boa, pois havia muitos inconvenientes e puxando a mulher para fora, a fim de o marido não ouvir disse-lhe: O Médico de Góis não vem aqui por menos de 100\$00 e não vem cá fazer nada que eu não possa fazer... Para o efeito de ser internado isso já é diferente, mas o da Pampilhosa também pode tratar disso, e no dia do mercado eu vou falar com ele e logo vejo o que ele diz, mas de qualquer das maneiras não o aconselho a sair daqui. Ele não pode andar, porque não tem forças

para isso, teria que se alugar um carro de bois para o ir levar ao Rolão, que demora mais três horas e meia, para apanhar a camioneta do correio que passa ali às oito, a estrada é de muitas curvas e com esses saltos da camioneta chegava lá morto. E se é o azar de ele lá morrer, para o trazer para aqui custa-lhe um dinheirão, por isso a minha opinião é deixá-lo estar sossegadinho, compre-lhe uma galinha e vá-lhe dando uns caldinhos e vamos tratando dele da melhor maneira, este é o meu conselho —, disse o Barbeiro. A mulher aceitou o conselho dado, e como tinha uns magros centavos, foi comprar o melhor que pôde para dar ao marido, como também uma galinha que a Ti Maria do fundo lhe vendeu, por esta apanhar o vício de comer todos os ovos que punha.

E como não havia memória de matarem uma galinha a um doente e ele comê-la toda antes de morrer, este belo Senhor também não fugiu à regra, três dia depois morria também.

Nessa carta que eu li
Na primeira e segunda vez,
nunca tal mulher conheci,
mas por aquilo que comprehendi
a nora era uma fraca rês!...

O Barbeiro ficou exaltado
E a Senhora quis avisar,
julgou ser falta de cuidado
por esse alimento pesado,
mas não tinha outro p'ra dar.

Quando as pessoas morriam por estas aldeias, raro eram aqueles que levavam urnas, isso era um luxo demasiado caro para o bolso desta gente. Além disso, também era coisa que não havia por estes lugares, o mais perto era em Arganil e não era fácil o seu transporte, como não havia estrada para automóveis como hoje, era só às costas e como a distância, que desta nos separa são uns vinte e tantos quilómetros por ruins caminhos, era fazer um sacrifício muito grande, para alguém que já nem obrigado nos dizia.

Por estas razões e também por ser mais acessível, era o motivo porque o carpinteiro local ia fazendo os caixões, usando em parte os caixotes do sabão que vinham para a loja do Senhor A. Martins, que ia guardando, para esta e outras utilidades em que a madeira faz parte.: E assim, sempre que o artífice local não tinha trabalho ia-se entretendo a fazer estes caixões, e sempre que alguém morria era só forrá-los, que nas mãos destes artistas, faziam esse trabalho em pouco mais de meia hora e como isto era para ir para debaixo da terra, quanto mais barato melhor. Contudo havia sempre este ou aquele que viviam em condições mais privilegiadas que gostavam de ser diferentes dos outros, pelo que raramente usavam este tipo de caixões, porque as famílias se sentiam vexadas.

Sempre que alguém morria
Pelas terras dos Beirões,
como dinheiro não havia
Era o carpinteiro que fazia,
para os mortais os caixões.

Neste Mundo dos humanos
De diferenças sociais,
nem grandezas nem planos
nessas tábuas forradas de panos
todos nós somos iguais.

Se a falta de assistência médica era um problema, havia outros ainda muito maiores!... Na saúde, ainda íamos tendo os Barbeiros que desempenhavam um papel bastante importante neste campo, e nunca se viu este ponto como o problema principal das nossas aldeias, mas sim o problema da nutrição. Este povo em especial as crianças, devido a essa pobre alimentação muitas morriam nos primeiros anos da sua existência. Ao deixarem o leite materno, a sua alimentação pouca diferença tinha à dos adultos, e além de não ser um alimento eficaz de acordo com a idade crescente, ainda na maioria dos casos, era escassa.

Mas este não era o único problema destas crianças aldeãs, assim que chegavam aos seus cinco, seis anitos, eram empurradas para os

campos e montes, para começarem a ser treinados nesse trabalho antes da idade, muitas vezes além da suas próprias forças, carregando pesos contra a sua vontade. Esta era uma das causas porque em maioria ficavam de pequena estatura, e até de mentalidade por vezes atrofiada. A falta de alimento e agasalho deixou recordações amargas, nas mentes dessas juventudes.

Para esses Barbeiros, os Médicos das aldeias abandonadas por quase todo o país, como para essas mulheres que dedicaram as suas vidas como parteiras amadoras, este capítulo é a eles dedicado, por tanto que fizeram em prol da saúde e assistência ao povo das suas terras. Como já todos deixaram o cenário terrestre e se é que há vida eterna, que Deus não os abandone tal como eles não abandonaram todos os que necessitaram do seu trabalho, do seu sacrifício, do seu saber e do seu AMOR.

Não!... Eles não eram benzelhões
nem de rezas nem fumeiros...

Eles eram até cirurgiões,
Faziam difíceis operações,
estes os chamados Barbeiros.

Barbeiros os bons sujeitos,
Sempre prontos p'ras chamadas
assistiam doentes nos leitos;
quando se fala dos seus feitos,
parecem contos de fadas!

Havia sempre na aldeia
Um mulher qualificada,
que fazia de parteira,
por vezes á luz da candeia,
Em noites que era chamada.

As mulheres das cidades,
quanto do parto tinham dores,
Tinham outras comodidades,
davam à luz nas maternidades,
assistidas por Doutores.

Coimbra e Castelo Branco,
Beira Baixa e Litoral.
E pelo país em qualquer canto,
Foi sempre a gente do campo
a que mais sofreu em Portugal.

Não são histórias nem lendas
Foi de muitos este viver...
pastores no monte sem merendas,
com fome se cultivavam fazendas,
desde manhã ao escurecer.

Penso ter sido na zona centro
Quem mais sofreu pelo que vi!
Tantos pobres sem alimento,
E a todos chegou nesse tempo,
mas cada qual sabe de si!...

Nos montes de grandes penedos,
Onde não entravam os gados
nem os choros nem os desesperos,
E até o gemer dos enfermos
foram sempre ignorados!

Muito por aqui se sofria,
Com fome e mal agasalhados,
Se é que governo havia
Ele não nos conhecia,
éramos filhos enjeitados.

No caldo a broa migava,
Era um hábito lá da aldeia,
Quando o caldo fumegava,
que da panela se tirava
feito ao lume da fogueira.

Serras íngremes mesmo a prumo!
Cantava o cuco no pinhal
e de uma casa saía fumo,
quando acendiam o lume
na ribeira junto ao vale.

Cozinhado o caldo seu
P'ra depois à luta voltar,
este povo que aqui nasceu
em maioria morreu
Sem conhecer outro lugar.

Povo heróico de virtude,
Pedia quando rezava
Que Deus sempre nos ajude
Com o pão de cada dia e saúde,
era o que mais os preocupava.

Entre as cidades e as serras
Era como dois Mundos diferentes,
Um em paz, outro em guerras,
com fome se cultivavam terras
e nella deixando as sementes.

A diferença da cidade e das beiras
era desde o vestir ao comer,
P'ra uns era jantar, outros ceias,
uns de bolsa, outros carteiras
uns p'ra gozar, outros p'ra sofrer.

Faziam-se patifarias
Quando se juntavam companheiros,
Umas vezes eram alegrias,
outras cabeças partidas
P'ra dar trabalho aos Barbeiros.

Fui vítima de queda fatal,
Num dia, guardando o gado,
Como não havia hospital
Para evitar um pior mal
P'lo barbeiro fui operado.

Este deu-me uma injecção,
E recordo ele dizer
É um corte, de grande dimensão
Na cabeça, uma operação
Pode o pior acontecer.

Diz a pobre mãe e mulher
Com lágrimas nos olhos seus:
Faça tudo o que puder...
responsabilidade não vai ter,
Tudo fica entregue a Deus.

Não foi numa enfermaria
Nem na emergência do hospital,
Como não havia anestesia,
a frio a testa cozia
Com vinte e dois pontos, no local.

Depois da operação concluída
deu à mãe alguns ensaios:
Nem Sol, nem longa dormida,
Pois disto depende a vida,
E chame-me, se tiver desmaios.

No próximo tratamento,
Já nem senti tanta dor.
Esses homens daquele tempo
eles não só tinham talento
como também tinham amor!...

E o Tonito escapou dessa!
Com dores na cabeça ferida,
recordo ao ver a minha testa,
destes homens!... que já nada resta...
pois tudo desparece na vida.

Vivia-se à mercê do tempo,
quer da sorte, ou do azar!
Sem representatividade no parlamento,
Pois nada nos vinha de São Bento
além das contas p'ra pagar.

CAPÍTULO VIII VIAS DE COMUNICAÇÃO

A comunicação nestas terras das Beiras para o Mundo exterior, era do que se podia chamar uma verdadeira miséria. No que se refere a rodovias, em todas as terras que conheci nestes concelhos vizinhos, poucas eram as que tinham uma estrada onde lá pudesse ir um automóvel, mesmo nas sedes de freguesia. Em Fajão por exemplo, dos cinco caminhos adjacentes à localidade, não havia um que se dissesse, benza-te Deus!... Eram péssimos e sempre em mau estado de conservação, mesmo até difícil aos carros de bois.

Caminhos com acesso a automóveis, ainda poucas eram as terras que podiam usufruir tão importante luxo, embora que de quando em vez já se começasse a ver ao longe, as nuvens de pó que iam ficando no ar por alguns minutos, enquanto os nossos olhos acompanhavam á distância todo esse cenário, que tanto atraía as nossas atenções, pela maneira veloz como aquilo fugia, a que os nossos olhos não estavam habituados a ver coisas assim, e nos parecia algo sobrenatural, ainda que já destes inventos se ouvisse falar, mas porque estávamos familiarizados com os pachorrentos carros de bois e a ouvir o chiar dos seus rodados, sem fazer levantar a poeira da estrada, como esses que agora deixavam os matos cobertos de pó, junto à beira dos caminhos, onde já passavam esses inventos, que alguém chamava invenções do diabo, como a todas as outras mais.

Os bois coisa pachorrenta
que nas aldeias desprezadas
era o melhor que havia!
Só depois dos anos quarenta
se começaram a abrir estradas,
mas era o povo que fazia!

Nesses tempos de pastor
Que nos montes guardávamos o gado,
algo surpreendente a todos nós!
Olhávamos com todo o fervor
longe!... Era um pó levantado
por algo que fugia veloz!

Nas cinco entradas e saídas da nossa povoação, eram verdadeiramente péssimas, algumas delas nem mesmo os carros de bois por ali podiam passar. Estes caminhos cuja conservação era da responsabilidade do Município, mas este ignorava por completo estas carências, alegando que nem para as da sua localidade havia dinheiro, e a junta de freguesia que arranjasse. Esta por sua vez também com poucos ou nenhuns recursos financeiros e ainda que fosse fazendo o que podia, mas era muito pouco para poder cobrir tanta necessidade existente, e quanto a umas novas estradas, isso não era possível, nem mesmo pensar!...

As grandes enxurradas de água, por vezes levavam toda a terra da estrada, ficando a peneda despida, pelo que se tornava impossível para o transporte de carros de bois, ou outro de gado muar, como até para as pessoas, se tornava muito difícil, originando por vezes graves acidentes, tanto às pessoas como aos animais que por ali passavam. E como era impossível o trânsito nestas vias, e nem o Município nem a junta nada faziam, e como o povo precisava de usar esses caminhos, tinham que se unir, eles próprios reparar esses caminhos Municipais, pois não havia outra alternativa.

Para remediar estes males, era quase sempre as pessoas da localidade, organizavam-se quase sempre através de um anúncio feito pelo padre na missa Dominical, que depois em reunião, analisa-

vam estes problemas, como e quando, deveriam ser iniciados esses trabalhos. Quase sempre havia união e geralmente todas as pessoas aderiram a esta ideia, até mesmo os menos afectados contribuíam de igual forma, por se tratar de um bem da terra que a todos dizia respeito.

Tudo isto se estava passando nos princípios da década de quarenta, em que o automóvel ainda só então tinha chegado à sede concelhia, e a partir daqui, poucas eram as terras que tinham tal privilégio, ainda que já houvesse algumas, na nossa região, lugares desses carolas do governo, ou com acesso a esses ministérios, que à conta do orçamento, conseguiram uma estrada para a sua terra, para assim poderem mostrar a sua grandeza e o luxo do seu automóvel. E o povo ainda que beneficiado com tão importante melhoramento, mas sentia-se humilhado perante a importância desse, na sua terra era o Deus, era o Rei, e era o Senhor, a quem a gente tinha de fazer vénia e descobrir a sua cabeça, o sinal que quase sempre tinha mais de humilhação do que respeito.

Eram os primeiros anos da década de quarenta, já havia muitos conterrâneos que possuíam os seus automóveis, especialmente os que viviam na Capital, mas não os podiam usar como transportes às suas terras como seria das suas vontades, uma vez que não havia estradas com acesso a este meio de comunicação, teriam que continuar com os meios que sempre usaram, sempre que às suas aldeias se deslocavam.

Ainda que alguns destes também gostassem de mostrar os seus carros, a fim de mostrarem que não eram só os ricos que tinham direito a este luxo, pois como somos humanos, ainda que simples e até opostos a humilhações, mas há sempre aquela pontinha de orgulho e que até nem fica mal, servindo de óleo da personalidade, sempre que este não seja excessivo. Mas acredito que a maioria era mais pelo conforto e comodidade.

Talvez pensando neste problema, o povo de cada terra se uniu e entrou no regionalismo como um bloco sólido, e foi aqui quando o regionalismo começou em força, nas terras das Beiras, mais propriamente nos concelhos de Pampilhosa, Arganil e Góis, que se fundaram comissões e ligas regionalistas em quase todas as al-

deias desta região, a fim de criar fundos, especialmente para a construção de uma estrada nova, para a circulação desse tipo de carros.

Em Fajão por exemplo, já nesta data tinha uma liga chamada de: «Liga Pró-Melhoramentos da freguesia de Fajão», com sede em Lisboa, sendo uma das principais prioridades, a construção da estrada Rolão-Fajão.

Esse troço de estrada com cerca de 15 km., foi construído sem qualquer ajuda quer Municipal, quer do governo, apenas pelo povo e pela liga de Fajão. A gente local, como não tinha dinheiro para contribuir monetariamente, devido aos seus precários recursos financeiros, ofereciam dias de trabalho, enquanto os seus conterrâneos de Lisboa ajudavam financeiramente, um que dava, outro que angariava, e foi assim que este troço de estrada Rolão-Fajão, foi construído e inaugurado nos princípios da década de quarenta. Graças à força do querer, do dinamismo e heroísmo de um povo, que conseguiu vencer por si, este e muitos outros melhoramentos, ainda que fossem feitos muitos pedidos às entidades oficiais, a fim de uma participação e ainda que por mais que uma vez fosse prometida, mas o que é certo é que do meu conhecimento, nunca se recebeu coisa nenhuma, desse governo para quem os pobres era para eles algo de repugnante.

Muitos dos conterrâneos,
Como tinha feito progresso
já guiavam os seus popós,
mas p'ra terra, não tinham planos,
porque a estrada não tinha acesso
pr'a terra de todos nós.

Com esse sentido em mente
e toda a força do seu querer
e o desejo no coração,
Assim se levou em frente
e se conseguiu vencer
o troço Rolão-Fajão.

O telefone também já por aqui se ouvia falar desse tão precioso e útil invento, mas apenas pelos indivíduos que vinham de Lisboa aqui passar férias, ou de outros lugares mais evoluídos e concorridos que o nosso.

Fajão passou a ter telefone nos fins dos anos quarenta, graças a outro grande melhoramento que a Liga da terra, e uma vez mais teve de custear todas as despesas que lhe foram impostas, para obter este tão necessitado melhoramento, para a gente da terra.

Por esse tempo também não havia electricidade nem em Fajão nem em freguesias suas vizinhas, por isso não havia rádios para se poder ouvir as notícias diárias, tendo que se viver no isolamento da suas terras, estranhos a todos os acontecimentos, quer do país como do Mundo exterior. As únicas notícias que tinham, era quando vinha uma carta de Lisboa dos seus familiares e contavam algo acerca disto ou daquilo, em especial da guerra que era a primeira notícia nesses dias, ou então, por intermédio do tri-semanário a Comarca de Arganil, ou ainda pelo «O Amigo do Povo», um pequeno jornal da igreja, que era distribuído quinzenal a quem dele era assinante, mas de poucas notícias e quase velhas em segunda e terceira mão...

Mas felizmente ainda havia uma coisa boa na nossa terra! Era o correio!... Tínhamos dois correios diários, um vindo de Arganil, outro da Pampilhosa.

As malas vindas de Arganil até Fajão eram várias, o estafeta saía do local com umas seis, e ia deixando uma aqui, outra além pelas terras que ia passando até chegar ao seu término, Fajão.

Em alturas festivas, que os familiares de Lisboa ou mesmo de outras partes mandavam encomendas postais, que estes pobres tinham que carregar como o burro do moleiro, desde a estação, por vezes até ao seu término, um percurso mais de 20 km., por ruins caminhos de íngremes serras. O mesmo acontecia nos dias em que saía o jornal da Comarca, este tri-semanal era para estes homens um verdadeiro frete, aumentando ainda mais o seu já grande sacrifício e transformando-os em autênticos burros de carga, mal se podendo mexer, debaixo das pesadas malas.

Eram três homens que faziam este serviço alternadamente e já

todos entrados na idade, um devia estar perto dos setenta, já fazendo este serviço por cerca de uns quarenta anos, mas como isto não dava reforma e o Senhor necessitava deste dinheirito, foi ateimando e mostrando-se ainda forte à frente dos seus patrões, com medo de lhe tirarem o trabalho, por já estar velho e cansado, e sem ter outros meios de sobrevivência. Mas um dia já perto do Natal, debaixo de uma carga, que era mais apropriada para uma muar do que para um humano, ao subir a serra da Aveleira, as forças falharam-lhe e as pernas disseram não!... Este homem ainda que tenha vivido por mais uns cinco ou seis anos, nunca mais se recuperou desse acidente, tal como as suas condições financeiras, foi coisa para esquecer. Este homem foi substituído por um indivíduo dos seus quarenta e cinco anos, onde trabalhou por cerca de vinte anos até um termo deste trabalho, a partir daqui, sem reforma ou fundos para a sua velhice, tal como tantos outros, passou a receber a assistência dos filhos, para não ter que pedir uma esmola ou viver no mais alto índice de probreza.

Os outros dois homens cujas idades rondavam os sessenta, um que tinha os filhos em Lisboa, ao terem conhecimento de acidente do outro Senhor, ordenaram de imediato ao seu pai para parar com tal serviço, o que fez prontamente, ficando apenas um dos três que vinham sendo companheiros por cerca de trinta anos, mas infelizmente, não veio a ter melhor sorte, que o seu anterior colega.

Esse percurso de quatro horas para cada lado, por descampadas serras e péssimos caminhos, nos dias tempestuosos de Inverno, estes pobres homens mal vestidos e até mal calçados, e nem sempre muito bem alimentados!... Eram dignos de dó, pelo seu sofrimento, no cumprimento desta tão espinhosa missão.

Não podia haver faltas nem atrasos, só com uma real justificação, nem mesmo as grandes tempestades como até ciclones, podia impedir a paralização deste serviço postal. Apenas uma coisa tinha justificação, sem o mínimo de responsabilidade, era a neve!... Por vezes caíam grandes nevões nestas serras e por isso estavam autorizadas, ao não cumprimento deste dever, mas contudo, não eram remunerados por esse dia perdido, porque estes trabalhadores

não eram funcionários dos correios, ainda que este trabalho fizesse parte dessa coporação. Este trabalho era feito por conta doutrém. Os tais intermediários que põem os escravos a trabalhar por uma côdea, sem qualquer segurança ou assistência, para eles fazerem fortunas.

Estes homens desprotegidos
carregando como animais,
Por essa serra tão perigosa...
Por dois correios servidos
Fajão tinha estes postais
De Arganil e Pampilhosa.

Como burros carregados
Por ruins caminhos da serra,
às vezes o frio os tolhia
por esses montes descampados,
deixando em cada terra
a mala que ali pertencia.

Anualmente, e com o fim de não empregar mais pessoal, afim de uma maior poupança, e também por conveniência de servir alguns tachistas — estes os tais intermediários sem escrúpulo, os verdadeiros oportunistas dos humanos indefesos, o ministério das comunicações punha à praça estes serviços postais, sendo entregues a quem eles queriam e melhor lhes convinha, e por sua vez estes exploradores contratavam estes desprotegidos e condenados à escravatura, sem as mínimas condições sociais e pagando-lhes uma esmola, e mesmo assim, tinham centenas para os servir, tal era a miséria desta pobre gente!

Com havia muita mão-de-obra e poucos empregadores era a razão porque ganhavam pouco e tinham que sujeitar-se a todas essas anormalidades, e mesmo sem saúde tinham que se mostrar fortes, e sem forças mostrarem-se valentes, porque ao menor sinal de fraqueza, eram substituídos por outros com melhores condições

físicas, exigidas para esta qualidade de trabalho, e os cessantes logo eram esquecidos, depois de empurrados de mãos limpas.

Os que tinham filhos ficavam à caridade destes, aumentando ainda mais a miséria familiar, os que não tinham ninguém, como foi o caso do último estafeta que fazia o correio, trabalhou enquanto pôde, que foi além dos setenta, como não tinha meios nem fundos de sobrevivência e nem sequer forças nas pernas para pedir uma esmola, ficou à mercê da caridade de um povo que também só possuía miséria, além da boa vontade e amor, o que não chegava para satisfazer as necessidades deste e outros que precisavam a toda a hora!... Quando certos necessitados não podiam trabalhar, mas ainda podiam andar ajudados pelo cajado, iam pedir esmola como último recurso, ainda que de Fajão poucos o fizeram da minha lembrança, não porque não houvesse necessidade, mas antes por vergonha, mas o pior era quando já nem isto podiam fazer! Foi o que aconteceu a esse fajaense estafeta dos correios.

Este homem fez este serviço por mais de trinta anos, cumprindo este dever sempre com zelo e pontualidade profissional, mas ao faltarem-lhe as forças, teve a sina do seu colega e era a de todos, recorrer à família, mas como este não tinha família, os tais filhos protectores e nem tão pouco força que lhe permitisse ir pedir uma esmola, teve que esperar pelos dias finais na pobreza do seu leito da velha casa, pela caridade humana e pelo já tão desejado descanso eterno, para alívio do seu sofrimento e dor. Este homem, talvez devido ao seu estado de doença e fraqueza, por vezes delirava, numa voz sumida de moribundo, «EU JURO QUE AS MALAS FORAM ENTREGUES!...» Já às portas da morte e ainda tinha sua mente ocupada por um serviço que nada lhe dera de conforto, e que nem ao menos o deixava em descanso e paz, nos finais da sua vida.

Trabalhando um vida inteira
E mal ganhando p'ra comer
e sem calçado de sola,
E no fim da sua carreira
para poder sobreviver
ter que pedir uma esmola!

Mas tantos infelizmente
Quando chegavam a essa idade
nem isso podiam fazer!
Quando se ficava doente
para estes a felicidade
um remédio era morrer!

No seu leito o moribundo
Delirava em sumida voz
desse trabalho que fizera:
é esta a justiça do Mundo
imposta ao nossos pais e avós
E a que o futuro nos espera!

Quando não há pão nem saúde
Nem meios de sobrevivência
e se dependia de alguém
A vida perdia a virtude
E pediam a Deus clemência,
a morte... para o seu bem.

Quanto ao correio da Pampilhosa e as suas condições, não eram nada melhores para os estafetas do que aquelas que tinham os seus colegas do correio de Arganil. Para este da Pampilhosa, que era feito por uma mulher, por vezes quando as malas eram muitas, ou demasiadamente pesadas, trazia em seu auxílio um familiar, quase sempre uma filha, mas para esta mulherzinha, além de todos os sacrifícios, havia ainda a agravante de não ser de Fajão, e tinha de voltar para a sua terra, a cerca de duas horas de caminho pelo viso da serra, sendo um dos lugares mais perigosos, não pelos ladrões, mas pelos lobos que nesses tempos era muitos frequentes nessa serra, ou então ficar ali e seguir na manhã seguinte para a sede concelhia, o que só usava fazer em dias de grandes Inverniás, em que ali chegava sem fio enxuto, e tinha que recorrer à caridade local, para enxugar as suas vestes, a fogueira da pessoa que lhe dava guarida, que era uma mulher da sua terra e da sua criação que ali

vivia, chamada Bárbara Vicente, para mim a mulher mais bela do Mundo, por ter sido minha mãe.

Desde o uso da minha razão até à altura em que deixei a terra, nunca conheci outro estafeta neste correio da Pampilhosa, pois esta mulher fez este serviço até à altura em que perdeu todas as forças e capacidade, de mais poder continuar.

Cerca de dez anos depois de ter deixado a minha aldeia, nesta altura já este serviço era feito por diferente pessoa, devido a essa senhora ter esgotado todas as energias de poder continuar nesse trabalho, onde tudo perdeu, desde a saúde até à alegria de viver.

Num certo dia, ao passar pela sua terra, vi-a sentada no muro da capela mas já não me parecia a mesma senhora de dez anos antes. Já muito descaída e gasta, não propriamente pela idade, apesar de já não ser nova, mas mais pelos sacrifícios de um pesado trabalho que exerceu durante tantos anos, numa grande parte de noite, por vezes debaixo de grandes tempestades nessa serra sem abrigo, onde a chuva e o vento não tinham amizade nem respeito por ninguém.

Falei á senhora que não me conheceu, o que era perfeitamente normal, visto que dez anos antes era uma criança, e agora era um homem. Disse-lhe quem era, mas pelo tempo que levou e pelas perguntas que fez primeiro que chegasse a uma conclusão, não me foi difícil compreender que a sua mente estava também gasta. Isto me comoveu, ao lembrar-me da sua actividade, da sua força e da sua vida, e como em dez anos, tudo tinha mudado, mas infelizmente para pior... tanto no campo da saúde, como na falta de estabilidade nos recursos de sobrevivência. Vim a ter conhecimento por um familiar residente naquela terra, que a pobre mulher vivia na companhia de uma filha, que também vinha vivendo em condições de bastante pobreza, mas mesmo assim, era a tábua de salvação daquela mãe, que pelo sacrifício que fez durante a sua vida, tinha direito a uma velhice digna, justa e humana.

Por volta das cinco horas
Era quando o correio chegava
à Vila da Pampilhosa.
Depois de algumas demoras,
seguia de mala aviada
por essa serra perigosa.

Saía dali já de alpardo
P'ra quatro horas de caminhada
por caminhos os mais ruins de todos...
só por sorte ou por milagre
Nunca lhe ter acontecido nada
Ou mesmo ser comida p'los lobos.

Quase descalça e mal roupada
Por esses carreiros de gado
em dias tempestuosos de Inverno.
Às vezes pelo vento empurrada
Com tudo no corpo molhado,
Isto é que era o tal Inverno.

Em Fajão a mulher ficava
Nesse dias de Invernias
e saía ao amanhecer.
é triste quando se trabalhava
E no final dos seus dias
não ter meios para viver!...

Chegadas as malas à estação que era num recanto de um estabelecimento local, ali se apartava a correspondência pelo responsável deste serviço, que era o dono do estabelecimento, que apartava a correspondência e outras vezes era o carteiro, para depois em seguida fazer a distribuição local, mas como o da Pampilhosa só chegava por volta das nove da noite, cerca de quatro horas mais tarde que o de Arganil, era só depois deste chegar que o carteiro ia fazer a distribuição, para no dia seguinte seguir pelas terras da freguesia.

O giro do carteiro estava dividido em dois círculos: o baixo e o alto Ceira, e como era somente um homem para fazer esta distribuição, um dia ia para a parte baixa, no outro para a alta, o que mesmo assim não era tarefa fácil para o carteiro, pois qualquer dos giros levava mais de dez horas para completar o percurso na entrega de umas e no recebimento de outras, tarefa que estava sob a sua responsabilidade. Também não era pera doce este trabalho, pois tinha que percorrer muitos quilómetros em poucas horas, por ruins e acidentados caminhos, como também maléficos contratempos do Inverno, que a toda a gente molestava por estas serras descampadas, despidas de qualquer abrigo, ainda que nesta missão não podiam perder muito tempo quando as tempestades não eram coisa passageira.

Mas ainda assim valia a pena todos esses sacrifícios, pois era o único funcionário do governo que havia na terra, como também o único com direito a abono de família e reforma, e até a alguns direitos sociais que ninguém possuía, o mesmo não tinham os estafetas das malas e que não eram menos dignos e merecedores, e nada tinham na velhice, além das cicatrizes físicas e mentais, das marcas deixadas dessa missão que cumpriram com zelo, mas onde não encontraram direitos, somente deveres.

Estas são algumas das precárias vias de comunicação e seus derivados, não somente em Fajão, mas era assim que mais ou menos girava em todas as aldeias da nossa Região, e nas aldeias do País.

Noutros tempos do passado,
quando criança de escola,
junto da igreja do adro
descalço jogava a bola.
Não eram todos felizmente,
Só os que eram mais pobres,
era a geração do presente
que dariam homens nobres.
Era a nobreza de uma aldeia
que não vem por acaso ou destino,

pois muitas as vezes ou cegueira
os desvia do bom caminho.
Caminhos quando desiguais
Requerem muita atenção
Porque às vezes são fatais
Esses caminhos de Fajão...
Fajão tinha cinco entradas,
Só duas eram as principais,
por vezes com pesadas cargas
davam-se quedas fatais!
Eram as vias de comunicação
que possuíamos nesse tempo
era a estrada Rolão-Fajão
Que todos traziam no pensamento.
Até para os carros de bois
Era difícil circular...
agora se virava um, outro depois,
E não se mandava reparar!

Mas isto era geral
por estes lugares isolados
e nos beirões, era o local
Onde mais eramos desprezados.
Junto das estradas nacionais
Estavam melhor do que nós,
Já por vezes os naturais
traziam esse carro veloz.
Já se via no cume das serras,
Algo que não parecia normal,
A caminho da suas terras
alguém que vinha da Capital.
Ao longe se via na estrada
Uma coisa que muito fugia
E uma poeira que ficava
que logo atrás nada se via.
Já nessa estrada falada

que nos deu tantos pensares
era a coisa mais desejada
da gente destes lugares.
O município não tinha p'ra dar,
O estado nada fazia
E para a estrada circular
Teve que se dar muito dia.
Numa manhã de Primavera
O fogo no céu *estalava*,
era o início de uma era
Que o povo tanto esperava.

Automóveis voavam no monte
E o pó levantava num todo
era uma luz no horizonte
o sonho e a vitória de um povo.
Isto no auge da segunda guerra
E quase só disso se falava...
mas tais notícias à nossa terra
Muito poucas ali chegavam.
Electricidade não havia
P'ra ter notícias do exterior,
a nossa única energia
Era a de um povo trabalhador.
Por isso rádio ninguém tinha
para notícias nos dar,
Notícias, só de uma cartinha
vinda de algum familiar.
Falavam das novidades dos filhos,
Nos serões do povoado,
diziam que as conversas por fios
Eram invenções do diabo.
Um dia o telefone chegou
Ainda com guerras nos Mares,
a vida em muito melhorou
aos povos destes lugares.

Eram dificeis esses tempos
Para se conseguir viver!
Foram anos, e não momentos
Que não é fácil esquecer.

As cartas que aqui chegavam
Vindas de qualquer lugar
grandes tormentos passavam
quem tinha que as carregar.
Arganil era o local
Comarca bem conhecida,
Tinha que lá estar às sete e tal
O correio, tinha às oito a partida.
Pelas quatro da madrugada
tinha que a terra deixar,
debaixo de chuva, vento ou saraivada
tinham sempre que andar.
Por dificeis caminhos escuros
A luz sumida dos lampiões,
muitas vezes inseguros
p'los lobos e superstições.
Falava-se muito em medos
por estes caminhos e lugares
às vezes dos altos rochedos
ouvia-se os lobos, nos uivares.
Quanto ao da Pampilhosa
Era uma mulher que o fazia
De noite, nessa serra perigosa
sujeita a tudo o pior que havia.
Era sempre por volta das nove
Quando esta a Fajão chegava,
pela noite fora esta pobre
A sua terra voltava.

CAPÍTULO IX

A VELHICE E A SAÚDE

A assistência por todas estas aldeias provincianas era completamente nula, mesmo até às pessoas da terceira idade na saúde como monetárias, se havia comia-se, não havia, passava-se fome. O mesmo acontecia na doença; se havia dinheiro para remédios, a pessoa podia ter a oportunidade de se salvar, não tinha dinheiro, ainda que houvesse cura, tinha que se morrer, porque os remédios por parte que eu saiba, nunca os deram fiados.

Esta gente como não tinham o mínimo de assistência, nem tão pouco donde lhes viesse um simples centavo que fosse, na sua maioria, era a razão porque nas nossas aldeias, não havia terceira idade!... A terceira idade para nós aldeões, era o período em que se parava por doença ou incapacidade até morrer, mesmo que as pessoas tivessem noventa ou mesmo cem anos, e ainda se pudessem mexer, não se podiam considerar da terceira idade, porque em qualquer parte do Mundo em que há assistência social à terceira idade até á morte, é o direito justo e a recompensa de uma missão cumprida, para viverem em paz sem a preocupação pelo pão de cada dia.

Geralmente quase em todas as aldeias, havia este ou aquele que era reformado, ou da polícia ou de qualquer outra corporação e escolhiam a sua terra, para ali terminarem os últimos dias no sossego, na paz e no convívio dos seus conterrâneos. Mas estes eram sempre os poucos, em Fajão por exemplo no tempo da minha juventude havia uns quatro, eram estes os privilegiados da terra, os que tinham dinheiro para comprarem a mercearia sem ser fiada, como também os que ainda iam dando algum dinheiro a ganhar ao povo

local. Por isso, estes reformados eram sempre benvindos ao seio da família aldeã.

Talvez por não terem nenhuma assistência, quer na saúde como na velhice, ou por não terem nenhuns recursos, que tanto e a todos atemorizavam, estas pessoas eram muito tementes a Deus e aos Santos das suas devoções, e era só nesta família divina, em quem a nossa gente confiava, e era nela que depositavam as suas rezas diárias, para que pudessem ser ouvidos, nesses dias cheios de incertezas, que sempre os esperava nos finais das suas vidas, e como dos humanos tinham a certeza que nada vinha, era só de Deus, em quem tinham esperança, e também só a ele que pediam.

No tempo que era criança
Pouco havia que se vestisse...
muito se falava em doença
E no problema da velhice.

O destino estava marcado
P'ro fim da vida final,
era só o pessoal reformado
Que vivia uma velhice normal.

Nunca o governo conheceu
Quem nesta região vivia...
era só ao governo do céu
a quem pedidos se fazia.

Pediam demais aos Santos
Estes Beirões necessitados,
E como os pedidos eram tantos
Os Santos já andavam cansados.

Estes pobres na sua maioria passavam fome, às vezes até mesmo com comida, mas havia o tal provérbio que todos os pais ensinavam: «GUARDA QUE COMER, MAS NÃO GUARDES QUE FAZER». As necessidades e incertezas de uma vida comprometida,

obrigava-os a seguir esta doutrina, iam tirando a cada dia parte daquilo que o estômago pedia porque necessitavam, a fim de guardarem algo para os dias, em que não tinham a certeza nem a garantia de terem para comer mesmo esse pouco.

Outros havia que nem mesmo esse pouco podiam guardar, pouco ou nada tinham, vivendo de uma mão que iam dando aqui e ali, recebendo algo em troca, e assim iam amparando a vida, e pouco mais possuíam além da noite e o dia e as ruas livres da aldeia, que neste ponto éramos mais felizes que os da cidade. Podíamos passear, como conversar aos magotes, ou mesmo assistir aos adjuntos diários da Cruz da Rua, sem o incômodo da polícia, ainda que se constasse de por ali haver alguns informadores secretos. Para estes necessitados locais, nem mesmo o magro e faminto vintém podiam pôr de parte, para acudir aos tais imprevistos, mas contudo, eram os que menos se preocupavam e que menos pedidos faziam aos Santos da aldeia, e com todas as suas necessidades, pareciam os mais felizes e com menos preocupações e mais tempolivre para as suas diversões. Bem certo é aquela frase que diz: «Deus dá o frio, conforme a roupa!...» Só que neste caso, não era só frio... era também pão!...

Os casais que tinham filhos a criar e quando o número era elevado, para estes a vida era um verdadeiro tormento a sua criação, passando a ter alívio, somente quando os mais velhos atingiam os quinze, dezasseis anos, e que geralmente saíam de casa quase sempre para Lisboa, sendo um menos a comer e mais um a ganhar, pois nesse tempo, raro era o filho que não tirava para si, parte da responsabilidade de ajudar a criar os seus irmãos mais novos.

Para estes havia sempre a esperança de que não iam morrer à míngua, visto que os filhos eram a sua tábua de salvação para os dias que se aproximavam, e fiados nisso, ouvia-se muitas vezes certos pais dizer, só me preocupo em criar os meus filhos, eles são tantos, algum há-de olhar por mim... e quase sempre estes de muitos filhos, eram sempre os que na velhice viviam mais abonados e com menos problemas, porque tal como estes já tinham olhado pelos seus, agora era a vez dos seus olharem por si. Quase todos os

filhos desse tempo faziam tudo o que era de melhor para os pais, tal como eram tratados com carinho respeito e amor, porque todos sabiam que isto era um dinheiro a juro para uma reforma hereditária chamada: «filho és... e pai serás!... Isto além de uma obrigação moral era também uma roda! Hoje tu... amanhã eu...

Para aqueles casais que não tinham filhos ou mesmo os que eram solteiros, que nunca quiseram ou não puderam constituir família, mas que tinham alguns haveres, coisa que era bem procurada nesses tempos, não lhe faltavam sobrinhos ou primos ou os mais directos herdeiros, para tomar conta deles e lhes administrarem os bens, oferecendo-lhes todos os seus préstimos intencionais, afim de conquistar a simpatia e confiança dos velhos, para estes lhes fazerem os bens, negócios que eram sempre muito arriscados e falsos, quando feitos em vida. Em alguns que conheci, nenhum deu certo, ainda que não desprezados ou entregues ao abandono como infelizmente se via por pessoas sem escrúulos, mas sim chatices de ambas as partes que se evitariam se tal coisa não tivesse acontecido. Bens feitos em vida, só com segurança e garantias não de boca, mas escrito no branco. Conheci dois pedintes que foram vítimas deste abuso, depois de tudo feito não só foram mal tratados, como até corridos da sua própria casa, acabando por pedir uma esmola, que era aquilo que mais temiam. Ainda incrível que pareça, aconteceram alguns casos destes na nossa região, pois infelizmente nem toda a gente das nossas aldeias era, e é honesta e humana, pois vígaros e oportunistas existem em toda a parte da terra onde houver humanos, sem excepção das nossas aldeias.

Os filhos eram a esperança
Desses pais que os criava,
era a hereditária herança
uma roda que rodava...

E quase sempre se recebeu
P'las coisas boas e más
hoje tu... amanhã eu...
O que deres, assim terás!

Esses de haveres e sem filhos
havia sempre uma esperança...
os sobrinhos olhavam pelos tios
esperando pela sua herança.

Vígaros, também por aqui os havia
Mesmo sem ser coisa de espanto,
herança... só com uma garantia
e escrever o preto no branco.

Havia um outro número de pobres necessitados, os chamados solitários. Estes viviam só no convívio da sua pobreza, quase nada possuíam mas ninguém nada sabia das suas necessidades, vivendo na chamada miséria encoberta. O sofrimento destes era o pior de todos os outros, pelo silêncio da sua pobreza. Conheci alguns destes, a trabalhar amparados a um bordão porque não podiam parar, fazê-lo seria morrer, mas se ao menos morressem... pois não era isso que os preocupava, mas sim o ter de parar. Estes foram os que nunca conheceram o chamado prazer da vida, nem mesmo o de uma alimentação eficaz, ou mesmo o uso de um vestuário de boa qualidade e apresentável. O fim destes humanos sem filhos quase sempre era doloroso e chocante. Os mais felizes eram aqueles que Deus ouvia as suas preces, e os levava enquanto ainda se mexiam, encurtando o seu sofrimento e aliviando a sua dor. Os que tinham a vida mais longa, mais longos eram também os seus sofrimentos, pois viver-se sem alegria já não é viver, mas antes o desejo de morrer.

Os ricos na região!... Conheci muitas aldeias dos nossos concelhos vizinhos, e ricos que na realidade se pudessem chamar de ricos, conheci muito poucos, e mesmo estes raramente viviam nestes lugares, por não terem aí o conforto desejado, usando apenas os seus palacetes nos meses quentes de Verão.

Agora com fama de ricos e não passavam além de remediadados... isso sim! Havia alguns felizmente... pois nem todas as famílias aldeãs viviam privações alimentares. Ainda que com muito tra-

lho e com poucas variedades de iguarias, mas estes tais não passavam fome, o que era considerado um grande bem.

Em Fajão por exemplo, não havia nenhum rico, embora houvesse uma meia dúzia desses a quem chamavam os ricos da terra. Ainda que com certos privilégios que não estavam ao alcance dos seus vizinhos, tais como criada, moço para guardar o gado, outras condições financeiras, etc., etc., contudo não iam além de remedados com o suficiente para viver, e sem negarem ao estômago algo, sempre que este o pedia, o que na realidade já era uma riqueza, comparado com aqueles que tinham de se privar de uma alimentação adequada por falta de recursos.

As pessoas pobres, tanto de Fajão como da freguesia, mesmo as mais necessitadas, eram muito reservadas na sua pobreza, antes preferiam sofrer as dores da sua miséria, que pedir. E ainda que fossem muitos os necessitados, poucos foram os que se inclinaram a pedir.

Fajão era uma terra onde passavam muitos pobres vindos mesmo de muito longe, e aqui faziam a sua paragem por alguns dias, para depois seguirem a sua rota de novo. Nesta terra, os pobres viajantes eram sempre bem recebidos e respeitados, pelo que nunca lhes faltavam palheiros onde ficassem, mas não sei porquê... o lugar escolhido e de preferência dos pobres, era sempre o forno da Ti Maria da Luz!... E como neste forno, todos os dias, desde manhã á noite ali se cozia broa, estes pobres tinham a vantagem não só da dormida, como também da alimentação, pois todas as pessoas que iam cozer a broa, não esqueciam de fazer o tal bolinho destinado a esse hóspede do forno. Muitos destes pedintes já nos eram familiares, por aqui passarem muitas vezes e quando a sua vinda por vezes era mais longa, logo se julgava ter morrido. Geralmente estes sentiam-se à vontade e quase sempre eram muito comunicativos, conversando das suas vidas dos desaires e problemas, como os dias que levavam para chegar às suas terras de novo, a razão porque tinham de pedir, e até muitas coisas da vida que eles sabiam e nós desconhecíamos e assim aprendia-se com eles.

Conheci muito na região
Mas conheci poucos ricos,
estes que só habitavam no Verão
os seus palacetes bonitos

Havia uma outra classe
De ricos usavam chamar,
também havia quem os chamasse
os manda chuva do lugar.

Fajão tinha os seus privilegiados
Com criados para os servir,
E os muitos necessitados
tinham vergonha de pedir.

Muitos pobres aqui passavam
Vindos de distantes lugares,
às vezes, das suas vidas falavam
e do motivo dos seus azares.

Era muito usual ver estes pobres sentados nos muros do adro da igreja matriz das nossas aldeias, à hora da missa dominical, estendendo a mão aos fiéis que iam passando a caminho da igreja, alguns chegando o chapéu e elas o lenço para a frente da cara, talvez para não serem conhecidos, com vergonha da sua pobreza, e sem perderem tempo iam passando as contas do seu velho rosário, oferecendo essas orações em louvor das almas dos familiares que iam deixando as esmolas no saco, este o seu companheiro, das horas boas e más, com também das horas humilhantes das suas vidas.

Sentados nos muros do adro
O rosário iam rezando,
com o rosto assim tapado
as pessoas iam passando.

A sua mão estendiam
A quem passava p'ra igreja,
o rosto mal descobriam,
P'ra que nunca conhecido os veja.

Estes pobres viajantes, nas suas longas caminhadas por vezes eram vítimas das fortes tempestades, como até por um Sol escaldante, isto sem falar do perigo dos lobos que nesse tempo era muito comum verem-se em alcateias mesmo durante o dia por essas serras, e esta fera quando com fome, atacava qualquer humano indefeso quer fosse dia ou noite.

A razão de haver muitas destas feras por esta região mais alta, era devido a natureza destas serras com muitos vales, cobertos por grandes matagais muitos até virgens, sendo uma verdadeira selva e com abundância de água que era o local apropriado para a sua reprodução, e como dezenas de milhares de cabeças de gado pastavam por estes montes diariamente, os lobos não tinham dificuldades em arranjar comida para as suas crias.

A razão porque era perigoso para os humanos, porque estes lugares eram e continuam a ser muito despovoados por estas zonas. Entre uma terra e a outra mais próxima, como no caso de Fajão a Pampilhosa, cerca de quatro horas, Pescanseco era a primeira terra a duas horas, para o Rolão e algumas terras ali próximas dos concelhos da Pampilhosa e Góis, eram mais de três horas; para o Vidual, mais de duas, Malha do Rei cerca de três; Cebola, hoje S. Jorge da Beira e outras terras ali próximas do concelho da Covilhã, eram cerca de quatro, e a comunicação para qualquer de uma destas terras, era por ruínas caminhos e sempre pelos visos das serras, sem se passar por uma única casa, mesmo desabitada que fosse! Isto só não se podia chamar deserto por serem habitadas pelo pastores, na guarda dos seus rebanhos, e na ausência destes habitantes os montes voltavam ao deserto, e por isso era perigoso para os humanos que por ali tivessem de passar especialmente de noite, pois alguns foram vítimas, e outros se viram em grandes apuros nessas viagens nocturnas, quando perseguidos por essas feras. Eu próprio me vi em grandes apuros por duas ocasiões, e só não

fui vítima, por estar familiarizado com as suas manhas e conhecer bem os seus fracos.

Contavam-se muitas histórias em maioria verdadeiras, acerca destes pobres dos encontros com estes lobos que quase sempre famintos, em que alguns foram pelas feras vitimados, outros não foram pelas feras, mas pelas suas debilidades falta de saúde e também à idade não resistiam à fúria das tempestades, como por vezes o Sol ardente, morriam nos caminhos sem assistência, sem abrigo e sem amparo. No meu tempo de pastor fui testemunha de duas destas cenas.

Ainda não era um pastor
Às vezes ouvia contar
Que os lobos eram a coisa pior,
P'ra quem tinha que os enfrentar.

Nesses imensos matagais
Nos regatos junto das fontes,
ali se reproduziam animais,
Eram as feras desses montes.

Por serras de montes elevados
onde muito rebanho pastava,
depois de recolherem os gados
era perigoso p'ra quem passava.

Almas vivas não se viam
Até chegar à terra mais perto,
à noite os pastores recolhiam,
Tudo ficava num deserto...

Numa certa ocasião quando pastoreava o rebanho da casa onde servia, e numa serra não muito distante da localidade, fui chamado à atenção pelas cabras que guardava, se juntaram e em remoinho de orelhas levantadas, espirrando e movendo-se agitadamente de um lado para outro. Este era o sinal de lobos ou qualquer coisa estranha, aproximei-me do local e qual não foi o meu espanto

quando vi que era o cadáver de uma pedinte dos lados do Fundão, que costumava vir pedir por estes lugares, mais usual pelas freguesias de Fajão, Teixeira, Cepos e Colmeal e terras suas agregadas, mas desta vez andava em Fajão, pois nessa noite tinha ficado no forno da Ti Maria da Luz, tend saído de Fajão por volta da nove e segundo o que se comprehendeu, ia de volta á sua terra e deve ter sido acometida de qualquer ataque, porque junto onde se encontrava estava um grande espojeiro sinal que a pobre mulher andou a rebolar nos momentos derradeiros da sua vida.

Como éramos dois companheiros, o outro ficou de guarda ao rebanho e eu fui á terra dar parte ao regedor, e o povo ao ter conhecimento deste chocante acontecimento, ocorreram em força ao local, para lhe rezarem por alma e a trazerem para a igreja, pois a infeliz mulherzinha era muito estimada na nossa terra.

Numa outra ocasião quando pastoreava o meu rebanho com outro colega, nos chamados lenteiros do Vidual, limites de uma freguesia vizinha, numa fonte junto do caminho que dava acesso a Malhada do Rei, Unhais, como também a algumas terras do concelho do Fundão e até mesmo da Covilhã, pois ainda que de um caminho de cabras se tratasse, porque raramente ali passavam carros de bois por motivo do mau acesso, mas estava sempre bem cotiado, porque era por aqui que passavam as pessoas a caminho do minério, onde o grande forte deste mineral era na área de Ceboleiras, e este era seu caminho como também para as minas da Panasqueira e muitos outrs lugares.. Do mesmo modo, algo nos chamou a atenção, quando as cabras de orelhas levantadas e espirrando e ao mesmo tempo um cachorro de um outro pastor começou também num ladrar constante, querendo-nos dizer que qualquer coisa se passava de estranho. Dirigimo-nos ao local e ficamos chocados e tristes, ao reconhecermos que se tratava do cadáver de um velho pedinte nosso amigo, que usava ali passar todas as semanas e conversava muito connosco, e nós com ele, e como conhecia a minha necessidade através das nossas conversas, sempre que por ali passava e me via, procurava-me se tinha fome, e logo me dava parte do pão das suas esmolas.

Como estes lugares eram limites de uma outra freguesia que

não era a nossa, era ali que se tinha de dar conhecimento do caso, pois ainda que crianças, mas já sabíamos que isto era um dever, de se dar conhecimento de imediato às autoridades locais, nestes lugares era o regedor.

Para chegar à povoação pelo caminho que por ali dava acesso, demorava muito tempo e fazia-se muito tarde para nós, visto que estávamos muito longe da nossa aldeia, e como já estávamos no princípio da tarde, não tínhamos tempo a perder. Pelo que o percurso teria de se fazer por atalhos, pisando mato de tojeiros que não era nada agradável para quem andava descalço, o que nessa ocasião era o meu caso.

Agora era o problema entre os três pastores, quem tinha de ir passar parte ao regedor!... Um porque não tinha sido o primeiro a ver o homem, e por isso a responsabilidade não era sua, o segundo porque tinha um «mija-cão» num pé, e não podia andar depressa, nem à noite lá chegava, o terceiro porque tinha muito gosto de lá ir, até porque gostava muito do homem e era uma compensação pela broa que lhe dava quando tinha fome, mas como andava descalço era-lhe impossível.

Na realidade o que estava em melhores condições de fazer ester serviço, era o pastor, o dono do cachorro que continuava insistindo e teimoso que a responsabilidade era nossa. Quando já estávamos convencidos a ir um de nós, ou o coxo, ou o descalço, então eu disse ao companheiro: empresta-me os teus tamancos e eu vou fazer esse trabalho, mas quando chegar a Fajão, vou dizer ao teu patrão tudo o que se passou, disse ao pastor do cão, e mais disse: a responsabilidade é tua e não nossa, porque o cão é que encontrou o homem e as cabras também eram tuas, nós somente fomos ver o que se passava, porque pensávamos que era um lobo, e se fosse, tu não estavas junto do rebanho, e o teu patrão vai saber de tudo isso... foi então que o teimoso disse: tomai conta do meu gado e quem lá vai sou eu, e espero por vós na fonte da moiteira ou na relva do Portelo, e sem perder tempo pôs-se em correria pelo lenheiro abaixo. Voltei a dar os tamancos ao dono, este por sua vez tomou a responsabilidade de pastorear os três rebanhos, e eu fiquei junto do pobre amigo já sem vida, até chegar a autoridade.

Os pobres destas serras
Bem conheciam a Beira,
Nunca pediam nas suas terras
era sempre na terra alheia

Às vezes ao voltar a casa
Estes humanos velhinhos
acontecia a tal desgraça
De ficarem pelos caminhos

Devido às suas idades
Já sem forças nem vigor,
Umas vezes eram as tempestades
outras era o calor.

Sem conforto nem carinhos
Nessas grandes caminhadas,
Por vezes morriam p'los caminhos
nessas serras descampadas.

O aviso foi feito mais rápido do que se julgava e se pensava, com sorte o mansageiro não foi preciso ir á povoação, pois encontrou o regedor numa fazenda a menos do meio do caminho, a quem foi transmitido o aviso, que de imediato tomou as providências necessárias. O homem devia ter morrido nessa madrugada, visto o corpo não dar ainda nenhum sinal de cheiro ou de decomposição.

O bornal onde o homenzinho usava a transportar as suas esmolas, estava ao seu lado, desligado de si. Era costume do bom pedinte sempre que passava por nós, de perguntar se tínhamos fome, o companheiro dizia sempre que não, os patrões costumavam fazer umas merendeiras grandes que muito raro ele comia tudo, mas também nada voltava para casa, quando chegava a noite e que ainda tinha restos da sua merenda, usava dizer quem queria, pois voltar sem comida para trás, as merendeiras passavam a ser feitas mais pequenas, era isso que ele não gostava que acontecesse,

por esta razão não tinha necessidade, o mesmo não acontecia comigo que aceitava sempre o naco de broa que o homenzinho me dava, e ainda que bastante crua mas para dentes sempre famintos, era devorada com rapidez, satisfação e prazer, no melhor dos apetites.

Agora encontrava-me só junto do cadáver, um tinha seguido com o gado e o outro para dar parte ao regedor, comecei por rezar alguns Pai Nossos por sua alma, para em seguida ir passar revista à saca das esmolas, em busca de alguma coisa para comer, porque o pouco que tinha trazido foi comido logo ao sair da terra, e também não era pecado porque o homenzinho já não ia comer nada daquilo que até ali trouxera. Mas só que desta vez não trazia consigo broa nenhuma, e talvez por isso, que desta vez passou mais cedo uma vez que nada tinha para dar.

No saco das suas esmolas, a broa que eu procurava não havia nenhuma, apenas algumas batatas e umas cebolas e dois bocados de toucinho e mais algumas coisas de pouca importância, e no fundo do saco estava uma pequena bolsa presa com um alfinete onde guardava algumas moedas, não cheguei a saber quantas eram, nem qual era o seu valor, por não ser isso que me interessava. Como nada mais havia que me servisse, peguei em algumas batatas e nos dois bocados de toucinho que fui esconder não longe do lugar, para serem assadas numa próxima oportunidade, mas sem o conhecimento de ninguém, porque isto podia custar caro, não pelo morto que talvez até ficasse satisfeito, mas pela mãe que não ia tolerar semelhante coisa.

No exterior da sacola havia uma espécie de bolso, onde o homem costumava guardar um livro que sempre o acompanhava ainda que nem sempre fosse o mesmo, e tal como sempre, o livro lá estava.

Na sua viagem semanal que era sempre à sexta-feira, este homem tinha por costume quando pela força do calor, de se assentar junto de um penedo à sombra de uma carrasqueira, um pouco antes da fonte, onde usávamos merendar, e só depois do descanso das suas fadigas e terminar a sua leitura, metia de novo o livro na cavidade do seu bornal, punha tudo de novo ás costas e dirigia-se para junto

da fonte onde conversava por alguns minutos para em seguida continuar a sua viagem.

Numa certa ocasião a minha curiosidade levou-me a perguntar-lhe que leitura era aquela, que lia com tanta atenção! O homem em voz de piedade e bom humor disse: é uma leitura que se vos fosse explicar de certo não iam compreender, porque sois muito jovens, e até mesmo os adultos são poucos os que comprehendem! É por essa razão, que muitas vezes somos maus uns para com os outros, até sem o querermos ser, mas as lentes escuras da nossa ignorância, nos levam a cometer essas falhas humanas, os grandes problemas de todos nós. Talvez por essas falhas, que por aqui ando a pedir depois de sessenta anos de trabalho, tal como alguns de vós andais descalços e com fome. Para mim já nada me resta senão a morte, mas tenho fé de que vós ireis encontrar dias mais prometedores e de humanismo e justiça, diferente desta que muito raro pende para o lado da razão. É a leitura desses livros que me vedes ler, que ainda me dá forças e coragem para atravessar estes vales e serras que temos à nossa frente, ainda que já não vá ser por muito tempo.

Este pedinte era um amigo
Com ele gostava de conversar,
trazia sempre consigo
alguma broa para me dar.

Falava de algumas histórias
Do que fora o seu passado...
no livro das minhas memórias
guardei tudo com cuidado.

Como este pobre senhor
Estava morto no vale,
tinha de se avisar o regedor
da freguesia local.

Ainda não tinham ido há muito
Algo me lembrou de fazer,
de ir à saca do defunto
em busca de algo p'ra comer.

Mais por instinto que por curiosidade, tirei o livro da sacola do morto e meti no meu bornal, já vazio desde a manhã, e como nada já tinha para comer no bornal, nunca mais me lembrou do livro que ali tinha metido, somente no dia seguinte, quando de novo ali pus a minha merenda. Sem que ninguém tivesse conhecimento deste livro, a fim de evitar perguntas e respostas que quase sempre davam tareia, escondi-o no lugar onde dormia, e mais tarde guardei-o num lugar onde guardava algumas coisas pessoais.

Este livro por ali andou uns pares de anos sem nunca me chegar mesmo a curiosidade de ler ao menos o título, até que um dia, quando já apreciava as leituras dos bons livros e aquilo que eles nos queriam dizer, conclui que essas palavras que ouvi desse velhinho doze anos antes, tinham um sentido real como também a dor de uma injustiça e desumanidade de que fora vítima. Quando voltei à aldeia, com sorte o livro ainda por ali andava aos tombos, sem o mínimo de merecimento para ninguém, foi só então, que eu li o título e vi que se tratava de uma obra, então proibida em Portugal, pelo que conclui de que esse homenzinho, foi uma vítima do sistema. Esse livro não mais andou aos tombos, foi para junto de outros mais, sempre estimado, tendo para mim grande valor, por me fazer recordar algo difícil da minha juventude, e de alguém que tinha algo em comum, no sabor do pão que pedia e do mesmo fazia esmola.

Agora recordava as palavras do velho pedinte; nem mesmo os adultos compreendem esta leitura!... Era um livro relacionado com os direitos humanos e os direitos e deveres do trabalhador, mas como tais direitos não existiam, era essa uma das razões porque tal leitura era proibida.

Mais tarde quando trabalhava na Carris de Lisboa, encontrei um companheiro que era dessa área do Paul, donde o velhinho dizia ser, falei-lhe acerca desse Senhor, que por tal sinal conheceu

o homem e a sua história, e como me viu interessado em saber algo do homem, contou-me tudo o que sabia a seu respeito.

Segundo me disse o colega, era conhecido por o Ti Manuel Tecelão, esta alcunha, por ter sido tecelão numa fábrica têxtil na Covilhã, onde trabalhava por mais de quarenta anos. Entrou para a fábrica em miúdo como aprendiz, onde esteve até à altura em que foi chamado para a guerra, sendo nessa altura já um bom mestre e ao regressar, voltou de novo ao seu posto que antes deixara.

Era um mestre estimado por todos os companheiros a quem sempre gostava de ensinar os segredos da tecelagem, como também pelos seus patrões, quando no auge do seu vigor em que a sua produção era rendosa, não havendo quem desse mais rendimento. Mas como a idade não perdoa e as forças vão baixando gradualmente, e a produção vai baixando também, isto acontece a qualquer humano e foi o que aconteceu ao Ti Manuel Tecelão, e por essa razão deixou de ser o estimado, para um indesejado, porque já havia sangue novo mais produtivo, para o substituir a todo o momento, que houvesse uma oportunidade de o pôr na rua, e essa tinha de ser encontrada a qualquer tempo e em qualquer ocasião, e foi o que aconteceu.

Os seus chefes e que bem conheciam o seu desejo de ler, pois eles mesmo lhe ofereceram alguns livros desses que ele gostava, alguns até proibidos, e agora era por eles acusado de agitador, porque lia livros de acção subsersiva, sendo um perigo a sua permanência no convívio da classe, sendo assim posto na rua com mais de quarenta anos de serviço e sessenta e tantos anos de idade, depois de seis meses de prisão. Sem família e sem acesso a qualquer outro trabalho, teve que recorrer à última instância de sobrevivência, a chamada mendicidade!...

O livro que trazia
meti-o no meu bornal,
era um livro proibido
nesse tempo em Portugal.

Andou de lado para lado
no casebre onde dormia,
mais tarde foi guardado
junto de outros que possuía.

Esse velhinho Beirão
Que morrera nessa manhã
foi um mestre tecelão
nas fábricas da Covilhã.

Esta história triste e dura
algo que muito me chocou,
Pela traição feia á criatura
porque o seu vigor fraquejou.

Se este mestre tecelão tinha alguns ideais, nunca se revelaram nem em palavras ou acções perante os seus companheiros, ou mesmo qualquer acto indisciplinar, pelo que nem os patrões nem os chefes, nunca se opuseram, ou tão-pouco se incomodaram com as suas leituras, foi só no final da sua carreira quando já nada mais tinha para dar, e para que nada pudesse receber, foi cobardemente denunciado, preso e lançado na rua, sem o mínimo dos benefícios sociais, nem tão-pouco uma pontinha de respeito pela sua idade, e pelos quarena e tantos, onde deixou o melhor da sua vida, no cumprimento da sua obrigação profissional, tendo de acabar os seus dias a pedir uma esmola, e morrer num valeiro montanhoso, sem assistência, sem caridade e sem amor, nas mesmas condições de um animal selvagem. Além de triste, é vergonhoso!

Foi de muitos o professor
e pelos patrões estimado,
mas ao perder o seu vigor
foi por eles atraíçoado.

Sem família à sua beira
este homem de letras e escola
que trabalhou uma vida inteira
e morreu a pedir esmola.

Seus sentimentos morais
Fizeram-no estimado e querido,
se tinha os seus ideais
Lá os guardava consigo.

Depois de mais de quarenta anos
E sessenta e muitos de idade,
foi vítima de patrões desumanos
p'ra quem não havia humanidade.

A doença era outro grande terror da gente das nossas aldeias, não era a morte que eles mais temiam, mas sim as doenças que às vezes se prolongavam por anos, sem se verem melhorias, acabando por morrer, quando já não havia nada para gastar e sempre na esperança do milagre que não aparecia. E as pessoas iam perdendo alguns dos seus haveres, ou mesmo na totalidade, em favor da farmácia concelhia, com as receitas que o barbeiro local ia passando, a fim de encontrar a cura do seu doente, que às vezes até encontrava, outras, tudo se gastava e tudo se perdia. Mas como a esperança é sempre a última coisa a morrer, lá se ia fazendo mais uma hipoteca na horta da vinha, e como não havia dinheiro para limpar a hipoteca, o resultado era sempre o mesmo... pois não havia muitos Augustos Martins Leais, que costumava emprestar sem juros às pessoas que não podiam pagar, sujeito até a perder o principal.

Quando da morte do chefe da família mais numerosa da freguesia ou até mesmo do concelho nesse tempo, os «Vicentes» foi ele que muito lhes valeu, e foi com o seu dinheiro sem juros, que a pobre viúva comprava a cada ano o milho que lhe faltava, para poder dar broa aos seus filhos. E se mesmo assim, a miséria foi sabe Deus... o que seria sem este auxílio? Homens destes havia poucos!...

Por esta razão, sempre que o doente estava consciente das suas faculdades mentais, não pedia a Deus pelas suas melhorias, ainda que gostasse de continuar a viver, mas antes pedia que a morte chegasse o mais depressa possível, para não haver uma maior miséria no lar que iria deixar.

Alguns morriam em camas
Onde já não havia lençóis,
A família ficava nas lamas
e muito mais pobres depois.

Ao Deus iam rezando
P'las melhoras de quem sofria,
e o dinheiro lá ia ficando
na farmácia concelhia.

Isto foi o que aconteceu com o A. S. Vicente, quando nos fins de 1943 foi vítima de pneumonia dupla, vindo a falecer três meses depois, deixando atrás um rebanho de filhos todos de tenra idade na maior das misérias, sem roupa, sem calçado e sem pão, como tão pouco casa que pudesse albergar toda família debaixo do mesmo tecto.

Nesses três meses de doença a dívida da casa, que era quase nula, graças ao muito trabalho e sacrifício e boa orientação da chefia, subiu para um terço do valor real de todos os haveres existentes da família. Isto em apenas três meses! O que seria se continuasse?... Sim... a dívida continuou a crescer de maneira drástica, mesmo sem nada já ser preciso para o chefe, além do Pai Nossa rezado a cada dia. Agora a miséria era maior, pelo que a dívida tinha de crescer. Não havia pão para calar as bocas sempre chorosas e famintas, nem calçado ou agasalho para tanta gente, e sem haver quem quer que fosse que trouxesse algo para casa além da pobre viúva e mãe, em pleno auge da guerra.

Uma vez que o chefe familiar caiu, na cama doente a vida não podia parar, e os trabalhos tinham de ser feitos, os filhos pediam broa a todo o instante, e agora a mãe teve de tomar a chefia da casa. Levava consigo os filhos mais velhos para irem trabalhando a seu lado, consoante as suas forças e capacidades, enquanto os seis mais novos ficavam em casa, sendo o mais velho deste grupo o chefe dos outros com responsabilidade de olhar pelos irmãos, como de chegar os remédios ao pai, sempre que o sino da torre assinalava as horas que a mãe lhe marcara, como para socorrer o pai,

sempre que algo necessitasse, com também de acartar da fonte toda a água necessária para o dia, o que mesmo isto, não era tarefa fácil para uma criança que ainda precisava de alguém que tomasse conta dela.

Para quem não era tarefa fácil era para o pai moribundo, ao ver junto do seu leito um número de filhos que começava por um ano de idade em diante, ali se juntavam ao pai como que um refúgio, uns chorando outros guerreando, fazendo queixumes ao pai, já mais morto que vivo, este porque o irmão lhe comera a fatia de broa que a mãe lhe tinha deixado, o outro porque o irmão o batera, o outro por isto e por aquilo, etc., etc., outros tentavam as suas defesas e por aí adiante. O pobre pai, que já mal falava, mas bem lúcido da sua mente, ao ver aquele cenário á sua volta e que nada podia fazer, e sabendo que a sua vida estava a fazer mais miséria e agravar cada vez mais a situação familiar, pois bem sabia que esses remédios que tomava a cada três horas, era o pão dos seus filhos que choravam com fome à sua beira, sendo este o pior dos males.

Quando a mãe chegava, aproximava-se do leito do enfermo a fim de saber como iam as coisas, se havia algumas melhorias, como actuavam os remédios, etc., etc., mas quando conversavam, a mãe corria com os filhos para que não ouvissem alguma coisa que não fosse conveniente saberem, para não contarem, pois a língua das crianças é como um carro sem travões.

O doente só conseguia descansar virado para o lado do frontal, sentido oposto onde se encontravam os filhos, mas sempre que ali se juntavam, o pai logo se voltava, ao pressentir que algum dos filhos por ali estava á sua beira, seguia-os com um olhar banhado de lágrimas, e estas cenas eram repetidas a cada momento porque os filhos ainda viam nele uma protecção, pelo que vinham para junto de si.

O sino da torre bateu as dez badaladas da manhã e o chefe do grupo tal como estava programado trouxe o «Surgumil», medicamento para aquela ocasião, mas o doente desta vez, não tomou o remédio e ordenou ao filho que o levasse ao seu lugar, e não tomou qualquer medicamento neste dia.

Quando a mãe chegava a casa, logo perguntava ao chefe do grupo, se o pai tinha tomado os remédios, se tinha tossido muito, etc., etc., então o filho contou tudo o que se passara: que o pai não tinha tomado os medicamentos, tinha tossido bastante, tinha-se voltado para o lado do sobrado, e outra cois estranha... tinha visto o pai chorar quando olhava para nós.

Alimentava-se sempre a esperança
p'las melhoras que não vinham,
Às vezes ia também a herança
junto daqueles que morriam!...

Para o moribundo doente
Aumentava-lhe o seu sofrer,
quando lúcido consciente
Eles antes queriam morrer.

Às vezes tomar não queriam
Os remédios que lhe receitavam,
não era a morte que eles temiam,
Mas as dívidas que deixavam.

Já estava mais morto que vivo
Ainda lhe iam pedir pão,
era nele que viam o abrigo
a justiça e a protecção.

Pegando na velha candeia de azeite, a mãe dirigiu-se ao leito do marido, e ambos conversaram por alguns minutos, e ouvia-se o doente dizer numa voz que já nem parecia a sua; eu não volto a tomar mais nenhum medicamento, nem quero que mais remédios sejam comprados para mim, porque não os vou tomar, e quero dizer ao Barbeiro que não me receite mais coisa nenhuma, mas a esposa insistia de maneira firme: vais sim... os medicamentos fazem-te bem e hás-de ficar bom, leva é tempo!... Gaste-se o que se gastar, vão-se os anéis e fiquem os dedos, e os filhos quando crescerem,

hão-de pagar a dívida se não se puder pagar antes, ao mesmo tempo foi buscar o remédio e obrigou o marido a tomá-lo.

A partir daqui e até à morte do pai Vicente, a mulher jamais saiu da sua companhia, ordenando aos filhos o que deviam fazer, quer nos serviços exteriores do campo, como nos da casa, quanto aos mais pequenos, estes agora ficavam longe da vista do pai quase sempre em casa de uma tia, para não perturbar o sossego e a paz do infeliz moribundo, que a todo o momento perguntava pelos filhos.

O pobre pai que esteve sempre lúcido até à hora da morte, bem sabia que aqueles frascos que vinham chegando a cada dia, era o pão que estava a faltar aos seus filhos, como também a desgraça da sua casa. E assim se iam ouvindo a cada instante estas palavras: oh meus Deus! Não me dês mais vida!... E numa certa manhã quando a aurora ainda não tinha espontado no horizonte, Deus ouviu a sua prece para a tão desejada paz eterna, acabando assim o sofrimento daquele que na sua passagem pela terra, apenas conheceu o sacrifício, o trabalho e pobreza, e de certo levou no coração os filhos que agora ficavam mais pobres que nunca, sem pai, sem pão, e sem o mínimo dos recursos para enfrentar a rudeza dos tempos, que a cada dia se mostravam mais escuros. Mas esses filhos não perderam tudo, ficaram com uma mãe corajosa que encarou a realidade da vida e olhou-a sempre de frente, lutando por vezes contra a sorte e o tempo e mais que as suas próprias forças, para que os seus filhos pudesse viver junto de si, sem a privação desse primeiro alimento, «a fatia de broa», o que foi impossível para a pobre mãe.

Ainda que juntos da mãe estivessem por algum tempo, mas por fim os mais velhos tiveram de deixar o lar, partindo à mercê da sorte e numa força da aventura em busca da sua sobrevivência, com a total responsabilidade de si próprio, e mais ainda o dever de ajudar os irmãos mais novos que deixaram atrás.

Neste Mundo do vem e vai
Numa vida sempre enganosa,
este filhos perderam o pai
mas tiveram uma mãe corajosa.

Depois de o pai falecer
Os mais velhos foram andar,
p'ra alguns foi difícil vencer
a sorte não os quis ajudar.

Para alguns desses mais velhos que tiveram de deixar a terra onde nasceram, a vida não lhes foi fácil nessas terras distantes, umas vezes por falta de orientação, outras a pouca sorte. Mas apenas um, foi o que mais sofreu, e que mais difícil foi de encontrar o caminho com acesso à vida, porque em quase todas as portas que batia não lhes eram abertas, e por essa razão teve de enfrentar as dificuldades de uma juventude sem protecção, sem carinho e sem pão, como até muitas vezes sem abrigo, dormindo em lugares sem conforto sem qualquer segurança, e em maioria das vezes, explorado e mal tratado pelos patrões para quem servia, sem que pudesse comer o necessário de acordo com a sua vontade, trabalhando por tantas horas quantas o patrão exigisse, por pouco mais que a côdea e esse pouco mais, ficava sempre nos cofres do patrão até à altura do despedimento, para depois darem, não o que se ganhou mas apenas o que queriam dar.

Foram estes patrões, que na lei dos seus abusos para com estes jovens indefesos e desprotegidos, os responsáveis por muitos, para fugirem a essa crueldade, entraram em caminhos errados, estes os sempre difíceis de encontrar uma saída. Para esse Tonito da Ti Bárbara Vicente, conseguiu encontrar a porta de saída, servindo-lhe essas dificuldades na experiência da sua vida, mas foram muitos que nela entraram e se perderam, sem nunca encontrarem a luz do caminho da vida.

Na terra ficaram os seis mais novos, o que não foi fácil para a pobre mãe ainda que de Lisboa viesse alguma coisa de vez em quando, mas como isso era coisa que não chegava de acordo com as necessidades, a pobre mãe começou por comprar e vender sardinhas pelas aldeias, entregando os filhos às vizinhas, e algumas vezes levando o mais novo consigo, para essa viagem de quatro horas para cada lado. E como sempre... quando estava em apuros, recorria ao bom Samaritano, Sr. Martins Leal.

Com pontapés e bofetadas
Assim se serviam patrões!...
Às vezes as soldas negadas
e sempre cheios de razões.

Avarentos de cofre cheio
Mas querendo mais e mais,
negando-nos o nosso dinheiro
quando queríamos mandar aos pais.

Como a vida não pára, os mais velhos agora já senhores de si, vivendo em condições mais ou menos favoráveis, vieram à aldeia ver os familiares e ao mesmo tempo fazer contas com o bom do Senhor Martins Leal, e mais alguém a quem a mãe devesse dinheiro. O bom do homem que tudo tinha assente, as datas e a quantidade, nada mais que o seu principal, e ao insistir-se nesse ponto, porque, era muito dinheiro, a sua resposta foi: e se eu levasse juros estava a fazer um negócio, mas eu estava a fazer uma obra de caridade e humana, e quando assim, não há valores lucrativos! Homens assim, não há muitos, infelizmente!...

Os mais novos também se foram criando, tendo os mais velhos como seus progenitores, foram puxando de um em um e ensinando-lhe o caminho da vida, e guiando-os através das suas experiências, e todos saíram espertos trabalhadores e inteligentes. Agora assim a mãe que deitara ao Mundo treze filhos, era novamente livre, como não gostava muito de Lisboa, só ali vinha às temporadas ou se na aldeia se sentia aborrecida, a casa que outrora era tão pequenina, que não dava para albergar toda a família, agora voltaava a ser maior que o necessitado. A vida faz-nos cada uma!

Estes filhos, alguns morreram de pequenos por falta de assistência, os outros espalharam-se pelos quatro cantos do Mundo, mas felizmente todos venceram as barreiras da vida, e a pobre mãe, ao contrário do seu marido, quando nada lhe faltava e gostava de viver, teve de partir para esse lugar, onde a sina está marcada para todos os humanos.

As doenças não eram só dores
E nem só os ais por quem ia,
mas eram também os valores
que da sua casa saía.

Sem roupa sem pão sem abrigo
Foi uma miséria geral,
Mas mais se teria sofrido
se não fosse o Martins Leal.

Por fim o pobre morreu
Depois de bastante sofrer,
do governo nada se recebeu
p'ra esta gente sobreviver.

E mais veio a esta gente
O tal inventário dos menores,
levando-lhes seguramente
um terço dos seus valores.

Eram poucos os alimentos
e muita boca a pedir pão,
A mãe pensou por alguns tempos,
como arranjar algum tostão!...

Carregada de pão ou sardinhas
Que ao mercado ia buscar,
para vender nas terras vizinhas
e algum dinheiro arranjar.

Os mais velhos foram à vida
Com a idade pouco segura,
e foi p'ra mãe uma grande lida
a canalhada mais miuda.

Espalhados p'la grande Lisboa
Em melhores e piores condições,
houve tanta coisa, pouco boa,
Para muitos jovens Beirões.

Lisboa é uma nobre cidade
De lisboetas e bairristas,
dás a todos uma oportunidade
e muitos se fazem oportunistas.

Foste p'ra mim a cidade amada
e bem te conheço de lés a lés,
Esses por quem é mal tratada
deviam ser pendurados p'los pés.

Sem sorte não há progresso
Ainda que se trabalhe por mil,
nem todos tiveram sucesso
nessa fase juvenil.

Nesse tempo, nessa idade
Só à noite se podia estudar,
nesses dias a mocidade
não tinha muito que estragar.

Eram os irmãos mais velhos
que os mais novos orientavam,
e não só lhes davam conselhos
com também os disciplinavam.

Na regra do bem proceder
e dos sentimentos morais,
era uma lei, era um dever
de ajudarmos os nossos pais.

Filhos maus... muito raro!...
Esses que aos pais não ligavam
mas sempre pagavam bem caro
pelos filhos que criavam.

A sorte nem sempre é mãe
Tantas vezes nos é madrasta,
às vezes se quer e não tem,
como não há, não se gasta.

Estes dois poemas, bem diferentes mas nem por isso deixam de ser reais daquilo que era nesses tempos. Um o cenário triste de quem tinha de expiar os seus pecados pelos caminhos, sem ao menos ter alguém para passar parte do seu último desejo; o segundo era a devoção destes povos, como não tinham ninguém a quem recorrer nas suas aflições e desgraças, viravam-se aos Santos da sua fé a quem dizia respeito os seus azares, pois mesmo os Santos cada qual tinha as suas especialidades. Por exemplo: assuntos de casamentos, era o Sr. António; de trovoadas, Santa Bárbara; feridas ruins, Santa Eufémia; assuntos de dinheiros, S. Bento; viagens, S. Cristóvão, e assim por diante.

Em tempos que era pastor
Por esses montes andei,
de manhã, ao começar o calor
um cadáver encontrei!...

Era uma pedinte que andava
e nessa manhã de Verão
quando p'ra sua terra voltava
dessas terras do Fundão.

Foram as cabras que desobriram
num usual remoinho,
quando algo de estranho viram
junto à beira do caminho.

Isto nos chamou a atenção!...
Fomos ver o que se passava...
a mulher tinha morrido então
junto à berma da estrada.

Eu e outro companheiro...
ele ficou a guardar o gado,
fui a correr muito ligeiro
dar parte no povoado.

Mais tarde noutro lugar
Com diferente companheiro,
era um cachorro a ladrar
junto da fonte num lenteiro.

Era um pedinte conhecido
O Ti Manuel do Paul,
que há pouco tinha morrido
nesse dia de céu azul.

Na sua rota semanal
Era uso a gente o ver!
Tirava um livro do seu bornal
assentado começava a ler.

Não se sabe quando tenha morrido
Nessa que foi a última jornada,
como ainda tinha o casaco vestido
teria sido de madrugada!

Um terceiro companheiro
de tamancos andava calçado,
teve de ser o mensageiro
levando à terra o recado.

Sempre que o pobre ali passava
Num livro costumava ler,
depois, junto de nós conversava
e me dava broa p'r comer.

O povo das nossas aldeias
tinha a devoção de rezar,
dentro e fora das igrejas
e junto dos Santos do altar.

Às vezes faziam aos padroeiros
muitos pedidos demasiados,
quando era a pedir dinheiros
os Santos ficavam chateados.

Nós pedíamos agasalho e pão,
no tempo em que éramos garotos,
se não era da sua jurisdição
tínhamos que ir pedir a outros.

Eu pedia ao Sr. Benedito
Que era o padroeiro dos garotos,
mas tive de continuar magrito
porque não podia ajudar a todos.

S. Pedro dizia em lamento
Ao seu colega S. Hilário
porque não pedem ao S. Bento
Que é o Santo milionário?

Sempre que se pedia ao S. Bento
Respondia o S. da Calçada
não levas nada de momento
E vai-te de boquinha calada...

A liberdade é toda tua,
Se nunca te meteres na festa,
vai e não penses na rua
É a esmola que te resta.

Cuidado não peças demais
E na cidade não peças esmola,
para não te juntar aos pardais
que já cantam na minha gaiola!

Vai calado, e de olhos abertos
E não digas mal do S. Bento,
porque os meus anjos secretos
podem-te meter no convento.

Deus não ameaçava, só dizia:
guarda um pouco de comer!
Uma migalhinha por dia
Para à fome se não morrer.

Os meus pedidos foram tantos...
os Santos nunca ouviram os meus,
por isso deixei de pedir aos Santos
e agora só peço a Deus!...

CAPÍTULO X

AUTORIDADES LOCAIS

Em todas as sedes de freguesia por estas aldeias serranas, havia também autoridades, quer administrativas como policiais. A policial era feita pelo Regedor, que tinha plenos poderes para poder prender, ainda que fosse um ministro transgressor dentro do seu território.

Geralmente este homem era escolhido pelo povo, em assembleia de Junta de Freguesia, que depois de escolhido era enviado à administração do concelho para ser aprovado pelo seu administrador, depois desta aprovação final, passava a ser o homem com autoridade policial da terra e de toda a gente.

Este homem tinha de saber ler e escrever bem, para assim poder levantar os autos sem interferência de terceiros. Tinha um pequeno escritório onde guardava alguns utensílios pertencentes à rege-doria, tais como carimbos, papel timbrado com o nome da freguesia, e outras coisas mais como até cavalo-marinho e a pistola, coisas estas, que julgo serem pessoais para a sua própria defesa.

Como estavam debaixo da administração concelhia, nunca cheguei a saber se os Regedores da Pampilhosa tinham qualquer remuneração, o que penso que não. Pois isto de Regedores, não era igual em todas as partes. Por exemplo, os Regedores do Fundão começaram a ganhar um escudo por dia, a começar por volta dos anos quarenta, e até ali nada recebiam, mas tudo isto dependia dos concelhos.

Estes senhores permaneciam nestes lugares por tanto tempo, como fosse o seu desejo, sempre que as condições físicas e mentais o permitiam, ou que não fossem corridos por qualquer coisa que

não estivesse de acordo com os regulamentos exigidos por parte dos seus chefes.

Estas autoridades das aldeias era como nos filmes Americanos, o Town's Sheriff. Tinha como seus auxiliares os cabos de ordem, que eram sempre os rapazes mais recentes, saídos da vida militar e que residiam na aldeia. Não se podiam recusar sempre que o Regedor deles necessitasse, em defesa da lei e da ordem de segurança pública, como também levar os presos á prisão concelhia.

Sempre que por aqui alguém era preso, como aconteceu algumas vezes até aos fins dos anos quarenta, altura em que começou a haver a GNR que ia patrulhando as terras do concelho, e quando já havia telefone em que o Regedor, quando enfrentado em tais ocorrências, telefonava, e como já havia estradas com ligação da Pampilhosa a Fajão, vinham de Jeep, pois desde que começou a haver estrada pelo concelho, estes agentes de autoridade nunca mais andaram a pé.

Sempre que os cabos de ordem fossem chamados para cumprir esta missão, tinham o direito de se recusar, se vissem que o preso era perigoso e sem que este fosse algemado, mas isto só se com algum forasteiro, porque, com a gente da terra nunca tal coisa acontecia, ainda que alguém tivesse de ser preso, era gente humilde que acatava todas as ordens.

Na minha lembrança apenas me lembro de duas prisões feitas pelo Regedor, uma num dia de festa da Sr.^a da Guia, a um forasteiro acusado de não querer pagar certa despesa que fizera, e que o homem afirmava ter pago, pelo que a tendeira pediu a intervenção do Regedor. O homem que já parecia estar com uns copos, não acatou as ordens da autoridade e por essa desobediência o Regedor deu-lhe ordem de prisão, e foi mesmo, seguindo para a regedoria a fim de lhe fazer o referido auto, seguindo depois acompanhado pelos cabos de ordem, para a sede concelhia e entregue ao administrador, que logo os punha na prisão onde estaria por alguns dias como podia ser até por horas, dependia da informação do Regedor, que era entregue pelos cabos de ordem ao administrador, e agora tudo dependia deste, pois em casos de pequenos delitos, era ele sempre o juiz, e por casos de desobediência raro ia além de

três dias, até porque tinham que lhe dar comida e isso não dava resultado.

Havia em todas as freguesias
as autoridades e o prior.
A junta tinha as administrativas
e a segurança era do Regedor.

Nesses tempos nessas idades
a geração que não precisava,
todos eram autoridades,
toda a gente se respeitava.

Nesses tempos as autoridades não tinham muito trabalho, porque as pessoas se respeitavam mutuamente, desde as crianças nas escolas com total obediência aos seus professores, até aos mais idosos humanos, que todos respeitavam as suas idades.

A segunda prisão foi a um natural da terra que por sinal não era bem atilado, como até bastante perigoso, e como era tipo bem constituído e mau, tinha vantagem sobre os fracos e pacíficos, que de vez em quando, estes tinham que lhe fazer as suas vontades ou então corriam o risco de levar uma tareia.

As suas vítimas eram sempre os pastores, roubando-lhes a merenda e depois ainda lhe enchia o corpo de porradas, isto sempre quando os encontrava nos montes à guarda dos seus rebanhos. Quase sempre eram apanhados de surpresa e não tinham tempo de fugir, porque quando era visto de longe, escondiam-se e em seguida corriam-no à pedra.

Este indivíduo ainda que corpolento e de boa saúde, nunca quis nada com o trabalho, por essa razão nunca nada fez em toda a sua vida, além de pedir e roubar as merendas dos pastores. Não pedia na sua terra porque ali ninguém lhe dava nada, mas por terras desta vasta região que ele conhecia melhor que os cantos da sua terra. Deixou crescer umas enormes barbas, talvez para dar mais ênfase àquilo que escolheu como profissão, com as enormes barbas e a saliência dos seus grandes dentes, mais parecia um ladrão,

que um pedinte, pelo que as pessoas pelas terras por onde passava e pedia todas o temiam, porque além do seu mau aspecto, era agressivo nas suas falas e com pouca humildade no pedir, e talvez fosse essa a razão de ser um pedinte sem sucesso, tendo por vezes que recorrer à força dos seus músculos, não para trabalhar, mas sim para roubar as merendas aos indefesos pastores, que nesses tempos habitavam todos os montes e vales da nossa região.

Acontece que numa certa altura, a mãe deste pedinte vendeu uma casa que era pertença de toda a família, pelo que a mãe dividiu o dinheiro em partes iguais e deu a sua parte a cada filho. Como o filho José andava aos cinco e seis meses e mais sem vir a casa, a mãe guardou a sua parte que lhe veio a entregar quando ele voltou de novo à aldeia.

Num certo dia de sexta-feira pela manhã, o pedinte calão apareceu no povoado e após o primeiro contacto com a mãe, esta deu-lhe também aquilo que a ele pertencia, mas aconselhou o filho em deixar o dinheiro ou parte dele á sua guarda, e sempre que ali viesse ia levando parte dele, mas o filho reagiu imediatamente contra tal ideia, e disse à mãe que queria o dinheiro todo — e era já. Uma vez assim, a mãe que bem conhecia a qualidade do seu filho e de tudo o que ele era capaz de fazer se fosse contrariado, e sem mais palavra a mãe deu-lhe todo o dinheiro. Assim que o filho apanhou o dinheiro nas suas mãos, foi direito à taberna do bem conhecido César de Almeida, e começou por mandar vir vinho e comprar bolachas que ia comendo acompanhado com a pinga, tal como oferecendo a quem passasse, sem fazer discriminação a quem quer que fosse, um verdadeiro socialista, até mesmo aos pastores a quem usava roubar a merenda, agora obrigava-os a aceitar as bolachas que lhes oferecia, com pena de levarem alguns murros pela sua recusa, era um verdadeiro generoso, nas únicas horas ricas da sua vida.

No Mundo todos somos actores
Neste nosso palco diário,
os figurinos eram os pastores
e o José Barbas o empresário.

O Barbas o mau da fita
Ninguém lhe punha o pé à frente,
Mas nas horas que tinha guita
Queria dar a toda a gente.

Foram horas felizes do Zé Barbas, mas a era da sua riqueza terminou por volta das sete horas da tarde, quando terminou de gastar o último tostão da sua fortuna, terminando também as horas felizes e de bom humor, e agora eram as dificuldades no acerto de contas entre ele e o taberneiro!

Como toda a gente conhecia o Zé Barbas e o taberneiro também, parece que este exigiu do Barbas, que pagasse cada despesa que fazia, e então o rico daquele dia, que confiava em todos como nunca antes o fizera, pôs todo o dinheiro nas mãos do taberneiro, e conforme ia bebendo, comendo e pagando, o Senhor da taberna ia fazendo as suas contas e tirando o dinheiro, dizendo-lhe o que ainda restava, e tudo correu na melhor paz e harmonia entre o freguês e o proprietário e alguns outros fregueses que vinham e ficavam, os menos escrupulosos, sempre na mira de beberem mais um copo e dar uma maior animação, às horas felizes do belo Zé.

O incidente deu-se quando o Zé pensava que as suas horas felizes não tinham que terminar ali, quando tudo estava a correr bem, e ficou muito fulo com o taberneiro, ao pedir mais uma rodada, e este lhe disse, que já não havia dinheiro que chegasse para essa quantidade de copos que pedia. Então aqui houve problemas na matemática entre os dois teimosos; um porque a sua conta estava certa, sabia bem a tabuada e já fazia contas desde criança e nunca enganara ninguém, e só queria o que era seu! O outro, que não era maluco ainda que disso tivesse a fama, e era por isso que estava a querê-lo enganar, mas tinha que lhe dar todo o dinheiro que ainda restava de toda a sua despesa.

Os homens que por ali animaram a festa, bebendo uns copos à saúde do Zé, perante esta situação e como também já tinha terminado o dinheiro para mais um copo cheio, viram que esta era a melhor ocasião de deixarem os dois sós, a fim de melhor se poderem concentrar neste difícil acerto de contas, e foi o que fizeram,

de um a um, foram saindo e deixaram os dois discutindo os dinheiros e as rodadas.

Como não foi possível um acerto de contas a fim de satisfazer ambas as partes, o melhor freguês da semana e até talvez o do ano, não satisfeito com a prova dos nove do taberneiro, como ainda tinha um copo cheio junto de si e já não tinha nenhuma sede, resolveu e sem estar com mais aquelas, de mandar com o copo do tinto à cabeça do taberneiro, que logo se misturou o vinho com o sangue sobre a sua camisa. Mediante esta situação, o taberneiro gritou por socorro que prontamente apareceu alguém, que de imediato chamou o regedor.

Nas linhas da nossa vida
Há tantas delas erradas,
Às vezes nos prega a partida
Com horas felizes e amargas.

A discutir nunca dá certo
Não se chega a nenhum lugar,
Aqueles que assistiram de perto
Tudo isto podiam evitar.

O regedor que andava a jardinar numa horta junto da igreja, ainda que fizesse parte dos fidalgos da terra, pois não era homem de trabalhar no campo, mas gostava de por ali passar uma grande parte do seu tempo livre, pois essa horta era um verdadeiro jardim de flores, ao ouvir os gritos veio imediatamente ao local, e ao ver tal cena, deu-lhe voz de prisão, este que minutos antes era o homem mais feliz do Mundo e o mais rico da terra, como de toda a sua vida. Foram chamados os cabos que levaram o preso á sede concelhia, tendo sido entregue às autoridades, a quem dizia respeito estes serviços prisionais, onde esteve por dois dias, devido a ser reconhecido como irresponsável pela sua fraqueza mental, como assim era titulado.

Foram estes dois, os únicos casos de que tive conhecimento que o regedor tenha tomado tão firmes decisões, pois além de umas

pequenas chamadas de atenção, a este ou aquele mais macaquelho das orelhas, por este ou aquele caso, mas era uma pessoa digna que nem o povo nem a mocidade desse tempo, nada tem que se queixar desse Senhor Acácio Augusto Pereira, o único regedor que ali conheci, ainda antes que alguns rumores, que em tempos antes, costumava levá-los para a regedoria ali lhes tratava da pele. Será verdade? Talvez até tenha sido, não sei... na altura em que o conheci já era pessoa madura, homem que não tentava criar problemas, antes os evitava, encontrei sempre nele compreensão e tolerância. Esta a minha maneira de ver, e penso não estar errado.

Fajão teve este homem como agente de autoridade por mais de quarenta anos, ainda que este povo sempre fosse respeitador e ordeiro, não lhe dando muito trabalho, mas a mocidade foi sempre mocidade e fazia muitas diabruras e muitas deixaram de ser feitas, por lhe terem respeito, e assim a segurança e a ordem esteve ao alcance de todos, sem que este agente de autoridade tivesse de usar agressividade para com alguém, ao contrário de muitas terras vizinhas, onde surgiram grandes divergências entre o agente da ordem e o povo, mais propriamente a mocidade, especialmente nos seus divertimentos nocturnos, dos fados e guitarradas dos fins-de-semana.

O tão conhecido Regedor
Uma autoridade não treinada
As vezes levava a rigor
Coisas que não valiam nada.

Quarenta anos de policial
Que Fajão viu com amizade,
Por ser sempre imparcial
No cumprimento da autoridade.

Se é certo que nunca houve conflitos entre o regedor da nossa terra e a população local, talvez até porque este Senhor tinha sido polícia na capital e estava bem senhor de si e da maneira de agir e saber perdoar, porque era um regedor treinado, o mesmo não acon-

tecia com a maioria dos seus colegas, por estas terras das Beiras, que recebiam a ordem de autoridade sem o mínimo treinamento quer profissional como moral, afim de actuarem de maneira correcta e justa.

Em muitas terras da nossa e mesmo de outras regiões em que a autoridade era o regedor, às vezes havia grandes confrontações e cenas desordeiras com essa autoridade, recolhendo alguns aos hospitais e outros às prisões, por coisas sem a mínima razão de acontecer e que não aconteceria, se tivessem sido treinados moralmente para este lugar, limando-lhe as arestas da força e do poder.

Neste Mundo da humanidade
Já nada há que se torça,
A gentileza e a amizade
Sempre venceu a fúria e a força.

Prisões, não se fizeram p'ra cães
Mas para quem transgride e mal faz,
O mais valioso de todos os bens
É o amor, o respeito e a paz.

Foi muito falada uma destas cenas desordeiras passada numa freguesia de um concelho não muito longe do nosso, em que numa certa noite de sábado a rapaziada como era costume, divertiam-se pelas ruas da terra com uma concertina, guitarras e ferrinhos, nas tradicionais farras das Beiras, e quando tudo corria na mais ordeira harmonia, apareceu o regedor, e com voz mais de provocação do que ordem, ordenou que se calassem, mas como não acataram a ordem prontamente, o belo do regedor deu uma chibatada de cavalo-marinho no rapaz da concertina, tendo esta caído e danificado o instrumento. Ao levantar-se cheio de dores de nervos e de razão, pegou numa navalha que trazia no bolso e sem uma palavra mais, esfaqueou a autoridade, neste caso o agressor, com sorte para este, porque a navalha não lhe apanhou os pontos mortais do seu corpo, mas parece que nunca mais foi o mesmo homem que era antes deste lamentável incidente, um foi para o hospital e o outro para a prisão. Segundo me foi contado, o rapaz era uma bondade

de moço estimado por toda a gente da sua aldeia, como por todas as pessoas por quem era conhecido. Como prova dessa amizade, no dia do julgamento toda a gente do local e mesmo de outras onde era conhecido foram abonar em seu favor. Em favor do regedor, apenas tinha um a abonar por si... era o padre!... E chegou para o rapaz ser condenado nuns oito anos de prisão, que devido às amnistias e do seu bom comportamento, saiu em liberdade depois de cumprir quatro anos, o que mesmo assim foi demasiado e duro, até porque este moço estava à espera de ser incorporado na Companhia Carris de Lisboa.

O regedor quando saiu do hospital teve que largar o seu cargo, porque a terra levantou-se em peso não o querendo mais como sua autoridade, tendo este cargo sido ocupado por outro que o povo indicou, e o regedor deposto, acabou por sair da localidade, tal como o padre teve a mesma sorte, pouco tempo depois. Ainda que este deixasse a terra voluntário, mas a sua presença, já não mais era bem encarada pela maioria dos seus paroquianos, desde que foi abonar em favor do regedor e agravando a pena do pobre moço.

As serenatas que tinham parado por respeito ao rapaz que se encontrava na prisão, voltaram-se a fazer mesmo sem concertina, a pedido do moço presidiário, voltando tudo como dantes, para satisfazer o seu pedido. Tocaram, cantavam e animavam a gente da aldeia, só que agora havia duas cantigas que nunca falhavam, uma no início outra no fim.

É verdade, é verdade,
É verdade sim senhor,
O Zé Henrique tinha vontade
De inra...r o regedor.

O Zé Henrique foi preso,
Mas um dia há-de voltar
A essa liberdade sem preço,
P'ro podermos abraçar.

Esta história real, é apenas uma entre tantas de mais ou menos

gravidade, que se iam vivendo no dia-a-dia, felizmente não muito nas nossas terras, mas em muitas outras onde estes incidentes deixaram amargas recordações. Houve outras boas que tantas saudades nos deixaram, e só essa saudade nos resta.

As autoridades administrativas de toda a freguesia, estavam sob a jurisdição da Junta. Esta, bem ao contrário do regedor, não era apontada por ninguém mas sim eleita pelo povo da freguesia, mesmo apesar de nesses anos se viver em regime ditatorial no nosso país.

As eleições para a junta na terra onde nasci e vivi até aos catorze anos, e mesmo daí em diante, que continuei a acompanhar de perto todos os acontecimentos da minha terra, enquanto em Portugal vivi. Estas eleições autárquicas foram sempre feitas na mais perfeita e leal das democracias, a única coisa democrática que assisti em Portugal, durante toda a vida em que ali vivi.

Foi por ti hó democracia
Que tantas noites... vi o luar,
Arriscando a liberdade e a vida
E sem te conseguir encontrar.

Finalmente foste encontrada
Quando já vivia, no além,
És linda... Mas se não fores respeitada
Não vais servir a ninguém.

Esta autarquia que era composta com presidente, secretário e tesoureiro, este, o que tinha menos trabalho, visto não ter muito dinheiro para guardar. Não tinham qualquer remuneração profissional, como também não entravam nos seus cofres quaisquer fundos, quer govenamentais quer municipais.

Todos os seus fundos vinham dos chamados baldios da freguesia, que nesse tempo havia muitos pinheiros, ervideiros e torgas de moita, o mais apropriado para fazer o carvão, esse o chamado ouro preto dos miseráveis locais, ouro de muito baixo valor, como até muito difícil e duro a sua exploração, mas ainda assim era o

único meio, em que as pessoas com saúde e força, arrancavam da terra as torgas, que depois de queimadas de maneira a darem carvão, vendiam-no na terra ou às companhias carvoeiras, que nesse tempo era muito procurado, e daí vinham os tostões para comprar o tão necessitado milho, para poderem ter a broa, esse pão de cada dia.

Vi minha mãe fazer carvão
No Sol ardente de Agosto,
Para dar aos filhos o pão
Com o suor do seu rosto.

Dos pobres era o ouro fraco,
Às vezes tudo se perdia,
Quando a cova abria buraco
E todo o carvão ardia.

Os chamados baldios eram todos os terrenos dentro dos limites pertencentes à freguesia. Estes terrenos eram livres para toda a gente até mesmo para pessoas de outras freguesias, com algumas restrições. Qualquer pastor podia pastar com os gados, roçar matos para os animais, arrancar torgas e outra lenhas para seu uso, etc., etc. Havia uns certos direitos em que esses forasteiros não eram abrangidos, só o povo local. Tais como fazer carvão, quer para uso próprio, como para vender. Estes regulamentos eram sempre cumpridos a rigor e com pesadas coimas ou até querelas, para quem transgredisse estas leis autárquicas que eram iguais em cada freguesia.

Os locais ainda tinham o privilégio de poderem fazer cavadas para semearem o centeio e juntamente os pinhões, para depois da ceifa ficava o pinhal. Estes jovens pinheiros nas cavadas agora desprotegidos, sem as canas do centeio, era mais fácil a sua destruição pelos gados que tinham sempre a tentação de para ali fugirem por haver sempre algo especial para a sua alimentação. Nestes lugares onde houvesse estes jovens pinheiros, era expressamente proibido aos pastores a aproximação dos seus rebanhos, somente depois de

sete anos de vida destes, ali se entrava com os gados. E a partir daqui, estes terrenos de pinheiros eram privados, e só voltavam a ser baldios de novo quando os pinheiros fossem extintos. Por este motivo, era a razão porque todos faziam cavadas e semeavam pinheiros, para uns não terem tudo e outros nada. Também se podia semejar ou plantar outra qualidade de árvores, ficando debaixo dos mesmos regulamentos. Também se podiam desbravar baldios e torná-los em terras de cultivo, mas só que estas depois de cultivadas, eram sempre de quem as desbravou, não voltando nunca mais, à liberdade pública, o que era um direito de justiça, porque a terra deve ser de quem a cultiva.

Nas terras de frio e nevadas
Faziam-se grandes cavadas
Com força e o enxadão,
O centeio se malhava na cira
Homens de manguais em fileira
Separavam a palha do grão.

Com árvores de fruto ou pinhais
Eram riquezas florestais
E a glória da nossa enxada,
Mas sem pedir licença entrou
Fogo criminal... tudo queimou
Uma riqueza reduzida a nada.

Os fundos com que a junta de freguesia administrava e reparava as necessidades das terras que lhe pertenciam, e penso que todas as freguesias destes concelhos estavam no mesmo pé de igualdade, não faziam parte do orçamento Nacional, distrital, ou mesmo municipal, era em alguns casos, nesses pinhais chamados do povo que a junta anualmente vendia as suas sangrias às companhias resineiras, ou a quem mais nelas estivesse interessado, o mesmo acontecia em outras vendas, tais como as torgas para carvão, cepas de ervideiros, etc., mas sempre o bom senso da junta, usavam reservar as torgas mais perto da povoação, não somente para o uso

doméstico, com também para a sobrevivência de quem destas necessitava para com elas fazerem o seu ganha pão, era uma maneira justa e humana, destes que penso sempre terem feito o seu melhor para bem do povo, ainda que impossível poder satisfazer a todos.

Todos os homens que conheci nesses lugares, ainda que algo por vezes lhes apontasse, mas quanto a mim, quase ou senão todos os que ali conheci, eram honestos, compreensíveis e humanos, se pouco fizeram foi porque mais não puderam fazer.

A honestidade desta gente era provada como vendiam o seu produto. Toda a gente tinha o direito de ir às arrematações, e ver quem comprava e quanto pagava.

Sempre que a junta tinha vendas para fazer, pediam ao padre, não somente para anunciar na sua igreja, como também nas igrejas das freguesias vizinhas. Escreviam às companhias interessadas ou às que usavam comprar os seus produtos.

No dia marcado para a arrematação, acorria muita gente que quase sempre enchiam por completo essa sala, que anos antes, era a escola das raparigas. O presidente abria a sessão, que logo começava por apresentar os seus produtos aos presentes interessados, e de imediato começava o debate quase no género de leilão, outros usavam por meio de propostas, mas quem mais desse é que levava o artigo, e o dinheiro era imediatamente pago após a arrematação, que o tesoureiro dele se encarregava e nisto não havia batota.

As autarquias actuais
Até memo nas aldeias
Fazem-se grandes campanhas
Porque tem dinheiro a mais.
Foi o que faltou a nossos pais,
Era só da resina e das lenhas.

Do pouco que tinham p'ra vender,
A junta tinha de prever
Que ali estava de muitos o pão.
Se então houvesse incendiários
Seriam os mais tristes cenários
Do povo desta região.

Estes eram os fundos com que a junta podia contar como também a maneira como fazia o seu negócio, que no meu ver, penso terem sido bem administrados.

Mesmo com estes magros e precários recursos, ainda que a gente local desse a sua ajuda com dias de trabalho de vez em quando, mas o que é certo ainda se fez e reparou muita coisa, que hoje não o fariam com os mesmos recursos desses tempos, porque nos dias actuais, já ninguém quer fazer nada, por nada...

Os problemas de finanças, nas juntas desses dias, chegaram a todas na nossa região, especialmente na zona centro, algumas até mesmo ainda mais pobres que a de Fajão. Tantas necessidades que nunca foram reparadas por não haver fundos, e algumas em lugares bastante perigosos, especialmente onde passavam crianças, como era o caso dos pontões de madeira sem grades e sem a mínima segurança, sobre certas ribeiras, onde as grandes cheias punham em perigo a vida de quem por ali tinha de passar e sem ter outro caminho, como era o caso de certos ribeiros onde passavam as crianças que vinham para as escolas.

Felizmente, que nas terras de Fajão nunca se choraram as dores dessas tragédias, o mesmo não podem dizer algumas terras nossas vizinhas, onde algumas infelizmente, viveram as dores amargas dessas desgraças, e mais doloroso ainda, quando se quer e não se pode salvar a vida que vemos perder. Aconteceram cenas destas em algumas terras da nossa região, sendo a última do meu conhecimento, na povoação de Pescanseco Fundeiro, deste concelho de Pampilhosa da Serra, por volta de 1944.

Em dia de grande cheia, quando o Ribeiro levava uma enorme enchente e a criança não tinha outra saída, e ao passar por um desses pontões sem grades foi levada pela cheia, sem que ninguém a pudesse salvar. Ainda alguém a viu cair, mas nada mais pôde fazer, além de chorar a sua triste sorte, e rezar por sua alma, e pedir a Deus, para que esta fosse a última criança, a perder a vida em tão triste circunstância.

Esta criança foi encontrada cerca de duas semanas depois, na ribeira da vizinha povoação da Amoreira, cerca de uns trinta quilómetros do lugar onde caiu, ainda tinha um ramo de silva

fechado na sua mãozita inocente, que já estava em começo de decomposição, e como o local já fazia parte de outro concelho, era agora as burocracias da lei, imposta aos infelizes pais, afim de poderem levar a filha, para ser sepultada na terra da sua localidade, tendo esta formalidade custado ainda bastante dinheiro, como se a sua dor não chegasse.

As crianças p'la madrugada
De longe vinham à escola,
Chutando as pedras da estrada
Uns descalços, mesmo sem nada...
Outros com buracos na sola.

Havia os chamados pontões
P'ra passar sobre as Ribeiras,
Requeria grandes atenções
Sem terem grades p'ros peões,
Às vezes caíam nas cheias.

Se estes pontões fossem feitos em cimento, ou até mesmo em madeira, mas se tivessem grades, certamente não se teriam derramado tantas lágrimas, por vidas que se perderam de maneira tão chocante, que é impossível apagar essa dor, no coração dos seus familiares.

Havia também em muitas terras das Beiras, quase sempre nas sedes de freguesia um indivíduo das melhores qualidades e da inteira confiança do povo, que este escolhia para ser o seu conselheiro, o chamado «Juiz da Paz».

A missão deste homem era apenas de fazer paz, ou contribuir para que não houvesse guerra, desavenças, ou mesmo mal entendidos dentro da comunidade. Este homem tinha como arma da sua força, as suas palavras e conselhos imparciais, vindo sempre da sua consciência bem treinada, para poder encarar a realidade dos factos sempre em favor da justiça e da razão.

As suas decisões ainda que não tivessem sabor agradável, pela parte dos transgressores, mas todos as respeitavam e cumpriam, se

alguém recusasse a sua sentença, o povo logo se levantava como em pé de guerra contra o transgressor, e este tinha mesmo que cumprir a pena dada pelo juiz da paz. Era a tradição de uma terra, era decisão do seu juiz, era a força de um povo unido, que fazia respeitar as suas tradições herdadas dos seus antepassados.

Pelas terras dos Beirões
Ainda que pareçam mentiras,
Com costumes e tradições
Quando haviam decisões,
Com rigor eram cumpridas.

Decisões feitas com cuidado
E a palavra firme de rei.
Por isso eram respeitados
Mesmo sem ser magistrado
A sua palavra era lei.

Em muitas terras onde os regadios das suas fazendas eram de vinte e quatro horas por dia, por vezes haviam confusões com a escala das águas, vindo por vezes a surgir problemas, que se não fosse o juiz da paz intervir, quando contendias entre dois teimosos, seria difícil um acordo entre as duas partes.

Havia também em outras aldeias da nossa região, que tinham um homem mais ou menos qualificado como o juiz da paz, só que lhe davam o nome de «coimeiro». Era este senhor que fazia as avaliações pelas perdas feitas dos gados, quando nos descuidos dos pastores, como também quando a rapaziada fazia certos prejuízos aos vizinhos, em qualquer caso que tivesse de haver avaliações, era sempre este homem que decidia, além disso era sempre a pessoa escolhida para tomarem dele conselhos, neste e outros assuntos em que era qualificado. Tal como o juiz da paz, todos acatavam as suas decisões.

Havia em muitas outras aldeias portuguesas até há bem pouco tempo, que era o povo que fazia as suas próprias leis, que determinavam qual a penalidade a ser aplicada aos transgressores.

Havia um chefe que era eleito pelo povo, assim como os seus seis auxiliares, estes os sempre mais qualificados e acreditados da aldeia. Eram estes homens que determinavam todas as soluções, quer em ajuda, como em disciplina local, mas sempre com a aprovação do povo, este, que raramente rejeitava as suas decisões.

Na Companhia Carris onde trabalhei e conheci rapazes de quase todas as aldeias portuguesas, tive ocasião de fazer um grande estudo, sobre a maneira como o povo actuava em muitas terras, nos seus costumes e tradições, que o seu povo cumpria como uma lei.

De muitos casos que me foram contados sobre os regulamentos das suas terras, vou descrever um, bem perto de Braga, nessa aldeia chamada Vilarinho das Furnas, mais conhecida por Aldeia Comunitária, hoje emersa pelas águas do rio Homem, na barragem do Vilarinho das Furnas.

Segundo me foi contado e confirmado por gente deste lugar, esta aldeia comunitária era um símbolo da unidade, do respeito e o mais puro socialismo. Era um por todos e todos por um, tanto nas horas felizes como nas amargas, e quando algum residente era vítima de infortúnio, logo caía a terra inteira em seu auxílio, e em casos de percas materiais, só paravam, quando tudo estivesse restabelecido de novo. Daqui lhe vinha o nome de «Aldeia Comunitária», mas ai daquele que recusasse a obedecer às leis da terra!

Havia em aldeias de Portugal
Com leis próprias do lugar
E que toda a gente local
Tinha de cumprir e respeitar.

Um executivo que teria
De mensalmente se reunir,
Resolvendo o que de algo aparecia
Quer para ajudar ou punir.

Segundo me foi contado por um filho desta aldeia, em que seu pai fez parte desse executivo por anos, e assistiu a dois casos em que o povo teve de actuar com as suas decisões. Uma a um indi-

víduo que ali se radicou por laços de casamento, e não querendo acatar as leis locais, onde depois de muitas recusas, foi sentenciado pelo povo, de ser amarrado de braços e pernas e lançado ao rio, e só não houve execução, porque o bom do homem nos momentos derradeiros, prometeu cumprir tudo sem qualquer restrição.

O segundo caso, parece ter sido a uma bela senhora que casara com um certo homem muito mais velho que ela, e depois de algum tempo, ainda que ambos vivendo dentro da mesma casa, mas esta deixou de cumprir as suas obrigações de esposa, não lhe fazendo a comida, nem lhe lavando a roupa, nem mesmo se deitar na mesma cama, pelo que a lei da terra, uma vez mais teve de intervir a favor da justiça, sendo julgada pelo executivo da lei local e aprovado pelo povo de ser lançada da ponte, se não mudasse de atitude. Mas a senhora preferiu cumprir as suas responsabilidades de novo como esposa, que cair na lei do povo que ela bem conhecia.

A história deste homem e mulher,
Numa terra de ordem e de paz,
Mostra quão grande é o poder
Do que um povo unido é capaz.

Toda a terra tinha o seu uso
Costumes, leis e tradições,
Muitos pagaram pelos abusos
Da teimosia e refilões.

Havia muitas aldeias portuguesas, que resolviam todos os seus problemas e conflitos, sem a necessidade de intervenção das leis oficiais, nem mesmo a presença amiga do regedor.

Pelas terras de Portugal
Nas sedes das freguesias
Era sempre as autarquias
Quem tinham de administrar
E para as necessidades reparar
Por vezes não tinham vintém.

Assim não havia ninguém
ainda que competente e honesto,
o trabalho foi sempre um teste
seja qual for a missão
sem ganharem um tostão
Pois não tinham ordenado
Isto era assim no passado
na terra do teu, e meu berço
nas cidades eu desconheço.
Mas havia os tais privilégios
que até pareciam mistérios
por não nos tratarem de igual,
mas era assim em Portugal
nas terras abandonadas
as juntas eram formadas
de secretário e presidente
e um tesoureiro, que raramente
tinha dinheiro p'ra guardar
sem dinheiro... e administrar
é impossível a qualquer gente.

Se estess eram compensados
nunca tal se me constou...
foi um grupo que se dedicou
dentro daquilo que tinha
o dinheiro que lhes vinha
era dos chamados baldios
não podia haver desvios
nem sombras de confusão
vendiam torgas p'ra carvão
e algumas cepas de ervideiros
com a resina dos pinheiros
era este o único recurso
isto se vendia em concurso
e era de quem desse mais.
Mas nos tempos actuais

estes homens já são pagos,
e alguns tão mal formados
em todos os postos governamentais
as cegueiras dos seus ideais
que é sempre o seu bem-estar
Serem ricos sem trabalhar
p'ra quem não há honestidade
ou descobrir o véu da falsidade
não se lhes pode chamar ladrões
quando se trata dos tais barões
esses da alta sociedade.

As juntas eram responsáveis
pelas escolas e pontes
E das águas para as fontes
e até do cemitério local
o dinheiro é o grande mal...
tanto a menos... como a mais.
Se há muito... há os tais pardais.
Se há pouco... vem a pobreza.
E quando não temos defesa
só nos resta o tal milagre...
mas esses, já nem mesmo o padre
lhes é fácil obter tal graça
era como a junta sem massa
pouco... mesmo pouco arranjavam
e onde até crianças passavam
desde as manhãs até à tarde
por algumas pontes sem grade
que a água às vezes enchia
se alguém por ali caía
era levado pela corrente
assim aconteceu a uma inocente
ao passar em tal jangada
pela corrente foi levada.
Houve alguém que observou

mas nem sequer tentou
porque não podia fazer nada.

Em algumas destas aldeias
já por muitos séculos atrás
tinham o seu juiz da paz
que era o seu povo que elegia
e era a ele que se recorria
sempre que havia divergências
mas antes de dar suas sentenças
ia junto do réu e queixoso
no dom de paz e harmonioso
tentava sempre fazer a paz
mas se disso não fosse capaz,
porque havia sempre teimosos
até alguns pouco amistosos
sem por ninguém ter afecto
então este juiz, sempre correcto,
para quem todos lhe eram iguais
sem tendências parciais,
a sua sentença lhe lia,
mas sem direito a amnistia
e se não cumprisse a lei dada
a pessoa que estava lesada
voltava ao juiz de novo.
Este entregava o caso ao povo
e davam-lhe o último manifesto
era o povo quem fazia o resto
era uma força, uma terra num todo.

A autoridade policial
Era o chamado regedor
tinha que ser um senhor
de ler escrever e contar
p'ra autos poder levantar
sem ajuda de outros fulanos

com mais de vinte e cinco anos
e sem cadastro registado,
posto sempre apontado
pelo administrador do concelho
tal processo já muito velho
como este lugar se escolhia,
autoridade, que às vezes fazia
em vez de ordem conflito.
Assim uma vez me foi dito
numa certa localidade,
mas este só era autoridade
em terras da sua freguesia,
era o único que intervivia
na ordem e na segurança,
se mal tratasse uma criança
ou qualquer outra mal tratada
era o regedor que actuava
mas em favor da razão
pondio no mal um travão,
às vezes era o anjo da guarda.

Nem todos gostam da autoridade
em especial os turbulentos,
já os havia nesses tempos
gente que nada prestava
o regedor não lhes perdoava
nem por eles tinha carinho
por vezes o cavalo-marinho
era pelo regedor usado.
Por cima daquele costado
caiam muitas e gradas
lá dentro de portas fechadas
p'ra ninguém se aperceber
só depois se ouvia dizer
o que tinha acontecido
aí o povo ficava dividido

de alguns se ouvia dizer
a lei não manda bater
nem punir dessa maneira.
A razão porque existe cadeia
é p'ra punir os malfeiteiros,
mas logo diziam os opositores
falando com certa emoção
que nenhuma caísse no chão
para assim poder aprender
e se lhe voltar a bater
que nunca lhe doa a mão.

Havia regedores maus
Em muitas destas aldeias
aliciavam cenas desordeiras
pelo excesso de autoridade
com arrogância e maldade
por vezes sem terem razão
perdendo até a noção
de ser um agente da ordem
fazendo por vezes desordem
quando sua voz não acatavam
esses que aqui habitavam
faziam farras divertidas
nessas serenatas erguidas
nas ruas desses lugares
e nos mais alegres cantares
nas noites já bem entradas
com fados e guitarradas
em cada fim-se-semana
em silêncio e já na cama
era a emoção absoluta.
Acordavam, ficavam à escuta
ouvindo o trinar das guitarras
com vozes acompanhadas
e o povo gostava disto

com cantares no imprevisto
eram as noites de farras

Às vezes por estas aldeias
quando na mais ordeira harmonia
o imprevisto aparecia,
quando o regedor ali chegava
e aos fadistas ordenava
para pararem as guitarradas
por vezes começavam algazarras
entre o grupo e a autoridade,
pois nem sempre a mocidade
acatava a ordem dada.
E continuavam a noitada
depois de o regedor abalar,
voltando de novo a cantar
mas numa voz mais sumida
e se a noite já ia comprida
davam por fim a serenata
para não haver uma zaragata
e evitar um mau humor
não voltasse o regedor
como já tinha acontecido
o povo ficava dividido
quando em farras desordeiras
também se cantavam janeiras
às portas dos habitantes locais.
Tempos que não voltam mais
às nossas terras das Beiras!...

CAPÍTULO XI OS MAGISTRADOS

Havia muitas terras em todo o território Nacional, com a categoria de Vilas, por isso com tribunais, juízes e tudo mais, o que era necessário para cumprir os requisitos dessa administração. Mas muitas dessas perderam esse foral ao longo dos tempos, mais propriamente a partir dos anos 1760 em diante, foi quando mais se começou a mexer na dependência administrativa, prolongando-se até ao ano 1855, altura em que muitas terras da nossa região foram extintas dessa categoria de Vilas, e poucas foram as que conseguiram vi-lo a ser de novo, ainda que algumas o tenham tentado, mas sem o mínimo êxito.

Conheço algumas dessas terras que foram Vilas á nossa volta, que penso serem: Álvares, Vila Cova, Pombeiro, Celavisa, Álvaro, Piódão e hoje a terra escolhida como museu Nacional, devido às suas casas rústicas, mantendo-se inalteráveis no seu exterior, tal como foram as suas construções primitivas de pedra e barro há centenas de anos, como algumas mesmo, com mais de um milénio. Pois tanto Piódão como Fajão, são terras muito antigas, pensa-se já existirem, quando da fundação Nacional.

Coja, outra que também foi Vila, e tanto tem lutado para voltar a ser, e na realidade, tanto pela sua posição geográfica, como pelo seu desenvolvimento, merece ter de novo essa categoria, a tão linda terra, que muito bem lhe assenta o nome, de flor do Alva. Avô, penso ser outra que também perdeu o nome de Vila, e que o Alva bem conhece também a sua beleza.

Oh Alva tu vais banhando
Com as águas dos teus caudais
E os pés às moças molhando
Quando regavam os seus milhais.

Sereno tu vais correndo
Levando as águas ao Mar
Tuas Vilas foram desaparecendo
Mas a saudade vai sempre ficar.

Midões é também Vila extinta, a terra do famoso e temível João da Silva Brandão, chefe da mais poderosa quadrilha, «ou grupo político», que a nossa região já mais conheceu, nesses tempos dos Miguelistas, em que não havia respeito, nem ordem, ou segurança, em que a lei era o poder do mais forte.

Desde então até aos nossos dias, ficou uma pergunta no ar, que nunca ninguém quis ou soube responder... será que o João Brandão era um criminoso, ou um vingador político? Ainda hoje muito pouco se sabe, o que foi o João Brandão. Segundo reza a história do povo, ele foi um sargento disciplinado do exército, onde teve alguns louvores, e mais adiante, um digníssimo presidente da Câmara de Midões, a sua terra natal, e muitas vezes um defensor dos indefesos.

Paul, hoje pertencendo ao concelho da Covilhã, como Alpedrinha, hoje do concelho do Fundão, penso que também foram vilas no passado. Mas há muitas mais na nossa região, que foram importantes vilas.

Por exemplo Fajão, hoje uma freguesia pertencente ao concelho de Pampilhosa da Serra, foi extinta de vila em 20 de Outubro de 1855, precisamente há 139 anos, quando englobava na sua administração seis freguesias: Dornelas, a mais populosa de todas, Fajão, Janeiro de Baixo, Teixeira, Unhais-o-Velho e Vidual.

Fajão era nesses tempos, uma terra das mais importantes de toda esta zona centro, pela sua localização, pois Fajão era como que um canal, onde as pessoas tinham que passar do Sul para o Norte ou vice-versa, pelo que muita gente e em especial os almoçares, viam Fajão como um lugar ideal para pernoitar, como para

dar descanso aos animais, dessas longas caminhadas, e também porque possuía boas stalagens, assim como cocheiras apropriadas para os animais, uma delas, a bem conhecida stalagem da Ti Emilia, onde ainda hoje se podem ver essas casas, mas algumas, já transformadas em palheiros, e já sem palha.

Alojaste os viajantes
Cansados p'los temporais,
Nesses tempos já distantes
Que hoje já não existem mais.

Deixaste de ser concelho
Mas não te sintas humilhado,
Pois desde o mais novo ao mais velho,
Sentem orgulho do teu passado.

Fajão perdeu o seu foral de Villa, mas não perdeu as suas histórias e lendas, pelo que as mesmas a qualificam, como a terra humorista das regiões.

Fajão, é conhecido como a terra dos contos, «OS CONTOS DE FAJÃO», as decisões do seu juiz, a capacidade do Sr. Pascoal, em saber resolver todos os problemas, em que o povo era sempre unânime, na maneira como administrava os interesses da terra, sem nunca ter deixado cair, o valor da sua moeda, «OS TRINTA MIL RÉIS E UMA CARGA DE PRESUNTOS». Este era o dinheiro oficial da Vila, com que iam comprando as invenções para melhorar os seus trabalhos, como até a maneira de viver, como também para pagarem, aqueles que tinham as soluções, para resolver os seus problemas, quase sempre muito confusos.

A élite da terra, a chamada classe fina, eram os treze fidalgos! Eram estes os responsáveis em aprovar ou reprovar as decisões do administrador, o Senhor Pascoal. Pois havia muita coisa a fazer a cada dia; todas as madrugadas tinham que ir buscar a manhã à serra; era o problema do lobo e do burro; o mistério do queijo no fundo do poço da ponte de Cartamil em noites de luar; a torre dos cortiços no penedo do Portelo, para ver se o trigo na Espanha já estava maduro, nesse tempo em que ali iam à ceifa; o foucinho,

bichinho que comia gente; a maneira de matar os gafanhotos, des-truidores das suas agriculturas; o padre e o pejadoiro do moinho, que em dia de missa, tinha que estar a vedar a água com o sin... nhor, encostado à cale, como isto era rotativo, nesse domingo calhou ao padre, pelo que tinha que haver uma reunião dos fidalgos para uma solução; o burro que ca... va dinheiro, etc., etc. Isto é apenas os títulos de algumas histórias humoristas, desta antiga Vila de Fajão, pois há muitas e muitas mais, como tantas há também, do seu imortal Juiz, mas que deste, nem todas são lendas, pois há muitas reais, no que se refere a esse ilustre magistrado, homem bem conhecido pela dignidade, no cumprimento da sua justiça, em que tinha fama em toda a região.

Terras de Juízes e tribunais
Com, pelourinho e prisão,
Condenaram-se criminais
Em vilas que já o não são.

Fajão, tuas histórias
Às vezes contadas no Adro
Ao lembrar tuas glórias
Da saudade o teu passado.

Perderam os seus magistrados
Ao baixarem a freguesia
Povos que ficaram mais isolados
Com todas as esperanças vazias.

Tudo na vida tem um fim
Neste Mundo de vai e vem,
Gostamos de ti mesmo assim
Porque és a nossa terra mãe.

Estas terras ao perderem o seu foral de Vilas, ficaram mais isoladas, mais abandonadas e com menos recursos, por isso mais pobres que antes.

Fajão mesmo assim, devido à sua localização, por onde a maioria das pessoas tinham de passar de duma Beira para a outra, con-

tinuou a ser uma terra importante, até à altura em que começaram a aparecer estradas e automóveis e outros carros pesados pela nossa região, e os almocrevas, assim como o chiar pachorrento dos carros de bois, foram deixando de se ver e ouvir, nesta rota, a mais importante da zona centro.

Por essa rota de ladeiras
Com estradas para bois e muares,
Era uma passagem das beiras
E a melhor por estes lugares.

Já era um moço crescido
Lembro-me de ver passar também
Tanto cavaleiro desconhecido
Sem dizer nada a ninguém.

Era frequente ouvir chiar
Os carros de bois, entre os pinhais,
E os cavalos no seu trotear
Nesses percursos habituais.

Mudaram-se os rumos aos ventos,
Já não se ouve o cavalgar,
Mesmo com tantos inventos
Ainda há tanto a desejar.

Mas continuando a falar dessas Vilas, como também dos seus magistrados, há muita coisa referente aos juízes de antigamente, bem diferente dos juízes dos nossos dias, ou talvez sejam apenas lendas.

Segundo as lendas do povo, e ainda que muitas destas histórias acerca dos juízes desta Vila extinta, e de outras que ainda hoje o são, parece que os Juízes não necessitavam de ser universitários, para o cumprimento nas funções da magistratura, até porque não havia as facilidades universitárias como nos dias de hoje.

Há menos de cem anos, a Vila de Fajão que nesse tempo era

bastante populosa, de certeza que em toda a sua gente não havia meia dúzia de pessoas, que soubessem ler e escrever, porque mais tarde quando já andava na escola, nos primeiros anos da década de quarenta, numa população adulta de cerca de trezentas pessoas, doze seria o muito que estivessem qualificadas em ler e escrever, havendo algumas que sabiam ler, mas não escrever, pelo que não me admira que esses magistrados não tenham passado pelos bancos das universidades.

Não tenho os verdadeiros conhecimentos como estes indivíduos chegavam a Juízes, nestas vilas provincianas, mas segundo um livro que li, já há bastantes anos e por sinal já bem velhinho, falava acerca desses Juízes, nos julgados Municipais aldeões, que eram escolhidos pelo povo. Segundo dizia este livro: os três homens mais qualificados daquele concelho, eram escolhidos, para finalmente ficar um, esta escolha era sempre feita por meio de sufrágio. Este que o povo elegera, era enviado o seu nome ao supremo de justiça do seu Distrito, sendo mais tarde chamado para fazer o seu juramento de fidelidade e de honra à nação, em nome da justiça e da lei. Era-lhe dado o diploma de magistrado e o livro de código da lei, e a partir daqui, era o Juiz do seu concelho, para julgar, absolver e condenar todas as causas no território debaixo da sua jurisdição. Seria mesmo assim?... Talvez até fosse... pois li também um livro que falava acerca dos Juízes do passado, em muitas nações da Europa e países latinos da América, em que os Juízes eram escolhidos pelo povo, pelo que está de acordo, com esse livro em português que li há muitos anos atrás.

Ainda lá não vai muito longe, em que os presidentes dos Municípios, ajuizavam muitas causas, nos tribunais dos seus Municípios, pois nesses anos trintas, quarentas, que a sua instrução fosse além do ler e escrever, mesmo menos que a instrução primária.

Terras que eram concelhos
Tinham tanta gente de bem,
Hoje, só lá existem velhos,
Amanhã não existe ninguém.

Terras que perderam seus Juízes
mas nunca perderam a sua fé.
Cortaram-te tuas raízes,
morres, mas com honra, de pé.

Fajão na sua longa carreira como Vila, certamente teve muitos Juízes, mas quando se fala em algo, em que tem de entrar o juiz de Fajão, deixa-nos confusos e dá a ideia de apenas ali ter existido um, e nada mais, pois nunca se fala dos Juízes, mas do «Juiz». Isto leva a pensar a qualquer pessoa, que foi algum magistrado que por ali passou de grande inteligência, quer jurídica quer moral, como de personalidade firme nas suas decisões — estas, respeitando a razão e fazendo sempre a justiça na sua base e na da verdade. Foi isto que o tornou famoso, o bem conhecido por toda esta redondeza», o Juiz de Fajão».

Devido ao lugar e também à época, certamente não havia facilidades de escrever, por não haver quem, estas façanhas deste grande magistrado fajense, que bem merece a admiração, como o orgulho não só da gente de Fajão, mas também de toda a região em geral.

É pena estas histórias não estarem escritas, e as podermos viver, através dessas leituras, ao invés de ser como a linguagem dos ciganos, que não se aprende pelos livros mas sim verbal, passando de pais a filhos e filhos a netos. Pois na realidade, ainda que não tenhamos livros para nos provar os factos, mas não há fumo sem lume, e tal como a linguagem do cíngulo, estas histórias tem passado de pais a filhos e aí por diante, e como Fajão foi Vila, não é menos verdade que teve juiz, e ainda lá não vai muito tempo, pois foi nos meados do século passado, que deixaram de o ser, e assim essas histórias existentes nas nossas mentes, que já vieram dos nossos pais e avós, e vão passando aos nossos filhos e netos, e muitas dessas façanhas do juiz, não são apenas lendas, mas talvez o aprumo e a dignidade a rectidão e o amor, como também a simplicidade das suas vestes, que o tornaram notável e imortal, tal como reza a sua história verbal.

Segundo reza a história do povo, esse Juiz de Fajão ainda que fosse a pessoa mais importante da terra, era a mais simples de

todas, a sua veste, era sempre o fato de surroboco e o gabão de burel, que algumas vezes lhe serviu de assento nos tribunais, quando pela sua simplicidade zombavam dele, negando-lhe uma cadeira, mas ou ouvi-lo falar, no seu dom de palavra e a grande capacidade de orador, sempre em favor de razão, logo tentavam emendar o erro, mas sem êxito, porque o Juiz de Fajão nunca se rendia a quem dele tentasse zombar.

Há histórias que a gente não leu
Vem de geração por geração,
Foi isto que aconteceu
Com o célebre Juiz de Fajão.

Há muitos que só pensam em si
Outros que pensam em si e nos mais,
A uns tudo a favor lhes sorri
Outros, vítimas dos seus ideais.

De muitas histórias acerca do Juiz de Fajão, umas reais outras lendas, mas há uma que ainda que seja, mas como sempre se fizeram injustiças, julgando as pessoas, não pelo que são, mas pelo que aparentam, tomo-a como verdadeira e porventura será. Parece ter sido o seguinte:

Um certo indivíduo, chefe de uma família bastante numerosa e muito pobre, dos arredores de Arganil, costumava ir para os lados de Aveiro, segundo se consta trabalhar nas salinas, e parece que neste lugar, trabalhavam vários companheiros de diferentes terras, alguns vindos de bem longe.

Num certo dia, quando o trabalho teve o seu fim, os operários que todos ganhavam igual salário, foram chamados ao patrão, que deu a cada um o ajuste pelo seu trabalho, dando-lhe a palavra de os voltar a receber como seus trabalhadores na próxima temporada, como já vinha sendo costume por anos.

Acontece que, como ninguém mais do seu lugar ali trabalhava, o beirão já era uso vir sozinho e foi o que aconteceu desta vez também. E no caminho já a algumas léguas distante, encontrou à berma da estrada um homem morto, tendo sido assassinado minu-

tos antes da sua chegada. Reconheceu que era um seu colega, tal como ele, já a caminho de casa com o dinheiro que ganhara, para com ele comprar o pão e outras coisas necessárias do lar, mas foi roubado e morto, por alguém que sabia que levava dinheiro consigo, eram cem réis o dinheiro que recebera pelo seu trabalho, tal como todos os outros.

O bom do beirão, foi comunicar o caso às autoridades locais, que de imediato o prenderam como suspeito, vindo a ser acusado de roubo e crime de homicídio, foi levado para a relação do Porto, onde foi julgado e condenado á forca.

Parece que todos os condenados á morte tinham direito a fazer um apelo final, sempre que não houvesse uma confirmação real do crime. Este beirão ainda que não conhecesse esse Juiz seu conterrâneo, mas conhecia bem a sua fama e algumas causas por ele julgadas, em que tudo era passado a pente fino antes de condenar alguém, e muito em especial quando condenações à morte, assim fez o apelo a que tinha direito, ao supremo poder de justiça, para um novo julgamento e ter como árbitro o Juiz de Fajão. O apelo foi aceite e o julgamento da decisão do condenado foi marcado para a relação do Porto, onde o Juiz de Fajão seria o árbitro dessa audiência, satisfazendo o pedido do condenado.

No risco da própria vida
Quando a fome nos ataca,
Às vezes é uma luta perdida
Sem esse pão que a mata.

Um foi preso, o outro foi morto,
Ambos em conquista do pão
E essa justiça do Porto
Não deu ao inocente a razão.

O Juiz de Fajão, que nada sabia acerca deste caso, ficou surpreendido quando um dia ali chegou um mensageiro, perguntando pelo Senhor Juiz de Fajão, com uma carta do supremo poder de justiça, e que só a ele podia ser entregue. Como o Juiz se encon-

trava fora da terra no cumprimento das suas funções profissionais, o mensageiro teve de ali ficar por alguns dias, até que o Juiz chegasse. O Pascoal providenciou a sua estadia, e doi dias depois, o Juiz voltou à terra, tendo-lhe sido entregue a carta pelas mãos do homem que já há dois dias o esperava, voltando em seguida á sua vida.

Junto da carta a dar-lhe conhecimento para ir arbitrar esta causa em determinada data, no tribunal criminal do Porto, lugar onde já tinha julgado outra causa muitos anos antes, vinha também toda a informação referente ao processo do condenado, afim de poder estudar toda a matéria acerca desta condenação.

Como a distância entre Fajão e Porto eram mais de duzentos quilómetros por maus caminhos, atravessando serras e rios, afim de não chegar atrasado, o bom do Juiz saiu de casa com uma semana de antecedência.

Tinham sido três o número de juízes que nesse tribunal julgaram e condenaram o pobre beirão, tendo sido todos unâmines na condenação à morte, por se tratar de um crime de roubo e de homicídio.

A família do pobre só veio a saber da sua condenação e de tudo o que se estava a passar, cerca de dois meses depois da sua detenção, devido às dificuldades dos correios desse tempo, e do lugar onde viviam.

Como era grande a distância que separava este lugar do Porto, mais de duzentos quilómetros sem transportes e sem dinheiro, não era fácil uma visita ao presidiário, por parte dos seus familiares agora mais pobres que antes. Talvez por essa razão, que o condenado pedia que a sua execução, se não ganhasse no apelo, tivesse lugar na sua Comarca, esta em Arganil, para que assim a família o pudesse ver pela última vez.

Os magistrados portuenses que nunca antes tinham ouvido falar em tal terra, nem tão pouco no seu juiz, contudo sabiam que se tratava de uma terra no meio das serras e pensavam certamente de se tratar de um magistrado pouco conhecedor da lei, mas cheio de sumptuosidade, como que rei em terra de cegos, só que este Juiz

era precisamente o contrário, pelo que receberam uma grande decepção no que julgavam a seu respeito em todos os aspectos.

Tal como se vestem as suas histórias... além de ser um juiz altamente sábio, inteligente e bem conhecedor da lei, era também humano, simples e sem vaidade, vestia e vivia a igualdade do seu povo; talvez por todos estes dons, era querido e estimado por todos quantos o conheciam.

A esperança nasceu no beirão
De voltar junto dos seus viventes,
Porque o Juiz de Fajão
Tinha um especial condão
Para julgar os inocentes.

Atento o processo estudou
Que do supremo lhe fora enviado,
E concluiu que ele não matou
Como também não roubou,
Era um inocente condenado.

No dia da audiência, meia hora antes desta começar, já a sala estava cheia quando o Juiz de Fajão chegou. Como costume, o Juiz vinha vestido com o seu fato de burel, como burel era também a sua capa que sempre o acompanhava.

Como a sala estava cheia e para não entrar mais ninguém, a porta foi fechada, pelo que o Juiz de Fajão bateu à porta e esta foi aberta...e logo um guarda neste serviço de abrir e fechar a porta, disse-lhe com voz de autoridade: não pode entrar! A isto o bom do Juiz identificou-se, mas sem o que o guarda reparasse na sua identificação, ainda mais brusco que antes disse: já disse ao senhor que não pode entrar! Isto é um tribunal, e não a feira de gado que procura, sabe disso?

Então o Juiz fajaense mostrou ao guarda quem ele era, dizendo-lhe:

Eu sei que não é feira de gado
Mas é um lugar de cavalgaduras,
Começando pelo porteiro
Com aspecto de carneiro
E na língua as ferraduras.

Com ou sem licença, vou entrar,
Saiba que sou o Juiz de Fajão
Que esta causa venho arbitrar,
E só não esperava de encontrar
Sem açaimo nenhum cão.

Quando o magistrado fajaense entrou na sala de audiência e se identificou, como sendo o Juiz escolhido para decidir a causa em questão, foi uma gargalhada geral, começando pelos seus colegas juízes, seguidos de toda a assistência. Esperavam por um juiz num outro estilo e vestido a rigor, não um metido no meio de um fato de burel, mas era esta a maneira deste Juiz. Quem não se riu, foi o condenado que bem sabia que aquelas gargalhadas o estavam a ajudar, e que eles iam saber quem era o Juiz de Fajão, pois ainda que nunca antes o visse, conhecia a sua humanidade e de tudo o quanto era capaz, em favor da razão e da justiça.

O magistrado das serras, antes de chamarem as testemunhas ou fazerem perguntas ao preso, quis ele mesmo interrogá-lo, e começou por lhe fazer as seguintes perguntas:

De roubo e morte és acusado
E por isso estás dentro das grades.
Qual foi o seu dinheiro apurado
E quanto foi depositado
Nas mãos das autoridades?

Cem réis foi o que ganhei
E o que todos receberam.
E quando o crime anunciei
Foi esse dinheiro que entreguei
Às autoridades que me prenderam.

As pessoas na sala de audiências que se tinham rido do homem, agora todas tinham as suas atenções nesse magistrado vestido de burel, pela firmeza das suas palavras e pela maneira como tentava procurar a verdade, e assim continuou fazendo mais algumas perguntas ao condenado, antes de ouvir as testemunhas, tais como aqueles que o tinham acusado, e o Juiz continuou o seu interrogatório perguntando:

Morando longe da cidade e do Mar,
O que veio você aqui fazer?
Será que veio p'ra trabalhar
Ou anda pelas serras a roubar
Ou em busca de algum prazer?

Venho p'ras salinas trabalhar,
O trabalho é a minha nobreza.
Nunca aprendi a roubar,
Estou preso, não por matar,
Mas pelo crime da minha pobreza.

Depois das investigações feitas ao condenado, o Juiz fajaense não teve dúvidas em ver que o seu conterrâneo estava isento de culpas, vítima de uma má investigação feita à base da aparência e não da razão, depois de ouvir as testemunhas, concluiu a total falha, daqueles juízes que estavam á sua frente, ao terem condenado um homem vítima da sua boa fé e da sua miséria. Agora o Juiz de Fajão tinha de convencer aquela gente do grande erro feito por aqueles magistrados incompetentes, e de que esse homem por eles condenado, não era um ladrão nem um assassino, mas uma pessoa bem intencionada com responsabilidades familiares, vindo de longe em busca do pão que os seus filhos necessitavam, e sem hesitação começou por descarregar, doesse a quem doesse, em todos, sem poupar ninguém, incluindo os juízes que o tinham condenado. O fajaense virou-se para eles e disse:

Como o caso foi investigado
Mostra a vossa incapacidade,
E isso é um crime, é um pecado.
Se o homem tivesse matado
Ia chamar a autoridade?

A pobreza é a grande peste,
O provérbio que no Mundo se diz:
A experiência me fez mestre,
Todos me avaliastes pela veste
Desde o porteiro ao Juiz.

Mas o Juiz fajaense não ficou por aqui, depois de assinar a sua decisão em favor do defensor, tendo os outros juízes dado as suas concordâncias, talvez até com pouca vontade, ordenou de imediato a sua liberdade, tal como uma indemnização a que tinha direito, por erro da justiça, mas esta só era decidida pelo supremo de justiça, que quase sempre esse dinheiro para as indemnizações, saía dos bolsos dos responsáveis desses erros judiciais, o Juiz vestido de burel continuou:

Vós juízes de capa preta
Em cadeiras altas vos sentais,
E sem consciência mandais
Para a força os inocentes,
Sois juízes incompetentes
Sem humanismo nenhum
Com a vida de cada um.

Fazendo um brinquedo das leis
Só lhe encontraste cem réis,
Como pode ele ser ladrão
Que recebeu do seu patrão,
Tendo este confirmado a verdade
E vós por ignorância ou maldade
Meteste o homem na prisão.

O homem de burel falava com a força da lei, fazendo justiça em favor da razão, ele podia dizer tudo o que sentia, por isso o tinham escolhido para presidir essa causa, sem poder ser impedido. Disse tudo o que sentia àqueles que até uma cadeira lhe negaram à sua chegada, tendo de usar como cadeira o seu gabão, o pouco tempo que esteve sentado. Ainda que depois lhe tenham oferecido várias cadeiras, o Juiz de Fajão não aceitou a oferta dizendo: só uso comer a fruta, no seu devido tempo.

A sala de audiências ainda que repleta de gente, não se ouvia o mais pequeno barulho, devido a grande atenção posta nesse Juiz das serras, que continuava a fazer o seu discurso acerca daquela causa, carregando sobre os juízes como principais responsáveis por tal erro, mas como as suas palavras eram ditas em poesia, mais ênfase dava ao seu discurso que continuava assim:

Com o bico da vossa pena
Assentados na cadeira da lei
Algo errado encontrei
Nas decisões que assinalai!
Pela aparência julgais,
Condenando pessoas de bem
E aquele que arma tem
mas se anda bem vestido
É por vós absolvido
É tratado por excelência.
Maldita seja a aparência
Que engana os mal formados,
Entre eles os magistrados.

Sentados nessas cadeiras
Com gargalhadas de plateias,
Fazendo do tribunal um teatro,
foi pela aparência do fato
Que me destes o valor...
E foi assim julgado o senhor
Que está na vossa presença.
Vou assinar minha sentença

Pela verdade, justiça e razão:
Que vós, juízes, entreis na prisão,
Eu peço ao supremo judicial,
Por erro jurídico e moral,
Assina o Juiz de Fajão...

Foi este o relatório que o Juiz de Fajão enviou ao supremo poder de justiça, relatando o seu parecer acerca desta audiência, e o resultado da sua decisão, tal como o comportamento dos magistrados dirigido à sua pessoa, pelo que em nome da lei pedia que fosse feita justiça aos indisciplinados juízes.

O homem antes condenado à forca, foi absolvido, e era de novo um cidadão livre, graças ao anjo da guarda, o Juiz seu conterrâneo, voltando ao seio da sua família e era um homem feliz. Feliz era também o Juiz de Fajão, por uma vez mais ter feito cumprir a justiça em favor da verdade e da razão.

Três meses depois deste caso, o Juiz fajaense recebeu uma carta do alto supremo de justiça, com a decisão dada o seu pedido; o ex-presos recebeu como indemnização a quantia de cinco mil réis, um equivalente a cinquenta vezes o que recebera do seu patrão, quanto aos juízes não foram para a prisão tal como tinha pedido, mas foram suspensos pelo período de três anos. Certamente que aqueles juízes nortenhos, sempre que vissem um homem vestido de um burel, lembrar-se-iam do Juiz de Fajão.

Cerca de um ano depois, o Juiz de Fajão foi chamado para julgar uma causa em Arganil, junto à porta do tribunal, estavam três homens, um deles ao ver o juiz, sem nada mais dizer aos companheiros corre para ele, e abraça-o com tanta fraternidade, como que se fosse um pai salvador dizendo: é este!... é este... quem me salvou a vida! Contou ao Juiz, e ao mesmo tempo agradecendo a indemnização que recebera, com a qual muito melhorara a sua vida. O homem convidou o Juiz para visitar a sua casa que era uma terra vizinha, a que o fajaense agradeceu dizendo, talvez um dia, depedi-se dos três homens e seguiu para o tribunal onde já era esperado.

Há muitas histórias acerca do Juiz de Fajão, umas lendas outras

reais, e para mim, esta vive na minha mente como a mais pura das realidades e ainda que a ouvisse contar quando tinha apenas sete anos, em todo esse tempo não lhe perdi uma única palavra, por dela me interessar, devido à natureza das falhas humanas.

As histórias acerca do Juiz de Fajão, fazem-me pensar que este famoso Juiz e poeta, era um «Bocage» das serras, só que este homem, ainda que muita coisa tivesse de similar, nada tinha de humorístico. A sua poesia tinha sempre o sentido da revolta contra a injustiça e os opressores, como quem vive e sofre os problemas de cada um. Homens com sentimentos assim, nunca deviam morrer!

Do imortal Juiz de Fajão
o que mais me sensibilizou
foi a que no Porto julgou
sendo justo, duro e correcto
foi o julgamento mais certo
de tantos da sua carreira!
Era difícil irem para a cadeia
inocentes julgados por si.
O que a seu respeito ouvi
no tempo que era garoto,

Essa lição que deu no Porto
este Juiz tão estimado,
salvando aquele condenado
trazendo-o de volta à liberdade,
homem que odiava a maldade
sempre em favor da razão,
por isso ele deu uma lição
que os juízes pagaram bem caras
essas fortes gargalhadas
que deram ao Juiz de Fajão.

CAPÍTULO XII

OS INVASORES CRIMINOSOS

Invasores, criminais, ladrões, violadores e não sei que mais... tudo pelas nossas aldeias passou, matando, saqueando, violando, etc., etc. Isto falando desde o princípio do século passado, mais propriamente quando da invasão de Napoleão em Portugal, desde Março de 1805 até Outubro do mesmo ano, durante estes oito meses, estes indesejados hóspedes, fizeram tudo isso por onde passavam, sem que dessem às vítimas o direito de reclamar, ainda que muitos pagaram sem esperar os crimes dos seus abusos, praticados aqui e além.

Segundo a história, como também as notícias verbais vindas dos nossos antepassados, de pais a filhos até aos nossos dias, ainda hoje nas aldeias, se fala desses tempos críticos dos dias dos invasores. Um dos seus grandes crimes, era pôr os seus cavalos a comer o milho das arcas, que as pessoas tinham para o pão diário de si e dos seus.

Uma das grandes razões porque de quando em vez se encontram tesouros e dinheiros enterrados neste ou naquele quintal, em paredes das casas, ou mesmo em outros lugares, foi porque na altura da invasão, as pessoas ao terem conhecimento da aproximação destes criminais, foram esconder os seus dinheiros e tesouros, como alguns valores, aqui e ali onde só eles sabiam, na maioria dos casos enterrados à beira das casas, nos quintais, outras vezes nas paredes das casas e nos currais das localidades. Acontece que muitos foram mortos pelos invasores e como ninguém mais sabia onde estavam os seus bens, estes por ali ficaram e por ali estavam ainda, descobrindo hoje um, amanhã outro e assim por

diante e talvez alguns para todo o sempre. Outros ainda que vivos ficaram baralhados pelos acontecimentos criminosos, em que as suas mentes falhadas não lhes permitiram encontrar os lugares, ou até jamais disto se lembraram, por estar fora das suas memórias.

Quase duzentos anos lá vão
que aqui andaram os invasores,
foram grandes saqueadores
que tanto dano causaram,
roubando e até mataram
no tempo negro da invasão.

O rastro que estes deixaram
foi ódio e sangrentas marcas,
os cavalos a comer das arcas
o milho que era o seu pão,
essas tropas de Napoleão
tudo o que havia levaram.

Desde que os invasores franceses deixaram Portugal em Outubro de 1805, as beiras centro só tiveram alguma paz e tranquilidade até por volta de 1826, quando da morte, ou melhor dizer: do assassinato do rei D. João VI. Pois segundo os rumores e a confirmação dos médicos que fizeram a autópsia, este belo rei foi morto por envenenamento, nessa malvada merenda em que foi convidado para ir comer a Belém, que custou mais vidas, tal como a do cozinheiro por se negar a pôr o veneno na comida e por isso o mataram também, como outras pessoas, algumas de destaque como foi o caso do barão de Alvaiázere, também relacionado com este assassinato, e como é óbvio, uns em favor de o mandarem para o lugar que desejavam, os anjinhos... outros contra tal ideia, porque ainda que não tivesse sido um rei muito feliz, sabiam que o seu desaparecimento seria um desastre para a Nação.

Segundo a história desse tempo que se pode ler em alguns livros de prestigiosos escritores, havia divergências entre o rei e a rainha devido à religião. A rainha sempre a favor e ao lado dos católicos, enquanto o rei era acusado de defender os maçónicos.

Essa organização maçónica, que tinha mais a ver com trabalho que com religião, ainda hoje está na mente das pessoas mais idóneas como sendo um terror, matando tudo e todos, e tudo o que nela constava era algo repugnante a Deus. Não... não era um papão tão grande assim!

A maçonaria é uma espécie de cimento muito usado nos países de língua inglesa, que os pedreiros usam para taparem as fendas do bricks que revestem os pequenos e grandes edifícios em que são caiados, e é daí que vem o nome de maçónicos, ou pedreiros em português. Esta organização ou religião se lhe quiserem assim chamar, era como todas as outras, com virtudes e com falhas, mas estas organizações mais fracas, tiveram sempre dificuldade em vingar, sendo abafadas e perseguidas pelas mais fortes, por serem sós, e a melhor maneira de não virem à tona as suas falhas, deturpações e mentiras e valendo-se da fraqueza de cada um, para os seus próprios interesses e atingir o alvo dos seus ideais.

Tal como as grandes companhias tentam abafar as suas congêneres mais pequenas para não lhe fazerem concorrência, assim fizaram também os católicos aos pedreiros livres, acoimando-os de tudo o que havia de pior, que ainda hoje, qualquer que não seja a favor da igreja, logo é chamado de maçónico. Mas isto é o que acontece aos católicos também, em países em que eles são a minoria.

Maldita tal cozinhada
Que comeste em Belém
Tu ó rei foste enterrado
E Portugal o foi também...

A religião e a política
Quase sempre de mãos dadas,
A discordância trás crítica
E as fracas são abafadas.

Os maçónicos ou pedreiros livres como se lhe queira chamar, segundo os meus conhecimentos que são limitados a seu respeito, mas sei que esta organização cujo símbolo era umas luvas de construção e uma colher de pedreiro, e só depois de serem aprovados

como membros, recebiam o chamado «Ring of the Brother» «O anel da irmandade». Este organismo ou religião, era e ainda é hoje uma protecção ao trabalhador e pouco tem a ver com religião, ajudando-se mutuamente em tudo.

A sua base como «freemasonry» «pedreiros livres», começou com um grupo de pedreiros quando na construção de uma catedral em Londres em 1717, tendo vindo a ser oficializada em 1725 pelo the Gran Lodge of England, sendo fundada no mesmo ano na Irlanda e em 1736 na Escócia, vindo a espalhar-se pela Europa e América do Norte, lugar onde ainda hoje é uma das maiores organizações no campo laboral, talvez a segunda logo a seguir da «Mafia», os seus membros guiados pelos estatutos da sua organização continuam a defenderem-se e protegerem-se mutuamente, ainda que tenha de passar por cima de tudo e todos, e eu próprio tenho razão de me queixar em dois lugares onde concorri junto desses indivíduos do Ring, com melhor qualificação, foi dado o lugar aos dessa organização com muito menos conhecimentos, mas como os altos cargos quer políticos como indústria ou economia, etc., etc., tudo a eles pertence, sempre que há concursos para trabalhos, quase sempre há um membro do júri, que faz parte dessa seita, e se houver algum membro a concorrer, quase sempre é ele que leva o trabalho. Há uma frase muito popular no Norte da América... quando se vai concorrer a um trabalho e não se consegue, logo se diz: «I don't have the Ring» «eu não tenho o anel...»

Sem dúvida que a presente actuação da maçonaria não corresponde à finalidade para o fim que foi criada, pois segundo os princípios dessa doutrina, eram os direitos da igualdade, da fraternidade e da paz, sem discriminar ninguém. Mas a maçonaria tal como tantas outras organizações ou seitas, os alicerces são sempre bons, mas os membros vão mudando o sentido para o lugar que melhor lhes serve e convém. Assim aconteceu com a Mafia... quando o Juliano a fundou na Cecília, foi para defender os explorados e indefesos, dos exploradores e tiranos, e o que é que faz a Mafia nos nossos dias? É precisamente o contrário... crime organizado e destruir a protecção do trabalhador.

Será que a seita maçonaria
Era o diabo com forquilhas?
Era isto que se dizia,
Mas é uma história de rodilhas.

A base era na igualdade e no amor
Bem unidos e organizados,
Não eram, nem são gente de terror
Como sempre foram pintados.

Isto acontece em todas as organizações quer políticas quer religiosas, como até as laborais, a imperfeição e o egoísmo das pessoas, viram o sentido real das coisas para o lado que melhor lhes convém, são as falhas da nossa imperfeição.

Foi o mesmo que aconteceu com o Ignatus ou Inácio de Loyola, este oficial do exército, depois de ter tido um grave acidente numa guerra em que esteve envolvido, e certamente como oficial que era, deve ter matado ou mandar matar muita gente, e talvez por isso se converteu e fundou a ordem dos jesuítas, em 1534, que veio a ser reconhecida pelo Papa Paulo III em 1540. As suas bases são boas e humanas, no entanto, houve muitas falhas, e de que maneira! Porque somos imperfeitos, mas não tiveram só falhas, pois também fizeram e têm feito muita coisa boa, só que estas não se vêem tão bem. Eu andei a estudar num desses colégios gratuitamente, e ainda que deles não gostasse, tenho que reconhecer que não tinham só coisas más.

Estas diferenças de religião no casal monarca, a constituição, à independência do Brasil, fez com que o povo da élite tais como: os Palmelas, os Terceiras, os Saldanhas e toda a canalha grande da época, incluindo o general Clinton chefe das forças inglesas de serviço em Portugal, começaram a ficar divididos, e assim que o D. João VI morreu, vieram os graves problemas para Portugal... a guerra pelo poder.

Agora andava a pergunta no ar: a quem pertence o trono de Portugal, a D. Miguel ou a D. Pedro? Esta pergunta custou uma guerra, que pôs Portugal no caos de Norte a Sul, em todos os

sectores, o povo ficou mais pobre dentro de uma Nação sem indústria, com um comércio e uma agricultura arruinada, sem estabilidade, sem segurança e sem ordem.

Quem mais sofreu com essa instabilidade e desordem contra a lei e segurança, foi o povo da zona centro nesta região das Beiras. Como a única autoridade que havia era um Regedor desarmado que nada podia fazer, contra quatro poderosas quadrilhas de ladrões e salteadores que nesse tempo controlavam as Beiras, fazendo da nossa região uma verdadeira selva, onde a lei era o mais forte.

Seriam os Miguelistas os maus,
Ou onde estaria a razão?
Era o povo que queria pão,
Absolutistas contra liberais,
Ingleses e os radicais
levaram Portugal ao caos.

Não foi para ninguém mistério
porque os ingleses estiveram cá,
o Brasil foi p'ra eles um maná,
Com a sua falsidade gentil
Com o ouro que veio do Brasil
Fizeram os ingleses o império.

Esta instabilidade Nacional, fez com que se criassem quadrilhas de ladrões e criminais por toda a parte em geral, sendo mais notado em Trás-os-Montes seguindo-se até no Porto, sendo este território controlado pelo bem conhecido José do Telhado, homem que andou envolvido nessas guerras dos Miguelistas e Pedristas, tendo sido condecorado pela sua valentia e bravura, não fosse ele o Zé do Telhado!... Depois da guerra dedicou-se ao que todos sabemos...

Este Zé do Telhado, tal como o seu irmão Joaquim, o seu mais directo colaborador, eram conhecidos por telhados, mas não era um nome, mas sim uma alcunha, era natural de uma terra chamada telhada, em Trás-os-Montes e daí vem esse nome.

Nesse tempo em que a lei era o poder do mais forte, este Zé era o rei e senhor de todo este território, onde os outros ladrões não tinham acesso, e se tentassem essa ousadia, teriam de pagar bem caro esse abuso de confiança e desrespeito ao imperador daquela zona sua Ex.^a José do Telhado. Uma vez assim, a coisa não era tão má, porque a gente daquela zona tinham um ladrão, que ao mesmo tempo servia de guarda, e como o Zé do Telhado não era ladrão de matar e nem de roubar aos pobres, estes e os indefesos desprotegidos, sentiam-se seguros debaixo do seu território, o mesmo não acontecia com os ricos e abastados, que tinham que suportar as necessidades alheias, ainda que sempre contra a força das suas vontades. Pois o Zé do Telhado era um ladrão a quem muitos pobres iam pedir esmola, e nenhum saía junto dele de mãos vazias. Se tinha dava, se não o tinha escrevia-lhe um papel, coisa que sempre o acompanhava para este efeito, e mandava-o á casa deste ou daquele senhor, para que lhe desse aquilo que o Zé entendia, que o pobre necessitava e o outro podia dar, mas sem sombra de recusa, o pedinte de ir, e o outro de dar, era uma ordem do Zé do Telhado!...

Porque começou a roubar
O conhecido Zé do Telhado?
Foi uma vez necessitado,
Segundo diz a versão,
Para remédio e para o pão
De um doente familiar.

Seria por ser um ladrão
Ou um liberal dedicado
Que para a África foi degradado,
P'los sentimentos nobres
Em tirar aos ricos e dar aos pobres
E aos indefesos a protecção!

Quando o Zé do Telhado foi julgado e degradado, deixou atrás alguma alegria pela sua degradação por aqueles que o odivavam, mas por outro lado, não foram menos as lágrimas como a sau-

dade, por todos aqueles a quem ele sempre esteve a seu lado, os tais desprotegidos da sorte, os explorados, os fracos e os pobres, que viram nele um defensor em todos os dias e em todos os momentos.

Se o Zé do Telhado deixou muitas saudades e muitas lágrimas no seu território, o mesmo não aconteceu na zona centro, quando do desparecimento dos quatro chefes das quadrilhas, Peceladas, Ferreira, Caca e João Brandão, estes os donos de toda esta vasta região.

Destes quatro chefes de quadrilhas, ainda que João Brandão fosse acoimado como um dos mais temerosos assassinos desse tempo, mas talvez fosse ainda o melhor dos quatro. Não era Santo, pois foram provados muitos dos seus crimes, estes talvez mais por rivalidades políticas entre si e os seus adversários, que tentavam contra a sua vida e dos seus, e assim vinha a lei do matas ou morres!... E talvez até não tivesse o prazer de ser um criminoso.

Estes quatro grupos de salteadores controlavam toda esta zona centro, com parte da Beira Alta, Baixa e Litoral, estes lutavam entre si, e a sua causa dessas lutam, eram mais rivalidades políticas que o poder pelo território. Uns eram em favor dos Miguelistas e por isso católicos, outros em favor dos Liberais, talvez com algumas tendências a dar liberdade aos maçónicos.

Não sei porquê a nossa região ainda que sempre esquecida, abandonada e desprezada pelos seus governantes, mas a sua gente foi sempre conservadora, sempre ao lado da igreja, isto não é coisa dos nossos dias mas já vem por séculos, pelo que nos dias do João Brandão, ele como liberal que era, teve de enfrentar não só as quadrilhas suas rivais, como toda esta gente que era oposta aos liberais e em favor dos Miguelistas, muitos liberais foram perseguidos, maltratados e até mortos, por essas quadrilhas pro Miguelistas, com culpas para a igreja, por alcunharem todos os que não fossem de tendências Miguelistas, como sendo maçónicos e mesmo sem alguma razão, eram odiados e semeando esse ódio no coração do povo.

A fama do mau Brandão
A este povo foi incutido
Sem uma real justificação,
Será que fazia perseguição,
Ou ele mesmo perseguido?

Brandão era um dos liberais,
Numa zona Miguelista,
Esses grupos de criminais
Eram os seus directos rivais
Nunca o perdiam de vista.

Os três outros grupos de criminosos, tanto o Caca como o Ferreira e Pecelada, por onde passavam roubavam, destruíam e matavam quando calhava, especialmente quando em busca de alguém oposto à sua religião ou política. Por esta razão, houve muitos crimes por rivalidades políticas, sendo o maior número de vítimas, como sempre as minorias, e como as minorias nesses tempos por estas aldeias eram os liberais, foram estes que mais sofreram e mais vítimas choraram. Isto é como no desporto as faltas do nosso clube só contam para o adversário, para nós nunca são faltas, e como as outras quadrilhas ainda que criminosos eram de tendências Miguelistas, não ficaram tão marcados os seus crimes, ainda que também fossem odiados.

Segundo o que li acerca do João Brandão, sem o querer defender, mas foi acoimado por muitos crimes que não cometeu, entre eles aquele da morte do padre, que foi o que o levou à degradação, mas os seus crimes ficaram mais na mente do povo das nossas aldeias, porque havia neles mais publicidade, por ser de todos o mais odiado, por as tais tendências partidárias.

A quadrilha do João Brandão, ainda que não fosse a maior nem a mais poderosa, mas era a mais bem comandada e com mais cabeça e disciplina, não tivesse o João Brandão sido sargento do exército... de uma em uma, conseguiu destruir-las todas, e nessas destruições é que trabalhou a vingança, aí sim, pode dizer-se que o

João Brandão não teve qualquer clemêcia para com os seus rivais, foi um selvagem.

Dos três adversários do Brandão, aquele que ele mais odiava era o Ferreira, por lhe ter matado uma família amiga que viviam numa serra a caminho de Arganil, onde o Brandão e o seu grupo usava pernoitar. Dos seis membros da família, escapou uma filha que fugiu para os matos, e ainda que procurada pelos bárbaros não a conseguiram encontrar, e quando o Brandão por ali passou no dia seguinte, deu com tal selvajaria jurou a sua vingança em o cortar às postas, tal como tinha feito àquela família amiga, e se bem o jurou melhor o fez, segundo a história do Brandão, quando numa luta entre ambos e que o Ferreira caiu nas mãos do Brandão, este nas poucas horas de vida que ainda teve, só serviu para o prazer da vingança do adversário Brandão.

Depois do assassinato desta família amiga do Brandão, este deixou todas as outras actividades e afazeres, dedicando-se somente na perseguição do Ferreira dia e noite, até que este em certa ocasião desprevenido e quando menos contava, caiu nas mãos do seu maior inimigo, uma vez nas garras do Brandão, este levou-o para a localidade vizinha e segundo a história do povo, depois de lhe atar as mãos e as pernas, prendeu-o ao cavalo, andando de rojo pelas ruas da localidade, e talvez mais algumas selvajarias lhe tenha feito antes de o matar, que em seguida cortou às postas, obrigando o próprio irmão, a quem temporariamente manteve vivo para apregoar quem queria marrão fresco, com o irmão cortado às postas dentro de um cabaz. Terá isto sido verdade, ou é mais uma para juntar a tantas outras? Diz os ditos do povo que mais tarde se arrependeu destes crimes, sentindo remorsos por este e outros actos.

A morte que eu mais senti
Foi em matar o Ferreira,
a apregoar o marrão fresco
como faz a sardinheira

Quando cheguei a Lisboa
eu disse p'ros meus botões,
João da Silva Brandão
Já não voltas a Midões.

De tanta morte que fiz
Uma marcou meu coração
foi cortar o Ferreira às postas
mesmo em frente do irmão.

Das sete mulheres que tive
só uma levo no coração,
era a Carolina Augusta
mulher da minha paixão.

Estas eram apenas quatro de tantas canções que se costumavam cantar pelos campos nas aldeias serranas, no meu tempo de menino e moço.

Segundo rezam as lendas do povo de Midões, o Brandão era um cidadão honesto, correcto e homem de bem, não sendo violento e tendo tido uma carreira militar bastante brilhante, aprumado e respeitado pelos seus companheiros, como também pelos seus subordinados e superiores. Mas o João Brandão não foi apenas um disciplinado sargento militar, ele foi também um respeitado e digno presidente da Câmara de Midões nesse tempo em que ela era Vila.

Nestes pequenos meios provincianos como quase todas as pessoas eram analfabetas e muito pouco esclarecidas, ainda que por vezes não estivessem bem de acordo e até contra a força da sua vontade, mas o certo é, que seguiam sempre aquilo que o era, o seu pastor, este que regra geral, era sempre conservativo, que está bem provado, que foi sempre o que mais escravizou o povo trabalhador.

Não é minha intenção dizer mal da igreja ou de padres ou qualquer religião seja ela qual for, pois eu próprio sou Cristão com muito respeito e admiração da doutrina desse homem o chamado filho de Deus, que ensinou a humanidade, na sua curta vida

humana, deu-nos a prova da sua humildade, pacifismo, respeito e amor ao próximo, com a mensagem da igualdade entre nós, e também para podermos medir o peso da nossa consciência antes de tentarmos algo contra o nosso irmão, meditando essas palavras tão reais! «AMA O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO». Esta a mensagem com que todos nós humanos, não importa se é religioso ou não, que serve de óleo para podermos lubrificar as nossas consciências, respeitando as ideias ou ideais das pessoas que pensam diferente de nós, sem discriminar ou perseguir quem quer que seja, mas infelizmente esta mensagem através dos séculos até aos nossos dias, tem sido não somente esquecida, como até rejeitada pela maioria, e até por muitos dos líderes religiosos chamando de tudo, aqueles que não tem os seus ideais ou tendências partidárias. Parece que foi o que aconteceu ao João Brandão, tornando-o talvez até mais criminoso devido a estas falhas humanas, que não param no seu tempo, ou aí começaram, porque elas acompanham a humanidade, e assim nesse tempo todo o que tivesse ideias contrárias, era chamado de maçónico, como que maçónico fosse um lucifer, mais tarde deixaram de chamar maçónicos para lhes chamar comunistas... e é esta a grande falta de amor ao próximo, pelo que muito bem tem falhado neste sentido.

Há crimes de quem é criminal,
Outros sem o quererem, o são
Mas porque existe uma razão
Talvez o que era nessas datas
Era o tal... ou morres ou matas
P'ra mal... antes cadeia que hospital.

Amai-vos! Jesus no Monte disse,
Quando falou às multidões
Mensagem p'ra todas as gerações,
Que muita gente raro acatou,
Assim se colhe o que se semeou
Neste Mundo de tolice.

Napoleão... os invasores
que Portugal invadiram,
roubando tudo o que viram
por onde quer que passavam
nesse tempo que habitaram
desde Março até Outubro
destruindo e roubando tudo
aquilo que tivesse valor
deixando no povo o terror,
como um dilúvio que passou
que marcas negras deixou
por gerações, e gerações,
mas ainda outras invasões
mais à frente os esperava
por essa seita malvada,
ainda mais temerosas
fazendo pesadas mossas,
Peceladas, Cacas e Brandões
e Ferreiras, que os Beirões
conheram por muitos anos,
cobrindo mulheres de negros panos
e no rosto, um ar sofredor,
nessas ondas de terror
por esses monstros armados,
para quem não contavam pecados
nem o mínimo senso de amor.

O homem já provou
De tudo o que é capaz,
até de desafiar o Satanás
p'ra conseguir seus intentos,
e nos desesperados momentos
matam mesmo se preciso for
para conseguirem o tal favor,
E se mete ciúme ou política
Entra a arma da crítica

contra o seu opositor,
para mostrar que é melhor
e o seu nome elevar
ao mais alto lugar
da chamada burocracia,
o D. João VI morria
levantou-se confusão
os tais grandes de então,
a chamada classe dos nobres
fizeram os portugueses mais pobres
com as guerras que criaram
que tanta gente mataram
os Pedros e Miguelistas
e com os ingleses papistas
O General Clinton, o que mais levou,
o povo na miséria ficou
e Portugal ficou feito em fitas.

CAPÍTULO XIII O REGIONALISMO

Segundo reza a história, as Beiras, assim como tantas outras terras provincianas, cujo povo vivia da agricultura, as pessoas viviam à mercê da sorte e do tempo. Se o tempo era apropriado para as sementeiras, e as terras produziam, as pessoas ainda com muito trabalho, mas lá iam vivendo dentro do trivial das suas aldeias; mas se o tempo era desfavorável, especialmente sequeiro, em que a maioria da agricultura se perdia por falta de água, então era um desastre, para aquela pobre gente.

Trabalhavam como escravos um ano inteiro, e quando chegava o S. Miguel, pouco ou nada traziam para o celeiro, e como os recursos eram poucos, ou mesmo nenhuns, pois subsídios não havia, assistência também não, pelo que o povo não tinha outro remédio, que era apertar o cinto até ao último buraco.

É triste e desalentoso, quando tanto se trabalhava e não havia alimentos para si e os seus. Pois diz a história que esta parcela de território Nacional, ainda que seja o centro do País, foi sempre parte enjeitada dos nossos governantes, e às vezes até parecia que mesmo o próprio Deus os tinha também abandonado, ainda que este povo sempre foi bastante temente a Deus, e cumpridor das leis da santa madre igreja, Católica Apostólica Romana.

Este abandono por parte dos governantes é devido à pobreza desta zona, como também ao pouco envolvimento na política, por parte desta gente. Este abandono não é recente, pois vem já por muitos séculos, pensa-se ser do reinado de D. Diniz. Juga-se ter sido este rei, o único governante que ainda fez alguma coisa por estas bandas. Os restantes, nenhum mais se lembrou, até à administração do professor Marcelo Caetano, pois nem mesmo os go-

vernos da primeira República, que vinha sendo a esperança desta gente, mas que não passou de um sonho desfeito, pelo pesadelo do desprezo.

Mais uma outra esperança, foi a vinda desse chamado estado novo, em que muitos apostaram, na linda corversa do professor Salazar, e a mais que se tratava de um beirão, bem conhecedor das nossas necessidades, mas finalmente foi o pior de todos. Digo pior, porque as coisas pioraram com impostos, e não só: pois a partir de então, já nem sequer eram mais livres, para manifestarem as suas necessidades, em desabono dos responsáveis, ou mesmo dizer que as coisas não estavam boas.

Mesmo por estas aldeias do interior, não se podia abrir a boca demasiado, podia-se chorar com fome, que ninguém era preso, mas dizer-se que se tinha fome? Tinha que se saber como se dizia... para não ser considerado crime político. Porque às vezes era difícil expressar a palavra «fome», e alguns perderam a liberdade, e até mais, quem sabe... se não foi a própria vida pela má interpretação, dessa palavra crime.

Mas porque se havia de ignorar uma miséria que nestas aldeias já vinha por tantos séculos? Escassez no pão, quase nula a instrução em muitos lugares, sem comunicações, sem médicos, sem águas, sem assistência, desde o parto á morte, vivendo a maioria da população apenas com abundância de fome, de ignorância, de miséria, e ainda por fim, a implantação do medo!...

Regra geral, estas terras não são das mais produtivas, nem muito boas de servir, devido às suas posições geográficas, além disso, este povo nunca foi instruído para saber a maneira como as suas terras deviam produzir mais e melhor, e com menos sacrifício, saber quais as sementes apropriadas à climatéria do lugar, pois este povo insistia sempre no mesmo, ano após ano, ainda que a terra lhes negasse a própria semente. As ferramentas agrícolas nem sempre eram as mais apropriadas, aumentando assim mais o seu esforço físico e a diminuição do seu rendimento, estas e tantas outras coisas, que as pessoas desconheciam, e que nunca houve um governo que se incomodasse em mandar um agrônomo, ensinar

este povo, que tentava sempre o melhor, ainda que esse melhor não fosse o suficiente e o mais indicado.

Por estas dificuldades, a que estes naturais estavam sujeitos, era a grande razão, porque muitos e em especial jovens, ganhavam azar às suas terras, ou melhor, aos problemas existentes, e foram-se escapando, para outros lugares com melhores condições, mais férteis, mais prósperos e de melhor futuro, para si, e para os seus futuros familiares, deixando estas aldeias desertas, indo ficando, com mais escassez de trabalhadores, no campo laboral, ficando apenas os velhos.

Foram estes jovens, que um dia deixaram as suas terras, indo em busca de uma vida melhor, espalhados por esses grandes centros, bem conhecedores dessas necessidades das suas aldeias, para onde não queriam voltar de novo, para não viverem a pobreza do passado, por isso, tentaram tudo por tudo, para vencerem, sem que tivessem de voltar para a aldeia de onde partiram, sem uma segurança financeira, que lhes permitisse uma vida estável.

O lema de todos era emprego com direito à reforma, mas como isso não estava ao alcance de todos, quer por condições literárias, ou físicas, então, muitos seguiam a carreira comercial, mas o que é verdade, nem todos conseguiram sucesso, nos seus ramos de negócios, mas em maioria, felizmente o conseguiram. E a partir dos anos quarenta, o grande comércio de leitarias, casas de pasto, e até tabernas, estavam quase em maioria, na posse desses beirões.

O grande sucesso destes homens não foi só bom para eles, como também uma luz verde, para estes indefesos, que apenas viviam à mercê da sorte e do tempo. Essa luz viria a ser o Regionalismo por toda esta área desprotegida, que estes fundaram, vindo a ser os pioneiros deste tão importante organismo, que não só foi uma luz, para alumiar um povo que sempre viveu às escuras, fazendo tudo, mais por hábito, de que por visão, como foi também uma árvore, que tão bons frutos deu, por essas terras das beiras, mais em força, nos três concelhos desta zona centro, Pampilhosa, Arganil e Góis, ainda que envolvesse outros concelhos, tais como Fundão e Oleiros.

Talvez se pergunte: o que é o regionalismo, como trabalha e

para que serve? O regionalismo foram agremiações que se fundaram em Lisboa, por oriundos dessas terras, mas ali residentes, com o fim de criar fundos, para fazer face às necessidades existentes nas suas localidades. E como se angariavam tais fundos?

Depois de fundada a comissão, composta com Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal, era designado uma quota mínima de 2\$50 a cada associado por mês, além desta quantia, cada qual dava o que queria e podia, de acordo com as suas possibilidades e vontade.

Além deste dinheiro, das quotas mensais dos membros, faziam-se PIN-NICS. Um anualmente, metendo leilões, rifas e bebidas, e tudo mais que desse dinheiro, e como tudo era feito de maneira voluntária, conseguia-se sempre uma quantia muito satisfatória, faziam-se também festas, nas casas concelhias, como até excursões, etc., etc., tudo o que desse dinheiro, para poder reparar, as necessidades locais.

Fajão por exemplo, fundou o seu primeiro organismo regionalista, com o fim de arranjar fundos, por volta dos meados da década de vinte. Organismo esse, chamado o grupo dos «bandolinistas», que deu grande brado em Lisboa, e não só, pela classe artística dos seus números, neste tipo de instrumentos de corda.

Talvez não exagerasse dizer que talvez tenha sido o conjunto com mais classe, neste género de música de cordas, que Lisboa, já mais viu, ou ouviu. Aqui actuaram os melhores guitarristas da época. Fizeram um grande sucesso, mas infelizmente, os bons conjuntos musicais, não sei porquê, mas raramente se mantêm juntos por muito tempo, e este grupo bandolinista também não foi uma exceção.

Ao perder-se este grupo, por alguns anos, os chamados grandes da terra, andaram pensando, a maneira de arranjar de novo o que se tinha perdido, e foi o que fizeram, mas só que desta vez, não era um grupo bandolinista, mas sim, uma agremiação regionalista. Assim em 1933, Fajão fundou a sua Liga Pró-Melhoramentos da freguesia de Fajão, e no presente ano de 1994, caindo continua viva e activa, pelo que se espera, pelo próximo aniversário, no Junho que se aproxima. Na festa dos sessenta anos de existência, ainda

estiveram presentes alguns dos sócios fundadores, desta tão prestigiosa colectividade, do Regionalismo Fajaense. Quanto ao grupo bandolinista, já nem elementos, nem instrumentos, já nada resta, além da saudade, de algo que foi e não voltou.

Foi a partir daqui, que Fajão, assim como muitas terras circunvizinhas, mais propriamente, dos três concelhos, Arganil, Pampilhosa e Góis, deixaram de ser aldeias adormecidas, nos sonos das suas dificuldades e na escuridão do seu abandono, para começar a ver a luz verde do progresso, afim de poderem ter um pouco mais de conforto e bem-estar.

Os primeiros melhoramentos começaram a vir à superfície, por volta do princípio dos anos quarenta, com a estrada Rolão-Fajão, tais como outra vias de menos volume, mas bastante importantes também, telefones, águas, electricidade, escolas, casas de convívio, lavadouros e sentinas públicas, como até saneamento em alguns lugares, etc., etc.

Muitos destes melhoramentos não só serviam a Fajão, sede, freguesia, e a terras suas agregadas, mas até mesmo a outras terras suas vizinhas, o caso da estrada Rolão-Fajão, linha telefónica, e electricidade, etc.

Penso não estar enganado, ao dizer, que não houve qualquer participação, «e se houve, foi de pouca dimensão», por parte do governo, ainda que por várias vezes, tivesse sido pedida.

Ainda que Fajão não fosse a primeira terra a fundar uma agremiação regionalista, mas penso ter sido a terceira a fazê-lo, e daí, uma após outra, se tornou uma força, e por volta dos fins dos anos quarenta, todas as terras nesta zona, tinham a sua agremiação, para o progresso das suas aldeias.

Para proteger o regionalismo, foram criadas as casas concelhias, tais como: casa do concelho de Pampilhosa da Serra, casa do concelho de Góis e a casa da comarca de Arganil, etc.

As aldeias de cada concelho tinham na casa concelhia a sua sede, onde mensalmente tinham as suas reuniões, e ainda que estas, só de regionalismo se tratasse, para o fim do bem-estar de um povo e do progresso e desenvolvimento da Nação, mas mesmo

assim, a polícia PIDE, e acompanhava da parte de fora, o rolar destas reuniões e seus acontecimentos.

Aqui se faziam festas anuais, e cuja receita revertia em favor da comissão de festa. Aqui se faziam as assembleias gerais, uma vez por ano, afim de divulgarem, relatarem e discutirem os assuntos em causa, como apresentar os relatórios de contas, que teriam a apreciação do parecer do conselho fiscal, que depois da aprovação deste, seguia-se a nomeação, dos novos corpos gerentes, para o ano que se avizinhava.

Faziam-se também neste local, assembleias extraordinárias, para resolver qualquer imprevisto, às vezes, sem mesmo ser assuntos regionalistas, mas por outros problemas, relacionados com assuntos da gente da aldeia, em maioria dos casos, para promover uma festa de beneficência em favor desta ou daquela família, por vezes vítima de infortúnio.

Como já atrás se disse, as terras desta zona, as mais atrasadas e miseráveis do torrão pátrio, eram agora, as mais progressivas, e já em iguais condições, ou nível dos grandes centros urbanos, ainda que aos olhos dos governantes, continuassem a não fazer parte do orçamento Nacional, relacionado à ajuda e desenvolvimento regional, e por isso, sem qualquer ajuda por parte destes senhores, pois apenas eram considerados cidadãos com deveres, e só passaram a ter direitos, na administração do Professor Caetano, que se lembrou de fazer alguma coisa por esta gente, gratos por isso, estes, já mais esqueceram o seu nome, porque ele é lembrado, pelo menos uma vez por mês, ao receberem as suas pequenas, mas sempre bem agradecidas pensões.

Assim esta gente deu uma prova, que a força do querer, e quando unida, tem poder, para remover montanhas, e quebrar as mais fortes algemas do atraso.

É certo que ainda quase todas as terras continuam com os seus organismos com vida, mas não é menos certo, que após o 25 de Abril, estes organismos empurraram parte das suas responsabilidades, para os municípios e juntas de freguesia, visto receberem fundos para as necessidades das terras que representam.

Como as terras desta zona já tinham mais ou menos o que

necessitavam, e agora o governo, dá às câmaras e juntas de freguesia os subsídios necessários, para a administração local, as ligas regionalistas, ainda que continuem existentes e activas, mas deixaram de trabalhar produtivamente, visto não haver necessidade para tal, pois não fazia sentido, continuarem no mesmo ritmo do passado. Ainda que os associados em maioria, continuem a pagar as suas quotas mensais, mas já não se trata de uma obrigação do tempo que ser; agora, é mais para manter o organismo vivo, e continuar viva também a união da gente da terra, pois tudo continua a fazer-se como de antes, no que respeita a reuniões, assembleias, almoços, etc., etc.

É de louvar a acção de todos esses pioneiros, que dedicaram parte, ou a maioria das suas vidas, nestas lutas voluntárias progressivas, em favor dos humanos desprotegidos da sorte e dos representantes governamentais. Esta luta, não foi de dias ou semanas, nem mesmo meses, mas foi por muitos, e os melhores anos das suas vidas, e se foram muitos!... pois há alguns elementos ainda vivos e activos, desde o tempo da sua fundação, em 1933 trabalhando assim, por mais de 60 anos.

Este trabalho que estes homens fizeram, foi revestido da mais alta generosidade humana, em favor de uma necessidade ignorada, sem o mínimo de atenção, mas graças a estes, que com o seu amor e espírito de luta regionalista, conseguiram reparar esses males, e dando a esse povo muitas dávidas, pelo processo, em que não há, orgulho de quem dá, nem humilhação de quem recebe.

Homens destes já há poucos
Pois a maioria morreu,
Primeiro estava o bem dos outros
E só depois é que era o seu.

Regionalismo não era religião,
E muitos davam o seu máximo,
Era servir, de alma e coração,
O bem estar e amor ao próximo.

Estes obreiros do bem fazer, sem serem governantes nem políticos, nem ricos nem doutores, pois em maioria, poucos ou mesmo nenhum, ia além do saber ler e escrever, contudo deram o melhor e mais humano das suas vidas, em prol do bem-estar de um povo, como também, o desenvolvimento e progresso da sua Nação, mas nem por isso tiveram dos seus governantes, até aos dias actuais, o mínimo de gratidão, pelo valor do seu trabalho, quer na vida quer na morte.

Ao morrerem, nem as suas efígies ou os seus nomes, vieram nas páginas dos jornais diários, porque os seus feitos, eram altamente humanos, para serem reconhecidos, respeitados e apreciados, por esses responsáveis governamentais, a quem diz respeito, à responsabilidade pelo bem-estar do povo de uma Nação! Mas em tais corações, e em sua maioria, nunca existiu e nem existe, o mínimo de apreciação, de gratidão, nem respeito à humanidade. Não levaram honras nacionais, porque as suas lutas, não eram de sangue nem de guerras, mas sim de paz e de amor! Eram mais dignos, que alguns, a quem deram essas honras, mas que nada de humano fizeram, comparado com estes sempre activos benfeiteiros, que lutaram até morrer, em prol do bem-estar do seu semelhante e do amor ao próximo.

Essas lutas que o homem faz,
Que tudo é destruído,
Como estes, a luta era de paz,
Nunca foram conhecidos.

Deram o melhor das suas vidas
Em favor da humanidade,
As condecorações recebidas
Foi só de sorrisos, da felicidade!

Estes foram verdadeiros Samaritanos, dedicando as suas vidas dos seus melhores anos, ignorando por vezes as próprias necessidades, como até menosprezando os seus prazeres, para não falta-

rem às suas obrigações, do bem servir e amar, em favor do seu próximo.

Muitos que têm sido escolhidos, como outros, até mesmo ganho o prémio Nobel da Paz, com menos feitos e méritos, que estes beirões, sempre benfeiteiros desconhecidos, mas como nunca trabalharam à espera de louros, não lhes interessava fazer publicidade dos seus trabalhos, pois somente desejavam a felicidade e alegria dos seus irmãos conterrâneos. Morreram com as consciências tranquilas, por terem sido defensores dos indefesos, e lhes darem a paz, alegria e o amor ao seu semelhante, aquela que os governantes sempre lhes negaram.

Por estas aldeias desertas
Nas províncias em geral,
A fome fez as pessoas espertas,
Por estas terras de Portugal.

Este povo da região centro
Em geral, muito sofreu,
E por falta de alimento
Muita gentinha morreu.

Terrenos pouco produtivos,
Por estes lugares de desertos,
Com secas se perdiam cultivos
Sem chuva nos tempos certos.

Lançavam à terra a semente
Tudo pela força do braço,
O pão armago dessa gente
Tantas vezes era um fracasso.

Eram terras de sequeiro
Quase em sua marioria,
As vezes semeavam centeio
Mas sem chuva, tudo morria.

Com chuva havia mais pão
Quando o tempo apropriado,
Sem fé, rezavam uma oração
Este povo conformado.

Assim que terminava a seara
A semente era escolhida,
E quando não havia mais nada
Até a semente era comida.

Milho, o cereal mais cultivado,
Talvez setenta por cento,
E o mais difícil de ser tratado
Mas era o primeiro alimento.

Essa broa, que o forno cozia
Uma vez quinzenalmente,
Até com bolor se comia,
Era tela, a nossa gente.

Esse pão tão almejado
Que o beirão bem conhecia,
Sempre que tinha o desejado
Era a sua maior alegria.

Por estes lugares nada chegava,
Nem os governantes uma atenção,
Pedindo a Deus, com fé rezava
E aos Santos da sua devoção.

Dos homens não vinha nada
Dos tais governantes da terra,
E se alguém nos representava
Nunca se soube quem era.

Na história do ano após ano
Que nunca trouxe nada de novo,
Foi só no governo do Caetano
Que chegou alguma coisa ao povo.

Salazar era um beirão
Bem conhecedor da pobreza,
Nunca se soube porque razão
Porque só conhecia a nobreza.

Ignorância, miséria e medo,
Era tudo o que se herdava,
E a fome não era um segredo
Para quem nos representava.

Nunca se deu um fenómeno
De o governo aqui mandar
Ao menos, que fosse um agrónomo,
Para algo nos ensinar.

O povo não era ensinado,
Como havia de produzir mais,
E nunca um orçamento do estado
Englobou estes mortais.

Uma liberdade desconforme,
De um povo humilde e indefeso,
Com essas dificuldades e fome,
Era mais feliz ser-se preso.

Salazar em todo o mandato
Nos quarenta anos de chefia,
Recordações, só daquele retrato,
Da escola e da junta de freguesia.

Muito se sofreu nesses anos
E a esperança sempre chegou,
Essa luz dos direitos humanos
Quando o Caetano entrou.

Homem querido por muita gente,
Em especial, a terceira idade,
Continuando com ele na mente,
Por lhes ter dado a caridade.

Quando entrou para o poder
Visitou este povo um dia,
pelo que próprio pode ver
A miséria em que ele vivia.

Aos velhos deu a pensão
Como o abono às famílias,
Criou liceus, p'ra mais instrução
Pelas sedes concelhias.

Para que todos pudessem aprender
Arranjou carrinhas escolares,
Para os levar e trazer
Aos mais longínquos lugares.

Ainda que tenha sido fascista
O que não era nada de novo,
Mas a verdade deve ser dita
Foi quem deu alguma coisa ao povo.

Ao fascismo nada se deve,
No meu ver, ele foi diferente,
Que a terra lhe seja leve,
É o que se ouve, de muita gente.

Foi o seu partido que uma vez
Deixou marcas no passado,
Mas pelo que a esta gente fez,
Pelo que sofri, está perdoado.

Foi esse fascismo que uma vez
Deixou marcas no passado,
Tanto bom filho português
Teve de deixar o berço amado.

Eu amo-te ó liberdade
Bem sabes que sempre de amei,
Foi por essa realidade
Que a minha pátria deixei.

Oh tu, de qualquer idade
Respeita o sangue derramado!
Nunca abuses da liberdade,
Para não se voltar ao passado.

Liberdade! Sempre te amei
Por ti tenho marcas duras,
Mas não essa liberdade sem lei,
Porque é pior que as ditaduras.

Quem por ti nunca lutou
É muito fácil se esquecer,
Dá a tua parte, que em também dou,
Para que livre e em paz, possas viver.

Por aqui não havia futuro
Do mais pequeno ao maior,
Tentava-se fugir do duro
Em busca de vida melhor.

Assim alguns elementos
Com amor no coração,
Fundaram ligas de melhoramentos
Por esta vasta região.

Muitas aldeias seguiram
Este caminho do progresso,
E foi assim que descobriram
A luz verde do sucesso.

Uma luz que tanto brilhou
Por essas aldeias serranas,
Onde nunca antes chegou
O calor de almas humanas.

Foi na década de trinta em diante
Que o regionalismo floresceu,
Foi uma árvore importante
Que tão bons frutos deu.

Nas mais empenhadas fadigas
Para fundos angariar,
Deram o melhor das suas vidas
Na causa do bem servir e amar.

Com pic-nics e leilões
E uma quota por cada mês,
Mesmo sem arranjar milhões
Muito melhoramento se fez.

Assim nasceu uma alma nova,
A gente por ali esquecida,
Isto era o sinal de uma prova
De uma força quando unida.

Abriram-se muitas novas vias
Por esses montes de abismo,
Fundaram-se casas concelhias
Para defesa do regionalismo.

Gente de coragem e bondosa
Desta região onde nasci,
O querer é uma lei poderosa
E o progresso fala por si.

Pampilhosa, Arganil e Góis
Com terras de Oleiros e Fundão,
Donde saíram grandes heróis
Mudando a nossa região.

Era o progresso que o povo amava
Por ele, tudo se fazia,
Sem o orgulho de quem dava,
Sem humilhar quem recebia.

Assim se conquistaram batalhas
Com paz, sem sangue nem guerras,
Ganhando tantas medalhas
P'ra enfeitar as nossas terras.

Foi um trabalho num todo
Que muito serviu á nação,
Dando o melhor a um povo,
Sempre em primeira mão.

Heróis, a quem ninguém, deu crédito
Fazendo o que tanto famoso não faz,
Tantos ganharam, com menos mérito,
O Prémio Nobel da Paz.

Sem honras ou condecorações,
Sem orgulho sem vaidade,
Só queriam ver nos aldeões
O sorriso da felicidade.

Luta, não de horas ou dias
Nem tão-pouco, de semanas ou meses,
Só paravam ao perder as vidas,
Aconteceu na maioria das vezes.

Quando estes heróis morreram,
Nada deles se falou nos jornais,
E nem dos governantes receberam
As famílias os sentimentos formais.

Para esses no sono profundo
Que tenham descanso em paz,
E que Deus lhes dê nesse Mundo
O que o homem neste não foi capaz.

Em conforto nas obras suas,
A gente não esquece esses heróis,
Seus nomes nas esquinas das ruas
Iluminam mais que faróis.

Com consciência deixo escrito
No livro que acabo de escrever,
Homens de tanto amor e espírito
Não vão tão depressa esquecer.

CAPÍTULO XIV OS INCÊNDIOS

Este é um grande flagelo que anualmente se vem arrastando já por cerca de duas décadas, logo após o 25 de Abril, onde na maioria dos casos, estes incêndios são de origem criminosa, praticados por pessoas maldosas, uns na ganância de negócios lucrativos, afim de adquirir riquezas com pouco sacrifício, outros para mandar os impulsos dos seus prazeres sem consciência, sempre na vanguarda de tudo e todos.

As estatísticas apontam estes como os principais responsáveis destes crimes florestais, ainda que pouco ou nada os possam culpar directamente, mas são os negociantes de madeiras, os apontados como tal por estes crimes, e mesmo na linguagem do povo, para quem vai também o meu AMEN.

Quase todas as terras da nossa região estavam rodeadas dessa floresta de pinheiros, que além de ser uma riqueza florestal, era também para alguns uma fonte de receita, e para outros, a única tábua de salvação, em especial a gente de poucos, ou nenhuns recursos. O pinheiro foi sempre a árvore mais cobiçada e desejada nestes lugares.

Éramos a região dos pinheiros
Tão úteis, mas tão inflamáveis
Sempre se disse que os madeireiros
Eram os principais responsáveis.

Pelas aldeias e freguesias
Por esta zona do pinhal,
Perdeu-se os pinheiros e sangrias
O povo ficou mais pobre em geral.

Era com este dinheiro da resina, extraído dos pinheiros a cada ano, que algumas famílias destes lugares, se vestiam, calçavam, como até iam amortizando a dívida na venda da localidade, ou mesmo para a compra do alqueire de milho, para terem e darem aos filhos, esse tão almejado pão das famílias pobres, que nunca conheceram outro além desse chamado broa, cozida a cada quinze dias, enquanto não se esvaziava o celeiro. Mas infelizmente esses recursos florestais desapareceram, e os vinténs que vinham dos pinheiros, foram sepultados nas cinzas dos montes queimados.

Desapareceu a pureza dos nossos ares, a beleza dos nossos montes, a frescura das nossas terras, ação das chuvas e a fraqueza ou até a seca de algumas nascentes.

Dos pinheiros, se extrai a resina
Que vendiam à resineira,
Não era de ouro, uma mina
Mas ajudava a gente da aldeia.

Esses vinténs resinosos
Deixaram de circular,
As castanhas, nos soutos sombrosos
Não mais houve, para apanhar.

Nos meus tempos de pastor
Que linda que era a natureza
A Primavera em flor
Era um cenário de beleza.

Eram saudáveis as florestas,
P'las encostas e valeiros,
Os pastores dormiam as sestas
À sombra dos castanheiros.

As serras perderam o seu manto
Os castanheiros e pinhais,
Estas árvores nos deram tanto
Mas nestas gerações, não dão mais.

Recursos que o fogo queimou
Nos montes destes lugares,
Em cinzas tudo ficou,
P'ra tu pobre, mais pobre ficares.

Os ares perderam sua pureza,
As fontes os seus nascentes,
Os montes a sua beleza,
E a chuva os seus poentes.

Também os castanheiros robustos,
O fogo, os encontrou no caminho,
Hoje, já são poucos os magustos
No dia de S. Martinho.

Sempre se fizeram incêndios nas serras da nossa região, uns feitos pelos pastores, com o fim de melhorar o pasto para o gado no ano seguinte, mas nunca em lugar de pinhais, nem dias ventosos, e quase sempre no Outono. Estas pequenas uchas, sempre feitas nos baldios das juntas e em zonas montanhosas, como no caso do limites de Fajão com a Covilhã, Cabril e Vídua e Unhais com o Fundão, etc., mas nunca se constou serem de grande dimensão ou causarem danos nas nossas florestas, ou mesmo a privados.

Se é certo que as uchas desse tempo não tinham instinto criminoso, não é menos verdade que os montes nesses tempos, não estavam tão inflamáveis como nos nossos dias.

O inúmero de rebanhos e gado que nesse tempo habitavam as nossas serras, a mão humana, que diariamente roçava os matos para a cama dos gados, transformados em estrume, vindo a ser o adubo com que fortaleciam as terras, as lenhas bem procuradas para o uso doméstico, todo este conjunto de coisas, faziam com que as serras se mantivessem limpas, sem o perigo dos incêndios, num raio de mais de cinco quilómetros em muitas localidades.

Também o abandono das terras trouxe aos nossos montes uma mata mais intensa e o perigo de incêndios muito maior, se não houver um enorme cuidado, e o uso de uma consciência bem trei-

nada, essa que infelizmente tem falhado por todo o país, em especial, nas aldeias da nossa região, talvez por ter sido aqui, a zona dos tão cobiçados reis da floresta.

Foi a partir do 25 de Abril, mais propriamente no Verão de 1975, que as nossas serras caíram nas mãos dos criminosos, começando por perder todo o seu manto de verdura, em troca do negro luto, que as chamas reduziram a cinzas, sem deixarem atrás um simples rastro de vida, quer vegetal, quer animal, e os pinheiros, fiéis amigos deste povo beirão, despediram-se dos seus donos para sempre.

Recordo com alguma tristeza, esse grande incêndio que se deflagrou nas florestas de alguns cinco concelhos da nossa região, em que se queimaram várias casas de habitação, e morreram algumas pessoas. Esse fogo, tal como na sua maioria, não restam dúvidas que teve origem de mãos criminosas.

Teve início na ribeira de Montrigo, entre as povoações de Adecabelos e Pescanseco no concelho de Pampilhosa da Serra.

Aponta-se este crime, a um jovem casal desconhecido nestes lugares, que ali foi visto por dois dias, pelos proprietários de uma fazenda próxima, o desconhecido jovem casal, traziam consigo dois sacos, tipo mochila e ambos munidos de um pau, este muito usado nos bosques. Os senhores da fazenda, não conseguiram ver as suas caras de perto, como também não sabiam qual a finalidade daquele casal, que ao terceiro dia deixou de o ver, horas antes do início do fogo, que nesse lugar começou por volta das duas da tarde, nesse dia escaldante nos fins de Julho, e em menos de um minuto, segundo testemunhas oculares, a linha de onde começou o incêndio já tinha mais trezentos metros, sem a presença de quem quer que fosse, as chamas iniciavam-se em diferentes lugares.

Este incêndio que durou por mais de três semanas, que só terminou quando nada mais havia para arder, em muitas aldeias do concelho de Pampilhosa da Serra, e em alguns dos concelhos vizinhos, nada mais deixou atrás, além da cinzas e a dor de um povo desalentado, agora de braços caídos, por verem uma luta perdida, tal como alguns recursos e haveres, ficando mais pobres ainda.

Entre Pescanseco e a Decabelos
Contaram-se dois idosos,
Viram, mas não puderam conhecê-los
Esses suspeitos criminosos

Na ribeira de Montrigo
Foi onde o fogo começou,
E a cinzas tudo foi reduzido
Pois nada mais ali ficou.

Com diferente opinião formada
Todos faziam as suas críticas,
Mas a verdade mais confirmada
É que somos nós as vítimas.

Diziam que este e mais casais
Andavam numa missão,
Em queimar os nossos pinhais
Existentes na região

Este incêndio que em breve tomou várias frentes, além dos bombeiros de várias localidades, nele se incorporaram também nesse combate, todas as pessoas válidas de nossas aldeias, e delas fiz parte também.

Encontrava-me em Portugal de férias, em Pescanseco terra da minha esposa, e quando na força do calor, eu, e outros familiares e amigos, jogávamos às cartas, o sino da aldeia, no seu inconfundível som de rebate, alertava a população, para uma ajuda total, no combate a esse inimigo destruidor.

As cartas pararam de imediato e em poucos minutos toda a população da aldeia partia como em pé de guerra. Lutou-se dia e noite sem êxito, sendo cada vez maior a sua intensidade e ainda com todos os esforços, não se pôde evitar a destruição duma casa em Pescanseco do Meio.

Pela noite era sempre mais difícil combater os incêndios, pela razão que não se viam os precipícios nem os criminosos, pois diziam

alguns populares, que depois de o fogo já estar combatido, eles vinham por trás e incendiavam de novo, e em certa noite tive a certeza dessa verdade:

Na terceira noite ao cimo de Praçais, o grupo em que fazia parte, acabávamos de dominar uma frente, e de imediato, fomos em auxílio dum outro grupo. Nesse percurso deixei ir os companheiros, ficando atrás a fim de fazer uma necessidade. No escuro da noite, à distância um grupo combatia o fogo com o clarão das próprias chamas, não muito longe de onde me encontrava, reacendeu-se uma nova frente, e talvez dois minutos depois, no escuro da noite sem que me pudessem ver, passaram a curta distância dois indivíduos, e um em baixo tom disse: vamos que já está bem ateado!...

Sem concluir a necessidade, corri para junto do grupo contar o acontecido, mas neste lugar apenas se encontrava um casal de velhos que nada podiam fazer e quando cheguei a contactar os outros, ainda que se fizesse a busca, mas foi infrutífera, porque já era tarde demais e os suspeitos criminosos escaparam-se a um julgamento sem sala de audiência, sem a necessidade de advogado de defesa e julgados por juizes que não vestiam batina, mas ficaria certamente, para exemplo dos criminosos.

As chamas pareciam um inferno
A as árvores gemiam de dor,
Era um povo gelado interno
E queimado no exterior.

À luz das chamas do fogo
A gente da aldeia lutava,
Nesta causa unidos num todo
Contra aquele que os roubava.

Dias e noites, por semanas
Combatiam já exaustos,
E o sono, nas suas camas,
Era sempre em sobressaltos.

Tais crimes não é nada de novo
Que neles há os interessados,
Que deviam ser julgados p'lo povo
Nesses crimes praticados.

Em muitos dos lugares da nossa região e não só, em menos de vinte anos as mesmas florestas já são queimadas pela terceira vez, e continuam a ser montes condenados mesmo sem a presença das árvores, porque a mão criminosa não deixa a floresta existir.

Vivemos à beira do abismo, a cegueira e a maldade humana, não os deixa ver, que sem as florestas não pode haver vida no Mundo, esse que todos nós fazemos parte. Sem florestas não pode haver a purificação do ar, cada vez menos saudável; não pode haver as atracções nubelosas, para que delas possa haver a normalidade das chuvas; sem as florestas e os matos, é impossível a retenção das águas chuvosas no solo, para uma boa infiltração na esponja terreste, para uma abundância de água nas nascentes; são esses matos que protegem o solo das enxurradas e que sem ele não há vida nos montes, e com estes incêndios ano após ano, muitos montes que no meu tempo de pastor, eram cheios de vegetação, hoje estão cheios de clareiras fragosas e por isso sem vida, e assim se vão fazendo pequenos desertos; sem árvores não pode haver frutos, não pode haver saúde nem vida, pelo que seremos uma humanidade condenada, pelos nossos erros e maldade.

Perdemos anualmente a floresta
e tanto do reino vegetal,
Como os recursos desse pinhal,
de uma gente pobre e modesta.

Queimaram-se os mantos de verdura,
O descuidado, ou criminoso incendiou,
E condenado o que ainda ficou
Pelos monstros da loucura.

Montes de luto, já sem beleza
Produto de alguém sem civismo,
Que de humano só tem a imagem,

Uns em busca de fácil riqueza,
Outros por maldade e vandalismo,
O Homem tornou-se selvagem.

O Homem tem de fazer algo para salvar a natureza, se quiser viver neste planeta em que habitamos. As águas encontram-se cada vez mais poluídas, quer nos rios quer nos Mares; as lixeiras é outro dos grandes problemas do Mundo, que o Homem está em grandes dificuldades em resolver.

As chuvas ácidas provindas dos fumos tóxicos que as indústrias diariamente mandam para a atmosfera, é outro grande, se não o maior dos problemas. As experiências nucleares, são também as culpadas no descontrolo das chuvas, do frio e calor virem fora da sua época, os gelos nos pólos estão a descongelar além da normalidade, aumentando o nível dos Mares. As florestas em todo o Mundo, os chamados pulmões da humanidade, estão a ser insuficientes para purificar o ar que respiramos. A cada dia, são menores, devido aos incêndios e as indústrias das madeiras que aumentam a cada dia, destroem as árvores do nível da sua crescença.

De uma maneira ou de outra, todos nós somos responsáveis por esse mal, pelo que todos temos o dever de salvar a natureza, ou antes; salvar a vida de todos nós.

O Homem de todas as nações
Algo terá de fazer,
Para que as futuras gerações
Tenham lugar p'ra viver.

A atmosfera está cansada
Com os tóxicos que mandam p'ro ar,
A humanidade está condenada
Se o Homem não acordar.

É verdade que o Homem está a tentar fazer alguma coisa para solucionar o problema, mas o seu andamento é demasiado vagaroso, comparado à velocidade deste conjunto de factos.

Em Portugal por exemplo, o governo tem feito alguma coisa para combater essa situação, sobretudo no sector das florestas. Novas corporações de Bombeiros e novos recrutamentos, mais postos de vigias, mais rigor no uso do lume, como até mais aeródromos, sendo recentemente inaugurado um em Pampilhosa da Serra, para esse fim, etc., etc. Mas por outro lado, pouco ou nada tem feito para travar os criminosos destes flagelos.

Penso que o governo devia curvar-se mais sobre este assunto, e estudar com atenção, certas sugestões que poderiam ser de real importância, mas provavelmente quando enviadas, não passam do primeiro cesto dos papéis, é o que penso, pela resposta que tive, a uma carta que enviei ao Sr. Primeiro-Ministro Cavaco Silva, há uns seis anos atrás, dando as minhas sugestões, entre outras, de que as madeiras queimadas, serem somente negociadas pelo governo, por intermédio do seu departamento florestal, mas tudo feito por maneira justa e digna, para que não pudesse haver intervenção dos criminosos oportunistas, e estou crente, que os incêndios iriam diminuir nas nossas florestas, mas tal como disse, as minhas sugestões não devem ter passado da primeira porta.

As árvores são o manto em todos os lugares do Mundo, para darem ao Homem a abundância dos seus frutos, a purificação do ar que respira e o prazer da sua sombra amiga, que sempre procuramos; é algo inofensivo, que todos devemos proteger e respeitar, pois tudo nos dá, e nada nos pede. Além de tudo, a árvore é a vida de todos nós, conhecimento que aprendi e sempre respeitei, desde o primeiro ano de escola, condenando quem lhe faz mal.

Com o maior respeito pela floresta, dou por fim, ao livro «AS

NOSSAS ALDEIAS» e faço um apelo ao Homem, com o soneto que se segue:

Os fogos fazem nos montes peladas,
E perdem todos o seu verdejar,
Esqueletos de árvores queimadas
Parecem até querer chorar!

É de nossa responsabilidade
Não lhe fazer mal, e a proteger.
Tu, que fazes parte da humanidade
Deves a tua parte fazer.

A árvore purifica o ar que respiras,
Dando-te os frutos, a sombra que precisas
Sem se cansar... e nada te pedir.

Sem árvores, não há água, nem frescura,
Não há protecção nos montes, a verdura
Não faças nem a deixes destruir.

F I M

Concelho de Pampilhosa da Serra



Pampilhosa é um concelho muito antigo, mas com poucos dados quanto à sua fundação, e quem foi o seu fundador.

Quanto à idade em que recebeu o foral de Vila, consta-se ter sido no ano de 1308 por D. Dinis, contudo há historiadores que apontam para o ano de 1385 no reinado de D. João I. Quem estará certo?

Segundo a lenda, diz que a origem de Pampilhosa da Serra vem de pampilho, nome de certa flor muito criamosa por estes lugares.

Pampilhosa, era apenas assim, que foi conhecida durante séculos, sem o sobrenome de Serra, que só passou a ser usado, quando começou a ser conhecida a Pampilhosa do Botão, a fim de evitar enganos postais.

Pampilhosa antes de 1855, era um concelho pequeno, que pensou contar apenas com quatro freguesias, aumentando para dez, com as cinco vindas de Fajão, pela sua exclusão de concelho, a Portela do Fojo, vindo também do extinto concelho de Alvares, número que se mantém inalterável.

Mas nada destas ampliações fez acelerar a lentidão do seu progresso, pelo que continuou a ser um concelho sem recursos, sem desenvolvimento, com presidentes na sua maioria, sem iniciativas, sem capacidade e sem instrução, e sem vontade, um concelho sem vida, até há bem pouco tempo. Até mesmo os poucos recursos não os souberam aproveitar, à excepção do presidente Cunha, homem dinâmico, cheio de capacidade e vontade, conseguindo até recuperar recursos, que os presidentes anteriores não quiseram, não souberam, ou não lutaram para os conseguir, como o caso da Companhia Eléctrica das Beiras. Mas infelizmente, o concelho perdeu o Homem de quem tanto esperavam, no auge da sua juventude, e todos nós ficámos mais pobres com a sua falta.

Nas duas últimas décadas, o actual presidente já eleito, penso pela quarta vez, tem no meu ponto de vista, cumprido bem a sua missão, quer na honestidade, como na capacidade.

Pampilhosa tu és um concelho,
Contas com dez freguesias,
noutro tempo, tu não podias
auxiliar nenhuma delas,
Cabril assim como Dornelas,
em azeite não havia igual...
Hoje, a mais bela é Vidual,
mas para contos é Fajão.
Terras de boa produção
era Janeiro, junto do Rio,
Portela do Fojo e Machio
são zonas muito iguais,
os melhores ares, são em Unhais,
terra de um povo hospitaleiro.
Mas eram os de Pessegueiro
a gente rica da Serra!
Pampilhosa, tu és uma terra
que está situada num vale
de castanheiros e pinhal,
mas tudo pertence ao passado

foi tudo o que havia queimado
e este povo ficou mais pobre,
gente pura, de alma nobre
que tem sofrido demais!
Na Pampilhosa, o Rio Unhais
passa no centro da povoação,
onde as moças lavavam de Verão
nas águas que corriam serenas,
eram essas jovens morenas
que tinham no coração a pureza
hoje, já não existe de certeza
nas aldeias da região,
são tempos que já lá vão
que nos deixam saudade!
Maldita seja a maldade
deste povo pervertido.
O presidente mais querido
foi José Henrique Cunha
honesto e firme que se impunha,
tudo para bem do seu povo
foi pena morrer tão novo!
Nesse trágico acidente
deixou pena a toda a gente
com lágrimas de dor e luto
na praça velha está o seu busto
p'ra sua obra marcar.
Pampilhosa tu tens p'ra mostrar,
a igreja da Senhora do Pranto
onde os fiéis rezavam tanto
à luz das prometidas velas.
Pampilhosa tem três capelas
e muito velhinhos elas são!
S. António, São Pedro, São Sebastião.
Junto dos antigos P. do Concelho
há um chafariz velhinho e belo
que é digno de apreciar.

Se Pampilhosa vieres visitar
Conheceres belezas naturais,
tens duas feiras mensais,
onde se vende tudo em geral,
também tens um hospital
esta miniatura cidade
o seu lar da terceira idade
segundo o que muita gente diz
é um dos melhores do país.
Pampilhosa também já tem um liceu,
se o progresso aqui nasceu
deve-se ao regionalismo em geral
e também ao presidente actual
que tem feito o que prometeu.

Concelho de Góis



Este concelho, mesmo no coração da Beira Litoral, está situado numa assentada, e pelas suas belezas, pode-se chamar sem qualquer sombra de dúvida, a flor do Ceira, por ele banhada.

Góis está rodeado por altas serras e montes, cujo cenário colorido lhe dá o verdadeiro tom, de uma beleza natural.

A administração de Góis conta com as seguintes freguesias: Alvares, que outrora fora Vila também, outra terra também com o nome de Vila, que é Vila Nova do Ceira, Colmeal e Cadafaz.

Góis é um dos concelhos mais antigos da região, a sua fundação é do tempo da Rainha D. Teresa, e o seu fundador consta-se ter sido Anaia Vestraris, passando mais adiante à família dos Silveiras, estes mais tarde os Condes de Sortelha.

Góis tem muitas coisas históricas e valiosas, entre outras: a sua Ponte Manuelina dos três arcos, o fontenário no Largo do Pombal, revestido dos mais caros e finos azulejos da época, vindos de Espanha e do Médio Oriente; a Igreja Matriz da Santa Maria Maior é uma das mais belas e antigas de toda a região, de renascença

Coimbrã, e nela trabalharam: J. Ruão, Filipe Hodart e Diogo Castilho, a mais fina flor da arte nesse tempo.

Góis é um concelho que através dos anos, sem esse grande progresso, mas foi acompanhando os tempos, melhor que alguns da nossa região. Contudo, a marcha do seu progresso e desenvolvimento tem-se acelerado nas últimas décadas.

Góis é uma terra, que sem sombra de dúvida, é a mais linda flor do Ceira, tem muitas belezas naturais para lhe oferecer, e a quem a queira visitar.

Góis é um local de beleza
dos mais lindos desta Beira.
Tu, e Vila Nova do Ceira,
sois pelo mesmo Rio banhadas,
outras freguesias aglomeradas
são Cadafaz e Colmeal,
e Alvares, que perdeu o foral
como tantas no passado.
Góis, o teu Município
é coisa já muito antiga.
Ainda hoje há quem diga
seres da verdura a Rainha,
quando o monte ainda tinha
o cenário de verdura.
Maldita seja a loucura
que destrói a nossa riqueza!
Góis, és do tempo de D. Teresa
segundo a história nos diz...
e foi um tal Anais Vestralis
o primeiro dos teus povoadores,
passando a outros Senhores,
a família dos Silveiras
estes que mais tarde nas Beiras
foram os Condes de Sortelha.
O rio Ceira se assemelha,
a alguém sem pressa ou fadigas...

e as pernas das raparigas
eram beijadas docemente,
pela água dessa corrente
que ia correndo p'ro mar,
o povo se ocupava a regar
as terras da agricultura.
E de Manuelina arquitectura
essa ponte dos três arcos.
Tens á tua volta penhascos
que te dão beleza num todo
o mais atraente morro
e uma pirâmide gigantesca
de ar puro e área fresca
é uma admiração total.
Tens no Largo do Pombal
o fontanário tão falado
revestido do azulejo mais raro,
Da Espanha e Médio Oriente
é o orgulho de que sente
o amor pela terra querida
Santo António tem a Ermida
já bem distante na serra,
e como é Góis que o venera
o Santo sente-se feliz
se fazes milagres, como se diz
castiga os incendiários
que fazem dos montes cenários,
Da mais chocante tristeza,
e o património da nossa riqueza
a cinzas se vai reduzindo
e os responsáveis vão-se rindo
sem pagar por tal maldade...
Góis, tens uma igreja de antiguidade
talvez não muitas ao redor...
é Santa Maria Maior
onde reza a gente cristã.

Mestres da renascença Coimbrã
deixaram ali arte e brilho!
J. Ruão, Filipe Hodart e Diogo Castilho,
os mais famosos na arte
já não é fácil em qualquer parte
possuir tão grande glória,
conserva esta memória
p'ras vindouras gerações
é sempre o orgulho, de nós Beirões
a terra que foi o seu berço
há tantos que eu conheço,
Amaram suas terras de verdade!
P'ra gente de Góis vai minha amizade,
e este poema lhes ofereço.

Concelho de Arganil



Arganil, no coração da Beira Litoral, está situada na Serra da Aveleira entre os Rios Ceira e Alva. É uma terra já com grandes dimensões com um cheirinho a cidade, tem tudo o que é necessário para as pessoas se sentirem confortáveis sem que nada lhes falte.

Arganil é um concelho bastante extensivo, contando na sua administração com 18 freguesias, sendo algumas delas antigos concelhos. Arganil é também uma importante Comarca, das mais antigas na região.

Não há, ou pelo menos está fora do meu conhecimento, a data da fundação desta localidade, mas sabe-se ser já muito antiga, ao tempo dos Romanos e por eles fundada. Pensa-se também, que o seu povo primitivo deve ter vivido junto da Capela de S. Pedro, por ali terem encontrado materiais Romanos.

Foi a Rainha D. Teresa que ofereceu Arganil aos Bispos de Coimbra, e estes deram-lhe o foral em 1114, e em 1472, D. Afonso V concedeu ao Bispo João Galvão o condado de Arganil, pelos bons serviços prestados no Norte de África. Este título de Conde de Arganil vai passando a todos os Bispos desta diocese.

Arganil tem uma estação arqueológica, que está situada na lomba do Canho a dois passos da Vila.

Diz-se também haver uma coleção de pesos guardados na Câ-

mara Municipal desta Vila, que D. Manuel I ofereceu a este Município.

Diz a lenda ter havido aqui um Castelo, mas já há muito desaparecido, talvez já com poucos ou nenhuns vestígios da sua existência.

Arganil tem um santuário, a «Senhora do Monte Alto», muito conhecido e adorado por muitos fiéis, que ali vão anualmente fazer as suas preces e cumprir as suas promessas, havendo também na data destes festejos, a feira anual chamada de Monte Alto, feira muito antiga, por isso bem conhecida em toda a região.

Arganil o teu concelho
tem 18 freguesias,
algumas já foram Vilas
como Góis, Princesa do Alva,
por aqui só quem se salva
aqueles que têm emprego,
B. Alva, Aneriz e Sarzedo
Celavisa segundo se diz
é linda todos os dias,
V. Cova do Alva e Secarias
Pomares e P. da Beira
ficam muito longe da Teixeira
por serras atravessar
Piodão, o presépio a visitar
lá bem no fundo da ladeira.
Na M. da Serra e Cerdeira
já lá estive uma vez.
Cepos, um púlpito que se fez
por ser um lugar privilegiado.
Benfeita, teu nome está bem dado!
Folques tu tens a Nobreza!...
porque as terras da redondeza
eram pertences desse Mosteiro,
pagando em produtos e dinheiro
por terem medo de justiça,

com S. Martinho da Cortiça
Arganil, este é o teu aglomerado.
O teu lugar está situado
junto da Serra da Aveleira
entre os Rios Alva e Ceira.
P'ra Arganil tens uma via.
A Estação da Arqueologia
está na Lomba chamada Canho...
Uma certeza que eu não tenho
quando á tua fundação,
segundo a história de então
foi os Romanos que te fundaram,
e os teus primitivos moraram
junto da Capela de S. Pedro,
com lendas de fantasmas e medo
aos serões era contado.
Tiveste um Castelo no passado
mas já há muito desaparecido,
no lugar onde foi erguido
já nada resta concerteza
Foi a Rainha D. Tereza
aos Bispos de Coimbra te ofereceu.
Este o foral te concedeu,
mil cento e catorze, foi a data,
numa condecoração muito grata
D. Afonso V fez questão
em dar ao Bispô João Galvão
Arganil e seu condado,
pelo bom serviço prestado
no Norte de África em missão,
título que passa de mão
nesta cadeira do Bispado,
Conde de Arganil vai sendo dado
ao sempre actual vigário.
Tens um lindo Santuário
A Senhora do Monte Alto

desviado de ti, é um salto
esse lugar de devoção,
muitas pessoas ali vão
vindas de diferentes lugares
cumprindo promessas e rezares
à luz de candeeiros acesos...
Há uma colecção de pesos
na Câmara, no cativeiro
um dia D. Manuel I
ofereceu à Câmara Municipal.
Tens uma feira anual
que nuna mudou de data,
O Monte Alto já pouco marca
fazendo a Santa o pedido,
o meu poema está concluído
Arganil és minha Comarca.

Freguesia de Coja



Coja que actualmente faz parte do concelho de Arganil, não minto nem exagero se disser, que é uma das mais desenvolvidas e belas das 18 freguesias que formam o concelho de Arganil.

Coja foi outrora um concelho muito importante, mas extinto, tal como Fajão, Celavisa, Alvares, Avô e tantos mais na nossa região, pelo decreto de 24 de Outubro de 1855, na nova reforma administrativa nacional. Ainda que para algumas terras fosse um bem, mas para a maioria foi um desastre.

Mas Coja foi uma das poucas Vilas que perdeu o foral, mas não se deu por vencida ou humilhada, ao contrário de tantas outras. O seu progresso e desenvolvimento continuou no ritmo do tempo, criando algumas indústrias, entre outras, a bem conhecida fábrica «Carriça», a mais importante do género na região, a mola real dos postos de trabalho da localidade, e não só, segurando a juventude, sem uma necessidade total de emigrar em maioria. A prova dessa presença, estava na existência do seu clube de futebol, Clube Ope-

rário Jardim do Alva «COJA», uma boa equipa da distrital de Coimbra, assim como outras associações recreativas e culturais.

Coja é uma terra privilegiada pelas belezas que o Alva lhe oferece, fazendo-a uma das mais lindas terras de toda a região.

Devido á sua beleza e extensividade, o nome do concelho figura-lhe melhor, mais apropriado e até merecido, que o nome de freguesia, mas um dia o será, pois Coja tem alicerces para isso e até mais.

Coja foi também mãe de filhos de grande valor e destaque na sociedade, cujos nomes eram dignos de uma nota especial neste livro, o que só não acontece, para não deixar fora alguns não menos dignos, mas fora da minha memória.

Oh, Alva corres sereno,
às terras vais dando beleza.
Por escolheres, não te condeno,
Coja, a tua princesa.

Nesta região tu és para mim,
se ainda estiveres igual,
o mais perfeito jardim
desta Beira Litoral.

Foste Vila muito importante!
passagem do Almocreve viajante
sempre amado deste povo.

Perdeste o foral, mas não a beleza,
e o Alva só voltará à grandeza
quando voltares a ser Vila de novo.

Uma dedicação á boa gente da freguesia de Coja, deste Fajaense
António S. Vicente.

Concelho da Covilhã



Covilhã, situada num planalto da Serra da Estrela, outrora chamado de Montes Herminios, onde se travaram as grandes lutas entre os Lusitanos e povos invasores, chefiados pelo Viriato, diz-se que a sua fundação é dos Romanos, por volta de 41 aC., mas nem todos os historiadores têm a mesma versão, alguns afirmando que Silia Herminia, como então se chamava, há muito existia, é fundada pelos Lusitanos e ocupada pelos Romanos, e daí vinham as lutas entre estes povos.

Talvez devido à sua posição geográfica, cedo se tornou uma terra importante, sempre muito privilegiada tanto por Monarcas, como por governantes, muito ao contrário da maioria das terras da nossa região.

Segundo a lenda que julgo ser real, no local da sua fundação é uma assentada que tinha por nome de Covaxlhana, ou num português mais claro, Cova Plana e daí vem o nome de Covilhã.

Covilhã foi elevada a Vila em 1510, já então uma terra bastante importante, e o seu desenvolvimento e a sua indústria têxtil fi-

zeram-na a mais importante Vila da nossa região, e uma das principais do país, tornando-se ainda mais sólida a sua indústria, quando D. João V ordenou que na Vila da Covilhã, passariam a ser feitos todos os fardamentos militares das suas armas.

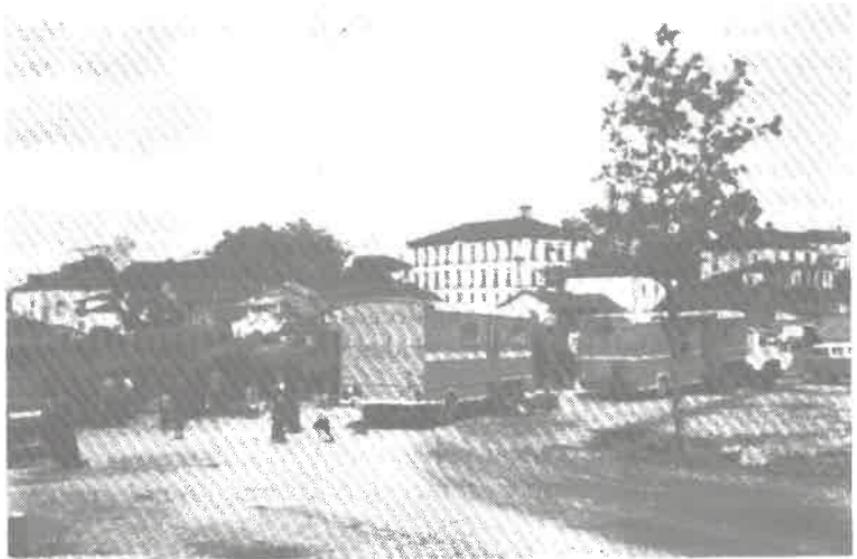
Com toda esta indústria nacional e estrangeira, subiu a cidade em 1870, com o privilégio de ser até há bem pouco tempo, uma das mais importantes cidades do país, e mesmo por ter perdido uma grande parte da sua indústria, o que muito se tem feito sentir, mas com a nova universidade e com as práticas desportivas de Inverno, a única cidade que oferece tais condições, Covilhã volta a vencer mais um ponto difícil, e a continuar a ser uma cidade importante, de que todos nós Beirões desta região, muito nos orgulhamos.

Covilhã cidade antiga,
administras trinta freguesias,
eras tu que ao povo valias
vendendo a eles o trabalho.
Tens o Barco e Vila do Carvalho
Aldeia do Souto e Coutada,
Boidobra, Casegas e Erada
Salzedo, Santa Maria e Vale Formoso
Unhais da Serra, Tortosendo, Teixoso,
onde havia azeite e vinho.
Sobral de S. Miguel e S. Martinho
São Pedro e Vales do Rio.
Por esta região do frio,
hoje, há menos juventude que velhos.
Peraboa, Peso e Verdelhos
Ourondo e S. Jorge da Beira,
esta chamava-se doutra maneira...
Cebola era seu nome então!
Assim como bodelhão
é A. de S. Francisco de Assis.
Quando ainda era petiz
visitei estes locais.

Dominguiso, Ferro e Orjais
Conceição é a dominante!
Paul foi muito importante
e ainda hoje é, assim creio.
Termino, com as Cortes do Meio
Terras de gente pura e sã...
pertencentes a Covilhã
Cidade deste povo Beirão.
É linda, de Inverno e Verão
p'las suas grandes nevadas,
Frescos ares, Serras habitadas
com os bem conhecidos pastores.
Os trapeiros, os tais senhores
que passavam por estes caminhos,
com grandes cargas nos burrinhos
dos trapos que iam vender.
Para seu povo defender,
o Viriato tomou a chefia
Na cava onde dormia
estudava os seus planos
porque eram dos Lusitanos
todos estes Hermínios Montes.
Na Serra das tuas fontes
a água jorra gelada.
Covilhã estás situada
na Serra, distante do alto.
Nesse lugar do Planalto
que se chamava Covaxlana,
por ser uma área plana...
aqui se formou este lugar
nome que lhe iriam chamar
à terra da Covilhã...
Foste a rainha da lã
dos muitos rebanhos e pastores.
Com fábricas de grandes Senhores
cheios de ideias e planos,

que nem sempre foram humanos
para muitos que os serviram
quando estes já não podiam
a sina estava marcada...
Tua fundação é apontada
em dados de algo por escrito
em quarenta e um, antes de Cristo
Quando os Romanos aqui andaram,
mas outro nome lhe chamavam
diz-se o nome de uma Princesa
Silia Hermina, a grande beleza
a bondade, a fazia mais linda
igual, só a encantadora Florinda,
Filha do Conde Julião.
São lendas do tempo então.
Foste Vila, em mil quinhentos e dez
1870, a cidade que hoje és
na Serra mais alta portuguesa,
onde não falta o frio e beleza
nem águas nas suas fontes,
mas sim os pastores nos montes,
ficando mais pobre a natureza.

Concelho do Fundão



Fundão, hoje uma linda cidade da Beira Baixa, é possuidora de uma história de boas e amargas recordações.

É o concelho que mais freguesias administra em toda a Beira, um total de 31, ainda que o seu território não seja o maior. Castelo Branco, o maior tem 25, seguindo-se Idanha-a-Nova apenas com 17, e Covilhã em segundo lugar com 30.

Fundão foi um concelho farto, muito abundante em agricultura, com muitas variedades de fruta e muito rico em azeite e mel, muito abundante em castanheiros e pinheiros, sendo destes que vinham os tão desejados tostões deste povo aldeão.

Em muitas terras do Fundão, havia tradições vindas já de muitos séculos que a gente não só respeitava, como fazia grandes rivalidades entre aldeias vizinhas, e o forasteiro vizinho não podia pisar o risco da linha que lhe estava traçada, com pena da punição local, gente que não conheciam a palavra «perdão», o que não queria dizer que esta gente não fosse dos mais ordeiros, humanos, hospitaleiros e respeitadores que já conheci.

Fundão foi o albergue onde se instalou uma grande parte da

burguesia portuguesa, por aqui se sentirem mais seguros dos seus problemas políticos e religiosos e também pela hospitalidade e humanismo deste bom povo Beirão. E quando da queda do Marquês, estes nobres voltaram a mudar de lugar, e Fundão ficou mais pobre com o seu desaparecimento.

Ainda se vêem com frequência os brazões em velhos, palacetes alguns já desaparecidos, que marcam a presença de alguém nobre que ali morou.

Fundão foi um concelho muito afectado pelos crimes da guerra civil, com mortes e roubos, e também pelas seitas e salteadores, com sedes na nossa região, e que décadas antes, já tinham sofrido as mesmas ou ainda piores atrocidades, quando da invasão francesa.

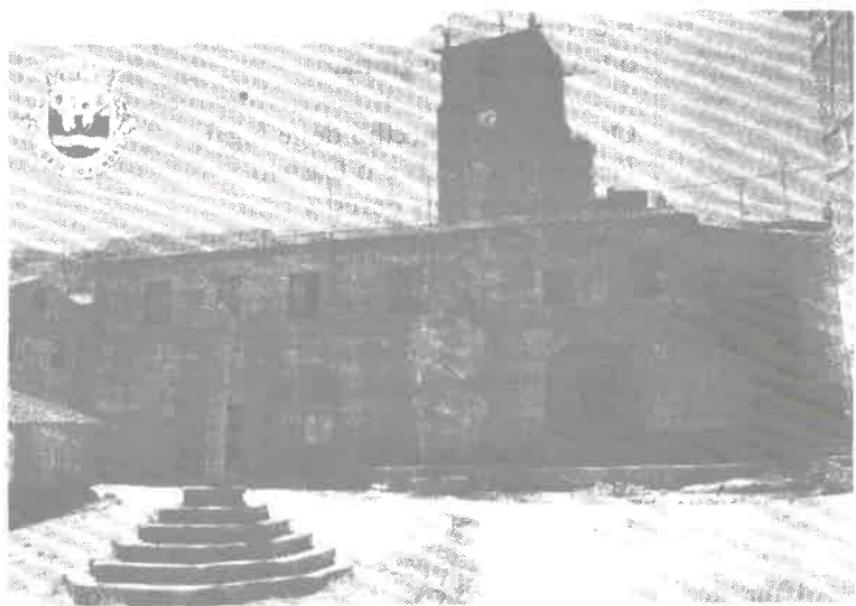
Fundão que teve algumas décadas bastante difíceis na sua história, felizmente conseguiu vencer o passado, e tornou-se uma cidade cheia de beleza, progresso e prometedora, que muito nos orgulha.

Fundão é o concelho maior
na região não há mais nenhum
freguesias tens trinta e uma
e muitas nos encantam os olhos,
gosto de ti oh, Lavacolhos...
é mãe dum amigo verdadeiro.
Póvoa de Atalaia e Salgueiro
Alcaide, Alcogosta e Alcaria,
Silvares, terra de pinhal um dia...
Alpedrinha e Atalaia do Campo,
Barroca terra de encanto,
Bogas de Baixo e de Cima,
Aldeia de Joanes e Capinha
eram bem conhecidas na Beira,
Castelejo e Soalheira
Souto da Casa, o adorado,
Orca, Peroviseu e Telhado,
Valverde e Vale Prazeres
Também é bom conheceres

Exames e Mata da Rainha,
Donas e Janeiro de Cima
recorda-me algo do passado,
Fui a Aldeia Nova do Cabo,
a Fatela e Escarrigo,
não dei o tempo por perdido
pela hospitalidade do seu povo.
Mas é em Castelo Novo
que está um história de valores.
No Fundão viveram senhores,
possuidores de brazões
Condes, Duques e Barões,
a mais alta burguesia,
neste lugar não havia
a sombra de perseguição
os da política e religião...
nesses tempos do passado
Fundão era o lugar desejado
para poderem viver em paz.
Mais tarde outra mudança se faz,
deixando este lugar de vez
quando da queda do Marquês
a nobreza mudou de lugar
e a invasão francesa a chegar
massacrando este povo gentil,
depois vem a guerra civil,
fazendo uma desgraça geral
por estas aldeias de Portugal,
vieram quadrilhas de ladrões
os Ferreiras, outros e Brandões
semeando o medo e o terror.
Fundão foi a mãe dum pintor
João da Cunha Taborda,
a sua obra ainda mora
na casa dos seus admiradores
Fundão tinha outros pintores,

em terras suas agregadas
com histórias bem vincadas
que marca o heroísmo dum povo,
o teu passado Castelo Novo
dá-te orgulho e glória
e nunca me sai da memória
as belezas deste lugar.
Por vezes sem se esperar
surpreendemos o tal nevão,
muito óbvio na região
dum povo de coragem e lutador
por quem tenho grande amor
e o orgulho de ser Beirão.

Castelo Novo, Fundão



Castelo Novo, sede de freguesia, foi outrora um importante concelho, com uma história no passado, talvez a mais brilhante de todas as terras da Beira a que pertence, e não só.

Ainda possui muitos monumentos, na sua maioria nacionais, que mostra a qualquer visitante, e que foi uma terra, cuja glória não pode ser esquecida.

Os Paços do Concelho, o Pelourinho, a Torre do Castelo, o Castelo, a bem antiga e histórica Igreja da Misericórdia, a Lagariça e tantas outras coisas mais, dizem-nos o que na realidade foi Castelo Novo.

Foi a terra mãe de algumas bem conhecidas e ilustres personagens, entre outros o grande pintor José Barata Moura, sendo a sua nova obra, o orgulho de todos os Castelenses e da terra que lhe serviu de berço.

Foste importante, Castelo Novo...
É bem interessante a tua história...
É o orgulho do teu povo
o teu passado de glória.

Os paços do concelho deste lugar,
Pelourinho, Igreja e o Castelo,
isto e muito mais deves visitar
porque não há nada mais belo!...

Tiveste filhos de grande valor...
entre outros, o Moura pintor,
Nesta arte tão consagrado.

O tempo não pára de andar...
mas não pode destruir ou gastar
a glória do teu passado.

Uma dedicação à boa gente de Castelo Novo, por António S. Vicente.

Concelho de Oleiros



Oleiros é um concelho com uma história muito antiga, com um passado cheio de perturbações político-sociais, e tal como os seus vizinhos, foi sempre um concelho isolado e esquecido pelos governantes, em quem recai a responsabilidade da marcha lenta do progresso da região.

Este concelho pertencente à Beira Baixa, a sua gente vivia quase na totalidade da agricultura. Tinha grandes soutos de castanheiros, sendo as castanhas um dos principais alimentos da nossa gente. Era terra de grandes olivais, por isso muito abundante em azeite, sendo Oleiros uma das poucas terras que ainda possui os lagares do sistema vara e movidos por água, coisa já muito rara no nosso país.

Era em Oleiros a terra das tecedeiras, e eram estas as mais perfeitas na arte de tecer em todo o país. Tudo conheciam, como faziam, desde a cultura do linho, até ao tear das suas vestes.

Em Oleiros havia uma tradição que penso ainda existir, que eu desconheço haver ao ter havido em qualquer outra terra na região.

Era muito usual ouvir dizer-se que em dia de São João as águas estavam benzidas, pelo que muita desta gente aldeã, em especial a juventude, iam aos rios e ribeiras tomar os seus banhos, para a pureza dos seus corpos, mas em Oleiros a fé era maior. Todo o vasilhame era lavado, assim como todas as coisas existentes em casa, a fim de uma total purificação.

A igreja matriz de Oleiros, de arte Manuelina, era conhecida pela beleza do Sacrário e seus Altares, e suas colunas, vindas do Mosteiro dos Templários, eram uma das mais finas artes religiosas de todo o país. Lindos são também os santuários das quatro capelas: Espírito Santo, São Sebastião, Santa Margarida e a Senhora das Candeias.

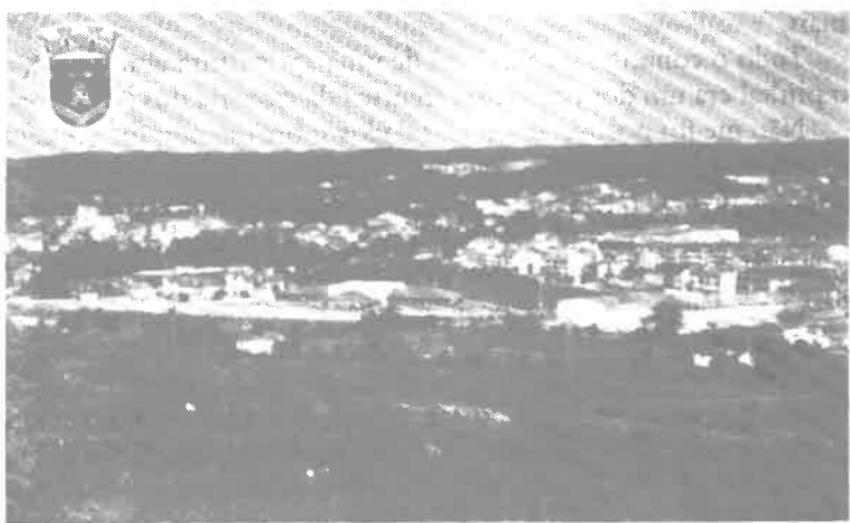
Oleiros tem muitas belezas, tanto naturais como artificiais, bem dignas de serem visitadas. O edifício Municipal é um dos mais belos que eu já vi, também a beleza do seu jardim mostra o perfeito gosto do seu jardineiro.

Oleiros sede de Concelho
com doze freguesias no total,
Amieira, Álvaro e Sobral
Orvalho e Sarnadas de S. Simão
terrás de milho e feijão,
Madeirã, Isna e Mosteiro
Cambas, boa terra de lameiro,
Vilar Barroco e Oleiros,
houve aqui bons castanheiros
castanhas um alimento perfeito,
e com a freguesia do Estreito
faz o total do aglomerado
de um concelho que esteve isolado,
como tantos outros nas Beiras.
Eras a terra das tecedeiras
que bem conheciam o linho,
do Algarve até ao Minho
ninguém melhor conhecia a arte!
Tinhas castanheiros em toda a parte

nas encostas das tuas colinas,
onde havia tantas minas
mas nunca bebi água delas.
No alto, eram as quatro capelas,
o Espírito Santo e S. Sebastião
as outras duas, penso que são
Santa Margarida e das Candeias.
És das poucas terras nas Beiras
que ainda festeja o Maio
e peço desculpa se falho...
já pode ter sido abolido.
Tudo era lavado e benzido
com a água Santa, de S. João.
Tua igreja, é a glória do cristão,
da mais bela arte Manuelina
no género não há coisa mais fina!
desde os altares ao Sacrário
com colunas do Templário
que se diz, virem desse Mosteiro,
são valores que o dinheiro
não tem poder p'ra comprar.
Oleiros, tu tens mais que um lagar
movidos a água, e de vara,
uma coisa já muito rara,
e o azeite é bem diferente...
quem me disse, foi um experiente
que bem conhecia do ofício.
Tens um moderno edifício
os paços do teu concelho,
e o seu jardim é um espelho
na arte de ajardinar.
E para o povo se sentar,
há bancos com muita fartura
com árvores que dão frescura.
Mas também tem um coreto
onde por vezes há um concerto

são bandas a exibir-se.
Não deixem as tradições cair
Conserva os teus lagares...
e se puderes... os teus teares
são relíquias de um povo antigo.
Hoje, é o moderno o preferido
mas não quer dizer que é melhor,
em busca de um lucro maior
é a chamada lei do progresso
desde que a mim me conheço
nunca vi tanta fartura
com muita ganância à mistura
na luta pelos milhões.
E assim as novas gerações
vão caindo nas teias armadas.
Jovem... não sigas por essas estradas!
Porque não é o caminho da vida...
mas o que te leva ao suicídio,
se acaso, entrees nela,
a vida é tua, faz algo por ela,
P'ra não ser mais uma perdida.

Concelho da Sertã



Quem conheceu Sertã há trinta ou quarenta anos atrás e só agora a voltou a ver de novo, talvez fique confuso, se não se enganou no percurso e entrou em alguma cidade misteriosa, foi esse o meu caso.

Quando pensei em escrever este livro, com o fim de obter algumas recordações do que foi o passado, e o que é o presente das nossas aldeias, visitei todos os concelhos que extremam com Pampilhosa e não só, assim como muitas das suas terras. Nos meus trinta e tantos anos em que estive fora do torrão pátrio, muita coisa mudou na nossa região, mas infelizmente nem tudo foi positivo. Muita construção, com bonitas casas e tantas mais renovadas, mas na sua maioria desabitadas. As grandes propriedades, outrora produtivas e verdejantes nas margens dos Rios e Ribeiras, estão entregues às giestas e silvados. Também as escolas nas aldeias nos mostram a decadência de uma juventude quase extinta, onde apenas há lugar para pessoas idosas e inutilizadas. Foi na Sertã que encontrei, além do mais moderno desenvolvimento, também o maior número de gente moça.

O concelho da Sertã conta com 14 freguesias e algumas bastante importantes, como no caso de Cernache do Bonjardim e outras mais.

Todo o concelho da Sertã era de uma agricultura abundante, e o pinhal era um dos principais recursos da maioria dos sertanejos.

Não me foi possível conseguir dados sobre quando foi, e quem foram os seus fundadores, ou quando obteve o foral de Vila, mas não há dúvidas que Sertã é uma das terras mais antigas da nossa região, segundo a lenda donde lhe vem o nome, deve ter sido fundada no tempo dos Lusitanos e eles os fundadores.

Diz a lenda: devido à posição geográfica onde melhor se podiam defender dos Romanos, os Lusitanos fizeram ali um Castelo, mas antes de estar concluído, foram surpreendidos pelos inimigos, tentando estes arrombar o portão, e nesse arremesso, um Lusitano perdeu a vida, e logo a mulher furiosa, vai à cozinha e pega numa sertã que tinha ao lume com azeite a ferver, e corre sobre os Romanos, estes com medo de serem queimados, fugiram deixando os Lusitanos em paz sem mais serem incomodados. A Sertã foi exposta no exterior do Castelo como símbolo de um escudo, esse que seria também o nome desta terra «SERTÃ».

Sertã tuas freguesias
são catorze num total:
Cabeçudo, Castelo e Carvalhal,
E Cernache de Bonjardim.
Terra de beleza sem fim
sem desprestígio das mais,
Cumeada, Ermida e Palhais
cheias de beleza natural,
Figueiredo, Marmeiro, Nespral
e Várzea dos Cavaleiros,
desde os vales aos outeiros
eram verdejantes floridos
foram lugares apetecidos
p'la abundância do seu terreno.
Tua história Pedrógão Pequeno

tem algo de especial,
és importante, Troviscal,
a terceira no eleitorado,
Sertã, não és a mesma do passado
nem mais um lugar escondido,
és a que mais tens progredido,
nos concelhos destas Beiras,
e para se vencerem barreiras
a coisa era difícil e dura
para quem trabalhava da agricultura,
os problemas eram iguais
com as águas desses caudais
da Ribeira do Amioso
este humilde povo bondoso
regava às vezes pelo luar,
acompanhando o cantar
o sons, da bicharada
Uma lenda escrita e contada
deste local no passado
As entradas p'ro povoado
eram inexpugnáveis a Nascente
e difíceis a Sul e Poente,
por isso os Lusitanos
para se defenderem dos Romanos
viram este lugar próprio e belo
para erguer um Castelo.
Mas antes de estar concluído
os Romanos povo inimigo
remessaram na porta fechada,
sendo esta mais reforçada
e ao defender este plano
houve um nobre Lusitano
nessa defesa perdeu a vida,
sua mulher enfurecida
vai junto da cozinha a correr
e a Sertã com azeite a ferver

remessou, eu contra os Romanos
estes mudaram seus planos
para nenhum ser queimado,
o Castelo foi em paz acabado
com a porta bem reforçada
e de fora uma sertã pendurada,
como um escudo de defesa.
O inimigo não repetiu a proeza
nestas lutas raciais,
onde sempre haviam mortais
na conquista desta chã
que ficou com o nome «SERTÃ».
Será isto lendário ou real?
Sertã é o centro de Portugal
nesta região do interior
agradeço ao presidente o favor
o envio desta vista geral.

Concelho de Pedrógão Grande



Ainda que nada haja de concreto na origem do seu nome, contudo pensa-se que venha de pedregal ou pedragoso, por ser um lugar de muitos penhascos.

Também não há muita informação, que nos possa dizer quando foi a sua fundação e quem foi o seu fundador, talvez devido à sua antiguidade, mas pensa-se ter sido mesmo antes da idade do Ferro.

Pedrógão está situado num planalto, que se ergue da ribeira de Pêra e do rio Zêzere. Também a sua história é bastante interessante, cheia de lendas e factos reais, que a sua gente mantém na sua memória.

Pedrógão Grande, ainda que pertença ao distrito de Leiria, está mais integrada nos usos e costumes dos seus vizinhos da região Centro, Beira Baixa e Litoral, assim como a natureza do seu solo é igual, como é também a maneira de o cultivar.

Pedrógão, tal como a maioria das terras dos concelhos vizinhos, sofreu o castigo do seu isolamento, e o desprezo dos nossos

governantes. As poucas estradas existentes não tinham condições para rasgar as trevas desse isolamento, o grande problema de toda a região Centro. Mas felizmente Pedrógão consegue vencer o passado, com a auto-estrada há pouco inaugurada. Este foi o melhoramento que fez com que as suas belezas naturais e artificiais, tais como as albufeiras nas barragens do Cabril e da Bouçã, a ponte Filipina, o Monte da Senhora dos Milagres, a Igreja Matriz, o Pelourinho, Museu, etc., etc., possam agora ser apreciadas por muitos turistas, que certamente ficarão encantados com tanta beleza.

Presentemente nada falta nesta terra, desde o vasto comércio com estabelecimentos bancários, até à arte fotográfica, onde se pode obter recordações de toda esta beleza, que sem dúvida é uma Suíça em miniatura.

Pedrógão!... Sempre foste Grande...
E tens um passado famoso,
diz-se, que de pedragal ou pedragoso
o teu nome é originado,
e consta-se que foste fundado
antes da idade do Ferro,
as tuas gerações no Inverno
os frios iam suportando
e pela sobrevivência lutando
tantas vezes, sabe Deus!
Por mal dos pecados seus,
Trabalhava-se até à noitinha,
era destes povos a sina
de quem nasce p'ra ser escravo,
tu Pedrógão, vences o passado
como tantas terras, ao redor,
hoje, o teu povo vive melhor
que nas passadas gerações,
já se vão fazendo excursões...
a estas terras centristas,
Pedrógão, vai atraindo os turistas
com as suas albufeiras,

extremas com duas Beiras
de gente da mesma igualha
a Graça e Vila Facaia,
são freguesias do teu agregado,
povo digno, bem respeitado
dum carácter de nobreza.

O teu largo da Devesa
é um verdadeiro salão,
onde se convive em união,
junto do parque infantil
as árvores de sombra gentil
de grandes copas verdejantes,
iam protegendo os feirantes
do Sol escaldante de Verão,
o Calvário e São Sebastião
são bem conhecidas Ermidas
onde pessoas arrependidas
pediam perdão p'los pecados...
há nomes bem recordados
tão ilustres na sociedade,
P. M. Magalhães e Leitão de Andrade
Silva Graça, Fernão Oliveira,
mas um grande político de carreira
foi Dr. J. Jacinto Nunes, «o Democrata»,
tantos filhos que em qualquer data
deram-te dignidade e glória
são tantos de quem reza a história
que enalteceram o seu torrão.
Na igreja da Senhora de Assunção,
ali se rezava com fervor,
nela trabalhou um senhor
o grande mestre, Jorge Braz
em pedra, tudo era capaz
com suas mãos magistrais.
Pedrógão, tens monumentos nacionais...
que fazem teu povo feliz,

pelourinho e Igreja Matriz
de beleza mais rara e fina!
O outro e a ponte Filipina
que foi uma importante via.
Se fores ao cabeço da Cotovia...
vais deslumbrar beleza, e ares,
o Monte da Senhora dos Milagres
espera p'la tua visita.
Pedrógão, tu tinhas um artista
o latoeiro, que fazia maravilhas,
na arte de fotografias
de certo não terás problemas,
existe ali a foto INEMA
especialmente nesta arte
e as belezas de qualquer parte
que por vezes se procura.
Pedrógão, a tua frescura
vem das tuas albufeiras
tu és vista pela gente das Beiras
uma Suiça em miniatura.

Pedrógão Grande, Monte da Senhora dos Milagres



Pedrógão Grande, além de tantas belezas que possui, dignas de uma atenção total, o Santuário do Monte da Senhora dos Milagres, que outrora se chamava de Castelo Velho, é um dos mais lindos lugares desta região.

Está situado junto de uma Albufeira, rodeada de uma vasta zona de arvoredo, dando-lhe o verdadeiro sentido da sua beleza natural.

Nossa Senhora dos Milagres
tens das mais lindas ermidas,
fiéis pedem perdão p'las maldades
tantas vezes repetidas.

Ao redor desse arvoredo
com fé se fazem rezados,
pedindo à Santa em segredo
os milagres tão desejados.

Na base deste lindo Monte
havia ali uma fonte
que pela Santa era benzida

No Santuário deste lugar
com grande fervor vem rezar
muita alma arrependida.

Freguesia de Fajão



Fajão sede de freguesia, foi outrora uma Vila bastante importante, não somente pela administração das suas seis freguesias, mas também pelo seu ponto geográfico.

Nos tempos em que os transportes eram feitos na sua maioria pelas muares, Fajão era a principal rota desse escoamento de tráfico entre as duas Beiras, Baixa e Alta, e este lugar era como uma paragem obrigatória, onde os almoocreves tinham que pernoitar e dar descanso aos seus animais.

Tal mameira de transportar deu lugar a outra mais eficaz, mais fácil e rápida, como até menos dispendiosa, os transportes rodoviários. E Fajão recebe assim o — segundo maior golpe da sua existência, ficando mais pobre e menos comunicativo, como até mais isolado que nunca, deixando-se adormecer no silêncio da sua solidão, sem mesmo acordar pela zurrada desses barulhentos engenhos, porque estava sonhando a página de glória, de quando era um concelho importante, perdido em 1855, o primeiro maior golpe da sua história, restando-lhe apenas os seus contos, coisa que ninguém pode tirar.

Digo com mágoa, Fajão ainda que tenha tido um grande progresso em melhoramentos de utilidade e valor, graças ao regional-

lismo, mas por outro lado, não tem de forma alguma, acompanhado o ritmo do tempo, e talvez não exagere, quando digo que Fajão pouco ou nada deve ter aumentado, daquilo que foi há quatro ou cinco séculos atrás. Muitas casas têm sido renovadas e reconstruídas, mas feitas de raiz até à presente data, o muito umas seis, menos que algumas terras da freguesia. Mas não é aqui que está o problema, mas sim porque as casas são de mais para a população existente.

Em Fajão, cerca de 85% das casas estão desabitadas todo o ano, sendo algumas postas em uso, apenas no período das férias de Verão. Os outros 15% que ainda ali moram, quase nenhum são jovens, quase em totalidade pessoas idosas, doentes e já inválidos, que já nada podem fazer. Mas este não é um mal de Fajão, mas um problema que se alastrá cada vez mais nas aldeias da nossa região, pois não é de agora, mas tem sido sempre, os governantes virarem as costas a esta zona centro. Se descentralizassem parte da indústria dos grandes centros e a colocassem por estes lugares, a juventude teria uma oportunidade de arranjar colocação, sem ter que abandonar a sua aldeia.

As ainda presentes terras de Fajão, são: Ceiroquinho, Acor já sem habitantes, Boiças e anexos, Vale Pardieiro, Cavaleiros de Baixo e de Cima, Mata, Ponte Fajão, Gralhas, Castanheira, Porto Balsa, Camba, Ceiroco e Covanca. Havia alguns lugares e casais já extintos, como no caso dos Algarés dos Cavaleiros, casal este que foi a casa mais rica da freguesia e uma das maiores do concelho, onde os sete irmãos e duas irmãs todos solteiros, trabalhavam todos para o mesmo monte, debaixo do comando do mais inteligente e esperto de todos, depois da sua morte, tudo foi desmoronado, tendo o seu final sido um incêndio, e de tal ordem que nem o telhado da casa ficou de pé.

Em Fajão assim como em algumas terras da freguesia, têm aparecido filhos, que de diferentes maneiras, tiveram algo de relevo na sociedade, entre outros, quero recordar o Grande Dr. José Maria Cardoso e o Pintor Fajaense Guilherme Filipe, há também um grande número de Fajaenses dignos de destaque, que ao serviço do

regionalismo, muito fizeram e deram em benefício da humanidade.

No Ceiroquinho e ainda do regionalismo, o destaque vai para o imortal Maico dos Santos, pelos mais de sessenta anos, dos melhores da sua vida, em prol do progresso regional e do bem-estar do seu povo.

Nos Cavaleiros de Baixo, destacou-se o bem conhecido Dr. José Acúrcio das Neves, como político e homem de bem.

A povoaçāo da Mata, assim como todos os Fajaenses, muito nos orgulhamos por nos pertencer o grande amigo da nossa terra e de todos nós, Monsenhor Augusto Nunes Pereira, não apenas pelos seus dons artísticos e intelectuais, mas pelo amor às nossas terras e à sua simplicidade natural. Há muitos outros merecedores também de uma chamada, só que não é possível fazê-lo.

Foi por volta de 1913/14, o mais alto ponto populacional em toda a freguesia, começando a decair com a ida para a guerra, onde alguns morreram, e os que voltaram procuraram outros lugares com melhores condições de vida, outros começaram por emigrar para Lisboa e outras partes do Mundo, por não encontrarem aqui as condições adequadas de uma vida digna e próspera. As massas jovens foram-se escoando, ano após ano, até aos nossos dias, onde o braço humano está reduzido simplesmente a NADA...

Pondo a miséria de lado
recordo com saudade
memórias da mocidade,
as cozinhas fumegantes
e os campos verdejantes,
nas Serras andavam pastores,
esse cheirinho de flores
tinham um aroma de mel,
todos faziam bem o papel
no palco do teatro da vida,
teatro sem máscara vestida
porque a peça era real,
tudo era bem natural

até a pureza das donzelas.
A comida daquelas panelas
tinham um diferente sabor,
o respeito pelo professor
era de todos o maior,
no monte andava o pastor
por vezes descalço e sem merenda,
não é história nem é lenda
mas eram pobrezas locais,
tanto casas como currais
nesse tempo tudo era habitado,
p'la manhã, chegavam ao povoado
as crianças escolares,
com correrias e gritares
anunciavam um novo dia,
a broa que quinzenal se cozia
era pão difícil e escasso,
numa análise que eu faço
a miséria é a escola real
e a fartura, também um mal
p'ra quem não é orientado.
Hoje, grande diferença do Passado...
no respeito e moralidade
e com a droga e sexualidade
este mundo está condenado.

Fajão, tu te orgulhas vaidoso
p'los teus filhos de valor
entre outros, Dr. José M. Cardoso
e Guilherme Filipe, o Pintor.

E dessa figura da Beira
Dr. José Acúrcio das Neves
e do Monsenhor A. Nunes Pereira,
P'la arte e contos, muito lhe deves.

Tiveste filhos com outros valores
sem serem políticos ou doutores
amaram-te com dignidade...

Regionalismo, obra não lucrativa,
e alguns deram o melhor da vida
p'ra bem servir a humanidade.
Foste Vila importante, Fajão!
quando o tráfico era muar
era dos almocreves da região
a rota que tinham de usar.

As suas lendas judiciais
de certo juiz, seu magistrado,
deixou histórias imortais
na região, em muito lado.

Histórias humoristas se ouvia...
feitos de uma fina fidalguia
unâimes em todos os assuntos.

Chefiados pelo seu Pascoal
resolviam tudo em geral
com os trinta mil réis e os presuntos.

POST SCRIPTUM

Desculpas e Agradecimentos

Quero apresentar as minhas desculpas, se houver algo que esteja fora do lugar ou que não esteja cem por cento de acordo com a realidade, visto muita coisa ter mudado, e também os mais de trinta anos de ausência da pátria mãe fazem com que os nossos olhos nos mostrem as coisas diferentes, confundindo às vezes a nossa mente em relação à pura realidade, em especial no que respeita ao pedaço de história sobre a sede de cada Concelho.

Agradeço ao meu amigo José da Silva Rosa, autor das notas biográficas, homem conchedor dos pedaços bons e maus da minha vida, como conchedor também das dificuldades do viver desse povo aldeão. Foi a sua insistência e apoio moral a base de me propor escrever este livro.

Agradeço também aos oito Presidentes das Câmaras dos Concelhos que este livro engloba e à Junta de Freguesia de Coja, por me terem facultado as fotografias referentes às suas sedes, pois sem elas esta obra modesta não teria o seu verdadeiro perfume regionalista.

Mas o agradecimento especial vai para o meu Compadre e bom amigo, Dr. António Lourenço, por toda a sua colaboração, não só na revisão desta obra, como por todo o trabalho e boa vontade, pondo ao meu dispor os seus vastos conhecimentos, quer literários quer regionalistas, conhecimentos regionalistas a que a nossa gente serrana muito deve, postos ao serviço dessa causa humana, onde deixou os melhores anos da sua vida em prol de uma causa justa e digna, servida só por quem tem amor ao próximo e maior felicidade em dar do que em receber.

ÍNDICE

Notas Biográficas	5
Introdução	9
Capítulo I – Os Recursos	15
Capítulo II – Mouros na Região	38
Capítulo III – A Habitação	54
Capítulo IV – O Ensino	74
Capítulo V – Emigração	100
Capítulo VI – Os Divertimentos do Povo	127
Capítulo VII – Assistência Médica	155
Capítulo VIII – Vias de Comunicação	178
Capítulo IX – A Velhice e a Saúde	193
Capítulo X – Autoridades Locais	233
Capítulo XI – Os Magistrados	246
Capítulo XII – Invasores Criminosos	263
Capítulo XIII – O Regionalismo	277
Capítulo XIV – Os Incêndios	293

Í N D I C E

Concelho de Pampilhosa da Serra	303
Concelho de Góis	307
Concelho de Arganil	311
Freguesia de Coja	315
Concelho da Covilhã	317
Concelho do Fundão	321
Castelo Novo, Fundão	325
Concelho de Oleiros	327
Concelho da Sertã	331
Concelho de Pedrógão Grande	335
Pedrógão Grande, Monte da Senhora dos Milagres	339
Freguesia de Fajão	341

Fotocomposto e Impresso
na SOGRASUL — MONTIJO
em Abril de 1995
Depósito Legal n.º 84 459/95
2000 exemplares

Soneto da Capa

Com sacrifício, miséria e medo
dos Imprevistos fatais,
os filhos começavam bem cedo
a trabalhar junto dos pais.

Nesses tempos do passado
Quem vivia da agricultura
era um povo condenado
à vida difícil e dura.

Do romper da Aurora ao escurecer
na luta por sobreviver
com o suor regavam o chão,

A mulher era da casa e do campo
os filhos choravam, com frio, sem manto,
sem carinho, e por vezes sem pão.



ANTÓNIO DOS SANTOS VICENTE

Nasceu em Fajão, Pampilhosa da Serra, onde cresceu e viveu até à idade de 15 anos, quando deixou a sua aldeia.

Depois de fazer a 3.^a classe de instrução primária, seguiu o caminho que se impunha «A VIDA DE PASTOR».

Estava-se no auge da II Guerra, e as dificuldades de sobrevivência por estas aldeias eram quase gerais, mas com maiores proporções para a sua mãe, viúva e mãe de 13 filhos, quase todos de tenra idade.

O Tonito, tal como dois irmãos já o tinham feito, partiu para Lisboa, não só em busca de uma vida melhor, como também levando consigo a responsabilidade de uma ajuda familiar dos que ficavam atrás.

Como não havia abono de família, nem subsídios de viuvez ou quaisquer outras assistências sociais, ou mesmo televisão como hoje, não se podiam fazer apelos aos órgãos humanitários. Nesses tempos era aos familiares que cabiam essas responsabilidades, a tal dívida hereditária, sempre muito temida e respeitada «FILHO ÉS E PAI SERÁS, O QUE FIZERES, ASSIM TERÁS»!

O Tonito pensava que a miséria apenas morava na sua aldeia, mas em Lisboa, ao contactar com seus colegas marçanos, na maioria Beirões, não lhe foi difícil compreender que ele era apenas um, entre tantos milhares de vítimas do mesmo mal.

Foi na base desta realidade que o António Vicente não mais perdeu o interesse em conhecer o mais possível, acerca das dificuldades, privações e sacrifícios da gente rural.

Em Castelo Branco, onde cumpriu parte do serviço militar, nos seus tempos livres, e com o fim de conhecer mais da vida da gente destas aldeias, umas vezes acompanhado outras só, percorria muitas das terras desta redondeza, nos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença, Belmonte, etc., etc., além dos concelhos que fazem parte deste livro. Também na Companhia Carris de Lisboa, onde trabalhou por várias anos ao lado de tantos milhares, de todas as aldeias e lugares de Portugal, tentou sempre saber dos colegas, como tinham sido as suas criações e a maneira de viver nas aldeias onde nasceram.

Depois destes estudos concluiu, que, com maiores ou menores dificuldades, toda a aldeia que vivia da agricultura, a história era idêntica, com vantagens em aldeias onde o solo era mais abundante e produtivo e com melhores acessos, e era isto que não existia na maioria das aldeias centro, onde o solo era pobre e o isolamento era total.

Na base da experiência, escreveu este livro e como é impossível escrever a história de cada terra, a história vivida de uma, é a história de todas, pelo que usou Fajão, por ser a aldeia que melhor conhece e ver neste lugar como que um miradouro, donde se pode observar uma região, em que vivia o mais sacrificado e isolado povo português.